

A black and white photograph of a man from the chest up, wearing a tuxedo and a bow tie. The image is used as a background for the book cover.

VENDE-SE
UM MARIDO

Italiano

SAGA VENDE-SE • 1



Clyra Alves



VENDE-SE
UM MARIDO
Italiano

SAGA VENDE-SE • 1


Clyra Alves



Copyright © 2018 de Clyra Alves
Todos os direitos reservados.

É ***proibida*** a reprodução deste ebook ou qualquer parte dele sem uma autorização prévia da autora. ***Aberta a exceção de citações breves em resenhas, trechos de divulgação ou frases de inspiração.***

Primeira edição, 2018



Sumário

Notas da Autora

Prólogo

1. Vende-se uma Cobertura
2. Vende-se um Serviço Sujo
3. Vende-se um Dia
4. Vende-se uma Mamma
 - 5.1. CEO vendido
5. Vende-se uma Assistente
6. Vende-se uma Novela
7. Vende-se um Padrinho
8. Vende-se um Quarto
9. Vende-se uma Decisão
 - 10.1. Noivo Vendido
10. Vende-se um Buquê de Rosas
 11. Vende-se um Anúncio
 12. Vende-se um Evento
13. Vende-se um Ano Novo
 14. Vende-se uma Noite
 - 15.1. Amante Vendido
15. Vende-se um Pappa
16. Vende-se uma Visita
17. Vende-se uma Noite de Bebedeira
18. Vende-se um Conselho de Mãe
19. Vende-se um Aconchego
 - 20.1. Amigo Vendido
20. Vende-se um Companheiro de Guerra
21. Vende-se uma Funcionária
22. Vende-se uma Chave
23. Vende-se uma Camisola
24. Vende-se uma Consulta
 - 25.1. Futuro Pai Vendido
25. Vende-se uma Entrevista
26. Vende-se um Vêu
27. Vende-se um Gato

28. Vende-se uma Suspeita
29. Vende-se um Auxílio
30.1. Romântico Vendido
30. Vende-se um Mês
31. Vende-se uma Possibilidade
32. Vende-se uma Aposta
33. Vende-se uma Coletiva
34. Vende-se um Interrogatório
35.1. Protetor Vendido
35. Vende-se uma Família
36. Vende-se um Aniversário
37. Vende-se uma Casa
38. Vende-se uma Ex-Rival
39. Vende-se um Berço
40.1. Pai Vendido
40. Vende-se uma Gravidez
41. Vende-se um Vestido de Noiva
42. Vende-se um Serviço Sujo
43. Vende-se um Quadro
44. Vende-se uma Terapeuta
45.1. Italiano Vendido
45. Vende-se uma Noiva
46. Vende-se um Casamento
47. Vende-se uma Festa de Casamento
48. Vende-se uma Lua de Mel
49. Vende-se uma Declaração
50. Vende-se um Marido Italiano
50.1. Amante Vendido
Epílogo - Padrinho Italiano Vende

Sinopse

"Mil casarão ao teu lado, dez mil à tua direita, mas tu permanecerás tranquila e bebendo um vinho."

Esse é o lema de Beatrice desde muito novinha. Filha da cozinheira e do motorista dos Bernardinelli, era a principal fonte de amizade do extremamente solitário Vito.

Como único herdeiro do grupo Vision, Vito sempre teve uma vida extraordinária. Sem irmãos e com poucos primos, contava apenas com a filha dos empregados como melhor amiga durante toda a infância. Depois de muito tempo sem se juntar à ninguém, tornou-se um solteiro convicto para desespero do pai.

Carlo Bernardinelli é um ótimo chefe de família, além de muito ardiloso. Com planos concretos para o próprio filho, ele rege um testamento sólido: Vito terá que casar para ter direito à propriedades isoladas. E terá que se casar com Beatrice.

Ela é firme em sua decisão, mas por cinquenta milhões de euros uma aliança de casamento até para provocar gastura em alguém tão avessa à compromissos.



Notas da Autora

Todos os obstáculos que eu pude colocar antes de decidir publicar esse livro foram oficialmente derrubados. Portanto, tenho prazer de apresentar à vocês os italianos que roubaram meu coração em um período onde tudo o que eu precisava era um pedacinho da minha própria casa.

Meu nome é Yasmim Clara, mas sou conhecida por Clyra Alves, tenho dezenove anos, sou carioca, pertenço a uma família descendente de italianos sem origem exata e tive que estudar em outra cidade assim que fiz dezoito anos.

Achei esse projeto perdido no meu notebook cinco dias depois de me mudar (o que aconteceu em maio de 2017), pensei por um bom tempo antes de me dedicar à esse enredo. O livro só teve sua sinopse lançada em outubro e começou a ser postado em dezembro. Toda vez que eu sentia saudades do meu lar, eu escrevia mais, porque sabia que para a maioria dos italianos, a família é o laço mais importante. Na minha casa nunca foi diferente e o que eu podia fazer para me aproximar deles, mesmo distante, eu faria.

Hoje não moro mais em outra cidade, os planos mudaram, posso contar com a presença zelosa dos meus pais, Elisete e Leonardo, que dedicaram toda a vida à lutar pelos próprios sonhos e me incentivam a fazer o mesmo, de vez em quando à base dos gritos. Estou perto da minha irmã e do cunhado, Alana e Davi, minha irmã oficial e um irmão emprestado, ambos importantíssimos para mim e para toda essa caminhada.

Tenho por perto minhas amigas de infância, Nathaly e Isabelle, que me incentivam sempre que podem, o arroz e o feijão da minha vida, minhas irmãs de alma e aquelas que nunca serão deixadas para trás, mesmo que tenha vontade de matá-las de vez em quando.

Posso sempre que possível conversar com uma amiga que a escola me deu, Bia Araújo, meu amorzinho talentoso, dançarina, sonhadora, original e doida. Nosso santo bateu em uma bienal, foram os livros que uniram a gente, nada mais justo que você ter seu cantinho especial no meu!

As amigas que a escrita me trouxe, Cássia Carducci, Natália Saj, Letti Oliver, Zoe X, Wânia Araújo, Jess Larissa e todas as integrantes do RDN que eu quero morder as bochechas sempre que vejo!

Manu Manhães, meu chuchu marketeiro que tá sempre gritando comigo a cada novidade. Da faculdade, você foi um dos melhores ensinamentos. Que o mundo nunca tire sua pureza, que você continue esse ser cheio de luz, Deus e escândalo.

Dallila, Ler, Raquel e Checha, vocês são as principais responsáveis por eu nunca ter chutado o balde com a escrita. Se precisar de mim para um abraço ou esconder um corpo, estou disponível.

Todos aqueles que não estão mais aqui, mas que ajudaram nessa caminhada. Vocês me ensinaram que a vida é um sopro, mas o que importa é o que se faz com esse tanto de ar. Sem nomes, a prece é muda e o agradecimento chegará onde precisa.

Deus, o dono da festa e o nome sobre todo nome. Sem ti, eu nada seria.

E para as melhores leitoras que eu poderia pedir, meu muito obrigada pela chance, pelo tempo e pela dedicação. Nada disso seria possível sem vocês. Nadica de nada mesmo. Vem cá dá um abraço todo mundo, só abraça seu celular, kindle, tablet, computador daí que eu abraço daqui, ok? Um dia a gente fará isso ao vivo, por enquanto só assim.

Quanto a esse livro, antes de você começar a ler, quero avisar que cada detalhe do Vito foi pensando no homem que toda mulher merece ter, dependendo da sua sexualidade, claro. Ele é meu amorzinho, acho que nunca vou conseguir reproduzir um personagem como esse.

Sempre que achar que seu contatinho, crush, namorado, marido está sendo um embuste, pense em como o Vito agiria no lugar dele. Se for muito diferente, corre gritando.

Obrigada por tudo e se delície!

“O casamento é a *alma* do *negócio*.”

Para mamãe, por sua
determinação por me
fazer independente e por
ter me ensinado a almejar
mais do que poderiam me
impor.



Prólogo

— Não é exatamente assim que um casamento funciona. — Fechei os olhos relembrando essa pequena frase que minha madrinha disse quando, anos atrás, eu determinei que não iria me casar.

Ok. Eu vou realmente precisar falar sobre isso mais uma vez. Era de se esperar que depois de um tempo as pessoas comessem a respeitar minha escolha, me dessem um espaço e eu pudesse respirar aliviada por simplesmente não querer juntar a escova de dentes com outra pessoa.

A gente sempre tenta seguir com nossas convicções, não é mesmo? Ainda que tentem de todas as formas nos fazer enxergar ou que esfreguem a "verdade" em nossa cara, nós apertamos nossos ideais em nossos braços como se fossem um ursinho de pelúcia feito de pura teimosia.

E sim, essa observação idiota foi feita enquanto eu via mais uma amiga minha cruzar o corredor em direção ao altar. Véu, grinalda, vestido branco, algo azul, algo velho, algo emprestado... Enfim. A personificação da palavra casamento. A noiva em todo o seu esplendor. A estrela principal.

Aquela que eu nunca gostaria de ser.

Não que eu critique quem é casado, tem uma casa com varanda externa, um labrador, dois filhos e uma aliança no dedo. Eu só não queria a mesma coisa para mim.

Em minha concepção, casamento só iria atrapalhar a vida que eu levava. E, acredite, eu amo a minha vida mais do que amo beber vinho ou tomar sorvete enquanto assisto televisão depois de um dia de trabalho.

Nada em um relacionamento dessa categoria me atrai. Essa troca de afeto constante e um contrato com um sobrenome como pagamento pelo resto dos anos que você terá que passar ao lado de uma pessoa parecia dispensável. Com certeza iria interferir na minha rotina simpática de jovem solteira apreciadora de silêncios e com uma cama espaçosa só para mim.

Claro, ninguém é obrigado a seguir minha mentalidade. Nada contra quem se casa, até tenho amigos que fazem isso visto o lugar onde estou. É só não tentar me influenciar a fazer a mesma coisa.

E, como sempre, esse respeito mútuo não acontece.

Parece que quando se nasce mulher, o médico não diz "*é uma menina*" e sim "*é para casar*". Esquecem-se dos seus ideais, planos ou objetivos. Em algum

momento da sua vida, você tem que enfiar o bendito do casamento. Deus me livre, guarde e risque meu nome da lista. Amém.

— Sabe o que eu estava vendo? — Este é Vito. Vito tem o poder de falar sobre matrimônio em toda conversa mesmo que há duas semanas tenha assumido publicamente (lê-se: na maior revista de fofocas do país) que não queria casar. — Se nós dois nos casássemos, seria algo muito mais divertido do que está sendo agora.

— Casamentos não são divertidos, isso pontua porque eu não casaria com você. — Infelizmente, Magda, minha amiga, não tinha muita aptidão para fazer uma festa condizente com os próprios convidados. Perdoável por ser seu "*grande dia*" e por ela ser a protagonista daquilo tudo. O problema maior morava no fato de que quanto mais Vito estivesse entediado, mais ele iria querer me irritar para sair do tédio.

E existem poucas coisas que me tiram do sério nessa vida. Mas uma delas é tentar me fazer casar e a outra é que justo Vito, que sabe disso, ouse mencionar essa possibilidade diante da família.

— Eu apoio os dois, formariam um casal lindo e me dariam bisnetos charmosos. — Esta é a Nonna Gaia. Ao contrário de Vito, ela se casou bem cedo e teve o pai dele, *senhor Carlo*, e mais dois filhos, *Frank e Costa*, que moram em outras cidades. Por algum motivo, provavelmente um bom matrimônio, ela gosta de gastar sua velhice e liberdade formando casais e agindo como um cupido.

— Pensaremos com carinho em sua proposta, Nonna. — Vito, como sempre, não sabia podar as asas da imaginação da avó. Ali, naquela mesa redonda, eu só tinha inimigos nesse assunto. Nonna Gaia, Vito e Senhor Carlo que permanecia em silêncio observando tudo com seus olhos castanhos de lobo da supremacia econômica. Ele não enriqueceu a toa, não é?

— Nonna, eu não quero me casar. — Suas sobrancelhas esbranquiçadas se ergueram em desdém enquanto ela separava os canapés que iria comer. Aperitivos eram mais importantes que minha negativa, isso estava claro.

— Você não quer se casar pelos motivos errados, Beatrice. Se você me oferecesse motivos plausíveis, nunca mais seria perturbada pela minha insistência. — Rolei os olhos em um ato de rebeldia extrema diante daquela mulher.

— Mas não querer uma alteração na minha vida é um motivo plausível. — Seu olhar veio firme para cima de mim.

— Medo de mudar não é motivo, é desculpa. — Estava finalizada a discussão.

Respirei profundamente. Vito tinha um meio sorriso estampado nos lábios enquanto me olhava por cima da taça em que bebericava um pouco de vinho.

Lembrando do único aliado que eu tinha ali, virei em um só gole o tinto até então intacto. Magda também não sabia escolher vinho. Uma infâmia para alguém da nossa raça. Se a insistência sobre casamento ainda não tinha me irritado, o mau-gosto com a bebida certamente fez o serviço. O garçom se aproximou e encheu novamente a minha taça enquanto uma movimentação no palco chamou minha atenção. Finalmente, era hora da comédia!

Ah, sim. Foi dada a largada.

Juntava-se um monte de mulheres desesperadas diante daquela que foi erguida para o altar das bem-casadas. Ela, em toda a sua bondade e benevolência, segura aquele que dita a esperança na vida daquelas pobres criaturas.

O buquê.

Os olhares são desafiantes, as mãos acabam de se transformar em garras e a posição é de ataque. Cada uma diante do palco esqueceu qualquer relação que tenham uma com a outra. Nessa hora não há amigas, tias, primas, irmãos ou algum laço fraternal. São guerreiras e a cabeça do inimigo.

A deusa de tudo fez a contagem.

Um, todas são mergulhadas na euforia. A hora é agora, uma delas será a nova escolhida, a justiceira. A abençoada com a vitória do matrimônio!

Dois, me ajusto melhor na cadeira para poder assistir com mais facilidade. Nada como um campo de batalha para prender a atenção de todos, não é mesmo?

Três, o pomo dourado sobrevoa a multidão de leoas e para bem...

No meu colo!?





1. Vende-se uma Cobertura

**Motivo Um para não
casar:**
*eu já tenho um
relacionamento sério com
meu chefe.*

Semanas depois...

Tem um detalhe importante sobre amigos de infância que todos esquecem depois de um tempo, mas que em determinada situação volta como fogos de artifício explodindo diante dos nossos olhos: ao chegar a uma certa idade, um dos amigos precisa morrer.

É como nos filmes de ação, ele simplesmente sabe demais. Todos os micos, os namorados, as idiotices e as merdas já feitas. Está tudo grudado na cabeça dele. Queima de arquivo é algo necessário, a gente que ignora.

Uma frase sempre usada por melhores amigos de infância é "lembra daquela vez em que você fez tal coisa?" e essa coisa sempre é constrangedora. Ah, e o momento em que *ele* fala isso é justamente quando ninguém pode saber que você foi uma criança normal com segredos profundos envolvendo vexames que quase te enforcam antes de dormir.

Mas nesse caso em específico, alguém deveria invadir meu apartamento com más intenções e sumir com a minha existência da face da Terra. Eu sabia demais, era necessário. Será que alguém que resolva isso pode me ouvir? Vamos dar um jeito de maneira rápida e indolor, por favor. Eu não aguento mais. Sou culpada, me rendo, só me tirem daqui!

E não, isso tudo não é porque eu tive que acordar de madrugada. Na verdade, não é *só por isso*, é um acumulado de coisas. A famigerada bola de neve.

Tudo bem acordar sempre antes do amanhecer, eu até gostava de ver o nascer do Sol. Ok que eu tenha que fazer viagens de emergência. Absolutamente compreensível eu ter que lidar com as exigências dos diretores de marketing cheios de si. Isso fazia parte do meu trabalho.

Mas, pela terceira vez em dois meses ter que esvaziar a cobertura em Roma, porque o bonitinho não sabia lidar com as ex-namoradas, era absurdamente imoral!

Por toda a minha vida eu vi a fila de mulheres que passavam por ele e eu tinha que resolver as pendências com a maioria delas. Parecia uma vitrine com pessoas do sexo feminino de diversos tamanhos, tipos, jeitos e algumas eram até bacanas. Mas eu não queria, mais uma vez, ter que olhar para cara de Netta, a pendência atual. Nenhuma rivalidade acerca de relacionamentos amorosos, só caráter mesmo.

Ter que lidar com gente da laia dela minava toda a minha simpatia e compreensão. E, enquanto eu socava todos os meus pertences de qualquer jeito dentro de uma das minhas malas, eu só pensava no quão bom seria acertar o meu punho fechado no meio do nariz empinado dela por me fazer perder um dia precioso em um país que eu adoraria conhecer melhor. Seria uma rinoplastia gratuita feita à base do bisturi de ódio.

Quando terminei de guardar tudo, liguei para o serviço de quarto que me enviou um segurança. Ele me ajudou a descer as bolsas e me escoltou até o carro. Nem consegui me comunicar com o homem já que meu ódio era de um tamanho imensurável.

Foi a primeira vez que eu não cumprimentei a equipe de aviação que me aguardava na área privativa do aeroporto. Estava com minha bagagem de mão e as outras malas estavam sendo levadas pelos comissários. Subi as escadas do jatinho e entrei na área social dando de cara com Vito lendo a Forbes do dia anterior com seus óculos de grau, suéter e calça de moletom. A imagem da tranquilidade em forma de meu chefe.

Ele só pode estar querendo dar cabo do restinho de paciência que eu consegui manter dentro do meu corpo depois de anos tendo que lidar com seus trejeitos.

Era uma tremenda injustiça que um cara despertado no meio da madrugada podia se apresentar completamente deslumbrante daquele jeito enquanto o meu cabelo está como um ninho de pássaros, meu rosto está inchado e eu estou usando meu melhor pijama estampado com unicórnios porque não tive tempo nem de trocar de roupa. Era escovar os dentes e arrumar as malas ou deixar tudo para trás e me produzir.

Tudo o que passava na minha cabeça era morte. Morte de qualquer um. De Vito ou Netta de preferência já que eu só estava voltando para a Itália mais

cedo graças aos dois.

Está bem, já vou dar o braço a torcer. De Vito eu até que não estava com tanta raiva. Era só birra por ter sido acordada ainda mais cedo do que o comum. Ele era um cara legal no fim das contas. Me tratava bem, protegia, era o sonho de consumo de muitas mulheres.

Até porque só existia uma palavra que podia defini-lo: quente.

Sou melhor amiga, mas não estou morta. Como qualquer italiano que se preze, Vito era extremamente quente e exalava sensualidade em todos os poros do seu corpo bronzeado.

Uma das suas atividades favoritas era se sentar em praças públicas e olhar as mulheres até elas corarem. Eu, sua melhor amiga e assistente pessoal, dizia que esse era seu principal defeito. Ainda completava para quem quisesse ouvir que ele só fazia isso porque era inseguro e precisava reafirmar sempre que era bonito.

Ele perdoava cada um dos boatos que eu espalhava, mesmo que ferisse seu ego masculino. Mas perdoava em segredo, porque quase sempre falava em alto e bom som que eu estava demitida.

E eu sempre o ignorava e prosseguia fazendo o meu trabalho. Minha insubordinação me fazia sobreviver dentro daquela empresa e no coração dele. Anos de amizade não se acabam graças a uma ou outra vingancinha.

Além do mais, a gente tinha um bom relacionamento. Amigável e profissional com alguns altos e baixos. Baixos esses quase sempre causados por coisas que eu tinha que resolver graças ao espírito aventureiro dele.

Como agora, em que eu tinha que mudar nossa agenda porque ele simplesmente não conseguia manter o zíper da calça fechado por mais de duas semanas. Eu odiava ter que interferir nos relacionamentos amorosos de Vito, mas quase sempre isso ficava em minhas mãos. A glória e todo o seu cortejo de horrores, certo? Não é possível só ter o melhor dos dois mundos, existe a parte suja e feia.

Essa noite, eu simplesmente teria que ir até a cobertura em Roma e limpar a área para que ele pudesse voltar a habitá-la sem maiores problemas.

"Limpar a área" significava: mandar embora a última ex-namorada que não tinha entendido como fim a despedida e a remoção do seu nome no status de relacionamento do facebook do executivo italiano.

Típico de Netta. Eu sabia que ela daria essa dor de cabeça desde que o

bonito apareceu com a madame pendurada em seu braço na última festa da empresa. Aquela pose de dona, o tom de voz imperativo para lidar com qualquer um, o jeito de me olhar e, o mais absurdo, como me tratava semelhante a um inseto, só podia significar uma coisa: ela queria casamento e queria ter o selo oficial de aprovação para fazer o que já fazia.

Enfim, *not today, Satan. Not today!* O pacto terá que ser feito em outra freguesia. Felizmente.

Mais um trabalho para mim, claro. Como sempre, ela tentaria armar um escândalo e sair dessa situação com o máximo de benefícios que conseguisse. Eu seria a responsável por diminuir o alarde e oferecer nada além do suficiente.

Me sentei em uma das poltronas estofadas em veludo cor creme de frente para Vito e respirei fundo antes de começar a vasculhar minha bagagem pegando o que era necessário para aterrissar dignamente em Roma. Meus sentimentos vagavam entre raiva e cansaço me fazendo tremer levemente como um *chiuaua* enquanto escolhia o que eu precisava para me trocar.

— Belo pijama. Não vai me cumprimentar? — Fechei os olhos com força ao ouvir a voz dele. O que eu tinha falado sobre um dos amigos precisarem morrer? Agora é um bom momento para colocar em prática. Levantei a cabeça lentamente e tentei expressar todo o meu ódio em minhas feições. Quando o vi com um meio sorriso, grunhi de raiva.

— Eu estou quase cedendo à vontade de colocar arsênico no próximo café que Carmen lhe levar. Acredite, cumprimentar é a última coisa que eu quero fazer com você nesse instante — Ele riu pelo nariz e voltou a ler a própria revista. Eu odiava quando ele ria pelo nariz. Que pessoa normal fazia isso tão constantemente? Sua mão direita estava levantada com o cotovelo apoiado no braço da poltrona. Mexia os dedos completamente tranquilo como se não tivesse danificado toda a minha rotina. Parecia que eu iria explodir de tanta raiva. Jesus, Maria e José!

Me levantei assim que o sinal de decolagem foi desligado. Segui para o quarto que havia no avião antes que não conseguisse conter os meus impulsos e o esganasse.

Era uma cabine normal, dentro do possível quando se tratava de um jato, decorada em tons de azul-marinho com algumas janelas, uma cama de casal e um banheiro que só tinha lavatório e vaso sanitário.

Dei meu jeito com a água da pia e o espelho pequeno. Em minutos eu voltava a ser a mesma Beatrice de sempre. Dessa vez com total controle sobre

minhas atitudes e pronta para lidar com meu chefe ridiculamente dependente.

— Nunca mais ex-namoradas dentro do seu apartamento, idiota. A partir de hoje vou fechar... — Ao perceber que ele não me ouvia, já que estava no outro cômodo, comecei a falar alto o suficiente para que minhas palavras chegassem até o idiota. — Uma conta no motel mais caro da cidade! para você aprender a guardar o Vito Júnior e usá-lo com mais responsabilidade! Isso que dá faltar aulas de educação sexual!

Ouvi sua gargalhada e bufei antes de começar a passar o rímel tentando não acertar o pincel dentro do olho. Eu sabia que para me dar bem com Vito dentro da empresa, teria que usar o que aprendi durante toda a minha criação conjunta com a dele: a ironia.

Eu sempre estive ao seu lado. Quando ele tinha dois anos, a cozinheira da sua família ficou grávida e eu nasci quase dois meses depois do seu aniversário de três anos. Filha dos dois empregados mais fiéis da casa, eu cresci na mansão Bernadinelli e fui acolhida no seio da família como acontecia com todos os membros da pequena lista de funcionários.

Até então, eu não era uma funcionária. Era a acompanhante de Vito em suas aventuras. Sem irmãos ou primos próximos, já que os mesmos moravam em Nápoles, eu era a única criança que ele podia interagir e, durante os meus primeiros anos de vida, ele se certificou de cuidar de mim com afinco para que eu pudesse crescer logo e o fazer companhia. O senhor e a senhora Bernadinelli nos tratavam iguais, até mesmo nas questões escolares, mas diferença de personalidade entre nós dois sempre foi gritante.

Eu era a racionalidade em pessoa, sempre medindo os prós e os contras de fazer qualquer coisa. Já Vito era a pura selvageria. Uma vez, deixou-me em pânico quando pulou do telhado que contornava a varanda externa da *villa* e pousou diretamente dentro da piscina.

Ele nadava como um peixinho, mas eu não e me joguei atrás dele por puro reflexo. A sorte é que meu pai, Luca, viu o que aconteceu e largou as ferramentas do jardim para vir me socorrer.

Vito pediu desculpas por dias e, quando eu fiquei de cama em estado febril graças ao impacto emocional e da água fria, ele ajudou Bianca, a minha mãe, a fazer sopa e cuidar de mim. Eu tinha quatro anos e ele seis.

Desde então, ele abriu mão de aprontar muitas coisas para não me atingir. Me tornei alguém importante em sua vida. Eu interpretava como uma irmandade. Até existiam pessoas que apontavam algum interesse além disso,

coisa que não não tinha minha concordância e que Vito desconversava.

Ele sempre respeitou o meu espaço, raras as exceções como no casamento de Magda. Se eu não estava interessada, não seria ele a me incomodar. Como eu disse: nós dois somos muito diferentes. Um relacionamento amoroso poderia colocar tudo a perder na nossa vida profissional e pessoal.

Quanto ao nosso trabalho, nós começamos bem cedo. Ele se formou em economia aos vinte e dois e entrou para o cargo de analista de finanças dentro do grupo Vision. Algo que ele conseguiu por ser filho de quem era, mas também se manteve por ser muito competente. Aos poucos foi subindo, até o pai indicá-lo como CEO. Quando assumiu essa função, eu virei oficialmente sua assistente pessoal e secretária. Ganhava um salário generoso para organizar a sua vida, mas já estava acostumada com a tarefa já que tinha passado toda a faculdade de Comunicação Social trabalhando meio período organizando a agenda do senhor Carlo e a dele, além de promover alguns eventos.

No grêmio estudantil do colégio, Vito era o presidente e eu a tesoureira. Mesmo com dois anos de diferença, nós dois ainda estudávamos na mesma escola nos quatro últimos anos do colegial. E quando ele passou para a faculdade, só teria que mudar de prédio, pois a instituição era a mesma.

E era ali mesmo, na sala do grêmio, que eu organizava o que ele faria durante as semanas seguintes. O que Vito fez foi me indicar para o pai que começou a me pagar por aquele cargo. Em seguida, ele mesmo começou a fazer isso.

Mas, como toda amizade muito longa, existia uma coisa que nós dois não sabíamos dividir: a vida pessoal e a vida profissional. Em menos de minutos podíamos nos envolver em discussões calorosas e eu usava minha posição para me vingar de qualquer decisão que eu achava que ele tinha tomado erroneamente.

Exatamente como agora, enquanto estava no lavabo e vazei uma foto de um momento descontraído dele como revanche pelo serviço dessa noite. Você quer brincar com Don Corleone? Pois tome a cabeça de cavalo.

Eu odiava aquele tipo de obrigação mais do que odiava ter que organizar reuniões com os executivos da área de marketing no primeiro horário da manhã. O clube de prepotentes, que gostavam de me menosprezar por ser publicitária, podiam dar as mãos para Netta e irem para o inferno.

Meu serviço nunca demorava muito já que eu deixava tudo organizado anteriormente. Ainda no avião, tentei adiantar as mudanças na nossa agenda. O

lado bom pegar um vôo como aquele, ajudava a pensar. Eu já estava arquitetando como fechar o zíper de Vito provisoriamente, por exemplo.

E isso reconfortava minha mente cheia de coisas para serem resolvidas nas próximas vinte e quatro horas.

Estava de volta à área social do jatinho e comia alguns aperitivos enquanto observava o lado de fora da janela. Para completar minha desgraça, o meu notebook não ligava e eu pingava de sono dando algumas cabeçadas no ar, mas não conseguia dormir.

A expectativa e ansiedade de saber o que teria que fazer quando chegasse à Roma me arrepiava os cabelos da nuca. Eu esperava nunca me sentir tão dependente de um homem como as namoradas dele deixavam transparecer que eram.

Falando no dito cujo, o observei sentado do outro lado de frente para mim. Agora lia alguma coisa no próprio iPad. Solitário e quieto. Vito tinha mudado o jeito de ser radicalmente há dois anos, mas eu ainda podia ver os vestígios do meu amigo ali naquele cara.

Voltei a prestar atenção no lado de fora, conseguia ver o amanhecer chegando ao horizonte, coisa que só seria visível em terra daqui algum tempo. As nuvens, as estrelas, a lua, as cores tingindo o céu. Pareciam um cenário perfeito para uma pintura ou uma fotografia. Há! A fotografia de Vito com Delfino daria o que falar nos jornais no dia seguinte. Foi pensando nisso que eu dormi.





2. Vende-se um Serviço Sujo

Motivo Dois para não casar:

*não quero explicar como
foi meu dia de trabalho
para outra pessoa.*

O principal motivo de odiar ter que limpar o apartamento de Vito é que quase sempre eu tinha que lidar com agressões verbais das namoradas dele que não sabiam focalizar a raiva no carinha que tinha terminado com elas. E é uma mania muito feia que algumas têm de não aceitar o fim do relacionamento. Ok, existem certas coisas que machucam, mas Netta, por exemplo, já devia estar acostumada.

Ela entrava e saía da vida de Vito desde os quinze anos. Esse, por sua vez, não devia fazer a garota, por mais chata que seja, criar esperanças à toa. Era óbvio que ele não tinha interesse de aprofundar o relacionamento, até tinha deixado isso bem claro em uma entrevista. Restava para Netta compreender que o lugar que almejava na vida dele sequer existia.

Ver esse tipo de dependência e obsessão feminina por um relacionamento, me fazia ficar cada vez mais afastada do altar. Meu medo era um dia acabar exatamente igual, me tornar tão parte de uma relação que me fizesse desaprender a ficar sozinha e lidar bem com meu amor próprio. Eu já não queria ir atrás de alguém. Para dizer a verdade, eu nunca quis. Gostava da estabilidade de chegar em casa depois do trabalho, me sentar no meu sofá, fechar os olhos por dez segundos e admirar o silêncio gritante que era viver comigo mesma e amar isso completamente.

Meu amor próprio é tão grande que eu gosto até de ir jantar comigo, passear por aí, marcar encontros. "Ah, Beatrice que coincidência você por aqui. Vamos almoçar." Entende? Só eu, eu mesma e euzinha.

Depois de acordar abruptamente com uma leve turbulência e assistir lá fora a noite se transformando bem aos pouquinhos em dia, eu fiz todo o tipo de monólogo que me lembrasse do quanto é importante, para mim, a minha própria

companhia. Em poucos minutos chegaríamos à Roma e eu precisava estar pronta para o que estava por vir.

Quando o avião pousou e nós entramos no carro, nosso diálogo foi rápido e direto. Eu não queria que ele respondesse, apenas ouvisse.

— Eu tirarei Netta do seu apartamento enquanto você espera no meu, mas nunca mais farei isso com essa mulher novamente. Se voltar a colocar aquela garota em sua casa, será você quem irá tirá-la de lá. Se for chamada para esse serviço mais uma vez, irei ligar para meu padrinho e sua paz irá sumir por semanas.

O privilégio de ameaçar o próprio chefe era algo que eu tinha por também ser melhor amiga dele e afilhada de seu pai. Além de conhecer todas as fraquezas de Vito, também conhecia a pessoa a quem ele deve explicações. Sempre existe alguém acima de nós, não é mesmo?

Em resposta, Vito apenas acenou positivamente e suspirou cansado. Parecia um homem com problemas demais e soluções de menos. Pobre menino rico...

O carro deslizou pelas ruas de Roma que, pelo menos naquele horário, estavam vazias. A noite estava fria e nublada, o sol mal iluminava qualquer coisa, afinal ainda estava nascendo. Demorou minutos do aeroporto até o edifício onde nós moramos. Pensei no quanto seria prazeroso andar de carro por aí com as ruas desertas daquele jeito.

Eu amo dirigir, mas estou tão cansada que deixei o motorista fazer aquilo. O rapaz era novo no serviço e me ofereceu um sorriso brilhante, talvez imaginando a chance que teria ao dirigir um carro daqueles. Ele manobrou com facilidade parando diante da portaria do prédio um tempo depois. Era bom de direção, seria mantido. O brindei com um elogio assim que a porta foi aberta ao meu lado.

Eu e Vito saímos do veículo e entramos o mais rápido que pudemos para não sermos vistos por repórteres que sempre cercaram o local. O elevador nos esperava, ninguém circulava pelo prédio naquele horário. Nossos passos ecoavam contra o assoalho de madeira e as luzes iluminavam menos do que o comum evidenciando o quão tarde, ou cedo, era. Entramos no cubículo de metal e ele apertou os botões se inclinando para frente. Esfreguei os dedos contra os olhos sabendo que eles estariam avermelhados de tanto cansaço. Quando não tinha mais meios de me livrar da letargia, eu bufei alto em sinal de desagrado. Pensei ter ouvido um pedido de desculpas da parte de Vito, mas estava tão

cansada que também poderia ter confundido aquilo com imaginação.

A primeira parada foi o penúltimo andar. Entreguei minha chave para Vito sem dizer muita coisa mas carregando o olhar de avisos do tipo "*não-toca-não-quebra-não-mancha-não-respira-muito-forte-perto-de-nada*" e ele foi se refugiar em meu apartamento enquanto eu iria enfrentar a temida ex-namorada. Como um rei mandando seu exército enquanto vai comer uvas e descansar o traseiro. Minhas costas doíam só de imaginar o que Netta poderia tentar aprontar.

O elevador subiu mais um andar e as portas se abriram no meio do hall da cobertura. Nenhum sinal da loira na sala de estar, apenas a porta escancarada que dividia o elevador do resto da casa. Caminhei até a cozinha silenciosa e somente meus saltos faziam barulho no apartamento aparentemente vazio. Abri a porta do lavabo e também não havia ninguém e nem sinais de destruição. Os quartos extras e o escritório também estavam desocupados. Respirei fundo sabendo onde ela estaria. Onde uma mulher se refugiava quando queria seduzir um amante?

O quarto de Vito, obviamente.

Meu sagrado Louboutin, eu só esperava que ela não estivesse nua, porque se estivesse eu já ia chegar com o dedo grudado no 113 e arrancar ela de lá peladona mesmo arrastada por policiais. Abri a porta de madeira do quarto no final do corredor. Lá estava. Esticada na cama em uma pose sensual usando uma camisola, para meu alívio. Imediatamente, ela se irritou.

— O que faz aqui? — Mais uma vez, Netta se portava como se eu fosse da casta mais baixa. Estava claramente frustrada de me ver no lugar daquele que ela queria para marido. Estiquei meu corpo sabendo que o combate viria agora.

— Vito me mandou para pedir encarecidamente que reúna suas coisas e se retire do apartamento como ele havia pedido que fizesse antes da viagem para Londres. — Ela se levantou da cama. E sim, eu fui mais rude do que era normalmente. Mas sem misericórdia, continuei a olhando de cima como fazia com os diretores de marketing. Meus olhos pesavam, mas eu me obrigava a ficar acordada. Se anime, mulher. Não é todo dia que você pode matar alguém com bondade.

— Mande-o vir até a mim. — Netta cruzou os braços abaixo dos seios e me encarou como se fosse minha chefe. Os cabelos loiros caíam sobre os ombros e eu poderia achá-la bonita se não estivesse tão cansada e determinada a odiá-la. Ri com desdém e imitei sua pose inclinando minha cabeça me desfazendo do seu comando.

— Não cumpro suas ordens, cumpro as de Vito e do Senhor Carlo e os dois são de comum acordo que você se retire do apartamento sem alarde para que ele possa ser habitado novamente pelo meu chefe. — Sua indignação foi demonstrada pelos gestos que fez enquanto falava.

— Você não devia chamá-los pelo primeiro nome. É uma funcionária. — Um sorriso maldoso apareceu em seus lábios tingidos com batom vermelho. Ela voltou a cruzar os braços para assumir mais uma vez a pose imperativa. — Quando eu me casar com Vito, a primeira coisa que farei será demiti-la. — Ergui as sobancelhas e andei até a mesinha que ficava em um canto do quarto e onde eu deixava as revistas para que Vito tivesse uma edição de cada entrevista dada. A última, mais recente, estampava na capa em letras garrafais "NÃO ME CASAREI" e ao fundo uma foto de Vito saindo de alguma festa.

Peguei a revista e ofereci à Netta que a puxou de minha mão.

— Ouso ser aquela que acaba com suas esperanças. Você tem meia hora para se retirar ou eu chamarei a polícia. Se a polícia for chamada, eu não farei nada para reter a notícia de que você foi rejeitada e não aceitou tal decisão. — Peguei o celular no bolso do meu terninho — Talvez até deixe escapar alguma foto sua sendo arrastada daqui. E isso seria uma vingança pessoal, você sabe pelo o quê.

Netta bufou, pegou o robe que estava jogado em cima da cama e uma valise em cima de uma das poltronas abandonando no chão a revista com a notícia desagradável de que seu futuro noivo não estava no mercado. Sem olhar para mim, ela começou a andar até a porta.

De repente, ela parou no umbral e falou por cima do ombro:

— Eu sempre soube que você tinha interesse nele. Como se ele fosse querer uma gorda como você. — joguei meus cabelos sobre os ombros e comecei a digitar no celular um número que cairia na caixa postal, mas que ela não saberia. Encostei o aparelho na orelha enquanto respondia.

— Se você me chamasse de ladra, eu me sentiria ofendida. — Revirei os olhos — Como a gordura realmente faz parte de mim e eu continuo sendo quem eu sou, isto é, *íntegra*, eu não me preocupo com sua falta de sabedoria ao julgar alguém pela aparência. Espero que você melhore, Netta. Já está bem grandinha para achar que eu ainda sou a garota de treze anos que não usava biquíni porque tinha vergonha do próprio corpo. — Netta virou-se para mim e eu comecei a me aproximar enquanto seguia com meu discurso — Agora, aqui vai uma dica de mulher para mulher: pare de se humilhar e procure algo de produtivo para fazer.

— A observei dos pés a cabeça — Vito já deixou bem claro que não quer nada sério com ninguém, é hora de você procurar outra coisa para ter como foco que não envolva uma aliança e o sobrenome Bernadinelli.

— Você sabe com quem está falando? — Ela aproximou o rosto do meu e eu não recuei. Estava demorando a hora em que ela usaria o sobrenome Treggi para me intimidar.

— Com uma mulher que gosta de projetar suas frustrações nos outros. — Sorri não temendo nada que ela pudesse me fazer. Eu era afilhada de um grande negociador e, como meu padrinho sempre dizia, a força do seu nome não precisava ser gritada, apenas mostrada — Melhore, Netta. Bata a porta quando sair. — Dei as costas e voltei a observar o cômodo.

Eu estava exausta, só queria encostar a cabeça em algum lugar e aproveitar o tempinho que me faltava antes de ir para o trabalho. Talvez comer alguma coisa... Tudo o que eu faria em paz se estivesse em Londres me preparando para viajar no dia seguinte, com tudo organizado e com a cobertura perfeitamente desabitada por Netta. Minha vida seria muito mais fácil com menos gente mimada e mais gente produtiva.

A ouvi se afastar e resolvi arrumar o quarto começando pela cama. A porta da sala bateu e o elevador fechou-se com um bip eletrônico. Netta estava fora do jogo sem muitas dificuldades. Ao menos era o que eu esperava. Liguei para o segurança que aguardava na portaria para que ele me confirmasse quando ela passasse por ali.

Minutos depois recebi a ligação confirmando que ela saíra sem escândalos e entrou silenciosamente no carro que logo partiu. Suspirei aliviada.

Finalmente, eu poderia ir para minha casa, esticar minhas pernas, ligar minha televisão e me espalhar no meu sofá como eu sempre fazia depois de dias agitados.

Andei até o elevador e desci para o meu andar. As luzes com sensor de presença se acenderam. Quando abri a porta do meu apartamento, a primeira coisa que vi foi Vito deitado em meu sofá completamente relaxado e espalhado. Estava dormindo, ainda de sapatos, tão exausto quanto eu.

Me aproximei e tirei seus calçados deixando-os ao lado dele no chão perto do sofá. Senti seus pés gelados e fui até meu quarto, voltei com uma coberta e um travesseiro. Ele resmungou um pouco antes de levantar a cabeça para que eu o acomodasse melhor, mas logo voltou para a posição de sempre com um antebraço diante dos olhos e barriga para cima.

Minha mãe sempre cuidou de Vito e o chamava de *Ranzinza* quando era pequeno. Era engraçado como até hoje o apelido se encaixava. Vito podia crescer, mas ainda continuava um criança. Me sentei na beirada do sofá e depusitei um beijo em sua bochecha.

— Boa noite, *burbero*. — Ajeitei a coberta em cima dele e passei os dedos por seus cabelos para arrumá-los para trás. Ele estava totalmente adormecido, de boca meio-aberta e olhos bem fechados. Parecia o menino com quem eu pegava no sono no sofá da varanda quando ainda era uma menininha. Deslizei o anelar por entre suas sobancelhas onde ele tinha uma ruguinha formada recentemente. Tudo o que as perdas e preocupações trouxeram para ele foram marcas de expressão e desencanto.

Vito era o meu melhor amigo. E mesmo em situações como aquela, não tinha espaço em meu coração para guardar rancor dele.

Algo acontecia em seu interior para ter essa necessidade de continuar saindo com diversas mulheres de personalidades incompatíveis com a dele. O único problema é que ele não falava sobre isso. Tratava como banalidade, como os homens em geral tem costume de fazer.

Fui para a cozinha atrás de alguma coisa para comer e descalcei meus saltos pelo caminho. Vi o copo utilizado e lavado e soube que ele tinha ido para aquela parte da minha casa também. O celular em cima do meu balcão denunciava que ele não caiu no sono por acidente. Safado, jogou a bomba nas minhas mãos e foi dormir.

O aparelho piscava com notificações. Não era meu costume, mas Vito estava dormindo, então desbloqueei a tela inicial para ver que Netta estava mandando mensagens. Parece que dessa vez ela tinha aprendido. Sorri satisfeita. Ela tinha material para ser uma garota legal, me incomodava muito que ela tentasse se deteriorar seguindo o padrão de mulher materialista e não evoluída.

Coloquei o celular de volta no lugar em que achei e fui para o meu descanso dos deuses. Muito mais do que merecido.





3. Vende-se um Dia

***Motivo Três para não
casar:***

*eu não durmo o suficiente
e é bem mais difícil
quando tem alguém
comigo.*

Se a noite anterior não tinha sido motivo suficiente, agora definitivamente eu tinha algo para me justificar por tentativa de homicídio diante de um juiz. Eu não iria matar Vito, mas o feriria gravemente com toda certeza. Talvez ele ficasse internado por dias e aí eu teria um descanso prazeroso.

Só de pensar em algo assim, minha mente dava voltas criativas de como meus dias poderiam ser sem aquela criatura por perto.

Eu poderia ir para Veneza, por exemplo. Esticar minhas pernas em uma gôndola enquanto alguém tocava violino e eu pegava no sono flutuando entre as ruas de água de olhos fechados. Seria maravilhoso não ter que ouvir a voz dele por mais do que oito horas por dia. Sem preocupações ou reuniões. Sem assistente nova, sem equipe de marketing, sem ex-namoradas do chefe. Só um barco, um vinho e eu.

Infelizmente, hoje não seria assim. Meu "*despertador*" deixou isso bem claro.

— Você só dorme quatro horas por dia, *fragolina*? — Maldito seja!

— Eu poderia dormir mais, se você não estivesse me acordando. — Minha voz sai arrastada graças ao travesseiro em que minha cara está enfiada. Eu estava tendo o sono dos justos. Sonhando com um massagista alemão cuidando dos meus pés, outro cuidando das minhas costas, um bom *sangiovese*, o sol que eu tanto gostava e nada para fazer. Absolutamente nada. Até que alguém deitou em minhas costas e esse alguém não era um dos massagistas charmosos que meu inconsciente estava criando.

Senti a boca de Vito no meu pescoço e a mordida veio em seguida.

— *Farabutto!*

— Olha o respeito pela *mamma*.

Levantei da cama com brutalidade o fazendo cair no chão do outro lado em um baque surdo e um gemido de dor. Rapidamente fui para frente do espelho só para avaliar o estrago. Só tinha ficado vermelho, ainda bem. Eu detestava manchas na minha pele. Detestava qualquer coisa em mim que não tinha nascido comigo. Se ficasse uma cicatriz, eu faria uma na cara dele só para me vingar.

Ele se aproximou mais uma vez se recuperando do tombo. Parecia temeroso já que eu tinha partido para a agressividade cedo demais. Seus dedos encostaram aonde tinha ferido. Vito começou a soprar bem em cima da área afetada como fazia quando eu era criança, ralava o joelho e ia chorando para pedir socorro para ele.

— Ora, só um machucadinho desses. Nem sangrou. — O fuzilei com o olhar e sua risada me fez observar que ele só estava se divertindo às minhas custas. — Acordei você para tomar café.

Vi que o visor do relógio digital ao lado da minha cama marcava dez e quinze da manhã. Dez. E. Quinze. Arregalei os olhos me xingando por não ter ouvido nada e perdido o horário. Encarei meu chefe pronta para receber uma reprimenda irônica por ter perdido as horas pela primeira vez na vida.

Vito claramente já tinha ido para casa trocar a própria roupa já que agora vestia um pijama impróprio para um dia de trabalho, o que era estranho já que íamos trabalhar imediatamente. Se é que eu pudesse recuperar o tempo perdido.

— Por que ainda não se vestiu para o trabalho? — Olhei para o relógio mais uma vez ainda incomodada com meu erro — Por que não ouvi meu relógio?

— Porque eu destravei e resolvi tirar o dia de folga. — A naturalidade com que ele falou isso me fez ferver de raiva. Ele só podia estar tirando uma com minha cara. Se ele podia tirar folga, por que não aproveitamos Londres no lugar de vir para casa e lidar com a ex dele? Com todo o autocontrole que eu tinha sobre meu corpo, perguntei entre dentes:

— E o que planeja fazer com as reuniões de hoje? — Minha voz saiu quase como um grunhido.

— Eu já me reuni com as três equipes e resolvi os problemas. — Vito está delirando. Ou isso é um sonho muito do sacana que meu inconsciente está usando para me torturar porque eu estou dormindo por muitas horas seguidas. —

E então? Vamos tomar café?

Aquilo foi apenas um comunicado. Não era um convite porque ele logo sumiu pela porta do meu quarto e eu pude ouvir seus movimentos na cozinha. Minha cozinha perfeitamente organizada com armários branquinhos e eletrodomésticos limpinhos por falta de uso. Respirei fundo.

Me olhei no espelho mais uma vez, agora despreocupada com a mancha em meu pescoço. Eu não entendia nada do que estava acontecendo. Rolei os olhos por sentir minhas mãos atadas sempre que se tratava de Vito. Fui até o banheiro escovar os dentes e lavar o rosto para logo voltar para o quarto. Calcei minhas pantufas rapidamente e corri atrás dele.

Em cima do balcão já tinha brioches fresquinhos, frutas lavadas, café, torradas, biscoitos e geleias. Ele tinha saído de casa para comprar tudo aquilo e isso me assustava porque o normal era irmos trabalhar e tomar café no caminho em um bar próximo ao centro com um brioche simples, um *espresso* e nada mais. Não existia disponibilidade na nossa agenda para brincar de casinha.

— Vito, nós estamos em dezembro!

— Eu sei! — Ele colocava morangos congelados no copo do liquidificador ignorando a minha informação — E nós ainda nem admiramos as decorações de Natal pelas ruas. Exceto no hotel em Londres. — Meu Deus, eu não queria saber de decoração de Natal! Eu surtava por dentro enquanto o via pegar a garrafa de leite gelado e despejar junto com açúcar por cima das frutas. — E então? O que faremos o dia todo? — Me fitou com expectativa e não me permitiu falar, pois logo me cortou com um dedo erguido no ar. — Espere um minuto. — Ele girou o botão do aparelho trazendo aquele barulho ensurdecador à tona.

Enquanto o liquidificador triturava todo o conteúdo dentro da jarra, eu o encarava ainda sem entender a determinação dele em matar um dia de trabalho importantíssimo. Estávamos no final do ano, cada minuto era importante para não termos problemas durante as festividades. *Por mais que eu sempre tivesse problemas...*

Me sentei em uma das banquetas e observei cada detalhe em suas feições. Vito parecia totalmente relaxado com os cabelos castanhos jogados para o lado sem um pinga de gel ao contrário de como sempre era usado. Os olhos azuis brilhavam com a travessura de menino de sempre. Eu quase falei alguma coisa para fazê-lo voltar ao normal, mas assim que ele desligou o utensílio, a campanha soou.

Franzi o cenho enquanto me levantava, só me virei para falar com ele uma vez. Estava parecendo mais uma mãe do que uma melhor amiga.

— Se for Netta, você quem irá lidar com ela. Eu lavo minhas mãos.

— Certo. — Concordei com a cabeça antes de destrancar a porta e girar a maçaneta. Minha estranheza foi substituída por felicidade ao ver meu padrinho diante de mim com roupas casuais e um buquê de dalias estendido em minha direção.

— Ah, padrinho! — O abracei pelo pescoço como sempre fazia e ele me apertou entre os braços em um exemplar abraço de paizão italiano. Um digno, é claro. Aproveitei aquele momento para suprimir minha falta de coisas como aquela. — Depois de uma semana na Inglaterra, senti saudades desses tipos de demonstrações de afeto.

— Você está linda e espetacularmente observadora como sempre. — Ele me entregou o presente e passou um dos braços pelos meus ombros caminhando comigo para dentro do apartamento. — E onde está o meu filho?

Na certa, tinha ido até a cobertura e não encontrado ninguém.

— Na cozinha, tendo uma crise existencial enquanto falta ao trabalho para fazer um café da manhã para mim. — Carlo me encarou achando graça e foi até onde Vito estava distraído brincando de chefe de cozinha. O segui e coloquei as flores em cima do balcão enquanto pegava um jarro para acomodá-las melhor.

— *Papà!* — Ele enxugou as mãos em um pano de prato qualquer e abraçou o pai com carinho. Algo estava acontecendo. Vito estava muito estranho. Carlo também. Todos estavam. Ou era eu? — Ah, Bea. Sente aí. — Dei a volta na mesa e me sentei em uma banquetta mais uma vez incomodada por toda a estranheza que não me dava pistas do que se tratava. O padrinho se sentou ao meu lado e puxou minha cabeça com uma das suas mãos enormes depositando um beijo em meus cabelos. Um gesto comum para ele.

Afinal, um padrinho faz o papel de um pai quando esse não está mais aqui. E, nos últimos tempos, era exatamente isso que estava acontecendo. A vaga precisava de ocupação desde os meus oito anos e Carlo resolveu enviar seu currículo.

Vito espiava dentro dos armários da minha cozinha e achou o que queria em alguns minutos, tempo suficiente para que eu e meu padrinho fizéssemos todo tipo de sinais em uma conversa muda tentando entender o que estava acontecendo. Ele colocou um copo de vidro grande bem na minha frente e despejou a bebida que tinha acabado de fazer. Por fim colocou um canudinho de

papel decorado com flores e empurrou o copo em minha direção.

— *Succo de fragola* para minha *fragolina*.

Franzi o cenho aproximando a boca do canudo e suguei. Estava gostoso, mas estava gelado. E era muito estranho beber algo tão gelado no início do inverno e de manhã. Eu apreciava o gesto de Vito ao cuidar de mim daquele jeito, mas estava desconfiada e, acima de tudo, sentia falta do meu café.

O padrinho já beliscava um pouco de tudo que estava servido. Desde as geleias aos biscoitinhos.

— Isso me lembra a infância dos dois, quando eu colocava um sentado em cada perna e vocês decidiam o que eu iria comer. — Sorri ao invocar aquelas lembranças onde nós dois discutíamos sobre as opções das guloseimas que minha mãe preparava e o padrinho comeria no café da manhã. — Isso também me faz lembrar que estou ficando velho e como um bom velho, preciso avisá-los que alterei meu testamento e quero conversar com vocês durante a semana que vem sobre algumas decisões que tomei.

Deixei meu copo sobre a mesa e me virei para olhá-lo de frente. Vito também abandonou o que fazia e colocou as mãos apoiadas no balcão enquanto fitava o pai com seriedade. Aquele cômodo era feminino demais para esses dois machões.

— Mas por que não nos adianta o que decidiu? — Suas feições estavam confusas quando fez a pergunta que flutuava pela minha cabeça. Acho que invocar a morte de alguém próximo ainda trazia más lembranças ao Vito.

— Porque são decisões que dependem de meu advogado para serem explicadas com mais clareza. Por isso, minha querida, — senhor Carlo me encarou enfatizando com as mãos o que dizia — marque um horário para uma reunião entre eu, você, meu filho e meu advogado de causas pessoais.

Firmei aquela informação na mente já querendo correr para adiantar o que me foi pedido, só para fazer alguma coisa. Eu só queria trabalhar, Vito Bernadinelli, nunca te pedi nada! Rolei os olhos e encarei Carlo que pegava mais um brioche.

— Mas... Eu não sou beneficiada da sua herança, padrinho. — Olhei para meu chefe que agora estava com a cabeça tombada e o cenho muito, muito franzido. — Vito deveria participar disso sozinho.

— Na verdade, você também é uma beneficiada de uma forma diferente... — Ele fez um gesto tratando o assunto com displicência enquanto se

levantava e pegava mais um dos brioches recheados de chocolate, além do outro que tinha em mãos. — Eu não saberei explicar. Só vim avisar sobre isso e ver como estavam depois da viagem. — Carlo começou a se afastar enquanto ajeitava os cabelos grisalhos para trás das orelhas. Isso só me fez entender que ele estava escondendo algo que não era tão simples quanto estava querendo transparecer. — Ah, a propósito... — Enfiou a mão por dentro do casaco pesado que usava e retirou um jornal local colocando em cima da mesa. — Eu adorei a foto de Vito com Delfino. — Sua gargalhada pontuou enquanto ele abria a porta e gritava do corredor: — *Ciao, tesori miei*.

Encarei a página até ouvir a porta batendo. Segurei o riso o máximo que pude, mas eu sabia exatamente que aquilo satisfazia meu ego e minha sede de vingança estava baixando me deixando com o humor maravilhoso. Vito deu a volta e se colocou atrás de mim. Na página, ele estava sentado no gramado da Villa Bernadinelli e Delfino, o *spinone* da família, se jogava em cima dele o dando um lambeijo digno dos filmes de Lassie. A sua expressão consternada me fez perder o controle e eu explodi em uma gargalhada.

Minha vingança pessoal me fez esquecer momentaneamente do que meu padrinho planejava. Eu batia palmas e ria descontroladamente. Mas demorou poucos minutos para aquilo voltar a me perturbar e as teorias criadas por mim me deixavam a cada segundo mais preocupada.

Tão preocupada que quase esqueci que ainda tinha que cobrar mais explicações de Vito a respeito de nosso trabalho. Ele ainda encarava a foto do jornal local com a boca meio aberta e olhos semicerrados. A imagem da revolta. Quando me deu as costas e saiu andando pelo meu apartamento, eu pulei da banqueta partindo atrás dele.

— Hey! Voltando ao que me interessa... Como as reuniões foram realizadas? — Sua voz grossa com algumas pontinhas afiadas de irritação, me respondeu:

— Isso já não lhe interessa mais. Você está demitida. — Dei de ombros enquanto o seguia até a sala de estar me jogando ao seu lado no sofá.

— Vamos, eu sei que não deu tempo de você ir até a empresa, fazer três reuniões e voltar. — Vito continuava bravo e aquilo me divertia demais. Era como se eu o tivesse fazendo passar por exatamente a mesma coisa que eu passei horas antes. Por dias. Por meses. Pelas. Porras. Dos. Anos.

— São informações confidenciais e você nem trabalha mais na Vision. Portanto, não deve saber. — Ele ligou a televisão e colocou em um canal de

notícias qualquer tentando me ignorar. Entortei o nariz para a âncora que parecia vestida para um baile de gala e tentei pegar o controle para desligar o aparelho.

— Eu sei que não estou demitida porque você me ama mais do que tudo nesse mundo. — Vito me encarou de olhos arregalados, perplexo com minha prepotência. Eu acho. — Me conta logo para que eu fique despreocupada.

— Eu devia deixá-la remoendo suas dúvidas até o final do dia só para ter minha vingança pelo papelão que você está me fazendo passar. — Ele suspirou cansado — Anos trabalhando na imagem de um cara acima dos mortais e você coloca minha foto brincando com um cachorro *bonitinho* em um jornal de grande circulação. — O abracei pelo pescoço e beijei sua bochecha sabendo que estava perdoada.

— Não é como se você não merecesse, *piccolo Phoebus*. — Ele bufou.

— Existe uma invenção tecnológica que se chama videoconferência. Conhece?

— Conheço, é o que penso em fazer toda vez que tenho que ir para o trabalho e enfrentar mais um dia com sua rabugice. — Vito puxou minha mão e mordeu meu antebraço. — Você acha que eu sou comestível?!

Ele me deu um sorriso maldoso, tinha disso de achar duplo sentido no que eu falava, e beijou o lugar que antes tinha mordido.

— O que faremos no seu dia de folga? — Comecei a pensar em todas as coisas que eu gostaria de curtir se não tivesse Vito por perto e logo as abandonei porque ele tinha sido bem taxativo ao conjugar "fazer" no plural. Pensei por uns instantes, focando no brinco enorme da repórter que falava qualquer coisa rápido demais na TV.

— Comer? Ir ao cinema? Andar pela cidade? — Ele me cravou um olhar de desagrado e incredulidade.

— *Dio mio*, não sabe se divertir? — Tentei repensar no que tinha de errado em meus planos e esperei que ele sugerisse algo melhor. — Já sei. Faremos como eu mandar. Estou indo trocar de roupa, volto em alguns minutos.

Ele se levantou e saiu indo para o próprio apartamento.

— Espera! Vito, com que roupa eu... Ah, que se foda!

Demorei alguns segundos até decidir ir tomar um banho rápido.

Ajeitei meus cabelos e coloquei minhas roupas de inverno sem saber muito bem se eu deveria estar produzida ou casual. Optei por algo no meio

termo que não me faria passar vergonha em nenhum dos lugares que vieram à minha mente.

Saí do quarto, já estava pronta e me encontrei com Vito na sala. Ele vestia roupas de frio e estava bem arrumado, no mesmo nível de vestimentas que eu. Sorri satisfeita por não ter errado.

— Você está linda! Vamos? — Vito me estendeu a mão e eu aceitei a oferta. Logo ele fechou a outra mão por cima da minha e começou a caminhar em direção ao corredor. Foi ele quem trancou a porta e me entregou as chaves que eu coloquei dentro da bolsa. — *Molto benne*, cuidado com os batedores de carteira e aproveite o passeio.

Descemos para a portaria onde fomos cumprimentados por alguns funcionários e cruzamos as portas em direção ao Alfa Romeo que nos aguardava. O mesmo motorista que nos buscou, agora segurava as chaves do carro com um sorriso educado e olhos tristes.

— *Signorina* Beatrice, o carro está pronto. — Ele me entregou as chaves sem me olhar duas vezes e eu fitei Vito interrogativamente.

— Um passeio *a lá* Beatrice. — Destravei o alarme dando um gritinho de alegria e corri para o banco de motorista. Era raro meu chefinho aceitar amigavelmente que eu dispensasse o motorista. Novidade foi ele já ter dado aquela ordem.

Vito se sentou no banco do carona e colocou o cinto assim como eu para desligar o sinal de segurança. Ele começou a mexer no GPS enquanto eu me ajustava no banco organizando tudo mais como eu queria. Retrovisores, altura do assento, bolsa no porta-luvas. Acionei a chave na ignição e o volante se adaptou ao meu tamanho.

— Eu amo carros bem feitos — disse enquanto abraçava a direção.

Vito apenas riu.

— Certo, siga as coordenadas, *signora*. — Olhei para o GPS e franzi o cenho para o endereço.

— *Palazzo Montecitorio*? O que vamos fazer lá?

— Apenas siga as coordenadas e fica quieta, Beatrice. — O encarei desconfiadamente e voltei a olhar para o painel. Dei partida e comecei a seguir o que a voz feminina ditava.

Todo o trajeto demorou meia hora e teve o custo de assuntos banais entre

eu e Vito. Estacionei o carro perto do *Palazzo* e fiscalizei três vezes se ele estava realmente trancado e com o alarme acionado. Amava mais o automóvel do que muita gente.

— Vamos, *fragolina*, antes que fique lotado! — Corri para alcançá-lo já que suas pernas compridas deviam equivaler a duas das minhas. Seguimos o caminho contrário ao do *Palazzo* e eu estranhei demais olhando para trás todo o tempo para ter certeza que o Alfa Romeo estava bem.

Estávamos indo pelo mesmo caminho da... *Fontana di Trevi*!

— Vamos visitar a fonte? Jura?! — Ele me olhou com um meio sorriso e colocou meu braço enlaçado com o dele. Aquilo me fez recordar outra época. Quando minha madrinha dava as mãos para nós dois e fazia um caminho parecido.

— Sim, como nos velhos tempos.

E realmente foi como nos velhos tempos. No caminho, ele comprou pipoca e quando chegamos à praça que, devido o horário e a temperatura ainda não tão rigorosamente fria, estava lotada. Nós sentamos nos degraus e ficamos observando as pessoas a nossa volta.

Ele havia colocado minha bolsa em seu colo e estava bem próximo a mim, o suficiente para só se inclinar caso quisesse sussurrar algo sobre alguém. Como o casaco abotoado nas casas erradas de uma criança, uma moça que parecia boba demais com seu namorado egocêntrico e do grupo de meninos que gritaram que queriam dinheiro para repor o que estavam perdendo antes de jogar suas moedas dentro da fonte. Eu ria de suas observações impertinentes sobre alguns turistas e comia a pipoca alimentando alguns pombos que se atreviam a aparecer entre a multidão.

— Certo, eu conto a história dessa vez. — Vito respirou fundo depois de declarar. Pousei minha mão vazia em seu braço e tentei transmitir que ele não precisava fazer aquilo. — Tudo bem, eu consigo.

Ele pigarreou e se impôs como se fosse fazer um grande discurso. Mas na verdade, apenas ia contar a história que sua mãe nos sussurrava sempre que nos trazia aqui.

— Conta-se que em dezenove antes de Cristo, Agripa, o general, genro do Imperador Augusto, mandou construir o aqueduto chamado de Água Virgem para levar água até o Panteão e às termas. "Virgem" vem do fato que os soldados de Agripa estavam com sede quando foram guiados até a nascente por uma moça donzela. Ela era a deusa Diana que gostava de refrescar-se na fonte junto com

suas ninfas depois de se cansar de tanto caçar. — Vito parou para respirar e encarou o chão, depois voltou a olhar determinadamente para Netuno, no centro da fonte. — Trevi significa cruzamento de três ruas como o meu caminho, o seu e o *dela*. Eles estarão sempre conectados. — Vito se inclinou e beijou minha testa. — Sempre.

Ele se levantou atraindo alguns olhares, devolveu a bolsa para mim e fez sinal para que eu esperasse sentada. Andou até as lojas próximas, arrumou um copo descartável em um bar, encheu com a água da fonte e retornou para o meu lado. Quando me ofereceu, eu sabia o que ele estava fazendo. Mais uma das coisas que sua mãe fazia... Eu bebi metade e ele terminou. Amassamos o copo e o partimos ao meio.

— Agora podemos ir a qualquer lugar sabendo que nosso amor nunca acabará, *fragolina*. — Dito isso, ele me abraçou e escondeu o rosto em meu cabelo. Parecia um menino perdido com saudade dos pais.

Mesmo que Vito tentasse disfarçar, eu consegui ouvir soluços leves partindo de seus lábios. Fiz o que qualquer amiga faria: confortei.





4. Vende-se uma Mamma

*Motivo Quatro para não
casar:
não gosto de perder meu
tempo com outras
pessoas*

Eu me sentia a própria Cinderela depois de ir ao baile: completamente desiludida. O lado ruim dos dias de folga surpresa é que eles sempre chegam ao fim e trazem mais serviços para o dia seguinte. E comigo não foi diferente, porque quem me acordou foi meu despertador e não tinha sinal de Vito no meu apartamento. Travei o relógio e levantei metade do meu corpo olhando em volta.

Tudo estava em silêncio, mas no fundo do meu coração eu sentia falta de um burburinho, um ruído de panela, um cheirinho de café... Sentia falta de ter minha mãe por perto.

Agora eu entendia o porquê de Vito ter começado a sair com tantas mulheres e ter passado a usar um comportamento que não era comum dele. Sim, Vito sempre teve namoradas, mas não na quantidade atual e muito menos na mesma frequência. Elas apareciam, sumiam e demoravam a serem substituídas. Agora parecia que havia uma fila na porta da cobertura, quando uma saía, outra entrava. E Netta roubava o lugar das outras.

Fora as festas e as noites de bebedeira em que eu tinha que acordar no meio da noite para buscá-lo na portaria do prédio. Além de subornar a imprensa para que a reputação de Vito como herdeiro prodígio não fosse abalada.

Perder a mãe com certeza não tinha sido nada fácil, ainda mais com toda a carga dos últimos dias de vida dela. As noites passadas no hospital, seu choro de dor, a nossa má alimentação e estresse constante. A única coisa firme naqueles dias era o nosso laço familiar. Mesmo quebrado, um apoiava o outro.

Dona Fiorella faleceu depois de uma semana internada em estado grave graças a uma doença nos rins que era controlada por muito tempo, mas que em algum momento deixou de ser mantida refém do seu antídoto. Os remédios foram perdendo para o mal-estar, não havia muita coisa do que se fazer. O médico não tentou nem criar esperanças em nossos corações.

Passamos dias indo e voltando do hospital, fazendo divisão de turnos. Meu padrinho só sabia chorar e murmurar qualquer tipo de lamentação. Quando saía do quarto na hora de alguém substituí-lo, a gente conseguia ver o que a partida do grande amor de uma vida causa a uma pessoa.

Ela morreu de madrugada enquanto Vito segurava sua mão.

Se passaram dois anos desde o acontecido, mas não era tempo o suficiente para deixar de sentir saudades de uma mãe tão dedicada como ela. Vito era filho único e considerado um pequeno milagre devido à infertilidade que uma saúde frágil causava à ela. Isso só intensificava o seu amor por ele e por mim.

Eu era a segunda filha que ela não poderia ter. Isso fez eu e Vito crescermos com segurança. Tínhamos total amor de dona Fiorella e total amor de dona Bianca, minha mamma legítima.

Banhados em carinho desse jeito, não existiam reclamações que pudéssemos emitir.

Eu também sentia falta da minha madrinha. Sempre sentiria.

Saí da cama tateando o chão frio com meus pés até achar minhas pantufas, em seguida fui ao closet achar uma roupa para trabalhar no dia frio que fazia. Ao passar pela janela do meu quarto, vi o céu nublado e sorri aproveitando os últimos instantes de calor graças ao aquecedor.

Depois da praça, eu e Vito almoçamos e voltamos para casa porque começou a esfriar mais do que o normal. A temperatura caía aos poucos, então resolvemos ficar assistindo qualquer seriado na televisão enquanto comíamos alguns doces que compramos em uma confeitaria no caminho.

Foi definitivamente o dia de não fazer absolutamente nada, apenas ficar relaxado sem mais preocupações.

Mas agora a carruagem voltou a ser abóbora e era hora de voltar para o dia-a-dia na Vision. Meu cabelo estava solto por cima do meu cachecol e eu até usava luvas de couro. O frio procurava por frestas para se infiltrar, e ele achava!

Abri a porta do apartamento e deixei escancarada enquanto organizava os relatórios em uma pasta. Vito teria uma reunião hoje sem assistentes, precisava de tudo organizadinho para não cometer nenhum erro. Era um contrato importante, foi o que percebi só de ler o nome de uma multinacional russa.

Ouvi o bip do elevador e os passos dele ecoando pelo corredor. Nós

convivemos a tanto tempo que eu conseguia sentir quando ele estava me olhando. Por isso, só precisei erguer o rosto e retribuir o sorriso que me dava de sua posição. Estava encostado no umbral da porta usando seus óculos de grau, um casaco comprido cinza e um cachecol preto. Um típico executivo no inverno.

— Buongiorno.

— Buongiorno, chefe! — respondi sorridente fechando o zíper da bolsa.

Ele se aproximou e me ajudou com minhas coisas.

— Você está muito bonita. — Vito apoiou uma mão em minhas costas e virou-se fechando a porta do meu apartamento assim que atravessamos para o corredor. Como sempre, ele trancou e me entregou as chaves. — Vamos?

Assenti com a cabeça e entrei no elevador. Ficamos lado a lado olhando em volta sem saber muito bem o que falar.

— Um dia de folga sempre faz bem, você deveria aproveitar os seus futuros domingos mais vezes e deixar de planejar toda a semana. Dá para viver um dia de cada vez. — Ele tinha que começar criticando justo o que molda toda minha vida? Planejar já é um sexto sentido meu.

— Você é CEO de uma importantíssima empresa, deveria saber que os todos CEOs sempre tem seu futuro planejado. E é absolutamente impossível, para mim, não organizar sua rotina com tantas reuniões.

As portas do elevador se abriram e nós seguimos um ao lado do outro pelo saguão. Quase como se minha relação com ele tivesse começado a partir do momento que me contratam. Tão profissionais, nem parece que se xingam.

— Quantos CEOs você conhece? — perguntou sério. Pensei por alguns minutos calculando entre os amigos dele todos os que eram e os que não eram.

— Uns quinze mais ou menos, incluindo você e seu pai. Obviamente.

— Certo. E qual deles você tem certeza que tem uma equipe de três assistentes?

— Enzo Belli te... — Vito ergueu alguns décimos da voz para me interromper.

— Enzo Belli tem duas assistentes, mas uma em cada país. Você sabe disso, não seja desonesta. — Ele abriu a porta do carro para mim antes que o motorista conseguisse dar a volta e fazer isso, o rapaz dificilmente aprenderia suas funções sendo interceptado daquela forma. Vito entrou em seguida e ele mesmo fechou a porta. — O que estou querendo dizer é que você se preocupa

demaís com algumas coisas e se descuida com outras. Sua saúde é importante para mim, precisa relaxar, está estafada.

— Eu sei que eu não descanso muito, mas eu gosto de verdade do meu emprego, Vito. E me esforçar por ele não é ruim. Não para mim. — Olhei para o lado de fora, levaria menos de dez minutos para chegar ao destino final e eu poder me desfazer daquele assunto, mas logo senti os dedos de Vito em minha bochecha e sua mão gentilmente virou meu rosto para si.

— Eu sei que foi uma das melhores coisas que ela te ensinou. Mas não foi a única. Ela gostava de se divertir. Você não precisa ser tão solitária ou introspectiva só para dar valor a alguma lição. Também pode manipulá-la ao seu favor. — Respirei fundo sabendo que, assim como eu me preocupava com Vito, isso era recíproco. Ele queria saber mais sobre mim assim como eu desvendei sobre seus sentimentos no dia anterior.

Lá fora, os prédios antigos passavam devagar graças ao trânsito intenso. Chovia levemente e eu conseguia ouvir o som dos meus pensamentos com clareza. Conseguia resgatar, das profundezas da minha mente, todos os sentimentos que a Beatrice de anos atrás guardava e remoia. Eu conseguia lembrar como foi que as habilidades, que dona Fiorella lapidou em mim, me fizeram enxergar o quanto minha aparência não media minha essência.

— Não foi só isso. Você sabe que eu era desajustada na nossa adolescência.

O que ele não sabia, é claro, foi que a mãe dele me ajudou a superar tudo aquilo. Dona Fiorella nunca foi uma mulher comum e poucas pessoas poderiam deixar esse detalhe passar. Ela irradiava, era a alma da própria casa e a luz dos olhos de quem habitava seu coração. Não suportava ver alguém, que tinha seu afeto, triste e cabisbaixo.

E foi exatamente assim que ela me encontrou em um dos quartos da Villa, o mesmo que eu e Vito usávamos na infância para passar pela janela e ir para o telhado. Dessa vez, eu estava sentada em um dos banquinhos que ficava próximo ao peitoril e observava os amigos de Vito na piscina.

Era um dia atípico em que o tempo tinha melhorado um pouco. Uma frestinha de sol já era motivo para tentar se bronzear.

As meninas dentro ou bem próximas do padrão ideal de corpo, usando maiôs que favoreciam o próprio estereótipo. Os meninos de shorts de surfista ou sunga. E eu de vestido, isolada da festa, com um copo de limonada e minha baixa auto-estima como companhia.

Naquele tempo eu ainda não sabia que minha força e minha beleza não precisava se encaixar em alguns limites que idiotas reverenciavam. Eu podia ser bonita como era. Eu já era bonita. Mas não sabia me defender de palavras ou atitudes que queriam me forçar a ser menos do que feliz. E quando senti uma mão em meu ombro, me sobressaltei porque achava que finalmente conseguiria ficar longe da acidez de alguns comentários que já tinha ouvido no andar de baixo.

Os grandes olhos azuis de Dona Fiorella poderiam ler minha vida se quisessem, mas quando eu tentei ler os dela, só vi simpatia e compreensão. Ela se sentou ao meu lado e mirou a mesma direção que eu encarava anteriormente.

Netta já existia nessa época e, talvez, agora você entenda o porquê da falta de simpatia em relação a ela.

— O que aconteceu?

— É uma festa na piscina.

Ela olhou mais uma vez para fora e acenou positivamente com a cabeça.

— Sim, estou ciente disso. Mas qual é o problema exatamente? — Suspirei e bebi um pouco do meu refresco antes de começar o desabafo.

— As meninas me chamam de gorda e eu não quero que os meninos vejam o meu corpo. — Virei o rosto para que ela não visse minhas lágrimas que começaram a cair assim que terminei minha confissão.

— Hum... Vejamos, o que há de errado em ser gorda? — *Além do fato de não ser bonita como as outras? Ora, nada.* Era o que passava pela minha cabeça, mas eu nunca responderia à senhora Bernadinelli daquela forma. — Sua gordura sai ofendendo alguém por aí?

— Não, mas... — Ela me interrompeu.

— Ela já matou alguém?

— Também não...

— Seu corpo sozinho é capaz de machucar alguma pessoa sem que haja maldade na sua cabeça?

— Não...

— Certo. Então o que há de errado em ser gorda? — Eu não respondi. — Querida, olhe para mim. — Aos poucos, timidamente, me virei para ela de novo e a encarei. — Você seria capaz de machucar alguém ou ofender só para se divertir?

— Nunca! — Respondi como se aquilo fosse um ultraje, ainda sem entender muito bem onde ela queria chegar. Que garota bobinha!

— Você respeitaria alguém que tem esse tipo de atitude?

— Não.

— E por que não faria isso?

— Porque essa pessoa estaria fazendo algo muito errado! — Dona Fiorella segurou meu rosto entre as mãos e me ofereceu um sorriso caloroso de quem chegou onde queria.

— Então porque você ouve esses *stronzi*, *fragolina*? Você é superior a todos eles. Vito é seu melhor amigo, você é afilhada do senhor e da senhora Bernadinelli e, a partir de hoje, é a minha pupila! Mas, antes de tudo isso, é uma das meninas mais doces, inteligentes e graciosas que conheço. — Corei e deitei minha cabeça contra a palma de uma das suas mãos.

Ganhar um elogio daqueles, justo dela, era importantíssimo para mim.

— Precisa aprender a jogar o jogo deles, mas sem deixar que a maldade que impera em suas atitudes contamine seu coração. — Ela secou minhas lágrimas com os dedos. — Você vai até lá, tirar o seu vestido, deixar o seu biquíni à mostra, se bronzear, comer os petiscos e nadar. Você é uma convidada mais do que especial, também é moradora dessa casa. Vito colocou o seu nome no topo da lista, antes de todos e estava te procurando durante as comemorações.

— Pensei que ele procurava por Netta. — Olhei lá para fora mais uma vez vendo meu melhor amigo circular pela área onde acontecia a comemoração de seu aniversário.

— Netta é só uma pobre coitada que gosta de usar a posição do pai para ser esnobe com os outros. Você não precisa de nada disso para se mostrar superior, é brilhante do jeitinho magnífico que nasceu. Sem usar qualquer sobrenome, consegue ser alguém com mais evidência do que aquela pequena prepotente. Vá até lá e mostre isso a todos eles.

Um empurrão em meus ombros me fez levantar e ela caminhou comigo até a porta.

— E, a partir de amanhã, quem organiza os eventos adolescentes da família é você. Eu a ensinarei como se faz. Assim você coloca quem quiser na lista de convidados e tira também. — Com uma piscadela, minha madrinha se despediu.

Eu saí do quarto com toda minha coragem renovada. Entrei no banheiro do primeiro andar e tirei meu vestido lentamente como se descobrisse pela primeira vez que todas as gordurinhas extras não influenciavam em nada no que eu poderia me tornar. Dobrei a peça de roupa com cuidado e guardei no armário embaixo da pia. Soltei meus cabelos e os ajeitei usando os dedos de pente. Me olhei no espelho me permitindo ver o que dona Fiorella via.

Eu tinha boas notas, era boa em esportes, sabia conversar sobre diversos assuntos. Tinha mais a me orgulhar do que unicamente um corpo. E, sim, eu também era bonita. Com uma jogada de quadril para o lado, decidi que também era gostosa.

Destranquei a porta do banheiro e segui para onde o ruído de vozes era mais alto. Quando cheguei à porta que dava para a piscina, eu travei. Ter decidido aquelas coisas me faria imune ao que os outros falariam? Já estava tentada a me esconder, mas logo Vito apareceu e ele sorria para mim com aquele jeitinho de menino malandro que só ele tinha.

— Eu procurava por você! Onde se meteu? Meus amigos querem ver aquele saque que você faz no vôlei. — Ele pegou minha mão sem esperar resposta e me guiou até seus colegas. Todos os rostos que eu conhecia da hora do intervalo na escola e que faziam minhas colegas de classe suspirarem sempre que eles me acompanhavam até a porta da sala de aula.

— Oi, *Fiore*! — Raoul, um dos melhores amigos de Vito e que estava no segundo lugar da lista de mais bonitos da escola, me abraçou e distribuiu beijos em minha bochecha. — Nós queremos jogar e estamos esperando você! — Todos os rapazes reunidos concordaram enfaticamente e começaram a andar em direção à quadra de areia que ficava logo depois da piscina. Nós passamos por onde Netta estava sentada com as amigas e eu estremeci de leve sabendo o que viria.

— Eu não sabia que Vito criava uma baleia em casa... — Sua língua ferina começou a trabalhar. Vi Vito abrir a boca para me defender, mas segurei o seu braço pedindo para assumir as rédeas da situação. Não, eu não era imune ao que os outros iriam falar. Eu era mais forte que aquilo.

— Ele não cria, mas, infelizmente, de vez em quando uma girafa esnobe vem nos visitar. — Os meninos riram alto e voltaram a andar me levando junto com eles sob o olhar raivoso de uma *bully* sem palavras.

Depois de um tempo, descobri que aquele tipo de resposta também não fazia bem. Afinal, uma hora ela seria retrucada. Então me foi dada um substituto:

o desprezo. Os problemas só teriam o tamanho que eu desse a eles e eu já estava decidida que não queria que os malditos existissem.

Portanto, seguir fiel e com total entrega ao que dona Fiorella me ensinou não era só questão de respeito, era valorizar a mudança que ela fez em minha vida enquanto eu ainda tinha solução.

— Ela me ajudou de uma maneira que você não entenderia, Vito. É por isso que faço o meu trabalho com dedicação. Porque sei de qual maneira ele mudou minha vida. — Ele me encarava com seriedade, como se ainda quisesse falar alguma coisa. Então eu me estiquei e peguei sua mão. — Não precisa se preocupar com minha vida social. Eu deixo você assistir *RuPaul's* e novela comigo. Não sou tão fechada assim.

Demorou só mais alguns minutos para chegarmos ao prédio. Dessa vez eu seria a única que desceria já que Vito iria para a reunião em outra empresa. Acenei com a mão enquanto o carro se afastava. Depois de alguns segundos, passei pelas portas duplas de vidro e cumprimentei o recepcionista novato antes de seguir para o elevador e apertar o botão para o meu andar.

Nem bem pisei no meu ambiente de trabalho e dei de cara com Carmen com duas xícaras cheias de capuccino.

— Eu sei que você me ama, mas não tanto ao ponto de me esperar com meu café da manhã na porta do elevador. O que aconteceu?— Carmen era loira, branquinha e de olhos azuis. Tinha o corpo mais avantajado que o meu. E era muito competente. Tão competente que eu levantava as mãos para o céu e agradecia por ela ter pedido uma vaga de emprego justo naquela empresa. Se suas indicações não eram suficiente, Mia, sua filhinha, era. Eu não resistia aquele pinga de gente.

— Você não vai acreditar no que *ela* me aprontou dessa vez.

Ela era Darla, a nova assistente da assistente da assistente. Alguém que eu não teria admitido, mas que eu deixei a contratação por responsabilidade do RH devido a uma viagem emergencial há dois meses. Nova demais, inexperiente demais e sonhadora também.

— O que ela fez? — Retirei meu casaco e cachecol pendurando ambos no gancho da entrada antes de aceitar a xícara que Carmen me oferecia.

— Trocou mensagens com Vito. Na verdade, enviou diversas mensagens de cunho pessoal para ele que não a respondeu. — Eu me lembrava dele mexendo no celular durante o dia anterior, mas nada que afetasse seu humor que seguia melhorando progressivamente desde o acontecido na fonte.

— Ele não reclamou sobre isso comigo durante o período da manhã. — Na verdade, ele apenas reclamou do meu comportamento. Minha assistente ergueu as sobrancelhas e jogou os olhos para o alto como se eu não estivesse entendendo a dimensão do problema.

— Eu sei, mas... — Carmen era a melhor funcionária que alguém poderia ter. E, acima de tudo, era a criatura mais leal que eu conhecia. Eu sabia que ela estava nervosa e qualquer um ficaria em seu lugar depois de ter resolvido tantas coisas graças à desmioladinha. Nas últimas semanas, Darla tinha sido mais responsável dela do que minha. Estava na hora de contornar a situação.

Pousei uma mão em seu ombro para acalmá-la e sorri.

— Se tranquilize, Carmen. Eu falo com ela.





5.1. CEO vendido

Motivo Um para amar Beatrice:

ela consegue me convencer de qualquer coisa.

Existe um puta problema em ser apaixonado pela própria funcionária e melhor amiga.

Primeiro que não é recomendado misturar vida pessoal com profissional, daí eu tenho a junção das duas coisas como assistente pessoal.

Segundo que não é recomendado se apaixonar pela junção das duas coisas. E eu fiz isso. Mil perdões.

Mas hoje, só hoje, eu não vou falar sobre Beatrice Andreanni, sua bunda maravilhosa, sua habilidade de me deixar rendido ou como ela fica deslumbrante usando aquele terninho vermelho para trabalhar. Não.

Vamos focar no fato do meu pai ter entrado no meu escritório e ter se deparado com a mesma assistente que me mandou mensagens no dia anterior de cunho extremamente pessoal. Tudo bem ela passar por lá. O problema morava nela estar de calcinha e sutiã e quase ter enfartado o velho.

No meio de uma reunião, com olhos de diversos empresários sobre mim, meu telefone começou a tocar e eu recebi um sermão por ter aprovado e dado liberdade à esse tipo de comportamento. Com mais uma adendo:

Segundo meu *babbo*, era por esse tipo de atitude que Beatrice acreditava que não devia ter nada comigo, nem com homem nenhum.

Parecia uma bola de neve, primeiro eu levo esporro, depois tenho que lidar com mulher louca atrás de mim e ainda levo a culpa da minha melhor amiga não querer casar com ninguém. Um cronograma de um dia de merda.

— Pai, eu vou ligar para Beatrice. — Pela primeira vez, em toda a minha vida, eu desliguei o telefone na cara do velho.

Encarei a tela antes de olhar em volta, só para ter certeza de que estava sendo observado e indagado por todos aqueles homens.

Olhei para o nome da minha primeira assistente brilhando na lista telefônica do aparelho e engoli todos os meus temores de ser grosso demais com a única pessoa que tinha uma opinião tão importante para mim.

Tocou duas vezes e ela atendeu, como se já estivesse prevendo o céu caindo em nossas cabeças.

— Você está demitida.

Ok, foi a pior frase a ser usada. Bea nunca levava minhas demissões a sério e devia estar achando que o jogo já estava vencido já que a punição era só aquilo.

Nenhuma palavra no ambiente onde eu me encontrava, mas todos me olhavam inquisidoramente. Que porra de CEO tem medo da própria funcionária?

Nem medo, mas tanta consideração era uma fraqueza estúpida. E Beatrice podia ser tudo o que eu já falei que é, e que me recuso a repetir no dia de hoje, mas ainda assim estava errada por não supervisionar sua equipe direito.

Então por qual motivo eu me sentia o homem mais vil da face da Terra por ter que interpretar o papel de patrão irritado?

— Vito, eu posso explicar. Já tinha falado com ela sobre as mensagens, tentei contornar a situação o máximo possível, mas não vi quando... — Fechei os olhos com força sabendo que uma hora eu iria ceder como o idiota que sempre fui.

O problema de fazer esse papel de trouxa era que eu estava no local mais inadequado do mundo para demonstrar aquele tipo de fraqueza. Parecia que o conteúdo da minha ligação com Bea era o assunto mais interessante naquela reunião.

— Eu não quero justificativas, sua função é cuidar da própria equipe e evitar incompetentes tendo acesso direto à minha sala. — Já estava cansado da cobrança intrínseca naquela sala. Me levantei e caminhei para o corredor. — Essa é a porra de uma empresa séria, Beatrice, com moral e uma reputação a ser zelada. Não estou à disposição para ficar ouvindo sermão do meu pai depois dos trinta anos!

Ouvi seu suspiro cansado do outro lado.

— Eu entendo isso.

— Então entenda ainda melhor, Beatrice. — Mais funcionários me encarando, era tudo o que eu precisava. — Você está realmente demitida.

Agora pesava sobre a minha cabeça o resultado do que eu estava decidindo. Se por um lado, demitir minha assistente significava aparentar um controle que eu não tinha, por outro a demissão de Bea poderia acarretar no seu afastamento integralmente.

A minha pergunta pessoal era: estou pronto para lidar com a vida sem

contar com a presença daquela que sempre povoou minha cabeça desde a adolescência?

Eu sei que prometi não falar sobre Beatrice hoje, mas espero que entenda, esse é um costume inevitável para mim. Dois anos atrás, quando ouvi os aparelhos que mantinham minha mãe viva não serem mais capazes de fazer sua função e aquele apito fúnebre que determinava minha despedida dela, jurei deixar de lado os planos que pareciam impossíveis e focar onde eu podia ver que meus pés cabiam.

— Faça o seguinte, esqueça esse caralho todo, por telefone nós não vamos conseguir resolver nada. — Bea ainda tentou retrucar e todos os palavrões que eu conheço foram jogados contra ela.

— Você já falou tudo, senhor? — A vontade de pegá-la pelo pescoço cada vez que me chamava daquele jeito só perdia para a vontade de resolver as pendências com sexo. Mas eu sabia que a segunda opção estava fora de cogitação, então escolhi respirar fundo e responder.

— Eu já desabafei o principal. Quando retornar, o que será... — Maldita hora em que preciso depender dela para aquela informação.

— Às três da tarde, senhor. — Grunhi mais um xingamento.

— Isso. Eu quero falar com você em minha sala, Beatrice. — Tarde demais, percebi que ela me chamava do jeito irritante outra vez. — E pare de me chamar de senhor, está me fazendo ficar com mais raiva.

— Não é minha intenção.

— Ótimo, encaixe a reunião entre nós dois para...

— Às três e quinze está bem? — Semicerrei os olhos.

— Ótimo, às três e quinze. E desapareça com ela daí, por favor. — Pronto. Eu já estava oferecendo a bandeira branca. Que péssimo chefe.

— Pode deixar comigo. Peço, desde já, desculpas pelo acontecimento e prometo que não vai se repetir.

— É o que espero, Beatrice. Isso foi extremamente sério. Até logo. — Desliguei antes de ouvir sua despedida.

Na tela do celular, uma foto minha com *nonna* e ela era o plano de fundo. Difícil nessas condições tentar tirar alguém pelos pés da sua vida. Bea estava em tudo, desde que eu me lembro. Não dava para desistir desse projeto.

Olhei pelas janelas no fim do corredor que mostravam o céu cinzento de início de inverno e fiz uma prece silenciosa. Se alguém pudesse ouvir, que

mandasse respostas para tudo o que aflige minha mente há tanto tempo.

Minha fé já não é a mesma coisa, espero que Deus ignore essa parte.





5. Vende-se uma Assistente

*Motivo Cinco para não
casar:
me falta paciência com o
amor.*

Têm mais de dez filmes e, com certeza, mais de cinquenta livros de banca contando sobre isso. Não sobre minha vida, claro. Ou talvez sobre ela também. Quem sabe? Enfim. Eu não li todos, mas com a maior certeza, as protagonistas se assemelham a garotas tipo Darla.

Vinte e dois anos, um curso de secretariado e sendo a assistente da assistente de um milionário poderoso com mais *sex appeal* que todos os homens da Itália juntos. Era difícil, para esse tipo de moça, não se apaixonar por aquele idiota.

Em sua cabecinha bonita, ela levaria café para ele que se perderia em seus grandes olhos azuis de protagonista de anime e em duas semanas estariam casados enquanto ela descobriria uma gravidez de trigêmeos viajando pela ilha dele na Grécia. Ah, sim, e tem um helicóptero envolvido. Sempre tem um helicóptero. Sem esquecer a mansão de três andares com vista para o mar, é claro. E a separação dramática que mostra o final chegando.

Obviamente, enquanto ela ainda está afundada nesses romances, — maravilhosos, não há como negar —, não existe espaço em seu tempo para oferecer concentração ao próprio trabalho. E é por isso que eu estou tendo que fazer cara de paisagem enquanto ouço poucas e boas pelo fone de ouvido no meio da recepção do andar mais importante da Vision. O andar do CEO.

A boca do meu chefe, como a de qualquer italiano, não é limpa. Ela é suja, extremamente suja. Quase tão suja quanto a minha em época de TPM ou dia de relatório emergencial. E mesmo que esteja espumando de vontade de gritar de volta para ele todas as variáveis de palavras que eu conheço, eu me seguro e me concentro em dominar o meu eu porque sei da seriedade daquele momento.

Sei quantas noites vou ter que passar em claro por ter deixado a

contratação de um dos membros da minha equipe nas costas das garotas do RH que são tão românticas quanto a desmioladinha que está tremendo sentada em sua cadeira e chorando pelo estrago que fez.

Pobrezinha. Eu juro que apesar da raiva, ainda tenho espaço para sentir pena dela. Ser iludida é um defeito compreensível.

— Você já falou tudo, senhor? — Do outro lado da linha, Vito hesitou antes de continuar.

— Eu já desabafei o principal. Quando retornar, o que será... — Sorri por ter a informação na ponta da língua.

— Às três da tarde, senhor. — Tamborilei os dedos no tampo da mesa sabendo que a conversa estava chegando ao fim.

— Isso. Eu quero falar com você em minha sala, Beatrice. — Fez silêncio do outro lado e, de repente, ele grunhiu — E pare de me chamar de senhor, está me fazendo ficar com mais raiva.

— Não é minha intenção. — Abri a agenda eletrônica que estava no meu iPad que tinha conexão direta ao dele, comecei a mexer nos horários enquanto Carmen, a assistente que eu escolhi e que estava aguentando tudo comigo, me trouxe um café. Consegui sorrir em agradecimento antes de voltar minha atenção para o que estava sendo gritado em meu ouvido.

O pior de tudo é que a mesma voz ficaria toda macia quando me eu atendesse uma ligação no meio da madrugada em que meu chefinho estaria pedindo um relatório de emergência porque ele não está conseguindo digitar rápido o suficiente.

Canalha.

— Ótimo, encaixe a reunião entre nós dois para...

— Às três e quinze está bem?

— Ótimo, às três e quinze. E desapareça com ela daí, por favor. — O uso da educação me fazia entender que eu já estava ganhando espaço mais uma vez em sua confiança.

— Pode deixar comigo. Peço, desde já, desculpas pelo acontecimento e prometo que não vai se repetir.

— É o que espero, Beatrice. Isso foi extremamente sério. Até logo.

— Até logo, Vito.

Suspirei quando retirei os fones e balancei a minha cabeça para jogar os cabelos para trás dos ombros. Na minha folga eu iria para um SPA dos pés e encostaria meus ombros cansados em uma daquelas poltronas reclináveis que fazem massagem nas nossas costas. Só de imaginar tudo aquilo, eu me esticava até que estalei a coluna e percebi que estava de olhos fechados.

Tudo bem, problemas reais e imediatistas para serem resolvidos.

Me levantei da minha mesa e pude ouvir meus saltos batendo no chão como se fossem um alerta de filme de terror. Clic. Clic. Clic. Ok, Darla, sua vida acaba aqui. Vire-se para tomar o susto enquanto eu esfaqueio você, gatinha.

Ela se virou para mim exibindo o nariz arrebitado vermelho. Os cabelos loiros e curtos se movimentaram deixando que a luz evidenciasse o caminho de lágrimas por suas bochechas. O que eu disse sobre protagonista de anime?

— Eu estou demitida? — Sem facadas, ela derreteu meu coração. Me sentei na cadeira diante da mesa. Pensei por alguns instantes em como agradar gregos e troianos. Vito não poderia ver aquela criatura por ali e eu deveria demiti-la. Mas demitir Darla não ensinaria nada e eu sempre me senti no dever de semear as mesmas sementes que dona Fiorella havia plantado em mim.

Toda mulher merecia descobrir seus potencial.

— Não, não está. — Respirei fundo duas vezes a ouvindo fungar e controlar o choro — Apesar de eu ter todos os meios legais ao meu lado para expulsá-la daqui, eu não vou fazer isso. Mas vou ter que te afastar para o outro lado do prédio e encaixar seus horários em alguns nada compatíveis com os de Vito. Sem empresários brutos com coração de manteiga volume quarenta e três para você. Deixe o romance nos livros. Quero que me ouça com atenção.

Ela assentiu e limpou as lágrimas enquanto ajeitava os ombros respirando profundamente para se acalmar.

— Nem tudo nesse mundo envolve um homem, querida. Você precisa pensar na sua vida profissional separadamente da emocional. Eu sei que Vito é muito bonito, tenho plena convicção disso porque o conheço desde que me entendo por gente. — Infelizmente. — Mas antes de investir em qualquer cara, você precisa conhecê-lo, saber se realmente é aquela pessoa que vai passar o resto da vida ao seu lado.

Darla tombou a cabeça para o lado como se prestasse atenção no que eu estava falando. Era mesmo doidinha, coitada.

— Minha avó sempre disse que beleza não põe mesa e eu sei que a sua

deve ter dito a mesma coisa. Você precisa procurar investir em si. — Ao se lembrar da própria vergonha, ela apertou o blazer cor-de-rosa contra o próprio corpo e se encolheu. — Se colocar na situação que você se colocou foi ridículo e auto-destrutivo. Foi o senhor Carlo que a encontrou seminua dentro da sala do filho, mas e se fosse uma das namoradas de Vito? E se fosse um acionista importante?

Dei a volta na mesa e me aproximei dela pegando um lenço da caixa dourada que usava de decoração em cima da mesa que utilizava. Enxuguei as lágrimas que caíam novamente.

Já tinha arranjado uma solução e era absolutamente grata ao fato da minha mente ser tão ágil.

— A partir de hoje você trabalha com o pessoal dos arquivos, depois arrumarei um jeito para que seja transferida para o lado do marketing. — Diminuí o tom de voz como em confidência — Se você se sentir atraída por algum daqueles idiotas, a gente investiga juntas o boboca e bolamos um jeito de sair com ele. — Ela riu e eu também — Mas não se esqueça de investir em si mesma, tudo bem? Agora vá até seu novo departamento e procure por uma moça chamada Cleo. Ela vai te ajudar e apresentar sua nova função.

Ela se levantou para sair e eu ia retornar para minha mesa quando me lembrei de algo importante.

— Ah, Darla... Não comente nada com ninguém. Nós vamos abafar tudo aqui em cima. — Darla sorriu agradecida, me fazendo ignorar seu rímel borrado. Vaidosa do jeito que era, não iria querer aparecer daquele jeito diante de ninguém. — Vá até o banheiro...

— Pode deixar, chefinha. — E lá se foi.

Maluquinha, coitada. Como passa pela cabeça dessa criatura que Vito ia cair no charme dela quando ele é o que é e não há como negar?

Teimoso, orgulhoso, egocêntrico e tudo mais. Vito não é boa companhia para alguém tão jovem e cheia de vida. Tem hora que eu acho que ele não é boa companhia até para mim. Minhas inclinações alcoólicas foram alimentadas por ele, pode ter certeza.

E agora, enquanto recolho os itens de Darla e coloco dentro de uma caixa de papelão, fico confabulando comigo mesma sobre como me livrar do mau humor dele.

Hoje foi um daqueles dias em que quase acontece de verdade aquilo que

você fica se gabando de nunca acontecer com você. "Ser demitida? Puff... Sou amiga do chefe. Ele nunca faria isso comigo" e quase que ele fez. Seria um *arrivederci* rápido para um cargo bom em uma firma boa e que me dava uma liberdade que qualquer outra empresa não daria.

Parecia que esse mês era meu mês de azar. E nem era meu inferno astral, se é que isso justifica alguma coisa.

Meu notebook pifou, perdi um dos meus três celulares, e justo o que tinha mais informações da Vision, quebrei um abajur ao chegar morta de sono do trabalho, tive que lidar com a mídia em cima de Vito devido sua declaração de solteirice inveterada e ainda peguei o buquê em um casamento por completo acidente.

Além de ter que ouvir aquelas especulações bobas da minha família, aguentei *nonna* fazendo a mesma coisa para cima de Vito. Isso seria aceitável se ela fosse minha Nonna oficialmente e não a adotiva. Acontece que seu neto de verdade é o próprio Vito e aquele tipo de situação constrangia a nós dois.

Terminei de guardar os objetos de Darla e chamei um dos seguranças para levar a caixa para a área de arquivos. Assim que ele saiu, Carmem surgiu com *tiramisus* para nós duas e mais café. Ela sabia que meu dia seria longo agora com menos uma no meu time de ajudantes.

— Ainda bem que eu tenho você, garota. — Ela sorriu satisfeita.

— Ainda bem que nós temos uma à outra. Eu não conseguiria fazer nada sem você.

— E sem você, situações como essas seriam bem piores.

Carmem tinha um incrível currículo de sete páginas, além de sempre procurar manter-se atualizada para exercer sua profissão. Era a eficiência e a simpatia em pessoa, apesar de ser tão pavio curto quanto eu. Assim que o senhor Carlo exclamou assustado de dentro do escritório, ela olhou para a mesa de Darla e ao não ver a garota ali, se levantou e foi para cozinha.

Era uma opinião nossa, mas em uma empresa de italianos, nosso lema era: se não puder ajudar, faça café. Não importava qual o nosso humor, aquela bebida quente e escura parecia calhar com tudo. Até com a raiva. Se levantar irado e ter uma xícara borbulhante para jogar no motivo de seu ódio era como um abraço depois de uma noite de amor. Eu estava sentindo falta das duas coisas.

— Teremos que fazer uma nova seleção. — Ela comentou enquanto eu

sorvia um gole reconfortante, saciando parte das minhas necessidades.

— Sim. Vamos agendar isso para essa semana ainda. — Ouvi o barulho do elevador e olhei para o relógio na parede junto com os quadros de informações cobertos por post-its coloridos. Dez para as três. — Ainda tem café e *tiramisu*?

— Enquanto você guardava as coisas da mocinha, eu coloquei porções generosas de cada um lá no escritório dele. Ainda usei aquela xícara do Poderoso Chefão para tentar dar uma acariciada em seu ego. Pode deixar que nós vamos domar essa onça.

— Ou vamos arrumar um leão para dar um fim nele... — Rimos baixinho enquanto eu me levantava para receber um furioso Vito. E eu jurava que ele tinha se acalmado.

Seus cabelos estavam bagunçados e seus óculos de grau foram atirados em cima de uma das três mesas da sala, segundos depois ele os pegou de volta. Seu olhar era o mesmo de quando recebia uma reprimenda do pai. Afinal de contas, foi exatamente aquilo que aconteceu. O problema agora era que, nas outras ocasiões, eu não tinha sido um dos gatilhos que levou a aquilo.

Maldita hora que eu fui delegar função. Se eu tivesse entrevistado a moça...

— Você está aí! — Me ajeitei em minha melhor pose de "a culpa não é inteiramente minha e boa parte de mim está certa como sempre".

— Certamente que estou.

— Sabia que ela estava no meu escritório? — Se eu soubesse, ele acha mesmo que o senhor Carlo entraria lá? A vontade era rolar os olhos, mas a situação pedia controle.

— Obviamente que não.

— O que estava fazendo então?

— Algo mais importante do que ficar de olho em cada passo de uma mocinha avoadada com ideias melosas a respeito de relacionamentos. — Olhei em volta. — Eu não sabia desse tipo de comportamento dela.

— Você sempre se faz de desentendida! — vociferou.

— Quem? Eu? — Ele bufou e saiu da sala enquanto eu ria. Percebi naquele exato minuto que eu estava ficando levemente histérica. A mão de Carmen pousou em meu ombro em um gesto de apoio e eu a agradei antes de

erguer o queixo e marchar até a sala de Vito.

Ele já bebia o café e colocava em ordem algumas pilhas de papéis quando eu entrei.

Não se deu ao trabalho de me olhar, só apontou com a cabeça para a poltrona diante de sua escrivaninha e eu me sentei quietinha fingindo subordinação.

Atrás dele, as grandes janelas ofereciam uma visão gloriosa de Roma em plena tarde. O jardim das cascatas junto com o lago me fez lembrar os dias de verão que eu tanto sentia falta. Seria uma honra deixar os problemas aqui dentro, descer do salto, me livrar do meu terninho e me sentar naquela grama verdinha e fofa.

Minha sorte era morar ali perto e poder aproveitar quando tivesse tempo. Coisa rara, é claro.

— Ela danificou alguma coisa aqui dentro? — Pisquei voltando a realidade. Vito me olhava com determinação naqueles olhos muito azuis. Parecia procurar vestígio de culpa ou brechas na minha auto confiança. Ele falharia miseravelmente, porque eu tinha tudo sob controle.

Só precisava repetir isso para mim mesma até começar a acreditar.

— Não, só danificou o respeito que seu pai tinha pela minha equipe. — Relembrei de como o senhor Carlo ficou indignado com aquela situação e de quantas vezes eu pedi desculpas pelo ocorrido até que ele ligou para Vito e entrou no elevador. — Eu sinto muito.

— Onde você estava?

— Organizando a reunião de amanhã com o departamento financeiro. Fiquei distraída enquanto encomendava os relatórios e não vi a moça se esgueirar para dentro de sua sala. — Me aproximei chegando bem para a ponta da poltrona e apoiei meus antebraços na mesa — A culpa do ocorrido não é inteiramente minha, mas gostaria de me desculpar por ter deixado a contratação de um membro do seu staff nas mãos de outros que não fosse eu. Eu conversei com ela sobre as mensagens que foram enviadas para o seu celular ontem, porém não foi suficiente para mudar seus planos. Sei como é categórico quando o assunto é tratar da sua vida pessoal...

— Por que está falando tão formalmente? — E lá estava o Vito rendido que eu tanto conhecia. Podia ser um canalha sem escrúpulos de vez em quando e em outras vezes até poderia me fazer quase aceitar a vontade de estrangulá-lo,

mas no fundo era meu melhor amigo. E como melhores amigos, nós sabíamos ignorar uma briga.

— Você me ameaçou de ser demitida, homem! Faz ideia do que passou pela minha cabeça? — Ele riu.

— Eu estava diante de outras pessoas, tinha que manter a pose. — Revirei os olhos. — Certo, que fim teve a garota?

— Eu não a demiti, mas a transferi de departamento. Ficaré com os arquivos até ser colocada no meio do pessoal do marketing.

— É bem a sua cara jogar uma bomba daquelas para o colo de quem você não gosta. Quais os seus planos? Fazer um dos diretores de marketing ficar apaixonado pela moça até ele pedir demissão e você se ver livre de um deles para sempre? Ou, acho que essa seria mais provável, fazer a garota servir de agente duplo e ela desviaria as fraquezas do pessoal de lá para que você soubesse o que usar contra eles quando te irritassem?

— Não — Cruzei as pernas e relaxei em meu lugar — Está mais para fazer a mocinha usar laxante no café de todo mundo e me ver livre deles por uma semana no mínimo.

Vito riu.

— Certo. Faz mais o seu tipo.

Ele ligou o computador e começou a comer o tiramisu com displicência enquanto eu o observava. A barba crescida e os cabelos longos demais para o padrão normal de executivos contrastavam com os óculos de grau que ele usava em dias frios como hoje. A pose agressiva de minutos atrás tinha sido reduzida para um homem confortável em seu ambiente de trabalho. Eu pude respirar em paz.

— Antes que eu me esqueça... — Ele se virou para mim mais uma vez com a mesma expressão que usava quando era adolescente e se lembrava de algo muito importante. Vito realmente era uma criança grande. — Meu pai quer marcar aquela reunião com nós dois para a próxima semana. Aquela que tem alguma coisa a ver com a aposentadoria dele e nossas funções na Vision. Foi só isso que me adiantou. Ligue para ele para confirmar, por favor.

— Pode deixar comigo. — Me levantei para sair da sala — Mais alguma coisa?

— Sim. — Parei na metade do caminho com a porta aberta.

— O que?

— Da próxima vez, contrate alguém como Carmem. Ela sabe fazer um *tiramisu* como ninguém. Estou apostando em *panna cotta* no currículo da próxima!

— *Non t'allargare!* Sabia que mulheres são mais do que receitas?

— Claro que sim! Você é um exemplo disso. Só não anula o fato de que minhas assistentes são ótimas ao me subornar com comida.

— Mas é como dizem... Um homem é conquistado pelo estômago!

— Só você que não precisa disso. Já mora no meu coração.





6. Vende-se uma Novela

**Motivo Seis para não
casar:**
*não consigo reagir à
palavra casamento.*

— *Fragolina*, você tem um daqueles chás para ajudar a dormir?

Era exatamente meia-noite e quarenta e cinco, eu estava no meu melhor pijama de gatinhos devorando um pote de sorvete de frutas vermelhas enquanto assistia o episódio que gravei da minha novela favorita. O apartamento estava silencioso, então não foi surpresa nenhuma eu levar um baita susto com aquela criatura invadindo minha casa.

Ele sorria com a cabeça colocada para dentro da brecha da porta que abriu com a chave reserva escondida no lugar muito secreto que eu analisei milhares de vezes antes de escolher. Debaixo do tapete de boas vindas.

Eu tinha mais uma colherada de sorvete pronta para enfiar na boca e ela caiu.

— Existe uma invenção tecnológica chamada campainha! — informei limpando a lambança que eu tinha feito. — Faça o favor de usá-la da próxima vez. — Ele entrou e fechou a porta atrás de si.

— Eu não estou conseguindo dormir. O que é que você tem aí? — Terminei de lamber a blusa e olhei para aquele intruso se aproximando pé ante pé, interessado demais na minha programação de loba solitária.

— Sorvete de frutas vermelhas e um novo episódio de *Il Privilegio della Passione*. — Seus olhos focaram na TV que emitia um brilho azulado na sala escura graças às luzes apagadas. — Quer ficar um pouco aqui?

Sorri quando ele acenou positivamente, parecia a versão do Vito adolescente que chegava tarde das festas e me encontrava assistindo qualquer porcaria.

— Pegue uma colher e um pote para você na geladeira. — Voltei a atenção para a novela.

O mocinho finalmente tinha se declarado para a mocinha, como eu esperava que acontecesse. Suspirei pegando mais uma colherada da sobremesa. Podia dormir em paz sabendo que tudo se desenrolava como as milhares de outras novelas e que, certamente, aquele casal terminaria junto.

Agora era a cena do beijo. Ouvi um barulho de talheres e desviei os olhos rapidamente para virar o pescoço e chamar Vito.

— Se você não se apressar, vai perder a Carlota e o Gianluca se beijando!
— A porta da geladeira bateu e seus passos apressados soaram vindos da cozinha. Sem nenhuma preocupação, ele se jogou ao meu lado no sofá enquanto enfiava os pés descalços para debaixo da manta felpuda que eu usava para me cobrir. — Abusado.

— Shhhhh, estou assistindo. — Bufeí voltando a prestar atenção.

O observei pelo rabo de olho, ele abriu o pote do sorvete e colocou uma colherada na boca enquanto não tirava os olhos da TV. Era engraçado o fato de ser uma sexta-feira e ele ter largado tudo para descansar. Agora estava ali no meu cantinho desfrutando das mesmas coisas que eu gostava de fazer.

Me acomodei melhor no sofá e voltei a assistir a novela.

— Eu não torcia para esse cara... — reclamou assim que os dois se beijaram.

— Mas era óbvio que ela iria ficar com ele! Os dois são par romântico definido desde o início da novela. Você não está acompanhando direito. — Vito me encarou como se eu acabasse de dizer um absurdo.

— É claro que estou acompanhando direito! — Resmunguei qualquer negativa e voltei a mergulhar minha colher no sorvete. — Eles criaram uma química entre ela e o Raoul. Ouça o que eu digo, os dois vão terminar e ela vai ficar com o melhor amigo.

— Arg! É só olhar para nós dois para você perceber que ela não deveria ficar com o melhor amigo. Parece que gosta de ser otário! — Assim que acabei de falar, Raoul entra em cena e pega a amiga e o rival no meio do beijo apaixonado.

Ah, não...

Eles colocaram uma música triste de fundo. Agora focam em Carlota se separando com agressividade de Gianluca enquanto Raoul vai embora.

Dio mio...

Ele parou na portaria, virou para encará-la e está... Chorando!

— Há! — A exclamação de vitória vem de Vito e não causa prazer algum em mim. Carlota se aproxima devagar de Raoul que continua chorando, ela limpa as lágrimas dele com carinho, segura seu rosto entre as mãos e... ELES SE BEIJAM!

— *No!*

— *Sì!* — Carlota finaliza o beijo com um sorriso e faz uma declaração de amor. Eu devia ter desconfiado. A trilha sonora estava muito baixa na cena com Gianluca, naquele momento ela parecia explodir os alto falantes da televisão.

Ao meu lado, Vito continua dando risadinha enquanto come. Infeliz, deve ter cometido a traição de ter assistido o último episódio sem mim.

— Você assistiu esse capítulo antes?

— Claro que não, cheguei junto com você. — Realmente, era um bom argumento, mas eu o deixei no próprio apartamento com tudo organizado para o restante de sua noite e vim para curtir o restante do meu dia.

— Deu tempo de você assistir enquanto estava sozinho.

— Enquanto eu estava sozinho, *bambina*, eu tinha coisas mais importantes para fazer. — Ele deu de ombros. — E há mais uma coisa, elas... — Apontou para a TV — sempre escolhem os melhores amigos em ocasiões como essa. O Gianluca até pode ser bonito, mas todo mundo sabe que ele não é romântico o suficiente para cair no gosto das telespectadoras.

Pronto, agora além de economista, CEO e herdeiro, ele também era crítico e grande conhecedor de novelas! Era só o que me faltava!

— Já o Raoul ficou sem camisa em diversos episódios, colocava flor do campo na mesa de cabeceira da Carlota no período que ela ficou na casa dele, a levava para cama quando ela dormia no sofá, abria a porta do carro, entre diversas outras coisas. — Virei meu rosto desistindo de ver a programação. O pior é que tudo o que ele estava falando fazia sentido.

— Ainda tem meia-hora de novela. — murmurei só para não perder o debate.

— *Dio*, como é teimosa! Você sabe que eu estou certo. — Ergui as sobrancelhas em desdém e peguei meu celular. Existia um único dono da verdade quando se tratava de qualquer coisa televisiva e eu fui direto me consultar com ele.

Uma enquete no Twitter fazia as mulheres escolherem entre Gianluca e Raoul. Eu quase decidi por Gianluca, mas uma grande parte de mim sabia que, em um universo muito alternativo, paralelo, com ovnis, eu quisesse me casar algum dia, procuraria alguém como Raoul.

Olhei para Vito só para ter certeza que não estava me bisbilhotando e votei em Raoul. Então veio a surpresa. Noventa e sete por cento dos votos em favor de Raoul. O idiota realmente estava certo.

Ele devia ter visto a minha cara porque seus risos baixos evoluíram para uma gargalhada mortalmente alta que fez cada nervo do meu corpo saltar em irritação. A vontade de ceder à tentação de socar um rostinho estava gritando no meu ouvido. Em um gesto totalmente infantil, eu enfiei uma colherada de sorvete em sua boca aberta de tanto rir e desliguei a televisão.

— Não quero mais assistir essa droga. — Estava de braços e pernas cruzados em toda a expressão de revolta que possuía.

— Ah, você está irritadinha? — Ele colocou o sorvete e a colher na mesa de centro e deitou a cabeça em meu colo me encarando com ar risonho. Seu dedo encostou no meu nariz em uma brincadeira que fazíamos quando eu ainda era muito pequena. Me controlei o máximo que pude para não rir. Não podia entregar aquilo de bandeja. — Está se fazendo de difícil, Beatrice. Nós dois sabemos o quanto você está gargalhando por dentro com essa situação. — Uma de suas sobranceiras estava erguida e ele não parava de me olhar sabendo que se continuasse, eu cederia e daria uma sonora gargalhada. — Vamos. Sua bochecha já está tremendo.

Vito se ergueu em um rompante e começou um ataque de cócegas.

— *Dio mio*, para! Eu estou rindo, mas estou sofrendo. — Entre debatidas frenéticas que duraram o que eu considere a vida toda, nós dois caímos do sofá como estava previsto na legislação dos adultos praticantes de brincadeira de crianças. Mesmo assim, não conseguia parar de rir.

— Muito bem, pelo menos você está sorrindo. — Me levantei ofegante e o ajudei a se erguer também. — Há mais uma coisa... — Ele se jogou no sofá mais uma vez, mas agora parecia uma versão de *Homer Simpson* cansado demais — Eu seria o marido perfeito para você porque sou seu melhor amigo. Qualquer melhor amigo homem seria o marido perfeito. Não que isso signifique que toda amizade deve terminar em casamento. Longe de mim determinar tal coisa. — Vito dizia tudo isso gesticulando com as mãos, do mesmo jeito que o pai fazia quando estava pronto para fazer uma piada.

Bocejei percebendo o quanto estava cansada e que ainda teríamos um almoço com o senhor Carlo no dia seguinte. Só de pensar que ele levou aquela reunião para o nosso ambiente familiar me dava arrepios. Ou era algo muito sério, ou era algo muito bom. Uma semana após o acontecido com Darla, ele já não tinha nenhum ressentimento pela minha equipe de funcionárias.

Voltei a ouvir o que Vito falava já esperando que merda descomunal sairia daquele excesso de floreios.

— Primeiro de tudo: eu assisto essas novelas ruins junto com você. Segundo: eu sei todas as suas comidas favoritas. Terceiro: eu sei como lidar com cada uma das suas mudanças de humor e tenho curso intensivo disso desde que você era um bebê. Quarto: nós dois somos muito francos um com o outro. E quinto, mas não menos importante: somos bonitos demais e isso faria de nós dois um casal maravilhoso. — Ri de como ele fez uma pose como se tivesse acabado de passar o relatório de todos os benefícios de uma proposta multimilionária da Vision.

— Graças a Deus estamos lidando apenas com hipóteses. Nós dois não passamos um dia tranquilos sem ter vontade de quebrar algo na cabeça do outro.

— Isso é normal. Não chamo de amor se eu nunca tive vontade de afogar a pessoa e jogar o corpo em um rio cheio de crocodilos. — O encarei confusa já que ele parecia sério demais para ter dito aquilo de brincadeira.

— Isso é meio doentio. — Vito deu um dos seus sorrisos sacanas e me abraçou voltando ao ataque de cócegas.

— Você sabe que eu não me daria ao trabalho de levar seu corpo para um rio cheio de crocodilos. — Ele me segurava em um meio abraço enquanto eu estava praticamente deitada em seu colo. — Eu deixaria você no mesmo lugar em que te afoguei. — Voltei uma fúria falsa contra ele e peguei uma das almofadas do sofá a acertando bem no meio do seu rosto.

— Quem vai afogar quem agora, hein?

Vito se armou com uma almofada também e deu alguns pulinhos no lugar como um lutador profissional se organizando para o combate. Aproveitei que ele estava distraído se exibindo e ataquei.

Ele se desequilibrou dando dois passos para trás e logo voltou ao controle, a almofada acertou minhas costas quando eu defendi meu rosto com minha própria arma. Desgraça! Outra e mais outra vez fui alvejada e eu ria descontroladamente até que me virei pronta para outra e comecei o acertar consecutivamente para não dar chance de revanche.

De um lado e do outro, não tinha uma área dele que eu não atingisse. Estava tão confiante em mim mesma que quando ele agarrou minha almofada e puxou, eu me assustei fazendo cara de idiota olhando para minhas mãos vazias. Agora ele estava armado com duas e eu com nenhuma.

— E agora, *bambola*? — Vito bateu uma almofada na outra e soltou um grito de guerra que geraria reclamações dos vizinhos ao síndico. Quem é que se importava? Dei as costas para ele e parti correndo para o meu quarto.

Não deu tempo de fechar a porta porque ele estava logo atrás. Subi na cama e peguei um dos travesseiros. Dali de cima eu tinha mais chances de acertá-lo, eu tinha certeza. Dei a primeira travesseirada em seu rosto, mas não fui rápida o suficiente para me livrar do seu ataque. Em poucos segundos eu estava tacada no colchão porque Vito colocou uma das mãos por trás do meu joelho e puxou. Golpe baixo!

Ele jogou as almofadas no chão e eu sabia o que estava vindo em seguida.

— Não, Vito! Não! — Tarde demais. Seu corpo alto cobriu o meu e fez uma pressão esmagadora. Ar era aquilo que estava indo embora dos meus pulmões?

— Diga que está rendida! — Rosnei tentando me soltar.

— *Non esiste!*

— Não saio daqui até você dizer as palavras...

— Vai ficar aí para sempre! — Fingi um ofego — Eu estou ficando sem ar!

— É mentira, vamos. Diga de uma vez. — Ri debochadamente, mesmo sabendo que, em minha posição, eu não deveria fazer aquilo.

— Não vou dizer, você terá que fazer mais do que isso para conseguir!

Péssima escolha de palavras, agora além de me esmagar com o peso do próprio corpo, Vito também me abraçava apertado demais.

— Eu não consigo respirar de verdade!

— Diga que está rendida! — Juntando todo o restinho de força que eu tinha, eu me levantei e o derrubei no chão ao lado da cama.

— Nunca! — Corri de volta para a sala. Vito se recuperou rápido do tombo, mas eu usava a mesa de jantar como obstáculo. Quando ele quase me

alcançou, eu corri para a varanda e fechei a porta. Foi uma escolha estúpida e soube disso assim que vi o sorriso dele.

Vito nem fez muita força, apenas abaixou o trinco da porta.

Minha varanda era uma espécie de sala vazia com muito ar. Eu ainda não tinha me dado o trabalho de decorá-la. Para completar, não tinha um sofá em que eu pudesse me encolher e dormir. Sem contar nos catorze graus que faziam naquele exato momento. Olhei em volta com desalento sentindo o frio bater contra meu corpo aquecido. Saudades eternas da manta felpuda que descansava em cima do sofá...

— É só dizer as palavras, Fragolina... — Me sentei no chão e me encostei no guarda-corpo. Eu poderia sobreviver. — Vamos lá. Está tão frio aí fora, as noites de Roma estão esfriando porque o inverno está chegando... Não está sentindo seus dedos congelarem? Aqui dentro está tão quente que a gente até comeu sorvete. Tem aquela manta felpuda também. Ah, eu me esqueci de avisar que coloquei uma pantufa de unicórnios no seu armário hoje de manhã porque trouxe de presente para você. O que acha? É só dizer que se rende. — Pantufa nova era um golpe muito, mas muito baixo.

Me levantei mais uma vez e contornei a varanda. Eu havia me esquecido desse detalhe, mas Vito nem parecia lembrar. Quando o ouvi correndo assim que abri a porta da cozinha, percebi que a vitória era minha mais uma vez.

No dia seguinte, nossas olheiras e bocejos entregaram o que passamos a madrugada fazendo antes de desmaiarmos na minha cama deitados de mal-jeito. Eu sentia meu pescoço doendo e isso só me lembrava que, mais uma vez, eu e Vito não assumimos a maturidade que devíamos assumir e continuamos agindo como crianças.

O enjoo de cansaço envolvia todo o meu estômago. Eu não sentia vontade de comer, falar ou existir. Sem contar naquele pressentimento de que algo ruim estava para acontecer. Uma noite mal dormida não podia causar aquilo tudo.

— Parece que tiveram uma madrugada agitada! — Nós dois escorregamos nossos olhos cansados para olhar o advogado que não era bem-vindo justo naquele dia.

Para completar, senhor Carlo parecia querer desviar do assunto principal a todo instante. Em menos de dez minutos ele conseguiu falar sobre o tempo, sobre o almoço e até sobre Delfino que jazia deitado na varanda da Villa sem se importar com o que estávamos tratando dentro de casa.

Apesar do frio, estava claro e confortável, a luz entrava pelas janelas provençais e iluminava toda a sala de jantar. Vito estava sentado ao meu lado e nós dois ainda comíamos o primeiro prato do almoço sem muita vontade.

O advogado estava desconfortável diante de mim e o senhor Carlo não parava de falar sobre qualquer coisa que aparecesse em sua cabeça.

Eu usava um vestido rodado de mangas cumpridas, Vito e seu Carlo usavam roupas casuais. A única pessoa atípica no nosso ambiente familiar era Pietro. Usava terno e gravata, comia pouco, olhava para todos os lados e suave. Parecia que estava passando sozinho por um verão castigador. Olhei para meu chefe interrogativamente e ele retribuiu com mais dúvidas do que eu.

Certo, algo estranho acontecia. Algo muito estranho que logo foi revelado no meio da conversa.

O advogado, segurando a mesa com uma das mãos, olhou para meu padrinho e disse com todas as letras a inacreditável frase:

— Quando iremos falar sobre o casamento dos dois?





7. Vende-se um Padrinho

***Motivo Sete para não
casar:***

*não me sinto à vontade
assinando documentos.*

Se você já esteve diante do seu maior medo, então tem absoluto conhecimento de como eu estava me sentindo. Parecia que toda a minha mente estava travada, eu só sabia respirar com dificuldade e encarar meu padrinho com olhos arregalados. Minha mão deslizou para meu próprio braço e me belisquei. Não era possível que aquilo estava acontecendo. Não mesmo.

De repente Carlo estava em silêncio. Todos estávamos. Exceto pela marcha nupcial que tocava em minha mente me causando mais arrepios do que uma barata voadora. Uma sirene, era isso. Um alerta do que estavam aprontando comigo. Dio mio, achei que iria morrer. Meu coração batia tão forte contra meu peito que eu juro que podia sentir dor nas costelas e no pulmão graças à isso. O advogado virou um copo de água com extrema rapidez e eu só conseguia observar isso porque meu corpo começou a reagir procurando lugares para escapar.

É nessas horas que nós quase sucumbimos à vontade de correr para o carro, girar a chave, pegar o caminho mais rápido para casa, juntar todos os pertences e ir morar em outro país.

— Eu estava esperando... o momento ideal. — Senhor Carlo esfregou a testa. Será que ninguém o avisou que não existe momento ideal para falar sobre casamento com duas pessoas que não querem se casar?

— Toma mais um pouco de água. — Vito encheu minha taça novamente. Foi quando eu percebi que já tinha virado minhas duas bebidas. Até o vinho. Assim que ele soltou a jarra, eu procurei sua mão e a segurei em busca de apoio. Ele colocou a outra por cima da minha como sempre fazia. — Como assim um casamento? O que isso significa?

Me ajeitei na cadeira incomodada com a palavra que veio à tona mais uma vez. O pior era perceber que Vito estava usando minha tática de se fazer de

desentendida até conseguir fugir para outro lugar.

— Bem... Eu decidi fazer algumas alterações em meu testamento. — meu padrinho estendeu a mão para o advogado que se atrapalhou na hora de retirar alguns papéis de uma pasta.

Enquanto colocava os óculos de grau e ajeitava as folhas, Carlo conseguiu trazer novamente o meu pânico à tona. Virei mais uma taça de água e Vito já se preparou para deixá-la cheia. Acho que pressentiu que eu repetiria aquele ato diversas vezes. Eu só pensava no quanto minha bexiga não estava preparada para aquilo.

— Começando pelo fato de que para ter direito às fazendas da família, você, Vito, precisará se casar. E, como ando observando suas últimas escolhas de relacionamentos amorosos, achei importante grifar que esse casamento só será válido se for feito com Beatrice.

— O que? — Sim, essa foi minha voz. Por mais que eu não a reconhecesse. Era como se eu não participasse daquela conversa, como se estivesse assistindo tudo em terceira pessoa. Inicialmente eu imaginei que nossos "casamentos" seriam realizados com outras pessoas. Mas não, era pior do que o imaginado. O padrinho planejava unir nós dois. No mínimo, eu ainda estava dormindo e sonhando com aquilo tudo. Mas eu já tinha me beliscado, então era de verdade. Um pesadelo real. E meu padrinho continuava representando muito bem o seu papel de carrasco.

— Isso mesmo que acabei de falar. As fazendas são propriedades particulares desvinculadas do Grupo Vision, por isso posso decidir por elas. Caso você não se case, Vito, elas irão para seus primos, Leonel e Guido. — O ar me faltava mais uma vez. Estendi a mão para pegar minha taça e não a encontrei. Dessa vez quem virou o conteúdo foi meu chefe. — Sem as fazendas, você perderia a produção de matéria-prima. Enfim. Seria uma crise que a Vision não aguentaria e que, talvez, retirasse você do seu cargo como CEO. — Dito isso, ele prosseguiu em uma leitura rápida do papel.

A coisa era realmente doentia. Carlo estava disposto a sacrificar uma empresa que pertencia à família por gerações só para casar o filho. Justo comigo. Tanta mulher querendo fazer isso por aí...

— Existem outras cláusulas modificadas. A *Villa Bernadinelli* assim como as outras casas e apartamentos particulares da nossa família, serão herança de seu primeiro filho. Estas serão administradas por você até que o bambino tenha idade suficiente para tomar posse. Portanto, você e Beatrice terão que

gerar um herdeiro ou essas propriedades também serão herança dos seus primos.

Me engasguei com nada. Por falta de opção, bebi o vinho. Era melhor ficar bêbada do que ouvir aquilo sem o apoio de uma gota de álcool. Usar Leonel e Guido também era uma golpe muito baixo. Toda a história de inimizade fomentada por esses parentes não significavam nada para um homem sem perspectiva de conseguir netos. Remelentos eram mesmo tão especiais assim?

— Quanto a você, Beatrice, assim que se casar receberá a herança que Fiorella deixou para sua nora. Isso inclui jóias de gerações da família, ações do grupo Vision até então administradas por mim, a *Villa da Signora* em Nápoles, o haras *Forza* e todos os cavalos, o iate *Imperatrice*, Eleganza, a rede de lojas e marca de lingerie, e cinquenta milhões de euros.

Respirei fundo. Minha mente flutuava em uma nuvem turva de propostas envolvendo tudo o que eu gosto com tudo o que eu mais odeio. Não sei por quanto tempo eu fiquei viajando por ela, mas despertei com Vito me abanando e uma toalhinha molhada encostada em minha testa.

Me sentei devagar para não ficar tonta novamente. Estava no sofá da sala de estar, conseguia reconhecer. Eu era tão aversa a casamento que realmente desmaiei ao ouvir falar sobre aquilo ou isso era sintoma do cansaço da noite mal dormida?

O padrinho me encarava assim como o advogado que não parava de enxugar a própria testa com um lenço. Desgraça de vida!

— Eu não posso me casar. — murmurei.

— Beatrice, pelo amor de Deus — Carlo exasperou-se — Vocês dois não podem continuar fugindo de algo inevitável para todos. — Isso foi um desafio? — Só Deus sabe o desgosto que senti ao ver meu filho, a quem criei com tanto carinho e amor dentro de uma família estruturada, dizendo que não se casaria em uma revista de renome nacional! Eu só pensava em procurar meu próprio erro porque algo eu deveria ter feito de errado para que esse *ragazzo* decidisse me apunhalar pelas costas e acabar com meu nome por aqui!

— Casamento envolve amor e outras coisa! Vito não sente isso por mim, não da forma necessária, tão pouco eu o sinto por ele. Não é certo fazer isso com a vida das pessoas! — Me levantei do sofá com indignação, sendo amparada por Vito assim que pisei de mal jeito com os saltos que usava.

Sentia minha cabeça doer, estava extremamente enjoada. Eu só queria deitar em minha cama, afundar minha cabeça no travesseiro e gritar até não conseguir mais respirar. Morrer sufocada não parecia tão ruim depois de tudo o

que estava acontecendo. Estava tudo tão certo para seguir do jeitinho que eu sempre planejei. Alegria de assalariado realmente dura um pouquinho só.

Quando tudo isso passasse e Carlo tirasse essa ideia louca da cabeça, imagine o constrangimento instaurado entre eu e Vito? Eu nem ao menos conseguia fazer piada com a situação.

— Vocês, jovens dessa geração, parece que morrem de medo de tudo! Eu preferia ter ido à Lua por um dia do que ter a visto de longe por toda a vida. A mesma coisa acontece com o amor. Arrisquem-se, *per l'amor di Dio!*

Voltei a me sentar e encarei a mesinha de centro. Quando ele falava daquele jeito, significava que estava irredutível. A melhor solução seria ficar quieta. Não alimentar a onça também significava deixá-la com fome e aí ela atacaria qualquer um. O jeito era ir embora.

Eu devia ter percebido, toda aquela insistência de uma reunião entre família, em casa, sem chances da gente usar a empresa ou um espaço público para criar um escândalo e constrangê-lo. A desculpa de não conseguir explicar as cláusulas?! Desde quando o lobo italiano dos negócios não conseguia explicar um documento?! Foi ele quem conseguiu livrar a Vision do pizzo da máfia. Esse mesmo homem não conseguiria falar sobre um testamento?

Bem que dizem que o inimigo está sempre batendo em nosso ombro. Inclusive almoça em sua mesa, te chama de afilhada e te ensinou a empinar pipas.

— Pai, você não pode forçar uma escolha nem para mim e nem para Beatrice. Isso é inaceitável! — Carlo se levantou revoltado.

— Inaceitável é você ter trinta e dois anos, ser meu filho único e decidir não prosseguir com meu sobrenome! Somos uma família, Vito. Agora só eu e você! — Vito se levantou e eu também.

— Mas isso não lhe dá o direito de me ameaçar para me casar com Beatrice. O senhor não pode fazer isso! — Segurei meu chefe pelo braço o fazendo recuar um pouco da posição de ataque.

— Não só posso, como já está feito. O testamento já foi alterado. Ou se casa e me dá um neto, ou você deixará de herdar coisas importantes demais para você.

— E quanto coisas que são importantes para mim, padrinho? Não quero um relacionamento. Já estive em um, sei como funciona e não quero mais estar no meio disso. Minha paz de espírito é importante demais para mim e o senhor

está me fazendo deixá-la de lado. — Uma empregada se aproximou com mais um copo de água para mim.

O advogado me olhou e se aproximou retirando a bebida da minha mão.

— Por precaução, seria melhor a senhora evitar tanto líquido. Um homem morreu na Inglaterra recentemente por ter ingerido muita água. — Franzì o cenho para Pietro que ainda mantinha a mão fechada em minha taça. Além de tirar minha vida de solteira, ele também queria tirar minha bebida?

Deixei que pegasse o copo e o colocasse em um aparador. Me aproximei do padrinho temerosa com o que veria em seu olhar. Dito e certo, lá estava a determinação característica que não abria espaço para argumentação. A tentativa de Vito de remediar ou mudar a opinião dele só agravou o quanto ele iria teimar até que sua vontade fosse concretizada.

— Essa é a hora de alterar a forma que você enxerga um casamento, Beatrice. É a proposta mais generosa que vai receber em toda a sua vida. — Ele deu um sorriso leve — Você não rejeitava a ideia de casamento antes de seus pais se separarem, até mesmo usava esses jardins para fantasiar uma cerimônia quando criança e o próprio Vito era seu noivo. Só estou realizando seus sonhos de infância. Com mais detalhes, é claro.

Era cruel a maneira como ele se metia em nossas vidas sem nenhuma autorização prévia. Quer dizer... Pelo menos da minha parte!

Olhei para Vito. De repente nossa conversa durante a novela explodiu em minha cabeça. Ele sabia de tudo? Por que meu padrinho acharia que justo eu era a garota "perfeita" para me casar com seu filho? Por que Vito falou sobre casamento quando só estávamos assistindo um episódio comum de algo mais comum ainda?

— Me diz que você não tem envolvimento com nada disso, Vito.

— É claro que não! Essa é uma tentativa estúpida de me fazer casar usando você como arma. — Ele voltou a olhar o pai — Isso não se faz. Ela não quer se casar, pai. E eu não quero fazer isso nessas condições. Então mude sua tática, isso não vai acontecer.

— A Vision chegou onde chegou graças à minha perspicácia com negócios, filho. Vocês dois terão que melhorar os próprios argumentos para que eu comece a cogitar mudar de ideia. Como eu sei que isso não vai acontecer, dou o assunto por encerrado. Estou indo para o meu quarto, boa tarde para vocês. Pietro, cuide do que eles decidirem.

Senhor Carlo deu as costas e começou a subir as escadas. Indiferente ao que acabava de causar.

— Então... — O advogado começou tamborilando os dedos nervosamente no tampo da mesa de jantar que usava como escritório — Para quando vão marcar a data?

— Nós não vamos marcar data para nada, *cazzo!* — Vito gritou enquanto eu peguei uma cópia do contrato. Passei os olhos pelas linhas sentindo a corda se apertar contra meu pescoço.

Ardiloso como sempre, nenhuma brecha foi deixada para trás. Não havia possibilidade de um "não" da parte do meu chefe e, tampouco, eu deixaria que ele abrisse mão do que era seu por direito. Agora cabia à nós dois a análise de uma estratégia para manter um casamento satisfatório para ambos ou uma para fazer o senhor Carlo mudar de ideia.

A segunda opção era a mais difícil de ser planejada, afinal não era com uma pessoa ingênua e inexperiente que estávamos lidando e sim com um dos homens mais ricos da Europa.

Seja lá qual fosse nossa decisão, precisaríamos de tempo. E isso só seria permitido se um de nós demonstrasse um pouco de vontade de negociar dentro do que Carlo estava planejando. Observando Vito descontrolado em toda sua revolta contra o que o pai estava aprontando, entendi que quem deveria interpretar esse papel seria eu.

Andei até Pietro e coloquei os papéis em cima de sua maleta. Ele me encarou.

— Entenda que eu e Vito fomos pegos desprevenidos pela decisão do meu padrinho. Precisamos analisar melhor as cláusulas do seu testamento. Vamos oferecer uma resposta na ceia de natal. Nós vamos conversar. — Puxei Vito pela mão. — Boa tarde para você.

Em minutos estávamos dentro do carro. Ele no banco de carona e eu como motorista, suas reclamações renderam todo o trajeto até o edifício. Seguimos para a cobertura sem falar com ninguém, nem com o porteiro ou com o motorista que esperava para manobrar. Assim que as portas do elevador se abriram no hall da cobertura, eu comecei a falar tudo o que pensava.

— Seu pai não será vencido no cansaço, Vito. Precisamos raciocinar a melhor forma de fazê-lo desistir dessa ideia maluca.

Ele se jogou na poltrona que tinha na sala de estar.

— E o que vou fazer? Inventar uma nova namorada? Me casar com outra mulher às pressas? Ele acha defeito em qualquer pessoa que eu o apresento, Beatrice. Não há o que fazer. Vou abrir mão da heran...

— Não! — Meu grito o fez arregalar os olhos. — Isso não...

Me sentei na outra poltrona ao lado dele. Seus dedos encostaram nos meus quando estendi as mãos displicentemente.

— Precisamos de algo mais consistente. — murmurei.

Eu e ele ficamos alguns minutos olhando para o nada e raciocinando sobre o que poderíamos fazer. Era como se dois cérebros não pudessem competir com a mentalidade astuta do meu padrinho. Eu me sentia a pessoa mais estúpida da face da Terra com direito a escolha duvidosa para políticos e ser constantemente enganada pelos vendedores de pulseira do Coliseu. Era como se tivessem esmagado minha mente, nada fluía ou era bom o bastante.

— Eu pensei em algo...

Fitei Vito enquanto era despertada do meu transe.

— O que? — ele que parecia não ter desgrudado os olhos de mim.

— É o ditado mais antigo que eu conheço. "Dê a César o que é de César". — Me endireitei em meu lugar.

— E o que quer dizer com isso?

— Vamos nos casar e teremos um filho, mas você seguirá com sua vida separada da minha e tentaremos a inseminação artificial. O que acha? — Era estranho perceber que aquele tipo de proposta não era do meu gosto assim como não aparentava ser do gosto dele.

— Isso vai contra o testamento. Ele diz que teremos que viver na mesma casa, tentando de todos os meios manter um relacionamento saudável.

Suspirei e me levantei.

— Então eu renuncio minha herança, é o melhor a ser feito. — Seu tom cansado quase atingiu a pontinha de desesperança do meu coração. — A não ser que... — Vito piscou e parece que voltou a pensar mais uma vez em outra proposta pouco atrativa ou inteligente.

Que péssimos negociadores nós dois representamos. Rolei os olhos.

Lembrei de uma vez, quando minha mãe descobriu um vaso quebrado que eu e ele resolvemos esconder tentando se livrar das provas. Vito tinha oito e

eu seis anos. Na verdade, ele quem tinha chutado a bola e acertado o objeto. Mas a amizade... Bom. A amizade faz a gente não sentir as palmadas ou se entediar com o castigo.

Amizade é companhia e qualquer coisa é uma grande aventura quando você olha para o lado e está com seu melhor amigo.

— Eu caso, Vito. — Ele me olhou assustado. — Não vou deixar você fazer isso com sua vida e você não será um péssimo marido também. É meu amigo no fim das contas, eu o conheço melhor do que todo mundo. Espero que não me decepcione ou mude comigo.

Vito se levantou e se aproximou. Apoiou as mãos em meus ombros enquanto observava meu rosto.

— E sobre o seu discurso lá na hora do almoço...

— A gente abre mão de algumas coisas para ajudar quem amamos, Vito.

Ele me abraçou e eu afundei meu rosto em seu peitoral. Tentava de todas as formas pensar nele e em seus sentimentos, mas tudo que acontecia dentro de mim era prenúncio da crise de ansiedade mais pesada que eu tinha enfrentado desde minha adolescência.





8. Vende-se um Quarto

**Motivo Oito para não
casar:**
*não sei reagir à
interações de casais.*

Eu nunca entendi de fato o porquê que as pessoas alimentam a fantasia do matrimônio perfeito. Sempre achei que casamento deveria ser uma consequência, apenas o resultado de um relacionamento onde dois indivíduos se sentiam confortáveis o bastante para dividir uma casa, uma cama e as contras. Não era um objetivo, um sonho ou algo a se batalhar. Era só um casamento e nada mais.

O fato de me cobrarem isso ou de insistirem por tornar o matrimônio meu foco, parecia me fazer criar cada vez mais rejeição pelos sentimentos amorosos relacionados a outra pessoa. Não que eu nunca tivesse me envolvido com alguém, mas não havia terminado bem da última vez, anos atrás, e eu não queria repetir a dose para testar se o resultado se repetia na próxima vez também.

Vito não se portava com tanto nervosismo quanto eu. Parecia confortável demais dentro dos padrões de um homem solteiro convicto que acabava de ser intimado a mudar seu objetivo de vida. Depois da minha declaração de “ok, coloco a corda da força no pescoço”, ele sorriu e agradeceu. Parecia simples demais perto do significado daquilo tudo.

Quanto a mim, sentia necessidade de conversar com alguém que não estivesse envolvido naquela situação diretamente, mas que conhecesse meus temores.

Esperei que meu chefe fosse embora depois de me acompanhar até meu apartamento e me sentei em meu sofá segurando a cabeça entre as mãos com os cotovelos apoiados em meus joelhos. Era como se uma sensação sufocante resolvesse me abraçar de repente.

Só de imaginar a igreja, o vestido, o buquê e todas essas coisas, o meu

estômago embrulhava.

Foi a primeira vez que maltratei meus sapatos depois que me apaixonei por Christian Louboutin, o único homem da face da Terra que merecia o coração de qualquer mulher. Joguei os saltos de mal jeito no tapete da sala e logo depois me arrependi do feito os pegando com cuidado e verificando se tinha algum arranhão.

Me levantei e fui andando displicentemente até meu quarto tendo a liberdade de deixar as lágrimas caírem pelo meu rosto. Era hora de visitar meu santuário. Todo meu apartamento era decorado com coisas simples, mas existia um único lugar da casa onde eu investi boa parte das minhas economias: o meu closet.

Antigamente era o quarto de hóspedes, mas eu mandei reformá-lo para receber todas as minhas roupas e sapatos. Olhei em volta e, só de imaginar os ternos do Vito ocupando um lado do meu bebê, comecei a chorar mais forte.

Me sentei no pufezinho felpudo que ficava no centro de tudo e fiquei encarando minha penteadeira. Meu reflexo no espelho era de uma mulher desolada. Talvez fosse um pouco de exagero me portar como alguém que tinha perdido um familiar ou alguém ainda mais importante, mas só o contrato do senhor Carlo significava que eu perderia minha vida de solteira e isso era uma facada no meio do meu peito.

Meu celular ao meu lado permanecia inerte, ninguém lá fora sabia o que se passava dentro de mim. Vito tinha uma mera ideia, mas talvez estava tão perdido quanto eu e só não deixava transparecer.

Eu só queria sumir, partir, morrer ou possivelmente mudar de identidade e país.

Andei até a prateleira de sapatos para colocar meu salto no lugar, acariciei mais uns três no caminho e me virei para a *maledetta*. Permanecia escondida desde nossa viagem para Florença há quatro semanas. Uma caixa cor creme com um laçarote verde esmeralda. Dentro estava o motivo do meu ataque de pânico durante o casamento de Magda.

Depois do buquê sobrevoar a multidão de desesperadas e pousar bem no meu colo, eu fiquei em estado de choque e o joguei no colo de Vito por puro reflexo. Aparentemente, amaldiçoei nós dois com aquela atitude impensada.

Tantas cabeças viraram em minha direção que eu juro que formou uma corrente de ar que a previsão do tempo apelidou de "*casório da Beatrice*". E eu, meu Deus do céu, eu só soube gargalhar histericamente torcendo para o chão se

abrir sob minha cadeira e me engolir.

Infelizmente não foi isso o que aconteceu. Depois de ser arrastada por Nonna Gaia para perto de Magda, fui obrigada a tirar diversas fotos e ouvir especulações sobre quando eu me casaria e se isso aconteceria ainda esse ano.

Quase fugi para a paróquia e pedi para o Padre me batizar novamente. Eu precisava ser nova criatura para fugir daquelas pessoas.

A resposta, claro, é que o casamento não aconteceria ainda esse ano. Mas o meu noivado? O maldito do meu noivado talvez fosse oficializado daqui a sete dias, na ceia de Natal.

O Papai Noel escorregaria pela lareira só para me entregar um anel de diamantes e correr do meu bastão de baseball pela porta da Villa Bernadinelli. Nada de Natal para mais ninguém enquanto meu pescocinho estivesse correndo risco de ser laçado.

Peguei a caixa. Jesus, aquilo queimava minhas mãos. Desfiz o laço sem muita delicadeza, retirei a tampa e segurei o conteúdo. Um frondoso e artificial, além de ser o cúmulo do mau gosto, buquê de noiva em formato de cascata, prontíssimo para ser queimado na lareira. Mais lenha, era isso que faltava! Por mais que ela fosse a gás...

Andei com passos firmes de volta para minha sala com a arma em mãos. Joguei o buquê de mal jeito para dentro de onde ficava a boca da lareira e guardei com olhar assassino cada uma das flores serem consumidas pelo fogo.

O problema é que quando isso aconteceu, o plástico produziu uma fumaça de odor horrível que se alastrou pela minha sala de estar. Eu comecei a piscar e tossir freneticamente para tentar fugir. Corri até a porta, mas era tarde demais. O alarme de incêndio começou a tocar.

— Ah não... — tentei ir em direção ao quadro de luz para tentar salvar meus aparelhos já murmurando palavrões indignada pelo estado que meu sofá se encontrava, de repente, a porta principal foi escancarada e um Vito desesperado apareceu. Lívido, olhando para todos os lados.

— Bea? Onde você está? — chamou.

— Aqui! — Ele correu em minha direção passando um braço por meus ombros e desligou as chaves de energia tão rápido pôde. Logo a escuridão tomou conta do apartamento.

— O que houve? Você está bem? — Vito passou o braço pelos meus ombros e me guiou porta a fora. O corredor se iluminou com as luzes

automáticas enquanto ele desligava o alarme.

— Fui queimar o buquê de noiva na lareira e subiu fumaça para tudo que é lado! — Puxei o que pude de ar puro e me encostei em uma das paredes.

— Mas... para que jogar fogo em um buquê? E que buquê é esse?— Ele passou uma das mãos por minha testa empurrando meus cabelos molhados para trás. Bufeí como se fosse óbvio demais para ser respondido.

— Do casamento de Magda. Foi ele quem nos colocou nisso, tenho certeza. — Fechei meus olhos. — Foi alguma praga, aquele buquê não deveria ter parado diretamente em meu colo. Alguém armou alguma coisa. — O fitei assombrada com o que se passava em minha mente. Eu definitivamente estava assistindo muitos vídeos de teorias conspiratórias. — Foi seu pai!

Vito riu e me puxou pelo braço para me levar até o elevador.

— Meu pai controla muitas coisas, fragolina, mas a gravidade ainda não é uma delas. — Ele apertou o botão da cobertura e me encaixou debaixo do braço mais uma vez.

Quando chegamos ao seu apartamento, deixamos um rastro molhado pelo hall. Sua primeira atitude foi procurar uma toalha de banho para que eu pudesse me secar. Fazia frio e Vito teve o cuidado de separar um de seus casacos forrados com pele sintética, além de uma camisa de mangas compridas, um cachecol de lã e um cobertor grosso. Claro que existia o aquecedor, mas ainda assim não era recomendado tomar banho de chuva dentro dos próprios apartamentos. Palavras do síndico, tenho certeza.

Saí do banheiro toda protegida da temperatura baixa e fui procurá-lo. Ele arrumava o jantar na mesinha de centro de sua sala e sorriu para mim me convidando a me sentar ao lado oposto que ele ocuparia. O tapete felpudo era nossas cadeiras chiques, a luminária central nossas luzes de velas e aquele era o nosso primeiro jantar romântico.

Ri com a piada que meu cérebro criou.

Nosso prato principal e único seria uma lasanha de um restaurante próximo ao edifício que muito provavelmente seria o jantar individual do meu chefe. A generosidade de Vito nunca foi uma surpresa para mim, mas ainda assim era algo incrível de ser contemplada.

Mesmo sendo uma coisa terrível aquilo que meu padrinho estava fazendo com nós dois, parei para analisar os benefícios que seria ser esposa de Vito e não de qualquer outra pessoa. Ele, no final de todas as minhas equações, era o

homem mais apropriado para essa função. Nós dois sempre trabalhamos juntos, dividimos gostos semelhantes além de termos uma compatibilidade emocional muito interessante.

Fora a atenção que ele sempre demonstrou me oferecer. O cuidado e carinho que não era muito comum dentro do meu ambiente familiar, mas que minha mãe e ele sempre mantinham para mim.

Vito era mais do que os olhos podiam ver, você precisava tirar uma camada por vez até conseguir ter um gostinho do seu interior.

Ergui minhas sobrancelhas encarando minha parte da lasanha ao perceber aonde meus pensamentos estavam indo. Nunca pensei que aceitar me casar para salvar o pescoço de um amigo mexeria tanto com minha mente. E ainda tinha o detalhe pior...

A gravidez.

Apoiei uma mão em cima da minha barriga e olhei para baixo. Pés inchados, noites mal dormidas, alimentação controlada e nada de vinho. Passar por tudo aquilo e ainda sóbria seria meu maior pesadelo.

— O que está pensando? — Mirei seu rosto com assombro, pega de surpresa nas minhas reclamações internas. — Aconteceu alguma coisa? — Agora ele parecia assustado.

— Eu acabei de perceber que se eu ficar grávida, eu não vou poder beber. — Vito riu e segurou minha mão por cima da mesa.

— Vamos pensar nisso depois, Bea. Uma coisa de cada vez. — puxou a própria mão tão rápido quanto a colocou sobre a minha. Pigarreou e limpou os lábios com um guardanapo. — Quanto ao casamento, nós dois precisamos conversar.

Estiquei minha coluna novamente incomodada com o uso daquela palavra. Não dava para chamar de “aquela coisa” ou “o negócio do anel”? Apesar que o negócio do anel podia ter um duplo sentido que faria Vito me zoar para o restante da vida.

— Sim? — Tentei parecer confiante, mas a verdade é que por dentro eu estava quebrando todos os vasos de vidro do ambiente, chorando e chamando minha mãe.

— Acho que devemos nos conhecer melhor. Claro, nós no conhecemos muito bem. Mas eu digo algo mais como casal do que como melhores amigos. Se vamos nos casar dentro dos requisitos do meu pai, o mais indicado é

encarmos isso com positividade e procurar fazer algo satisfatório para os dois lados. — Semicerrei os olhos. — Pode até parecer estranho, mas por que não enfrentamos isso e os últimos sinais como uma obra do destino? Por exemplo, a sala do seu apartamento vai precisar ser limpa, seus móveis restaurados e isso deve demorar alguns dias. Você poderia morar aqui até então para gente tentar conviver melhor vinte e quatro horas um com o outro.

Coloquei meus cabelos para trás dos ombros e apoiei meus braços cruzados na mesa para vê-lo melhor.

— Eu não vou mais para nenhuma festa, nós dois podemos sair juntos como casais de namorados fazem. — Sugeriu sem me encarar.

— Nós vamos dormir no mesmo quarto? — indaguei.

— Não? — Ele cravou seus olhos nos meus pela primeira vez desde que começou a articular seu argumento. E aquela luz nos seus olhos me incomodou. Algo estava acontecendo entre nós dois. Algo que ia além do casório iminente. — Quer dizer... Tudo vai depender do que você decidir. Talvez sim? Não sei... — Vito estava nervoso demais para uma pergunta como aquela. Justo ele que levava tudo com leveza.

— Tudo bem. Acho que hoje eu gostaria de dormir sozinha, mas podemos começar a dividir um quarto a partir de amanhã. — Dei de ombros não querendo ser a única racional na sala — Quanto às interações de casal, quando nos sentirmos à vontade, à medida do possível, podemos investir nisso. Não vejo mal algum. — Comecei a comer meu jantar.

— Concordo. — Foi a última coisa que ele disse durante toda refeição. No final de tudo, ele organizou as louças na máquina de lavar e foi para o próprio quarto enquanto eu assistia de novo o último capítulo da novela que eu acompanhava.

Ela terminara assim como Vito previra: Raoul e Carlota juntos com o acréscimo de Gianluca morrendo para salvar a "amada" depois de sequestrá-la e ter os planos frustrados. E também teve um casamento. O temido casamento.

Será que assim como Carlota eu estava fadada a me casar e ser feliz com meu melhor amigo ou as ilusões das novelas melodramáticas estavam contaminando minha mente fraca e abalada com os últimos acontecimentos? Seria Vito um Raoul em minha vida totalmente diferente do meu último Gianluca que, por coincidência do destino, se chamava Raoul?

Eu deveria desconfiar dos Vitos com pele de Raoul ou dos Raouls com pele de Gianluca? Por que essa frase só fez sentido na minha cabeça?

Ok, eu definitivamente estava enlouquecendo e não gastaria meu tempo com esse tipo de coisa.

Se era esse o meu final, era melhor enfrentá-lo com a sabedoria que uma cabeça cansada não era capaz de ter. Era hora de descansar definitivamente. Apenas me esticar na cama macia do quarto de hóspedes, me enrolar em mais uma coberta e dormir com a certeza absoluta de que amanhã era domingo. O meu dia de folga oficialmente aproveitado desde que o meu chefe me obrigou a ter um descanso em um dia atípico.

Mais um ponto positivo para Vito.

Ok, hora de dormir com certeza. Chega disso. Já estava elogiando o panaca demais para o meu próprio gosto.

Desliguei a televisão assim que Carlota e Raoul se beijaram. Me levantei do sofá e comecei a caminhar em direção ao corredor que dava para os dois quartos de reserva.

— Ei, já está indo dormir? — Vito apareceu com seus pijamas muito mais adulto do que todos que eu tinha em meu closet. Parecia determinado, muito mais do que eu estaria durante essa semana. — Eu te levo até o seu quarto.

Uma proposta inútil já que eu conhecia a cobertura melhor que ele. Mas estava tão cansada que resolvi não protestar. Andamos lado a lado até chegar diante da porta de madeira.

— Acho que esse vai ter servir melhor, foi limpo hoje de manhã e é melhor decorado que o outro. — Ele falava sem parar, as informações que eu já sabia, enquanto eu observava seu rosto. Ia de eufórico para alegre e focado. Sua face era tão expressiva quanto suas mãos. — Também tem um banheiro e um mini-closet. As cortinas das janelas são automatizadas, você pode controlá-las da sua cama mesmo. Certo?

— Certo, obrigada. — Sorri amigavelmente abrindo a porta para entrar no quarto. Que clima estranho. O Vito que eu conheço teria dito algo do tipo “cuidado com a aranha caranguejeira que eu perdi nesse quarto recentemente e pode ver a calçada de pertinho, é só se jogar da janela.”

— De nada! Ah, e mais uma coisa. — Vito passou um braço por minha cintura assim que me virei. — Boa noite. — Eu não recuei, na verdade eu não queria recuar. Se era para me casar, que ao menos eu descobrisse o que poderia esperar do meu futuro marido. Ele abaixou a cabeça e me beijou.

A única coisa que eu posso dizer é que eu não me decepcionaria depois

de casada. Ele era realmente bom.





9. Vende-se uma Decisão

***Motivo Nove para não
casar:
não funciona muito bem
de manhã.***

Existem duas formas positivas de se acordar, uma delas é quando você acorda sozinha, tendo a certeza de que dormiu o suficiente, sem necessidade de despertador. Durante a última semana, era exatamente assim que acontecia para mim. A segunda forma é acordar com a certeza de que seu dia será uma merda relativa, mas que você deixou de se importar com isso. E foi exatamente desse jeito que eu abri os olhos às sete da manhã do domingo de véspera de Natal.

Fiquei em absoluto silêncio para ouvir a respiração de quem estava do meu lado. Desde o dia seguinte à minha "mudança" para a casa de Vito, eu passei a dividir o quarto com ele. Foi algo um pouco inútil, afinal nossa convivência era exatamente como de amigos e até com um pouco mais de frieza do que anteriormente já que a situação era constrangedora.

Mesmo após o beijo, nós desistimos implicitamente de ir além. Ele realmente não ia mais para festas e noitadas, pelo menos nesses sete dias, mas isso não nos transformava em um casal da noite para o dia. Muito menos diminuía minha vontade de voltar para minha vida anterior.

Depois dos empregados secarem o meu apartamento, eu consegui ir até o closet pegar minhas roupas e sapatos que tiveram que ficar espremidos no closet de solteiro do Vito. Ele rolou tanto os olhos ouvindo minhas reclamações que eu ainda não sei como não ficou tonto. Nossa conversa tinha se resumido tanto que quase nos comunicamos só por onomatopéias. “Hum, uhum, ah” eram todo o nosso vocabulário.

Meu maior medo durante toda aquela semana era a nossa convivência ficar tão insuportável ao ponto de brigarmos e isso prejudicá-lo com a questão da herança. A Vision significava muito para ele. Eu não queria mesmo que a ideia do senhor Carlo o fizesse perder justo aquilo.

Ao menos essa questão de convivência foi solucionada com a nova

novela. De noitinha, após o trabalho, eu jantava no sofá depois de tomar banho e assistia o novo episódio, ele me acompanhava e aquilo salvava nosso relacionamento. Afinal de contas, era o mesmo Vito que não conseguia segurar a língua sempre que precisava fazer um comentário irônico sobre alguma coisa.

E quanto a hoje, era o dia de oficializar o nosso fracasso ou a nossa tentativa de melhorar nossa vida e lutar por algo que nem gostaríamos de ter. Era como um presente grego de péssimo gosto. Receber um cavalo de Tróia não parecia quase nada perto de um anel de noivado.

Senti que a respiração de Vito mudou e fingi que dormia rapidamente. Ele se sentou na cama e calçou os próprios chinelos. Só abri os olhos de novo quando ouvi a porta do banheiro bater. Era quase um alívio não ter que falar com ele logo de manhã. Justo quando meu cabelo estava um lixo, meu rosto precisava ser lavado e meu humor era semelhante ao de um leão faminto no meio de um deserto.

Me levantei correndo, calcei minhas pantufas e fui para o closet que agora eu dividia com ele. Tudo uma bagunça graças a falta de espaço.

Procurei por um vestido leve para usar durante o dia. A temperatura seguia caindo, mas dentro do apartamento podíamos contar com o sistema do aquecedor, o que facilitava e muito porque ficar toda coberta de casacos não era lá muito confortável. Peguei minha lingerie em uma das gavetas e minhas sapatilhas foram recolhidas do chão no meio do caminho. Eu preparei tudo em cima da cama para me vestir depois, mas me arrependi assim que vi a calcinha e o sutiã expostos. Deixei só os sapatos, resolvendo me vestir logo depois do banho, sem vir para o quarto.

Em alguns minutos, Vito saiu do banheiro vestido com o roupão. Enquanto eu estava toda envergonhada, ele não se poupava de expor o que vestia ou deixava de vestir.

— Bom dia, Beatrice! — Seu tom animado evidenciava sua felicidade com a festa do natal. Ou tentava me convencer disso.

— Bom dia... Que alegria toda é essa? — Ele se aproximou. Eu permanecia de pé próxima da cama.

— Fiquei sabendo que hoje é o dia em que vamos oficializar nosso noivado. — Sem que eu pudesse me preparar, Vito me levantou em seus braços e começou a girar comigo no quarto. — Acho que é bom ficar feliz com isso, dona Bea, pois eu estou! — Para finalizar sua fala, ele afundou o rosto em meu pescoço e esfregou o nariz ali fazendo cócegas exatamente como fazia quando

ainda era um adolescente. Eu gritava de tanto rir até que ele levantou a cabeça e me encarou. — Então estamos entendidos. — Depois de estalar um beijo em meus lábios em um selinho, ele se afastou e seguiu para o closet.

Fiquei atordoada por um tempo encarando a porta de correr que havia fechado tentando entender todas as mensagens da nossa interação, mas despertei logo em seguida resolvendo esquecer tudo aquilo e me concentrar em um problema de cada vez. Abracei minhas roupas e fui para o banheiro. Hoje o dia seria longo, mas talvez, lá no fundo, depois de cinco esquinas de escuridão e três ladeiras de insucesso emocional, existisse uma luzinha mixuruca no final do túnel, vinda da China e mantida a base de pilhas não recarregáveis.

Meu reflexo no espelho acreditava completamente em mim. Parece que minhas olheiras resolveram desaparecer e dar lugar para uma Beatrice renovada e bem desperta pronta para enfrentar o compromisso que sempre lutou para fugir: o próprio noivado.

O banho foi ainda mais revigorante como um tapa na cara depois de um ataque de histeria. Tudo o que eu tive foi energia para passar o resto do dia arrumando alguns petiscos e fazendo ligações para ter a total certeza de que a ceia de Natal seria como sempre: meticulosamente perfeita.

Depois de desligar o último telefonema, consegui ouvir os passos de Vito passando rapidamente por trás de mim. Ao me virar, ele já não estava mais ali. Suspirei e fui para o caminho ao contrário, era hora de me vestir para o encontro de família.



Nós chegamos à Villa um pouco mais do que nove da noite. O motorista circulou a entrada da casa e eu admirei da janela do carro todas as luzes que enfeitavam a fachada. Ao lado do vidro, uma respiração fez com que tudo ficasse embaçado. Era Vito inclinado ao meu lado também observando a iluminação. A decoração era toda em tons de dourado e verde com um cuidado especial nos jardins e detalhes minimalistas dentro de casa.

Bem do jeito que minha madrinha gostava e que a gente fez questão de manter nos dois natais em que ela já não estava aqui. Aquilo me fazia lembrar quando eu e ele ainda crianças perseguimos os empregados por toda a propriedade para saber o que eles estavam fazendo e como a gente podia participar. Dezembro após dezembro, até a gente crescer e aquilo perder um pouco da graça.

Descemos do carro e entramos de braços dados, a porta principal estava

destrancada, sinal que já estava parte da família reunida.

Nos separamos por instantes para tirar nossos casacos e logo voltamos ao apoio um do outro. Ao passar pelas portas duplas da sala de estar onde estava toda a família, pude reconhecer todos os rostos que sempre marcaram aquela época do ano.

Minha mãe estava sentada ao lado da nonna Gaia no sofá de dois lugares de cor cinza, o Padrinho ficou em pé conversando com um dos irmãos perto da lareira de tijolos brancos. O outro Bernadinelli, não tão próximo assim para conseguir manter uma conversa amigável, ficou entre a própria esposa e a cunhada no sofá de três lugares que completava o conjunto. Os primos, pouco semelhantes a Vito, ocupavam as duas poltronas no outro extremo do cômodo.

A gente dizia para o *Burbero* que ele tinha roubado toda beleza da nova geração e era por isso que os primos não gostavam dele, aí ele se irritava e chorava. Ri lembrando disso e admirando tudo a minha volta. Era o retrato da família perfeita de comercial de Peru de Natal.

Que aura maravilhosa antes do caos!

— Boa noite — Vito demarcou nossa presença e passamos os próximos quinze minutos flutuando de um abraço para outro, sendo perguntados pelo nosso trabalho, saúde, vida amorosa, medos e tudo mais. Então voltamos a nos dividir em núcleos como é normal de acontecer com todos os familiares da face da terra. A gente sempre tem nosso grupo favorito e nem sempre se dá bem com todo mundo.

Entre os Bernadinelli, isso é mais rotineiro do que se pensa.

Escolhi o meu lugar ao lado de minha nonna e de mamãe enquanto meu futuro marido puxou o pai para um canto e começou a conversar.

— Você está tão linda hoje, querida. Gostei dos seus sapatos... — Sorri para minha mãe e apoiei minha cabeça em seu ombro quando ela me puxou para seus braços. A gente volta a ser um bebezinho quando ganha um abraço desses. — Feliz natal adiantado!

Eu não ficaria brava com minha *mamma* por ela não saber o que exatamente aconteceria ali. Não era um natal qualquer, era meu maior pesadelo ganhando forma e ainda me obrigando a ser positivista enquanto tudo desmoronava ao meu redor.

O combinado entre eu e Vito era dez e meia da noite fazer o anúncio, mas o relógio ainda marcava nove e quarenta. Sobrava tempo para conversar, se

distrair, comer alguma coisa e beber três taças de vinho só para testar os limites do próprio rins. Isso foi exatamente o que eu fiz.

— Você parece uma noiva, Beatrice. — Ah, Jesus! Essa foi Nonna Gaia, aquela que sempre procurava um jeito, e, infelizmente encontrava, de enfiar casamento em cada mísera conversa. E se você caísse na ilusão de acompanhar o assunto dela, seriam infundáveis duas horas falando sobre véu e grinalda.

Sabendo disso, fiquei bem quietinha aproveitando toda a sessão de carinhos que minha mãe tinha a me oferecer. Na maioria das vezes, eu gastava meus domingos de folga indo visitá-la. Mas Deus sabe que eu sou uma *workaholic* e não tenho vergonha nenhuma disso.

O tempo passava devagar, ainda mais agora que o relógio parecia ser minha série favorita da *Netflix*. Eu o encarava a qualquer hora. Não sei se torcendo para que chegasse logo a hora de entregar o jogo, falar do casório e partir para o abraço ou se eu queria que ele parasse de vez e eu não precisasse nunca mais falar sobre uma cerimônia em outro estado despejando muito mais dinheiro do que realmente era preciso. Malditas tradições!

Quanto ao meu padrinho, o verdadeiro motivo de tudo aquilo, esse agora estava sentado e parecia muito satisfeito ao lado de uma das cunhadas, segurando uma taça de vinho nas mãos e observando sua volta como se estivesse diante das fadas da Disney. Nada como desgraçar a vida alheia para fazer alguém se sentir bem durante o resto do ano, não é mesmo?

Vito se aproximou de mim e se sentou ao meu lado entre Nonna Gaia e minha mãe. Ele puxou minha mão e a segurou enquanto sorria para as duas.

— Só mesmo aqui para que o assunto fique favorável aos meus ouvidos. Nada de negócios ou trabalho essa noite, não acham? — A vontade era fazer uma lista de tudo o que a gente teria que fazer na empresa antes do ano novo, mas o cafuné no meu cabelo estava bom demais para eu me importar com aquilo.

Como sempre, as duas se derreteram diante do charme daquele que era engenharia de ambas. Uma mimando, a outra cuidando e a terceira, que não estava mais aqui, sendo o balanceamento entre os dois lados.

— Natal é tempo de conversar sobre alegrias. — Mamãe respondeu sonhadora ajeitando os fios de cabelo desalinhados de Vito. Como assim pararam meu cafuné? — Quais foram suas últimas alegrias, *Burbero*?

— Mudanças drásticas do destino, *zia*. Apenas isso... — Semicerrei os olhos para ele em um alerta para disfarçar um pouquinho mais que estava

carregando um anel de noivado no bolso da calça e que esse ia parar no meu dedo.

— Ah, eu adoro surpresas! Qual foi a sua? — *Nonna* Gaia estava naquela idade em que não precisava ser discreta. Seus anos e cabelos brancos permitiam o uso e abuso da curiosidade, as chantagens emocionais e até a sinceridade excessiva. Como era de se esperar, ela não aceitaria que Vito tentasse fugir de uma resposta detalhada.

— Logo verá, *Nonna*. Juro que sim. Só alguns minutos.

Olhei para o relógio de novo e percebi que Vito estava certo, faltavam vinte e cinco minutos para o horário que marcamos para fazer o anúncio que mudaria nossas vidas.

— Alguns minutos, então? Que incrível. Apresentará alguém para nós?

Encarei vovó e pensei qual era a necessidade de achar que ele apresentaria alguém quando *eu* estava bem aqui.

Rolei os olhos e voltei a observar as pessoas à nossa volta. Depois de falar que a gente ia subir o altar, ainda tínhamos duas horas de puro constrangimento, perguntas indiscretas, emoções à flor da pele e tudo o que pedidos de casamento envolvem.

Quanto a nós dois, era melhor ter um treinamento aqui, do que chegar com despreparo algum ao nosso grande dia. Meu padrinho ainda estava sorridente, diferente do homem aparentemente preocupado que eu encontrei ao chegar.

As luzes douradas da decoração me distraíram um pouco e eu logo me levantei para pegar mais uma taça de vinho. Ok, o álcool estava subindo à cabeça, mas isso acontece, não é?

Ao chegar diante da mesa e encher meu copo com minha bebida reconfortante e favorita, ouvi o barulho de algo se chocando com um cristal. Me voltei para procurar quem chamava a atenção e vi Vito em pé diante de todos. Um meio sorriso seguro preenchia seus lábios e eu senti meu coração começar a tamborilar o meu peito. Achei melhor abandonar a taça em cima de alguma superfície e me aprontei para receber a grande novidade.

— Olá, família. Quero agradecer a todos vocês por terem vindo. Dos meus tios até minha antiga babá. — Mamma soprou um beijo para ele — Todos vocês são importantes para mim de alguma forma e é por isso que quero que participem desse momento tão especial. — Ele ergueu o próprio cálice. —

Primeiro quero propor um brinde à nossa união antes de continuar com meu discurso terrivelmente longo. *Alla famiglia!* — Todos nós repetimos suas palavras e brindamos entre si. Isso me obrigou a voltar a segurar minha taça e a forçar um sorriso para todo mundo.

Vito terminou de beijar a bochecha da própria avó que sussurrou algo em seu ouvido o fazendo rir.

— Como podem perceber, algo mudou em nosso ambiente familiar. Eu não cheguei com nenhuma namorada à tira colo. Ou quase isso. — Alguns riram e me fitaram de rabo de olho como se entendessem um segundo sentido naquilo. — Enfim, minha mudança atual de atitude deve-se à uma decisão tomada há uma semana. Como aquele que herdará a principal fonte de renda dessa família, eu entendo perfeitamente que há uma responsabilidade sobre mim que não pode ser ignorada ou transferida. Há coisas que somente você pode fazer e eu entendo o comando da Vision como isso. — Não foi surpresa alguma ouvir murmúrios debochados dos dois primos mais velhos, Leonel e Guido. Rolei os olhos. — Mas há outras coisas que nós deixamos de lado sem reconhecer a verdadeira importância. Há vezes que tudo o que um homem precisa é de uma companhia e eu encontrei uma ainda muito cedo.

Meu peito se apertou quando ele estendeu uma das mãos para mim. Eu tremia quando posicionei a minha sobre a dele. Vito sorria me passando confiança e, tão logo me teve ao seu lado, enlaçou minha cintura com carinho. O toque esquentava ou aquilo também era efeito do vinho? Por que eu estava tão confortável?

— Beatrice está comigo desde os meus dois anos de idade. Inicialmente como uma irmã mais nova, depois como minha melhor amiga, em seguida como minha assistente e agora, de uma vez por todas e finalmente, como minha futura esposa. — Assim que seu braço se soltou da minha cintura, eu entrei em pânico. Ok, Beatrice, inspira e expira, mas sem deixar ninguém perceber. Ou sim, não sei.

Ele se ajoelhou diante de mim, retirou uma caixinha de veludo do bolso do blazer que usava, a abriu e me mostrou. Dentro dela descansava um anel com uma turmalina azul turquesa adornada por pequenos diamantes. Quantos salários meus aquilo devia custar? Que desperdício, Vito, nem é um casamento de verdade!

— Pode ser a coisa mais clichê à se perguntar nessa posição, mas... Beatrice Andreanni, você aceita se casar comigo?

A exclamação surpresa das pessoas à minha volta não foi nada perto do que eu li nos olhos de Vito pela primeira vez com tanta clareza. Ao contrário dos de sua mãe, eles mais expunham do que conseguiam observar. E aquilo escrito ali não era só uma encenação para ganhar a aprovação de seu pai.

Vito me amava e aquilo deveria me assustar. Ao menos era o que eu esperava sentir sabendo como era minha questão a respeito desse nível de sentimentos.

O problema é que eu me senti confortável e protegida. Era como se alguém tivesse me abraçado depois de um dia cansativo ou como se tivesse alguém me esperando em casa com um *risotto alla milanese* e uma maratona de *RuPaul's* para ser assistida. Vito me ofereceu um lar só de me olhar e eu queria tanto morar nele.

Foi com surpresa que eu senti lágrimas descendo pelas minhas bochechas, mas foi com absoluta certeza e alegria que eu disse sim.





10.1. Noivo Vendido

Motivo Dois para amar Beatrice:

ela sempre está aqui por mim.

Gostaria de começar explicando que nem sempre foi dessa maneira. Antes de acharem que eu sou um louco obsessivo perseguidor de mulheres, quero dizer que eu tinha dezessete anos quando percebi que Beatrice era meu ideal de mulher.

Ela tinha quinze, estava no segundo ano do ensino médio enquanto eu estava no quarto. Durante nossas horas vagas, a gente ficava na sala do grêmio, acompanhados do restante da nossa equipe. Eu podia observá-la, quieto em meu canto, enquanto ela trabalhava no próprio computador planejando tudo como sempre.

Xingava baixinho quando algo dava errado, batia no teclado do notebook com excesso de violência, tinha o jeito mais sexy do mundo de morder o lápis com raiva e por fim gritava algum palavrão para logo depois se controlar e repetir tudo de novo.

Beatrice não considerava e nem sequer sabia do que eu fazia nos bastidores para que ela se sentisse bem. Ela nunca soube que em seu aniversário de dezesseis anos eu estava por trás do laptop novo e das agendas com etiquetas coloridas que meus pais "resolveram" presentear-lá.

Para Bea, eu só tinha dado o urso de pelúcia e o CD da banda favorita dela, nem desconfiava que aquilo era para disfarçar. Então tudo bem, para mim seria melhor assim. Se cuidar dela por trás das suas vistas observadoras era o melhor que eu podia fazer para garantir sua felicidade, eu me contentaria. Ainda mais depois do que aconteceu com seus pais.

E se o divórcio dos dois não tinha sido o suficiente, provavelmente o relacionamento com Raoul era.

Raoul era meu “amigo” de infância. Não no mesmo extremo do significado da palavra que era empregado com Beatrice, mas mesmo assim um amigo de longa data. Era beneficiado ao andar comigo e parecia ser uma boa

pessoa. Nós nos conhecemos nos primeiros anos escolares, então era esperado que a amizade continuasse até a vida adulta. O que não aconteceu.

A Beatrice não entendeu muito bem quando eu cortei relações com ele assim que os dois terminaram. Porque sim, ele a namorou mesmo sabendo do meu interesse. Aquilo já tinha balançado nosso engajamento e eu já não conseguia manter conversa alguma com aquele cara. Enfim, sobre Bea: ela deu um pé na bunda dele por ter batizado a bebida dela e eu, sem que ela soubesse, dei um soco no nariz dele porque o peguei tentando se aproveitar enquanto ela estava desmaiada.

Bea já tinha uns dezenove anos nessa época e fui eu quem lavei seu rosto, segurei o cabelo para vomitar e coloquei na cama. Claro que, de novo, ela não saberia dizer exatamente o que aconteceu. E enquanto parte de mim ficava um pouco ressentido por Beatrice não se lembrar do cuidado que eu tive, a outra parte ficava satisfeita por saber que também não se lembrava do assédio sofrido.

Foi assim que eu segui os anos, cuidando dela como podia. E, óbvio, sem atrapalhar sua vida com essa coisa de sentimento. Eu tentava até não atrapalhar a minha. Procurei outras pessoas, tive outras namoradas e até mesmo disse que nunca iria me casar.

De nada adiantou, aqui estou eu ajoelhado e encantado ouvindo um sim da boca dessa mulher que só sabe desgraçar a minha cabeça e gritar comigo. Mas tudo bem, faz parte.

Eu não esperava vê-la chorando e fiquei ressentido por estar tão feliz ao ponto de estourar três espumantes e beber direto gargalo. Nada que faria bem para minha cabeça no dia seguinte, mas que facilmente deixaria claro meu estado de espírito.

Felicidade era pouco, eu só não tinha avisado ainda todos os veículos de imprensa por pedido do meu pai. A vontade era sair gritando para quem quisesse ouvir que aquela mulher ia casar comigo e que a gente ainda ia fazer um filho juntos.

Não que eu estivesse empolgado com a ideia de paternidade. Nem era como se eu já tivesse planejado a vida da criança. Isso também não significava que eu torcia para ser menina mesmo ainda nem tendo feito nada com a mãe *dela*.

Claro que não, eu não sou homem disso.

Beatrice me estendeu a mão e eu coloquei o anel em seu dedo anelar. Finalmente eu estava colocando uma aliança de noivado ali! Me levantei e a

abraçei com carinho apoiando a mão para encaixar sua cabeça em meu ombro. Bea era mais baixa que eu e cabia em meu abraço perfeitamente, parecia ter sido feita para morar dentro dele. Eu beijei os seus cabelos apreciando o cheiro doce que exalava.

Segurá-la era quase como segurar o que eu mais desejava nesse mundo, mesmo nas atuais circunstâncias.

Ela não sabia o que significava para mim, obviamente. Mas eu faria o favor de explicar aos poucos, tornar evidente com paciência. Os aplausos da nossa família não importava em nada para mim, eram apenas trilha sonora de um momento que precisava ser marcado em minha mente. Fosse em cheiro, gosto ou sensação. Seria minha memória favorita por um bom tempo e que Deus perdoasse o meu egocentrismo.

— Hora do beijo! — Se minha nonna não fosse exatamente como é, eu iria odiá-la com toda certeza. Nada como uma avó que torce pelos avanços da sua vida. Ou melhor, nada como uma avó que te ajuda a alcançar o que você deseja.

Quando Beatrice pediu espaço depois de ter falado que casaria comigo uma semana atrás, eu procurei pela pessoa que mais entendia de relacionamentos em meu ciclo social: nonna Gaia.

Suas palavras foram simples e deram esperança para alguém especialista em finanças como eu: investir e esperar os lucros. Por mais que eu já tivesse feito isso durante toda a minha vida, era hora de dobrar os esforços e fazer com que Bea percebesse que eu era algo além de um amigo.

A esperança teria que ser definitivamente a última a morrer.

O plano do meu pai era surpresa tanto para mim quanto para ela. Apenas o fato dela ser a candidata à noiva que não me surpreendeu. Meus pais sempre souberam do meu interesse amoroso em Bea, nada mais justo do que a manipulação total envolver alguém que eu realmente queria ao meu lado.

Segurei o rosto de Beatrice, os olhos grandões com os cílios molhados das lágrimas recentes. Eu não sabia identificar se era desespero ou só emoção do momento, mas eu sabia que ela tinha chorado. Limpei sua bochecha com meus polegares e, sem esperar muito mais incentivo, puxei o ar e a beijei. Não como das últimas duas vezes. Nada de encostar os lábios e afastar.

O cabelo dela também estava preso entre meus dedos, eu podia sentir cada uma das suas texturas. Desde a boca trêmula e seca de nervoso até os fios macios e cheirosos. Seu rosto quente contra minhas mãos, todo o meu êxtase

definido em um beijo.

Era plantar e esperar para colher, nada de pressa. Se eu esperei até agora, estava tudo bem em esperar mais um pouco.

As piadinhas pela intensidade do beijo não demoraram a chegar, me separei dela observando de perto seu rosto bonito expressar aos poucos alguma reação. Ela piscava lentamente e abriu um sorriso fraco para mim.

Toda minha certeza era de que Beatrice não se desagradou. Soltei seus cabelos castanhos das minhas mãos, a libertei aos poucos só para que entendesse de uma vez por todas que meu objetivo nunca seria prendê-la.

Eu queria poder dizer muitas coisas para Bea, mas eu precisaria esperar. Queria dizer que minha decisão de não casar tinha tudo a ver com ela. Que se eu não pudesse fazer isso com ela, não me tinha o mínimo interesse de fazer com ninguém. Que eu adorava seu jeito natural de ser e que, para mim, ela era perfeita mesmo não alisando o cabelo, não usando maquiagem e acordando em outro país com todos os efeitos do fuso horário.

Ela não acreditaria, quase sempre não acreditava quando alguém apontava as coisas positivas da sua personalidade ou aparência, mas eu gostaria que acreditasse. Gostaria que ela confiasse tanto em mim ao ponto de me deixar andar ao seu lado, costela com costela.

Olhei em volta, meu pai parecia satisfeito, *zia* estava extasiada nos encarando sem dizer absolutamente nada enquanto seu queixo estava suspenso e sua boca aberta. Minhas tias e tios riam brindando entre si junto com os meus primos que disfarçavam o desgosto. E minha *nonna* se aproximava, pronta para falar tudo o que pensava.

Carinhosamente, ela passou as mãos por nossos rostos. Já chegou chorando pontuando a boa italiana emotiva e familiar que era. Estava mais alegre do que qualquer um naquela sala além de mim. Não demorou muito para nos abraçar. Agora não tinha mais forças para nos tirar do lugar e nos fazer encolher entre seus braços. Era ela quem encolhia entre os nossos.

— Eu sabia que esse dia chegaria! Eu estou tão feliz. — Estalou beijos em nossas bochechas e puxou minha orelha como fazia quando eu era menino. — Ai de você se magoar o coração da minha neta, infeliz. Arranco isso que te faz homem, sou sua avó e posso.

— Ah, já entendi velha. Me solta. — Depois de me livrar do beliscão, deu um tapa em meu ombro e me abraçou de novo. — Eu amo você, *nonna*.

— Eu te suporto, criança. — Riu fraco e acrescentou: — Também amo você.

— A troca de carinhos está muito bonita, mas onde eu fico nisso tudo? — A voz de Beatrice estava embargada pelo choro recente, mas ela não estava triste e era isso que me importava.

— Você é minha neta amada, *bambola*. — Nonna a abraçou exclusivamente me fazendo ficar de espectador mais uma vez. — Não sabem o quanto torci para vê-los como casal. Meus dois bebês.

A *nonna* tinha disso de ser chorona e brincalhona ao mesmo tempo. De tentar disfarçar a emoção com piada, de chorar abraçada e tentar nos distrair dos seus sentimentos que transbordavam de vez em quando. A gente gostava do abraço dela, da sua atenção excessiva e tudo mais. Beatrice que não sabia que ela tentava nos dar o carinho que passou dando a vida inteira para o meu avô e não sendo retribuída.

O mais engraçado de ver Bea assim, de longe, era saber que ela sempre tentava passar uma imagem que não condizia com sua própria realidade. Bea gostava de mentir para si mesma, fez isso com os relacionamentos para se recolher dentro de um pote e fugir do casamento só para disfarçar seu trauma.

Ela não se esforçava para olhar as entrelinhas, achava que minha avó falava de matrimônio por ter vivido um feliz e próspero quando, na verdade, *nonna* Gaia queria que vivêssemos o que ela não conseguiu. Desde uma família estruturada até apoio afetivo.

Meu atual trabalho era fazer seu sonho se tornar realidade.

Quanto a Beatrice, eu lamentava muito que sua visão sobre relações, como a que a gente estava embarcando, era tão negativa. Mas eu não podia simplesmente deixá-la morrer com uma certeza que não condizia com a realidade. Um casamento podia ser bom e satisfatório. Podia ser ótimo para os dois lados.

Tanto para mim quanto para ela. Eu fui criado por ótimos pais que sempre me fizeram conviver com uma união familiar muito forte. Eu não sofri com ausência de nenhum dos dois, não presenciei brigas de casal, não fiquei entre um divórcio problemático e muito menos fui fruto de um relacionamento abusivo.

Era necessário mudar essa visão de Beatrice, pelo bem dela. Estava tudo bem em não querer casar, o problema morava em não fazer isso por consequências traumáticas e não por uma decisão.

Traumas precisavam ser curados e eu estava aqui para ajudá-la como pudesse.





10. Vende-se um Buquê de Rosas

Motivo Dez para não casar:
não consigo reconhecer um marido como um presente.

O lado ruim das ceias de natal é que elas acabam. É um momento pequeno entre família que significa todo um ano de saudade e resume todas as desavenças que fizeram você evitar visitá-los.

Já passava de meia-noite. Após o anúncio de noivado e o brinde de comemoração, procuramos conversar em grupo incluindo o maior número de pessoas possível, o que foi uma péssima ideia. O problema morava lá no fundinho do prato da torta de limão servida como sobremesa em toda reunião de família: as brigas antigas que nunca foram perdoadas.

— Quem tem o rabo de palha sempre tem medo de fogo! É fácil querer falar sobre destino e escolhas quando você foi o principal beneficiário do testamento do papai, Carlo! — Acho que com essa frase de Costa, fica bem claro tudo o que rege os conflitos familiares dos Bernadinelli.

Demorou dois minutos e cinquenta e cinco segundos para Vito pedir que fossemos embora, as tias Andrea e Sandra até tentaram contornar a situação, mas era tarde demais. Nada como uma briga por poder para acabar com uma noite de festa.

Abracei minha mãe, a nonna e o padrinho me despedindo, passei pelo restante da família acenando com a cabeça expressivamente insatisfeita com o que eles causavam toda vez que apareciam, vesti meu casaco e peguei minha bolsa. Era hora de voltar para o recanto dos monstros, comer o que tinha sido encomendado em um restaurante posteriormente e dormir com um pijama novo esticada no sofá. Tudo isso com participação especial do Vito, é claro. Não podemos esquecer.

Depois de perceber a realidade e profundidade dos sentimentos dele por mim, eu comecei a me sentir cada vez mais determinada em ser uma boa esposa para ele. Obviamente, isso não incluía ser subordinada ou inferior, mas sim ser a melhor versão de companhia que eu conseguia.

A cobertura estava com as luzes apagadas quando chegamos, apenas o

Hall era iluminado pelos pequenos focos de claridade embutidos no teto. Era quase três da manhã, devido o inverno demoraria mais para amanhecer. Nos restava a decisão de dormir ou ficar acordados o resto da noite, mas meus olhos já pesavam. Segui Vito praticamente me arrastando de cansaço. Descalcei os saltos na entrada da cozinha e bocejei alto.

— Chocolate quente, biscoitos e cama para você, *fragolina*. — O observei arregaçar as mangas da camisa social e pegar uma leiteira na cozinha. Me sentei na banqueta em minha melhor posição de preguiça, pronta para dormir ali mesmo encostada no balcão. — Vai tomar um banho, *princesa*, eu te espero com tudo pronto.

O que me fez paralisar não foi o sorriso dele, mas como me chamou. A única pessoa que já tinha me chamado daquele jeito era minha mãe. Nem mesmo meu pai ou meu padrinho, ninguém além dela até agora. E aquilo tocou meu coração porque era como se demonstrasse que Vito tinha carinho por mim de uma forma que ia além das outras pessoas. Era algo mais íntimo, mais nosso e isso me alegrou.

Sorri para ele e acenei positivamente com a cabeça sem falar nada.

Uma ducha rápida e um pijama novo ajudaram a revigorar minha alma e eu me sentia levemente positiva. Voltei para a cozinha e ele já colocava uma caneca enorme de chocolate quente em minha frente junto dos biscoitinhos e *cornettos* decorados dentro de um prato com desenhos natalinos.

— Obrigada

— Disponha. Vou tomar um banho rápido, você fica bem aqui sozinha?

— Sim — Vito passou por mim e beijou o topo da minha cabeça antes de sumir no corredor que dava para seu quarto.

Fiquei só por tempo o suficiente para terminar de comer e beber tudo até que ele apareceu novamente bocejando alto e fazendo barulho de papel amassado. Quando o olhei, me surpreendi.

Vito carregava um buquê de rosas em uma mão e uma caixa de presentes na outra. Me virei completamente em sua direção recebendo seu sorriso sem graça e o observando piscar para conter o sono.

— Eu comprei isso mais cedo e foi um sacrifício colocar tudo aqui dentro sem você perceber. Enfim, feliz natal! — Peguei o buquê com cuidado encantada demais para falar qualquer coisa. Rosas no inverno não eram tão fáceis de ser conseguidas, mas ele conseguiu e ainda em uma grande quantidade.

Eram mais de vinte flores das mais bonitas e extremamente vermelhas. Um cartão desses que a gente imprime em papelaria de renome estampava letras douradas com o nome de Vito. Quando o abri, uma mensagem curta me esperava e me fez sorrir:

"Será uma aventura maravilhosa casar com minha melhor amiga. Com amor, Burbero."

Coloquei as flores com cuidado em cima do balcão e o abracei.

— Obrigada por me fazer ver o lado positivo de tudo isso. Obrigada de todo o meu coração. — Ele retribuiu o abraço demorando a me soltar e enfiando o nariz pelo meu cabelo.

— Você ainda não viu meu segundo presente. — murmurou depois de se separar de mim.

O embrulho não era enorme e nem pequeno demais. Era do tamanho ideal de uma caixa de sapatos. O laçarote e o papel eram de cores tipicamente natalinas, mas logo desfiz o embrulho devido minha curiosidade. Estava ansiosa para saber do que se tratava e assim que vi a assinatura no tampo da caixa, dei um grito de felicidade.

— Christian Louboutin! — Vito riu.

— Original.

— Jesus, é original!

Diminuí a velocidade dos meus movimentos e preendi minha respiração, dentro da caixa, duas bolsas de veludo vermelho protegiam os sapatos. Ainda ali, achei batons, esmaltes e delineadores da mesma marca. Deixei de enrolar e peguei o foco daquilo tudo. Retirei o primeiro com todo cuidado de sua capa protetora rezando três ave marias e quase caí para trás quando um *gravitanita* azul apareceu. Suas estrelinhas reluziam à luz da cozinha e eu já podia sentir meus olhos se enchendo de lágrimas de felicidade.

— Pelo o que eu sei, você vai precisar de algo azul.

— Eu me casaria cinco vezes por ano se isso significasse ganhar um louboutin para cada cerimônia! — Ri da minha própria piada e coloquei o sapato no chão para experimentar. — Você acertou meu tamanho. Ótima precisão.

— Para você achar que sou modesto, confesso que procurei quanto você calçava em outro sapato dentro do closet. A propósito: pés de Cinderela, hein? — Agora ele apoiava um braço no balcão enquanto admirava como o presente

tinha ficado perfeito no meu pé.

— Deve ser por isso que eu vivo tropeçando, são desproporcionais para o meu tamanho. — Descalcei e os guardei novamente dentro da caixa. Coloquei a tampa em seguida e passei as mãos pela superfície sentindo a textura do meu mais novo mimo.

— Acho você inteiramente proporcional e nunca te vi tropeçando.

— Ah, eu tropeço sim. É que eu sei disfarçar. — O abracei mais uma vez. — Muito obrigada, Vito. Você foi perfeito com os presentes.

— De nada. Esses só são os primeiros dos muitos que virão.

— Certo, não vou levar isso como uma ameaça. — Ele beijou minha testa. — Seu presente está debaixo da árvore. Achei que você gostaria de abri-lo de manhã, mas podemos adiantar tudo de uma vez.

— Okay, vou pegar.

Vito foi até a sala e voltou em alguns minutinhos com a caixa gigante toda decorada com papel brilhante verde e laços vermelhos. A apoiou em cima do balcão e desfez o embrulho. Logo deu para ler as descrições.

Ele gostava de fotografar tudo o que via. De preferência quando viajava. Então, eu resolvi comprar um Drone para que além de fotos, ele conseguisse ter vídeos para guardar dos seus lugares favoritos.

— Não acredito... Isso é muito legal! — Ele abriu a caixa e retirou os protetores do equipamento o colocando em cima da mesa. — Parece aqueles helicópteros de controle remoto que eu tinha quando criança. Bea, eu adorei!

— Essa era a intenção. Gosta da qualidade? — Vito sorriu para mim como se não se importasse com aquilo.

— Foi um presente seu e para mim já é suficiente. Muito obrigado.

Ele me abraçou em agradecimento. Depois voltou a mexer no drone. Retirou o controle, o testou ali mesmo na cozinha. Parecia uma criança e seu novo brinquedo. Na verdade, parecia o Vito de oito anos de idade e qualquer coisa diferente que ganhasse.

Ele era assim, feliz com o que tinha e com qualquer coisa que recebesse. Se eu o presenteasse com uma caixa de chocolate mixuruca, ficaria mais do que feliz. Vito gostava de ser lembrado, não importava o tamanho e o preço disso.

— Vamos usar isso no ano novo. Vou filmar você e meus amigos. Você em especial, meus amigos são feios. — Fiquei o olhando com carinho enquanto

ele fazia os planos para próxima semana. Era tão divertido vê-lo empolgado com algo.

Vito fez o drone voar em minha volta para logo depois pousá-lo na mesa e começar a guardá-lo. Notei que ele também usava pijama, mas o que mais achei graça era que o seu estava estampado com o símbolo do Batman.

— Belo pijama, *ragazzo*. — Ele me encarou e depois olhou para a própria roupa.

— Ah, isso. Eu vi seu pijama novo e não quis ficar para trás. Sei que As Meninas Super-Poderosas e o Batman não combinam, mas achei bom seguir a linha de personagens favoritos dos desenhos animados. *Capisci?*

— *Capisco*. Podemos montar uma tradição de Natal. Sempre colocar um pijama divertido, tomar chocolate quente, comer biscoitos e brioches e comparar um Louboutin para mim. — Vito riu

— Meu presente pode ser mudado, eu não me incomodo.

— Ok, posso viver com isso.

Me levantei e peguei um vaso para colocar minhas flores.

— Elas são lindas, Vito. Nunca vi nada parecido nessa estação. Obrigada, novamente. Acho que não vou conseguir deixar de agradecer até ir dormir. — Depois de ajeitar o buquê me aproximei dele. — Esse natal tinha tudo para ser o mais catastrófico da minha vida, mas você me ajudou a passar por tudo com muita leveza. Eu só quero agradecer por ter ficado ao meu lado e por ter me ajudado em todos os momentos até agora. Você tinha razão, um melhor amigo sempre será o melhor candidato à marido. Ainda bem que você é o único que enviou o currículo para preencher essa vaga.

O abracei apoiando a cabeça em seu ombro.

— Seria muito mais difícil sem você e muito mais traumático também.

— Acredita, Bea, mas eu não faria nada disso se você não estivesse participando dessa loucura comigo. É como uma extensão da minha família, e é mais importante para mim do que alguns deles como meus tios e meus primos, por exemplo.

— Se eu não fosse mais importante que eles, eu me sentiria extremamente ofendida. Então é muito bom que eu seja.

O que mais me surpreendeu, foi a gente manter aquele diálogo dentro do nosso abraço. Vito se aproximou devagar, sorrindo aos poucos para mim.

— Se eu te beijar agora, você vai fingir que nada aconteceu depois? — perguntou.

Demorei um pouco para assimilar as palavras dele. Sentia seu cheiro e podia ver cada detalhe do seu rosto. Passei os braços por seu pescoço e levantei a cabeça me esticando nas pontas dos pés.

— Prometo que não. — Era como se olhos azuis de Vito fossem parte de mim ou a miragem mais bonita que eu já tinha visto. De repente, eu não queria me afastar, nem deixar que ele se afastasse.

Mas lá embaixo de todo desejo que o beijo despertou, ainda restava a insegurança de tudo isso voltar para a esta a zero. E se de repente Carlo desistisse da ideia de nos casar?

Transar com Vito era um ponto sem retorno. Modificaria toda a nossa vida, muito além do que o noivado faria.

Foi por isso que deixei de erguer os pés e dei um passo para trás. Ele me encarou sem entender e eu senti o cheiro subindo na garganta por saber que eu não conseguiria explicar claramente o porquê de ter me afastado.

Era tão meu o medo de tudo não sair como o normal que, até mesmo sendo meu melhor amigo na função de namorado, eu não tinha segurança nenhuma de seguir em frente.

Vito sempre seria importante para mim, mas naquele momento eu precisava ficar em evidência na minha lista de prioridades.

— Eu vou dormir. — murmurei antes de pegar a caixa de sapatos e dar as costas para ele.

— Tudo no seu tempo, *fragolina*. Boa noite. — O peso sentimental em suas palavras, quase me fez desistir de pensar nos contras e voltar até ele para beijar e fazer tudo o que meu corpo mandava.

Mas eu sabia que aquilo também era um jeito de proteger Vito do turbilhão que eu me tornaria logo em seguida.

— Boa noite, *burbero*.





11. Vende-se um Anúncio

***Motivo Onze para não
casar:***

*não gosto de receber
certos tipo de convidados.*

Era um daqueles dias em que a gente está empolgado por motivo nenhum para trabalhar. Um dia raro, claro, afinal não é sempre que isso acontece. Estimativas indicam uma vez a cada três anos. Até porque essa coisa de "escolha um trabalho que você ama e nunca precisará trabalhar" é uma mentira absurda. A verdade é que você escolhe um trabalho que ama e descobre coisas que faz deixar de amar.

É como um amor platônico, depois que se percebe os defeitos, ele só se torna amor mesmo e está muito bom.

Se já não bastasse minha mudança radical de atitude envolvendo motivação na hora de ir para o meu emprego, agora eu também palestrava em meus monólogos usando sentimentos românticos como exemplo.

A Vision funcionaria até três dias antes do ano novo. Meu serviço e da minha assistente era manter tudo em ordem para oferecer uma ótima festa a todos. O único problema é que Carmen não parava de olhar para mim do outro lado da sala e rir.

*Era como se meu anel de noivado fosse o mais novo comediante de *stand up* queridinho da imprensa. Revirei meus olhos e voltei a olhar para a tela do Notebook mais uma vez, eu conversava com um dos fornecedores da festa, tudo seguia tranquilo e dentro dos padrões. Menos, é claro, o fato de eu ter perdido a credibilidade com minha amiga sobre o assunto casamento.*

— Olha, sério, isso não tem graça. Está liberado parar de rir. Um, dois, três e já. Parou? — Encarei Carmen. Demorou apenas três segundo até que ela explodiu em uma gargalhada mais uma vez.

Respirei fundo. Bater era contra as diretrizes trabalhistas, gritar não ia

adiantar. É resiliência o nome que se dá quando a vontade é acertar a mão na cara da pessoa mas você se controla lembrando que dá cadeia? Se não for, eu vou passar a chamar assim e vocês farão o favor de aceitar como significado.

— "Uh dur, que *Dio* me livre de casamento. Uh dur, jamais usarei um vestido de noiva.", tudo o que mais tememos nessa vida é o que mais atraímos no final das contas, hein, noivinha? — Carmen batia palmas jogando a cabeça para trás gargalhando da minha cara.

— Morro de medo de permanecer solteira com um closet lotado de Louboutins e com uma assistente que não faça piada da minha desgraça. — eu disse. Ela riu ainda mais alto.

Desde que eu pisei na sede da empresa, hoje de manhã, acompanhada de Vito, tudo o que recebi foram olhares de ironia devido à minha situação. Logo no dia vinte e seis, a imprensa noticiou o meu noivado com ele. Era o normal acontecer, é claro. A família Bernadinelli era uma das poucas famílias influentes da Itália que não tinha envolvimento com a máfia ou algo parecido. Logo, era uma espécie de família real. Tudo o que acontecia ia parar nos jornais. Inclusive isso.

Mas tudo bem, nada iria estragar meu bom humor. Nem minha assistente maluca, meu noivo-chefe ou a ex-dele passando pelas portas do elevador. Isso aí, positividade e sorriso no rosto.

Ok, eu definitivamente tenho que jogar meus livros de auto-ajuda fora. Positividade é o caralho.

— Não estamos atendendo hoje, senhorita Treggi. — grunhi.

— Uma pena. Vim falar com Vito. — Netta apenas observou envolta e fixou o olhar nas portas duplas que iam para o escritório do meu chefe... digo noivo. Do meu noivo.

— Ele não se encontra. — Ela colocou uma edição do jornal local em cima da minha mesa com certa brutalidade. — Já tenho o meu, mas obrigada por trazer mais um. Era só isso?

— Eu quero saber que tipo de piada é essa. Um casamento? Entre você e Vito? — Uma foto minha e dele estampava a primeira folha, estávamos descendo lado a lado as escadarias do hotel em Londres antes da viagem emergencial ainda de dia, indo para uma reunião. Eu estava muito bonita, diga-se de passagem.

— Olha, se o jornal não foi suficiente explicativo para você, minha falta

de didática também não será. Não nasci para ser professora e muito menos para ensinar interpretação de texto à quem sequer vai me pagar por isso. — Voltei minha atenção para o notebook e prossegui minha conversa com o fornecedor até ser novamente interrompida pela mão de Netta espalmada em cima das folhas do jornal.

— Eu não estou aqui para aturar o seu humor irônico, Beatrice. — A tentativa falha dela me intimidar me fez rir fazendo com que seu temperamento esquentasse ainda mais.

— Então pode ir embora, é só o que tem para hoje.

— Eu já disse que estou aqui para falar com Vito.

— E eu já disse que não estamos atendendo e que ele não se encontra. — As portas do elevador se abriram novamente e meu noivo, digno de Richard Geere em Uma Linda Mulher, saiu com óculos escuros, terno preto e uma cara de mal muito da encenada.

Andou "perigosamente" até minha mesa. Carmen assistia tudo de boca aberta, Netta empalideceu e eu cruzei as mãos embaixo do queixo porque minha mente de espectadora de filmes de romance, novelas melodramáticas e séries da Netflix sabia exatamente o que aconteceria agora.

Vito parou diante da loira, retirou os óculos e colocou em cima da minha mesa com todo cuidado. Eu podia jurar que a próxima vez que eu saísse para fazer compras, Roy Orbison apareceria cantando "Pretty Woman". Que filmaço!

— Olá, Netta. Não estamos atendendo hoje. O que faz aqui? — A frieza com que ele a tratava quase (repito: quase) fez com que eu sentisse pena. Mas o meu lado ainda não ressarcido por todas as maldades que ela fez comigo em minha adolescência gostava de cada segundo daquilo.

Seus olhinhos de Barbie Desolada focaram no jornal mais uma vez, como se apontasse esse para que Vito pudesse vê-lo e entender o assunto que ela queria tratar. Pobrezinha, mal sabia que ele não só sabia daquilo, como já estava morando comigo.

E mais uma vez, neste dia fatídico cheio de acontecimentos raros, incluindo meu monólogo sobre amor de forma quase positiva, eu percebi que podia adicionar mais alguma coisa à lista: eu já aceitava meu relacionamento com Vito com mais naturalidade do que uma semana atrás.

— Ah, sim. Meu casamento com Beatrice. Veio me dar os parabéns? — Pisquei sem acreditar no quanto ele conseguia se fazer de sonso. Alguém estava

andando demais comigo.

— Claro que não!

— Uma pena então, não é todo dia que alguém tem a chance de se casar com uma mulher prática, linda, inteligente e inteiramente maravilhosa como ela.
— Vito me olhou dando um sorriso e uma piscadinha.

Notei suas vistas irritadas, o cabelo um pouco despenteado e o quanto ele piscava. Das duas uma: ou eu estava me tornando uma maluca atenta a cada detalhe dele ou suas lentes de contato estavam incomodando devido ao frio. Estava mais do que explicado o tratamento com Netta e os óculos escuros.

— Enfim, qualquer outro assunto terá que esperar. Nosso funcionamento é só para o setor administrativo e você não participa dele, tampouco é uma funcionária. Não sei quem liberou sua entrada, mas por certo essa pessoa será advertida. Tenha uma boa tarde. — Quando ele deu as costas para ela e foi embora, pude ver Carmen mexendo os lábios para dizer "Um tapa de mão aberta", precisei de todo o meu autocontrole para não rir.

Houve uma segurada de lábios, uma respirada profunda, olhos fechados com força e uma oração rápida do tipo "Deus-dai-me-paciência-porque-se-me-der-forças-eu-arranco-os-cabelos-dela-com-fita-durex".

— O que você fez com ele? — Sorri para Netta.

— Você não vai querer saber...

Carmen gargalhou enquanto ela entrava furiosamente no elevador pronta para partir. Olhei para minha assistente balançando a cabeça para os lados e rindo mais discretamente, negando minha vontade de gritar de tanto que achei graça daquela situação.

— Certo, de volta ao trabalho. — declarei voltando a digitar.

Carmen se levantou e eu senti minha cadeira sendo deslizada para longe da minha mesa.

— *Mannaggia*, Carmen! — Ela apoiou as mãos nos braços da minha cadeira e me fitou.

— Eu continuo meu trabalho e adianto um pouquinho do seu. Você vai lá dentro ver como seu noivo está. Aqueles olhos irritados precisam de colírio.
— Carmen me puxou me fazendo levantar e deu um tapa na minha bunda. — Vai lá e arrasa.

Andei em passos curtos até as portas duplas. Apoiei minhas mãos na

maçaneta e virei.

Vito estava sentado na própria cadeira coçando os olhos freneticamente. O vidro de colírio hidratante jazia sobre a mesa e eu podia ouvi-lo praguejando baixinho. Seus movimentos só pararam quando ele tentou ver o que acontecia à sua porta. Sabendo de sua descoberta, resolvi me manifestar.

— Sou eu. Observei seu desconforto e vim ajudar. — Me aproximei. — Posso?

— Claro.

Me sentei em cima de sua mesa afastando alguns papéis que estavam diante dele.

— Puxe a cadeira mais para perto, *Burbero*. — Quando ele se aproximou, eu peguei o vidrinho do colírio o destampando. Vito apoiou os braços lado a lado do meu corpo, ergueu o rosto para mim e tentou manter os olhos abertos. — Calma, pode fechar. Deixe que eu abra um de cada vez, ok?

— Ok. — Ele estava entre minhas pernas e aquela cena parecia íntima demais até mesmo para pessoas com o nosso nível de relacionamento.

Era definitivo, eu não conseguia mais negar ou ignorar que nós dois estávamos avançando mais do que o esperado. Aquilo era além do que eu tinha imaginado a princípio e, por certo, iria ultrapassar ainda mais.

Abri seu olho esquerdo com o auxílio dos dedos e pinguei duas gotinhas do hidratante. Repeti o movimento no olho direito também. Depois disso, ele manteve ambos fechados. Visivelmente, estavam avermelhados, como era comum de acontecer no frio. Onde estavam seus óculos de grau?

Enquadrei seu rosto entre as mãos. Senti que Vito respirou mais profundamente do que o normal. Ele parecia relaxado, até mesmo a ruguinha entre as sobrancelhas havia sumido provisoriamente. Ô, chefinho, eu sempre fui capaz disso e não notei?

Me inclinei sobre ele e beijei cada pálpebra, depois encostei minha testa na dele. Esse tipo de carinho não era tão incomum, claro. Mas nossas motivações tinham sido alteradas, obviamente.

E, sendo sincera, eu seria uma péssima mentirosa se dissesse com todas as letras e meu coração otário que meus sentimentos tinham continuado os mesmos desde o casamento de Magda.

Não continuaram, nem tampouco iriam permanecer como agora.

E eu poderia ser taxada de idiota ou louca por estar me colocando em risco mais uma vez, mesmo depois de Raoul ou do que aconteceu entre meus pais. Com todos os contras nas mãos e os prós debaixo dos pés.

Mas eu seria uma idiota com toda certeza se não desse a chance de Vito quebrar o meu coração. E eu daria essa chance.

Aos poucos, em segredo, talvez um pouco mais silenciosa do que era o normal. Eu abriria as grades desse órgão maldito e o deixaria voar um pouquinho, debaixo das minhas vistas e na altura das minhas mãos.

Todo o cuidado era pouco, para mim, se tratando de amor. Mas de vez em quando até as pessoas covardes, como eu, tinham um ato de coragem.

Era minha hora de ser corajosa.

Desci os lábios paralelamente aos de Vito e sorri antes de beijá-lo.





12. Vende-se um Evento

**Motivo Doze para não
casar:**
*não sei reagir à situações
de emergência*

Sabe, isso é quase comum, mas eu tenho que falar. Festas não são tão legais de se planejar. Na verdade, é pressuposto que se alguém não sofrer para que outros festejem, então algo estará errado. Ano novo então é a ilustração perfeita para esse caso.

De manhãzinha, depois de a temperatura subir e a gente abrir mão de dois dos quatro cobertores que nos acompanharam nos dias anteriores, Vito e eu nos levantamos. Quase ao mesmo tempo. O fato é que eu tinha apoiado uma mão em seu rosto e ousado fazer um carinho.

Ao contrário das outras noites, nós não dormimos de costas um para o outro, mas também não nos tocamos ou nos unimos. Eu estava de frente para ele, nossas cabeças estavam próximas. Era como se minha receptividade de sentimentos fosse refletida no meu inconsciente.

Estar de frente para Vito era quase deixar explícito que eu já não estava tão contrária à ideia de me relacionar com alguém. Ele estar de frente para mim é como se tivesse percebido esse pequeno, ou grande, detalhe.

Depois desse despertar, nós dois seguimos caminhos separados. Vito iria para casa do pai e eu para a Vision. Era hora de oficializar os últimos detalhes para a festa de ano novo. A empresa contratada tratou de seguir o tema à risca. Por todos os lados você poderia ter a sensação do "Inverno Dourado" que eu escolhi no portfólio de festas de fim de ano.

Carmen auxiliava um grupo de ajudantes, com uma prancheta em um dos braços e a outra mão dada com uma coisinha loirinha que tinha no máximo um metro de altura. Mia era a filhinha dela, o chaveirinho da empresa e uma versão miniatura da própria mãe. Até mesmo naquele momento parecia reafirmar tudo o que minha assistente dizia com uma mãozinha na cintura e balançadas firmes de cabeça.

O lado bom de Mia era ela ser uma criança tranquila e obediente, se satisfazia com algumas folhas de papel e uma caixa de giz de cera assim como adorava ficar em meu colo enquanto eu digitava relatórios. Por vezes, até ia para o parquinho feito para filhos de funcionários, mas isso só acontecia por intermédio de Vito que era apaixonado por qualquer criança.

Bastou poucos segundos, até que ela me viu e correu em minha direção.

— *Zia Beatrice!*

— *Bambola!*

Seu corpinho se aninhou ao meu colo em um abraço apertado cheio de saudade e alegria.

— Que saudade da minha bebê!

— *Zia*, eu já sou uma mocinha. — bufou. Beijeí sua bochecha enquanto fazia cócegas nela arrancando risadas escandalosas.

— Mocinha ou não, continua sendo meu bebê.

Andei até Carmen que já tinha dispensado os ajudantes e fazia uma pose firme pronta para dar alguma bronca em Mia. Eu sempre reconheci a necessidade de não atrapalhar os pais em seu trabalho de educar, por isso apenas coloquei a pequena no chão de frente para a mãe.

— Nós conversamos sobre isso de sair correndo, Mia. Tem gente carregando coisas pesadas que podiam cair em cima de você. Quando quiser sair de perto de mim, me avise.

— Tá bom, *mamma*. — Ela abraçou a perna de Carmen e levantou a cabeça sorrindo em um pedido mudo de desculpas. Mia tinha uma franjinha bem aparada que ajudava a arredondar ainda mais o seu rosto infantil. Seu apelido na empresa era *gialla* graças ao cabelo loiro e a pele amarelada como a da mãe. Era a coisinha mais fofa de se ver e foi meu calmante durante todo aquele dia estressante.

— Marcelo também tinha que trabalhar e a babá está viajando, então trouxe minha mini-assistente para trabalhar. — Carmen apontou a filha com os olhos e a pequena levantou o polegar para mim como se dissesse "Tudo firme, patroa, vamos concluir todas as tarefas!". — Vou tentar mantê-la bem longe de qualquer coisa quebrável porque, mesmo sendo fofinha, isso aqui é um monstrinho com aparência bonita. Com certeza puxou o pai. — Isso não era totalmente verdade já que Carmen também quebrava muitas coisas. Vide todo o conjunto de xícaras da cozinha no andar de Vito, os lápis da própria escrivaninha

e a tela do próprio iPad.

— Não tem problema, quanto mais mãozinhas disponíveis, melhor.

Um fornecedor me chamou interrompendo minha conversa, minha assistente andou até o outro extremo do salão que estava terminando de ser decorado. Para a festa de Ano Novo, nós escolhemos o sétimo andar da sede. Não era comum em Roma os prédios serem tão altos. O edifício onde eu morava tinha oito andares, por exemplo, enquanto a Vision contava com quinze pisos exorbitantes. Graças a isso, nossa visão da cidade seria límpida, atrapalhada raramente por alguns terraços em alguns pontos. Poderíamos ter o cenário do inverno romano junto com a magia dourada da decoração interna.

Estrelas de metal pendiam do teto rodeando o lustre de cristal. Todo o prédio era decorado em um estilo clássico com um pouco de modernismo, ao gosto de nonna Gaia. O chão desse andar era todo em piso frio cor creme com padrões geométricos em tons quase de ouro velho. As janelas largas iluminavam tudo com maestria. Perto delas foram colocados sofás e mesinhas com arranjos florais artificialmente tingidos de dourado. O meu medo delas parecerem reaproveitadas do Natal pareceu inútil ao perceber que, com os focos de luz que seriam ligados sobre elas, tudo ficaria ainda mais bonito.

Mesas foram distribuídas, todas redondas para seguir o padrão curvado da sala. O palco foi instalado saindo de uma das extremidades da sala contrária de onde viria a comida.

Tudo corria perfeitamente bem, eu assinava algumas autorizações, distribuía algumas ordens, sem precisar gritar ou me estressar com nada. O único problema é que eu comecei a me sentir extremamente cansada. Era como se os meus abusos de horário, má alimentação e tudo mais resolvesse cobrar multa justo no dia que eu mais precisava estar disposta.

Me sentei em um dos sofás e segurei minha cabeça entre as mãos. Minha pressão estava despencando, eu sentia isso. Comecei a ficar tonta de repente, suando frio e com uma vontade descontrolada de me deitar em qualquer lugar e dormir.

— Zia?

Consegui ouvir ao longe a vozinha de Mia e respondi alguma coisa que eu não me lembrava. Em segundos, Carmen estava do meu lado sentada e apoiando minha cabeça em seu ombro.

— Ei, Bea. O que houve? — Ouvi minha assistente pedir água para alguém e logo eu estava bebendo. Aos poucos minha consciência foi voltando e

consegui me sentar direito. Mia me olhava preocupada, sentada ao meu lado. Tudo foi voltando ao normal, mas eu continuava cansada.

— Carmen, eu preciso descansar. Não sei o que está acontecendo.

Foi com dificuldade que chegamos até o elevados. Passinho por passinho, em pouco tempo chegamos ao último andar onde trabalhávamos. Mia empurrou uma cadeira de rodinha para perto de mim e Carmen me ajudou a me sentar.

— Você está grávida, doida? É por isso que vai casar com o Vito? — Olhei para a loira e percebi que era isso que todo mundo pensaria lá embaixo. O pior era que Vito e eu iríamos subir juntos ao palco hoje para falar sobre as questões caridosas da empresa e as metas relativas a isso que atingimos esse ano. As pessoas iam nos olhar como se entendessem tudo o que aconteceu durante os dias anteriores e tratariam de tirar conclusões precipitadas.

— Não, eu não estou. Mas acabei de perceber que todo mundo vai pensar que sim. Isso vai sujar minha imagem porque vão achar que eu tinha um caso com Vito e a verdade é totalmente o contrário disso. Ah, Carmen... — Ela me abraçou, apoiei minha cabeça em seu ombro e respirei fundo. — É tão difícil ser mulher nesse mundo. Quando não estão te exigindo alguma coisa, estão tirando algo de você.

Senti a mãozinha de Mia acariciando minhas costas.

— Calma, *zia*. Seu dodói já vai passar.

Me separei de Carmen e peguei a pequena no colo.

— Eu preciso comer alguma coisa. Saí de casa hoje e não comi nada no caminho, por isso desmaiei.

— Vou ligar para um restaurante e pedir um banquete para você. Espere um minuto.

Carmen foi para o telefone mais próximo e eu olhei para Mia. Ela segurava uma mecha do meu cabelo e me olhava de volta.

— Pode deixar, eu cuido de você até a *mamma* voltar. — declarou apoiando as costas no meu peito e brincando com o botão da minha blusa.

Em breve eu teria uma coisinha daquela, seguindo o que meu padrinho planejava. Senti o cheirinho do seu cabelo ainda lavado com shampoo de bebê e quase comecei a me acostumar com a ideia.

Mesmo que os funcionários pensassem algo sobre isso de gravidez, qual

era a verdade? Eu não devia nada a ninguém. Por mais que incomodasse ser vítima de tanta boataria.

Ouvi o elevador chegando ao nosso andar e logo as portas se abriram. Vito entrou na sala enquadrando tudo até que me viu. A garotinha pulou do meu colo e correu até ele.

Aham que ela cuidaria de mim até a mãe voltar. Cuidaria de mim sim, mas só até algo mais interessante aparecer, como um homem de um metro e oitenta, pele dourada, cabelos castanhos, olhos azuis e dois braços fortes que a conseguiriam jogá-la para o ar com muita facilidade.

As melhores professoras de traição eram as crianças, depois de lidar com uma, você passava a entender exatamente o que era se sentir trocada por qualquer coisa que fosse. Inclusive um executivo.

— Passei lá embaixo e me avisaram que vocês estavam aqui em cima. — Ele colocou Mia com as perninhas presas em seu pescoço, ela agora tentava alcançar o teto. — Aconteceu alguma coisa?

— A zia está dodói. — também era com elas que você aprendia sobre fofoca. De repente ela arregalou os olhos e puxou o cabelo dele. — Me desce! Preciso cuidar dela! — Vito a colocou no chão tão logo pôde e ela correu para o meu colo novamente. — Tudo bem, já estou de volta.

Meu noivo olhava para nós duas com um sorriso bobo no rosto, parecia quase encantado, meio sonhador. Voltei a prestar atenção na pequena, até que Carmen voltou para perto da gente.

— Oi, chefe! — cumprimentou rapidamente e se virou para mim — Pedi, eles vão entregar em alguns minutos. Um almoço italiano completo, com um suco e sobremesa.

— O que houve? — ele repetiu a pergunta.

— Minha pressão abaixou no meio da organização da festa. Eu não tomei café, deve ter sido por isso. Ainda me sinto cansada. — Apoiei minha bochecha no topo da cabeça de Mia.

— Se a pressão dela baixou, vai ter que alguém levantar de novo, não é? — a pequena perguntou usando sua lógica infantil e me fez rir.

— Sim, para isso eu tenho que comer.

Vito se aproximou e colocou a mão em minha testa medindo minha temperatura. Com os dedos, ele colocou meus cabelos atrás das orelha.

— Acho que você pode usar minha sala para dormir um pouco. Passou a noite em claro, já adiantou muita coisa. Descanse.

— Vou fazer isso.

Mia escorregou para o chão, ele passou o braço por meus ombros e me guiou até o sofá de sua sala. Pegou um travesseiro em um dos armários, teve cuidado de arrumar a temperatura do ambiente e me ajudou a me deitar.

O que se passava em minha mente não era exatamente minha pressão estar baixa e sim o burburinho que isso poderia causar.

Como se não soubesse o que eu imaginava, Vito se agachou ao meu lado acariciando o meu rosto. Estava um pouco preocupado e ao mesmo tempo parecia satisfeito de estar cuidando de mim. Ficou comigo até o almoço chegar e, depois disso, não deixou que ninguém me atrapalhasse enquanto eu me alimentava e dormia.

Ele realmente me tratava como um noivo que estava apaixonado. A graça morava em saber que realmente era as duas coisas.





13. Vende-se um Ano Novo

***Motivo Treze para não
casar:
prefiro os começos aos
finais felizes***

Eu sempre vou lembrar das minhas reações às festas de fim de ano em algum momento do dia trinta e um de dezembro. Minha relação com essas datas foi dividida em três fases. Durante minha infância era o período mais feliz do meu ano, eu simplesmente esperava pelo natal e ano novo como se minha vida dependesse de cada prato servido e cada fogos de artifício estourando no céu. Já durante a adolescência até o princípio da minha vida adulta, eu me enchia de expectativa e era ferida pela cruel realidade. Depois disso, passei a enfrentar esse período com desinteresse.

Eu apenas olhava para o mês de dezembro no calendário, via os dias grifados em vermelho e dizia um "ok" desanimado voltando para minha rotina.

Mas parece que esse final de ano estava querendo me surpreender. Era algo do tipo "Sabe tudo o que não ocorreu durante todos esses trezentos e sessenta e cinco dias? A hora é agora.". Basicamente eu descobri a possibilidade de noivar e noivei em menos de duas semanas. Foi quase um fast food que servia noivados. Você entra, é extorquido, se vicia em comidas ricas em sódio, termina de comer em dois minutos e sai pedindo mais.

A única diferença é que eu não saí e que, depois de dezessete cumprimentos pelo noivado recente, eu não queria mais.

Assim que eu me recuperei do quase desmaio, dormi um pouco e me alimentei (tudo isso sob o olhar vigilante e quase obsessivo de Vito), resolvi passar os olhos pelos preparativos e ir para casa. Deus era bom ao me evitar os problemas comuns de uma festa daquele porte, mas eu ainda tive que aturar os olhares banhados de ironia de um batalhão de funcionários. Todos eles achando que sabiam o que estava por trás do meu mal-estar. Todos tirando conclusões precipitadas. Quase dei uma de Netta e ameacei todo mundo com uma demissão assim que me casasse.

Minha vontade era voltar para o meu apartamento, assistir uns cinco capítulos de Ru Paul's Drag Race, chorar e comer sorvete enrolada em meu edredom, com meu pijama do gato Félix e minhas pantufas novas de unicórnio. Sem noivado, contrato, casamento ou mudança de vida. Só eu, meus surtos emocionais e minhas Drag Queens favoritas.

Mas é claro que aquilo não ia acontecer, então fui até um banheiro (escoltada por Vito, que me esperou no corredor), lavei meu rosto, ajeitei meus cabelos e arrumei minha melhor pose de supervisora. Terminei meu serviço dentro daquela empresa com o queixo erguido antes de ir para casa.

Era hora da produção. Uma mulher realmente prepara a armadura quando separa roupas novas para um evento.

— Eu preciso falar uma coisa, antes de voltarmos. — A determinação que a água fria dá quando atinge nossa cara é algo que demora muito para passar, e eu sabia que ela não iria embora até o final daquela festa. — Eu não quero ser vista apenas como uma extensão sua.

A gente estava na cozinha da cobertura, comendo algumas coisas antes de começar a nos arrumar. Ele parou de beber seu suco e me encarou com a cabeça um pouco inclinada evidenciando a profundidade de seus olhos.

— Por que diz isso? — Engoli em seco antes de continuar.

— Porque sei o que estão pensando na empresa depois do meu quase desmaio. De repente todo o meu serviço e minha competência são esquecidos para dar espaço e foco à fofoca de que provavelmente eu transei com você, engravidei e por isso vamos casar. — Apoiei minhas mãos no balcão, de frente para ele. — Eu sou mais do que isso, Vito. Sou mais do que sua futura esposa, espero que você não anule isso.

— Esse tipo de atitude nunca deve ser esperada de mim, Bea. Acho que sou a pessoa que mais reconhece seu valor e o quanto batalhou para chegar ao que é hoje. Serei também a última pessoa a anular tudo o que você é. — Vito sorriu para mim. — Até porque eu gosto.

Eu lutei por bons quinze segundos antes de deixar um sorrisinho bobo se espalhar pelo meu rosto. Mas é claro, assim como estava determinada a não me render aos comentários bestas da noite, eu me recuperei o suficiente para aparentar que só me deixei levar pelo elogio por pouco tempo. A Beatrice estava de volta, dura de matar, mais forte do que nunca.

— Certo, é hora de se preparar. Vou para o quarto tomar meu banho.

— Ok. Vou deixar algo preparado para você comer antes de ir. — Parei por uns instante na porta da cozinha o observando com curiosidade. — Não queremos nenhuma noiva desmaiada na hora do discurso, certo? — Eu ri antes de dar às costas para ele.

Tudo o que eu precisava era de um banho relaxante e passar por toda minha terapia que envolvia maquiagem, perfumaria e arrumar os cabelos. Eu ficava incrivelmente segura depois de me produzir para aquelas ocasiões.

Tirei do closet meu vestido de veludo branco com um decote profundo e cordões que pegavam todo o centro e ajustavam na bainha permitindo que ele aderisse melhor ao corpo. A combinação perfeita com um dos meus sapatos nudes com spikes dourados nas tiras que prendiam até meu tornozelo.

Deixei os dois em cima da cama e parti para a banheira cheia de sais de banho e óleo de flores. Mergulhei meu corpo deixando apenas minha cabeça de fora, me apoiei no encosto e fechei os olhos relaxando por minutos. Era bom ter a habilidade de colocar os pensamentos no lugar. Cada estratégia, sentimento e tudo mais. Rainha de mim.

Quando abri os olhos mais uma vez disposta a terminar meu banho, vi que eu já tinha passado mais de vinte minutos naquela posição. Suspirei. Era hora de voltar.

Me enrolei em um roupão que ficou destinado ao meu uso, fui para a frente do espelho, peguei todos os meus cosméticos faciais e comecei a preparar meu rosto para a maquiagem que viria logo depois. Abri a porta do banheiro, ainda com um esfoliante aplicado e dei de cara com Vito. Aquilo não deveria me constranger, mas por baixo de todo o creme verde, eu estava corada.

— Esse tipo de cena não deveria ser esperado só após o casamento? — Seu tom era risonho e me contagiou. Me apoiei no umbral da porta para rir tentando esconder o rosto.

— Não esperava ver você aqui. — Fui para a penteadeira colocada ali depois que eu cheguei decidida a não me abalar pela presença dele. Me sentei e comecei a remover o creme tornando evidente a pele limpa que eu esperava. Passei um hidratante e soltei meu cabelo começando a escová-lo e penteá-lo. Fui para o closet mais uma vez e coloquei minha lingerie. Vito já estava no banheiro, isso deu tempo para que eu me vestir e calçar os sapatos. Voltei para a penteadeira começando a maquiagem.

Preferi deixar meus cabelos presos em um coque banana que faria orgulho em nonna Gaia, distribuí algumas mechas envolta do meu rosto, ajeitei

minha franja com a ajuda do secador e, como esperado, comecei a organizar toda a bagunça que eu fiz.

Ouvi a porta do banheiro sendo aberta e vi Vito pelo espelho saindo com uma toalha enrolada na própria cintura. A barba estava melhor aparada, os cabelos penteados para trás e alinhados com a ajuda de um gel. Ele sumiu para dentro do closet e eu me repreendi por ficar observando o volume de sua bunda enquanto andava. Quando voltou, já estava vestido com um terno creme e camisa branca. Apenas a gravata era vermelha.

— Tenho algo para você usar. — Ele disse depois de prender as abotoaduras.

As únicas joias que eu estava usando, era o anel de noivado, um par de brincos e pulseiras que eu tinha ganhado de presente anteriormente do padrinho. Todos simples e bonitos.

— Vai combinar, não se preocupe. Comprei pensando em você. — Ele pegou uma caixinha de veludo vermelho na gaveta do criado-mudo e me entregou. Era uma gargantilha feita de fita de cetim com um pingente oval no meio adornado por cristais *swarovskis*. Fazia um conjunto perfeito com todas as outras jóias que eu usava. Vito se colocou atrás de mim e a prendeu. — Ficou perfeita, como eu imaginei.

Me olhei no espelho e concordei com sua afirmação. Devido o decote, a gargantilha obtinha o destaque ideal. Com Vito ao meu lado, também aparecendo no reflexo, parecíamos um casal de capa de revista. Até nossas roupas combinavam.

— Sabe, acabo de ficar ainda mais segura na hora de subir naquele palco e discursar.

— O que alguns milheiros de euros não fazem no pescoço de uma mulher, não é? — Sorri para ele com os olhos baixos.

— Acho que essa sensação está ligada mais ao herdeiro bilionário que vai estar ao meu lado. — Passei as pontas dos dedos pela circunferência do pingente e desviei o olhar.

Não demorou muito para a gente descer e entrar no carro. O motorista sorriu para nós dois, cordial como sempre.

Toda Roma parecia banhada pela expectativa do renascimento. Parecia ter felicidade em todas as pessoas.

Vito passou o braço por meu ombro acompanhando minha observação

até que chegamos à Vision.

Eu não sabia dizer até que ponto nós dois representamos naquela noite, mas nossa sintonia na hora do discurso sobre as ações de caridade da empresa certamente não fazia parte da atuação. Nós finalizamos nossa fala abraçados, cada um erguendo uma taça de *prosecco*. Fizemos um brinde e nos beijamos antes de voltarmos para nossa mesa com discrição.

Os discursos fechavam a noite, após o nosso, era hora do Senhor Carlo e, depois dele, Vito subiria novamente erguendo um último brinde pelas conquistas da empresa ainda naquele ano. Todos iriam seguir para a sacada e teriam a visão dos fogos de artifício por toda Roma assim que aquela parte do evento terminasse

Meu padrinho discursou sobre os avanços tecnológicos da empresa e todos os meios que a Vision passou a utilizar para se tornar cada vez mais uma empresa ecológica. Isso ia desde as fazendas, até a última vendinha que levava o selo do grupo. Seu discurso foi regado à brincadeiras, emoções e agradecimentos. Algo típico do único homem capaz de me fazer passar pela coisa que eu mais temia nesse mundo, mas mesmo assim não alterar o meu amor por ele.

Difícil essa vida de ter afeto por quem quer nos derrubar sempre que possível.

Vito estava ao meu lado, minha cabeça apoiada em seu ombro enquanto ele me abraçava de lado. Nonna Gaia nos olhava sorridente sentada do outro lado dele e deu uma piscadinha para mim quando percebeu que eu a observava. Sorri lhe enviando um beijo soprado, depois voltei a prestar a atenção no discurso do padrinho até que ele finalizou com mais um brinde e voltou para a mesa.

Mamma decidiu passar aquela noite com sua família. De certa forma, eu não era tão próximo dos meus parentes consanguíneos, por isso ficava com os Bernadinelli. E também, pelo meu recente noivado.

Os garçons estavam sempre prontos a encher nossas taças mais uma vez. A regra era não faltar *prosecco* para ninguém.

Vito se inclinou e falou perto do meu ouvido:

— Quer subir comigo de novo? Gostaria de trocar algumas palavras sobre nosso noivado. — Acenei positivamente com a cabeça e o segui até o palco mais uma vez.

Dali pude ver todos os funcionários, desde Darla que me mandou um tchauzinho animado (totalmente o contrário do que eu esperava dela depois que fiquei noiva) até o último diretor de Marketing que me olhavam por cima do nariz como se fosse algo superior a mim. Ainda vi Carmen junta de Marcelo, ela loira e ele careca, ambos felizes. Dessa vez eu prestava atenção aos detalhes que não prestei na última. Como as estrelas douradas que ficaram lindas de noite, até as flores e a iluminação estratégica sobre a mesa dos Bernadinelli.

Vito pousou a mão em minhas costas e me olhou mais uma vez do mesmo jeito do natal. Banhado do amor antigo que só foi percebido por mim agora.

— Boa noite, mais uma vez. — Ele se inclinou para o microfone, ainda sem tirar os olhos de mim. O que combinou perfeitamente, porque eu não queria perder nenhuma face das suas emoções. — Como disse o meu pai, esse ano foi o ano de energias renovadas. Tenho muito a agradecer... — Vito se perdeu por alguns segundos em um discurso sobre todos os objetivos alcançados dentro da Vision, até que voltou para o assunto principal. Pelo menos para mim. — É sempre bom encontrar alguém para trilhar ao seu lado, mesmo quando você menos esperava por isso. Beatrice não é uma parte de mim, ela é a mulher mais gloriosa que eu tive o prazer de conhecer e me sinto orgulhoso por ela ter permitido que eu a arrastasse para o altar daqui alguns meses. Tudo o que eu sou hoje, eu devo um pouco à essa garota. Desde o grêmio estudantil até a vaga de CEO, sempre esteve comigo e dessa vez não será diferente. Desejo a vocês, nesse ano que se inicia, um encontro de almas que são compatíveis em todos os sentidos. Caso essas almas já tenham se encontrado, que elas possam renovar os laços que as detém. Um feliz 2018, amigos!

Todos aplaudiram e repetiram a última frase enquanto ele chegou mais perto de mim e beijou minha testa para sussurrar em meu ouvido logo em seguida:

— Eu não estava fingindo.

A contagem dos dez segundos começou antes que eu pudesse respondê-lo. A varanda nos esperava e assim que o relógio zerou, Vito apoiou uma mão em minha cintura enquanto a outra erguia meu queixo. Seus lábios foram doces sobre os meus, eu não apresentei qualquer recusa passando meus braços em volta de seu pescoço. Cedi espaço para sua língua e também usei a minha. As explosões em nossa volta e os gritos da multidão não nos atingiam.

E dentro de mim, a Beatrice um pouco mais segura sobre relacionamentos queria tentar um próximo passo.





14. Vende-se uma Noite

**Motivo Quatorze para
não casar:**
*não sei reagir muito bem
à troca de carícias.*

Após o ano novo, sempre surge aquela expectativa de que absolutamente tudo na nossa vida vai se resolver como em um passe de mágica. Até parece que uma fada madrinha vai surgir das bicas de água da rua e arrumar tudo o que está errado. Mas nós, que somos adultos, sabemos que fadas não existem.

Era o segundo dia do ano. Nós dois só voltamos da festa depois que o DJ começou a repetir *Mambo Italiano* pela terceira vez graças a um muito alegre Carlo Bernadinelli. Passamos o primeiro dia do ano dormindo e acordando entre um telefonema e outro. Era comum receber aquele tanto de ligação dos familiares e amigos desejando o que não puderam desejar no dia anterior.

Às dez da noite resolvemos que já era hora de acordar definitivamente. A primeira semana de janeiro seria quase toda destinada à folga do setor administrativo. Graças a Deus, eu estava inclusa nesse meio e Vito também.

Não havia graça em ser o chefe se você não pudesse tirar uns dias de descanso quando bem entendesse, não é? Eu só pensava no tanto de trabalho que isso renderia para mim quando fosse hora de voltar para nossa rotina boazinha de horas a fio fazendo relatórios, correndo de uma reunião para outra e comendo qualquer coisa que pudesse nos ajudar a ficar mais dez minutos de pé.

Enfim, não era hora de pensar nisso. Vito repetia esse mantra toda vez que eu perguntava algo relacionado ao trabalho e eu me repreendia por continuar querendo pensar em trabalhar. Por fim, resolvi navegar em um site de viagem e analisar onde nós dois poderíamos passar alguns dias sem interferência externa.

Descartei Florença assim que vi que um dos tios dele utilizava uma das propriedades de lá, por fim resolvi que Nápoles nos forneceria uma boa estadia. Era hora de eu passar a enxergar a *Villa da Signora* com outros olhos.

Depois de contatar nosso piloto, comecei a preparar nossa bagagem. Não

era trabalho nenhum, já que eu sempre mantinha por perto uma lista de itens de viagem para cada estação do ano e cada ocasião. Casacos, meias, produtos pessoais...

— Rolinhos primavera de roupa? — Vito disse retirando da mala uma de suas blusas dobradas por mim.

A implicância dele com minha organização só não me irritava porque me fazia rir.

— Coloca isso no lugar e por ordem de cor.

— *Dio mio...* — Ele soltou a blusa no lugar, mas ainda assim eu reorganizei incomodada. — Para onde vamos mesmo?

— Para Nápoles, Vito. E não bagunce mais as malas. — Ele se sentou na beirada da cama e ficou me olhando enquanto eu ia do closet ao quarto em viagens seguidas, separando tudo o que precisaríamos.

Depois de terminado, fechei as quatro bolsas e coloquei todas em um canto do quarto. Me voltei para Vito mais uma vez e sorri satisfeita. Passado um tempo, finalmente percebi que ele estava um pouco inquieto. Vestia roupas casuais, incluindo um jeans escuro e uma camisa preta sem estampa. Estava descalço, como era o comum, e batia os pés enquanto olhava para todos os lados, menos para mim.

— Muito bem, qual é o assunto?

— Promete não ficar brava e nem tentar fugir do assunto. — Eu estava de pé no meio do quarto e aquela frase era ameaçadora o suficiente para eu fazer exatamente o contrário do que ele pedia.

— Tudo bem, prometo. — Cruzei os braços. Sua pose era de um homem que fez alguma besteira, como daqueles atores que mentem para a namorada nas novelas e precisavam contar antes de serem sufocados pela mentira.

— Bem... Eu marquei uma data para o nosso casamento.

O silêncio a seguir era basicamente uma máscara para disfarçar o quanto eu estava gritando por dentro. A vontade era pegar as malas que eu tinha acabado de arrumar e jogar todas as roupas para todos os lados enquanto berrava descontroladamente.

Mas tudo bem, eu deveria cumprir com o que prometi.

— E por que você fez isso?

Vito se levantou e se aproximou apoiando as mãos em meus ombros e

soltando a respiração que eu nem percebi que ele estava segurando.

— Porque meu pai insistiu. E isso não é o pior... Preciso te avisar antes que ele faça alguma piada sobre algo parecido. — Uma de suas mãos ergueu meu queixo para que eu o olhasse. — Ele insistiu no assunto filhos.

— Ah, *Dio mio*... — Joguei minhas mãos para o ar me afastando um pouco dele e me sentei na cama.

— Sim! *Dio mio*! — Permanecemos em silêncio por alguns minutos. Apenas o barulho do aquecedor e do relógio como trilha sonora. Os olhos de Vito examinavam minha roupa enquanto ele apoiava o queixo em uma das mãos.

— Para quando? — perguntei interrompendo sua inspeção.

— *Scusi*?

— A data, para quando você marcou? — Ele pensou um pouco antes de responder, como se avaliasse o que tinha que falar do melhor jeito possível.

Como se eu me casar já não fosse ruim o suficiente.

— Julho. O dia fica por sua conta.

Claro, um dos meses mais apropriados. Nada de quaresma e advento, muito menos o mês da Virgem Maria. E Deus nos livre de casar em agosto e atrair mais azar do que já tinha. Respirei fundo. Aquelas tradições só não seriam mais difíceis de ser respeitadas porque eu teria sete bons meses para me acostumar.

Como se não fosse bom o suficiente, sete era meu número da sorte.

— E sobre filhos, o que ele disse?

— Foi uma piada infame e eu não quero ser agredido.

O encarei. Enquanto eu estava sentada na cama, ele se sentou em uma poltrona no lado oposto do quarto. Desviava os olhos mais uma vez.

— Anda logo, Vito. Faça a piada.

— Bem... Ele disse que era para gente ir treinando.

Ah, claro. Homens.

— E o que você respondeu?

— Que não temos sobrinhos para isso.

Me joguei de costas na cama e encarei o teto.

Aquilo com certeza seria mais difícil do que eu pensei no início. Não era

só a minha falta de vontade de casar que atrapalhava, também contava todas as tradições, o contrato e o fato de eu preferir muito mais ir comer em um lugar novo do que ir à minha própria cerimônia de casamento em um domingo de manhã.

— E o que ele sugeriu?

— Bom...

— Não começa com esse "bom", Vito! *Non cercare di intortarmi!* — Deu de ombros como se estivesse lutando uma causa perdida.

— Um animal de estimação. Cachorro, gato, periquito, papagaio. Um bicho. — Eu ri. Vito se aproximou e deitou por cima de mim esfregando o nariz em meu pescoço e vagando as mãos pelas minhas pernas.

— Até porque um filho vai sim exigir a mesma atenção que um bichinho de estimação. Obviamente. — Seu rosto ficou paralelo ao meu assim que terminei de falar.

Ele beijou minha testa, o cumprimento e a ponta do meu nariz, depois afundou os lábios nos meus. Eu fechei os olhos, passei as mãos por suas costas e girei com ele na cama ficando por cima.

— Eu adoro quando você usa minhas roupas — sussurrou contra meu pescoço me provocando um arrepio. Seus dedos prenderam na base da camisa de algodão comprida que eu usava puxando para cima. Senti seu toque em minha cintura. Pele na pele pela primeira vez.

Também levantei sua blusa deixando sua barriga à mostra. Vito se separou de mim por uns instantes, apenas para remover a peça de roupa. Depois me ajudou a tirar me deixando apenas de lingerie.

— Quis saber o que você estava usando por baixo. O tempo inteiro. — Seus dedos correram para o fecho do meu sutiã enquanto ele ainda sussurrava coisas doces para mim. Estava meio sentado e eu tinha as pernas enlaçadas em sua cintura. Prendi seus cabelos com minhas mãos e tomei a iniciativa de beijá-lo assim que ele conseguiu tirar o sutiã rendado. Suas mãos circularam meus seios e começou a me deitar devagar. — Eu vou fazer uma bagunça em você, Bea. Mas prometo arrumar tudo depois.

No fim daquela noite, eu soube que tudo estava mudado.

Nós dois realmente demos o próximo passo, sem reservas. A nossa relação não era mais a mesma. Não existia a remota possibilidade de retorno, já estava feito. Não era mais um "e se" e sim um "agora que". Agora que dormimos

juntos, estamos noivos, dividimos uma vida, o que é que vamos fazer?

A resposta era simples: vamos aproveitar.

Vito sempre foi meu melhor amigo, agora era meu futuro marido e queria provar que podia ser uma ótima versão disso. Então eu deixei.

Eu realmente não conseguiria evitar me casar com ele. Ia além de mim essa coisa de defender os meus para não serem atingidos pelos outros. Não deixaria ninguém ficar com a herança dele, nem comprometeria a empresa.

Ver Vito bem custaria um filho e um casamento, mas, de repente, ter ele ao meu lado fazia ambas as coisas não parecerem tão difíceis.

E, eu espero que você preste bastante atenção no que eu vou falar agora: eu estava completamente disposta e entregue à ideia da remota possibilidade de me apaixonar por Vito do mesmo jeito que ele era apaixonado por mim.

Não que isso estivesse nos meus planos. Amar alguém não era algo a se planejar e, Deus sabe disso, eu sou ótima em lidar com improvisos. O casamento e o filho eram dois improvisos que a vida me deu para testar minhas habilidades de assistente pessoal. Certamente, para ter esse cargo na vida de um CEO, isso significava que eu era boa demais. Meu filho e meu casamento também seriam. E o sobrenome Bernadinelli não precisava ser gritado para demonstrar sua intensidade, portanto, como futura senhora dessa família e futura mãe do próximo herdeiro, era minha hora de trabalhar em silêncio.

Eu e Vito caminhamos lado a lado pelo heliporto até nos acomodar prontos para voar para Nápoles. Ao contrário do esperado, me aproximei dele. Silenciosamente, como prometi.

Ele parecia satisfeito já que estava risonho e fazendo piadas. De um jeito que eu não via desde a morte de dona Fiorella. O piloto pousou na *Villa da Signora* com mais tranquilidade do que um pássaro, combinando com o humor do chefe. Vito andou segurando a minha mão até dentro de casa. Dispensou o jantar, as bebidas, os empregados e ficou comigo. Só comigo. Toda sua atenção voltada para mim. Por longas horas, eu fui dona dos seus beijos, das suas carícias e de toda sua atenção.

Em estado de êxtase eu reconheci que aquela vida agora me parecia muito atraente.

— Você não sabe o quanto é bonita, *fragolina*. — O encarei. Ele estava inclinado sobre mim, acariciando meu rosto e distribuindo beijos molhados pelo meu pescoço.

— Fale isso para mim desse jeito todos os dias e eu vou aprender logo.
— Vito riu e sugou meu lábio inferior me fazendo fechar os olhos.

— Não seria nenhum sacrifício.

Toquei seus cabelos com carinho, deslizando os dedos entre suas sobrancelhas e admirando sua tranquilidade.

— Eu rezei tanto para que você voltasse a ser o meu Vito de sempre. Animado, tranquilo, carinhoso... — Encostei os lábios em sua bochecha. — Bem-vindo de volta.





15.1. Amante Vendido

Motivo número Três para amar Beatrice:
quando ela se entrega, compensa toda a espera.

Existe uma liberdade existencial ao se nascer homem. Nós não precisamos conviver com muitas cobranças, somos encorajados a conquistar tudo o que pudermos e ainda somos assegurados de que somos o suficiente independente da situação.

Não foi diferente comigo, obviamente. Fui criado por pais atenciosos por ter sido uma espécie de milagre. E quando se nasce nessas circunstâncias, onde sua existência é uma coisa desejada e planejada, é mais do que comum ser amado em excesso e conviver com vontades sendo feitas.

Por sorte, nasci em uma família tipicamente italiana onde a mesma mão que acarinhava minha cabeça me protegendo de broncas era a que corrigia com boas palmadas sempre que necessário. Assim, houve o impedimento de que eu me tornasse alguém sem limites.

Ou, como *nonna* diria, um cavalo sem freios.

Sendo sempre incentivado a conquistar tudo o que queria, é imaginável minha frustração ao saber que não podia ter justo a pessoa por quem me apaixonei.

Com Beatrice, tudo ocorria como um desafio. Ela era algo que eu desejava com todas as minhas forças e eu não me sentia mal em confessar isso. Era da minha criação procurar alcançar o amor dessa mulher. Não tinha medo de me tornar alguém um tanto quanto implacável. A única coisa que eu temia nisso tudo, era magoar minha garota.

Por isso, eu tentei de todas as formas ser a versão mais branda de mim. Sempre me contentei com migalhas.

Em uma conversa franca com meu pai, ainda na adolescência, ele me explicou sobre o espírito feminino e sua liberdade. Como uma mulher se entristece ao ser limitada, como um homem deve aprender a deixar com que sua companheira seja do tamanho que ela quiser. Foi aí que eu descobri que para ter

Beatrice, eu precisava respeitar seus limites e planos.

Mas essa tarde, nesse novo ano, foi o momento que eu escolhi para mostrar para Bea que, além de amigo, eu estava disposto a interpretar outros papéis em sua vida.

Ela sempre foi uma mulher que preenchia. Afundar a mão em sua cintura e tocar sua pele macia foi uma sensação indescritível. Poder encostar em seus peitos, beijá-los e acariciá-los foi como ir ao céu e voltar.

— *Burbero...* — Eu nunca pensei que meu apelido de infância conseguisse soar de forma tão sexy. Eu ainda tinha seu mamilo na boca quando a encarei. Arqueada, de olhos fechados e sem saber onde colocar as mãos. Finalmente desconsertada pelo poder da minha língua.

Sorri antes de continuar.

Seu gosto e a textura convidava para um banquete. Mudei a atenção entre seus seios, sugando um enquanto apertava o outro. Ouvi quando ela arfou e resolvi tirar a prova real deslizando minha mão para dentro de sua calcinha. Úmida, quente e escorregadia. Minha Bea me chamava em silêncio para dentro dela, gemendo baixinho contra meu ouvido, suspirando.

Os olhos fechados e apertados, sua respiração ofegante, seu corpo inclinando-se involuntariamente em minha direção e suas mãos puxando o lençol. Aqueles eram componentes de uma obra do êxtase perfeita de se ver. Me ajoelhei perto da cama, apoiei as mãos em suas ancas para ter melhor acesso ao meu objeto de desejo e abaixei a cabeça quase como em uma reverência.

Primeiro encostei a língua por cima do tecido rendado da calcinha. Minha saliva se misturando com sua umidade e me fazendo sentir o gosto da vitória. Levemente salgado e viciante. Com as pontas dos dedos, puxei as laterais da lingerie. Me levantei apenas para ajudar Beatrice a se livrar da última peça de roupa que nos separava.

Talvez fosse cedo demais para ela e no dia seguinte acordaria em Nápoles com a certeza de ter cometido um erro. Mas eu era humano também e eu esperava há tanto tempo por aquilo que pensei merecer alguns minutos no paraíso.

Agora completamente desnudada, pude sentir seu gosto direto da fonte. Quente, saboroso. Beatrice molhava minha língua com o melhor dos elixires que eu já saboreei. Eu espalhei beijos pela parte interna de suas coxas.

Fechei os olhos apreciando seu cheiro. Arrastei os dentes antes de voltar

para a fonte de tudo. Golpeei seu clitóris com a ponta da língua e a senti tremer sob minhas mãos.

— Ah... Vito. — Ouvir meu nome embargado por sua voz de prazer me deixou ainda mais excitado.

Aquela mulher ia acabar comigo. Eu estava rendido há tempo demais para tentar retomar as rédeas da situação. Bea me colocava ajoelhado sob seus pés, era só pedir. Pedi permissão para bagunçá-la e ainda disse que arrumaria tudo depois. Ela gostava de organização e eu estava aqui para fazer suas vontades.

Me ergui, aproximando meu rosto do seu, boca com boca, meus dedos trabalhando onde minha língua tinha feito o serviço anteriormente. Agora eu conseguia ver seus olhos bêbados de prazer. Abri minha calça e deixei que ela caísse no chão.

Encaixei meu membro entre suas pernas descansando minha mão em seu ventre. Tudo de uma só vez, foi assim que ela me recebeu. Seu grito estrangulado combinando com meu gemido rouco.

Tê-la em volta do meu pênis foi a melhor sensação naquelas circunstâncias que eu já tinha experimentado. Me movimentei ainda sem acreditar. Minhas pernas tremiam. Apoiei minhas mãos no colchão para não ceder ao fraquejo que me tomava.

Minha mulher, toda minha. Bea entrelaçou os pés nas minhas costas depois de enlaçar as pernas em minha cintura. Apertei sua coxa intensificando os movimentos.

Como eu adivinhei que ela faria, Beatrice inverteu as posições me fazendo ficar sentado enquanto ela cavalgava em mim. Prendi seus cabelos entre minhas mãos e mordi seu pescoço. Deixei que me empurrasse, fiquei apoiado em meus cotovelos enquanto a via subir e descer freneticamente sobre mim. Suas mãos em meu peito, seus cabelos voando para todos os lados, os seios livres acompanhando os movimentos enquanto ela, completamente satisfeita, me dominava. Eu, no mesmo estado de espírito, me sentia mais do que satisfeito.

Passei minhas mãos por suas pernas, subindo até segurar os peitos que balançavam diante de mim em uma cena erótica demais para ser ignorada.

— Puta que pariu, Beatrice. Você é tão gostosa.

Ela sorriu para mim, ainda pulando, um sorriso de amante, de mulher satisfeita, cheio de duplos sentidos e segredos. Depois segurou o lábio inferior

entre os dentes erguendo o rosto e soltando um gemido mais forte.

A senti se apertar contra meu pau e seus movimentos foram substituídos por espasmos trêmulos enquanto ela se desmanchou sobre mim. Eu me movimentei algumas vezes antes de acompanhá-la. A deitei na cama e tirei seus cabelos do rosto.

Suas bochechas rubras e a respiração ofegante semelhante a minha demonstravam que ela estava tão satisfeita quanto eu. Me joguei ao seu lado e encarei o teto até recobrar minha consciência.

Senti que deslizava para perto de mim. Bea apoiou a cabeça em meu peito depois de me beijar ali, passou um braço por cima de mim e enlaçou uma perna na minha.

Eu só pensava que eu deveria ter morrido para aquilo ter acontecido de verdade. Meus sonhos de adolescência com a garota que mordia lápis do jeito mais sexy que eu conhecia pareciam meras histórias para boi dormir.

Minha Beatrice, finalmente toda minha, me deu um chá de boceta de fazer inveja a qualquer um.

Uma gargalhada queria subir pela minha garganta de tanta satisfação que eu sentia. Respirei fundo e pousei minha mão em sua cabeça.

Nós ainda descansamos um pouco antes de decidirmos ir para o heliporto voar até Nápoles.

Dentro do helicóptero, sua presença se fez constante. Minha vontade era de não soltá-la nunca mais, mas me contive em apenas segurar sua mão até que chegamos à suíte da *Villa da Signora*.

Eu até tentei me segurar um pouco e resistir à tentação de transar com Beatrice novamente. Mas não consegui. Se Deus fez uma fraqueza em mim, essa fraqueza era aquela mulher. Sentia meu coração acelerar só com a expectativa de deitá-la naquela cama e fazer amor até a gente ficar tão exausto ao ponto de não conseguir se levantar e passar o restante da nossa semana de folga repetindo tudo.

Nápoles podia esperar. Meu pai podia esperar, minha nonna, minha empresa, tudo mais poderia esperar. Mas eu tinha um objetivo com aquela mulher e ele seria cumprido.

O jantar podia esperar também. Decidi isso depois de beijá-la e deitá-la na cama mais uma vez.

O que não podia esperar era minha vontade de colocar em dia todos aqueles anos de espera por aquele corpo.





15. Vende-se um Pappa

***Motivo Quinze para não
casar:
minhas experiências com
homens não foram nada
agradáveis.***

No meio da madrugada, após passar todo nosso início de estadia dentro do quarto, me deparei com uma cena inusitada que conseguia fazer um comparativo perfeito da influência dos pais de Vito e dos meus em nossas respectivas vidas.

Claro que eu tenho algumas palavras para trocar sobre a tirania desses entes. Na verdade, sobre o que herdamos graças a esses exemplos. Devido todo o meu histórico de rejeição paterna, era esperado que eu herdasse o lado maternal da coisa toda. Infelizmente, o contrário ocorreu.

Como filha de quem sou, obviamente, eu seria a tirana egoísta traiçoeira por algumas vezes. Claro, contra a minha vontade. Por mim, eu era doce, calma e compreensiva como minha mãe. Até um pouco submissa. Isso, pode ter certeza, serviria para que eu evitasse algumas discussões em que eu vivia me envolvendo.

Ao contrário de tudo isso, eu era raivosa, chata e mandona. Todas essas características seriam bem aceitas em um homem, claro. Mas eu vim a esse mundo como mulher e o mundo trataria de me impor esse papel. Certo?

Errado.

Vito tremendo de frio e eu toda enrolada no edredom provava que eu tinha noventa e nove por cento do traço tirano do meu pai. Mas aquele um por cento sagrado que mamãe plantou em mim e regou com carinho me fez me redimir da minha maldade inconsciente.

Não só cobri meu noivo como o abracei esfregando suas costas para esquentá-lo cada vez mais. Claro que Vito tinha outras ideias de como se aquecer, eu não ousei pará-lo e perdemos parte da nossa noite de sono.

Já de manhã, eu analisei melhor cada uma das minhas atitudes e como o lado paterno dos meus genes serviam como um solo fertilizado para o mal.

Por falar nisso, meu pai morava em Nápoles e esse é um lado chato da moeda que eu preferia raspar e criar outro. Mas passado é passado, ele prossegue como foi e altera nosso futuro. De forma positiva ou negativa. Isso já fica à nossa escolha.

Eu tinha oito anos de idade quando me dei conta de que a submissão da minha mãe não estava terminalmente ligada à sua criação em uma família italiana típica de Florença. Existia algumas coisas dentro das quatro paredes do quarto da casa do jardim que não podiam ficar debaixo dos panos depois de descobertas. Isso incluía os tapas, os socos, os pontapés e os abusos constantes que aquela moça tão dedicada à mim sofria em silêncio.

Coisas que os homens acham que podem fazer com as mulheres por terem sido obrigados a casarem com elas, ou porque elas fizeram algo de ruim ou porque acham que tem algum direito sobre aquele ser.

Para os meus olhos de criança, aquela ainda era minha mãe e alguém precisava ajudá-la.

Ainda muito pequena soube reconhecer que, assim como ela me protegia da fúria e insatisfação daquele que era para ser um amoroso pai, eu podia retribuir e fazer o que pudesse ao vê-la sofrendo.

Tinha pleno entendimento sobre o fato da minha existência não ter sido planejada ou desejada por aquele homem. Não como Vito era. Eu nunca tive um pai como senhor Carlo. Nunca um homem havia me pegado no colo com orgulho e me exibido como uma criança querida.

Por isso eu aproveitava cada instante com meu padrinho e sabia a quem recorrer caso algo problemático acontecesse ao ponto de só um adulto do sexo masculino ser capaz de resolver.

Na minha opinião infantil, era ele quem iria devolver as agressões que mamãe sofria.

Me esgueirei para dentro do escritório do padrinho ainda muito aflita para falar, ele estava em um telefonema e sorriu para mim brevemente. Me aproximei de sua mesa grande, imponente demais para alguém pequena como eu, mas que foi meu porto seguro naquele que eu julgava o momento mais difícil da minha vida. Apoiei meu queixo no tampo e esperei ser notada.

Ao contrário do meu pai, a mão do meu padrinho sempre era carinhosa.

Se juntava no topo da minha cabeça em um carinho mudo passando mais apoio do que o necessário. O telefone voltou para o gancho e em seguida o senhor Carlo cruzou as mãos e se agachou sobre sua mesa para deixar o rosto mais baixo, o suficiente para que eu pudesse ver de perto os seus olhos castanhos.

— O que houve, *fragolina*?

O apelido amoroso fez valer uma vida de determinação. Minha voz saiu como um sopro, mas com oito anos de idade e uma frase, eu libertei a mulher mais importante da minha existência:

— O papai bateu na mamãe.

Era comum os homens indagarem, jurando a inocência dos seus iguais, mas meu padrinho não fez isso. Carlo Bernadinelli me fitou com seus olhos de lobo, dourados como mel, por tempo suficiente para ser respondido sem palavras. Me chamou para contornar a mesa, apoiou minha cabeça em seu ombro em um gesto paternal depois de me pegar no colo e falou o que sempre falava nessas ocasiões:

— Eu vou resolver isso para você.

As manchas roxas no braço da minha mãe comprovaram a verdade. Daquele dia em diante, eu nunca mais vi meu pai. Soube onde ele morava tempos depois, recebi telefonemas rápidos e impessoais sob o olhar vigilante de dona Fiorella, cartões de datas festivas chegavam apenas com uma assinatura, um presente simples no aniversário era enviado tardiamente pelos correios e minha pensão aparecia todo mês na conta bancária.

Senti que a bondade e doçura da minha mãe dobrou sobre mim. E mesmo que os outros me cobrassem o que era comum de se cobrar às mulheres, mamãe me oferecia a liberdade que eu a devolvi. Me incentivava a estudar, trabalhar, ser independente. Tinha orgulho de mim e dizia para quem quisesse ouvir.

"Me vale mais o peso dos livros na cabeça dela do que um neto nos meus braços."

Quanto a meu pai, foi excluído de tudo isso. O primeiro homem que a gente ama pode até ser nosso pai, mas a primeira mulher de quem a gente se orgulha é a nossa mãe. E ninguém tem o direito de machuca-la.

Foi pensando em toda essa fase da minha história, que eu neguei com a cabeça ouvindo o que meu noivo estava falando naquela manhã na nossa viagem de Ano Novo.

— Eu sei que você não gosta dele, mas é o costume. — Calçando os

próprios tênis, Vito dizia isso despreocupadamente como se quisesse falar que estava indo à padaria.

— Vito, você já tem a autorização e benção do meu padrinho também conhecido como seu pai. É o suficiente. Esse homem que mora aqui em Nápoles não significa nada para mim. — Eu, sentada em um dos sofás do quarto que a gente dividia, me recusava a colocar o casaco e sair para resolver *isso*.

— Mas, Bea, isso é o que demanda as tradições. — Quantas vezes eu terei que mandar as tradições irem se foder?

— Um padrinho é um pai substituto, Vito. Meu pai deixou de cumprir esse papel há quase vinte e dois anos. Eu nem sequer me lembro do seu rosto direito. Sua voz só me aparece raramente e é mais semelhante a uma daquelas chamadas gravadas do que a voz de um ser humano mesmo. Ele não precisa dessa consideração. Eu mesma não me importaria se você fingisse que ele não existe.

Vito suspirou depois de terminar de calçar os sapatos e ergueu o corpo para me olhar.

— Me diz, de todo coração, que você não se importa, nem que seja uma vírgula, com o fato de que seu pai não saberá do seu casamento até receber o convite.

— Ele não vai receber um convite.

Me levantei do sofá e me aproximei dele.

— Ouça, eu entendo que esse tipo de relação de pai e filho é importante para você. Em outra circunstância também seria para mim. Como minha relação com seu pai, por exemplo. Ele sim é minha figura paterna. Mas Luca é só... Luca. Será que pode entender?

Ele entendia, como sempre entendeu meus sentimentos até melhor do que eu.

Olhei em volta tentando disfarçar minha própria vontade, mas logo cedi e o abracei carinhosamente.

— Coloque o casaco. — Vito sussurrou com o rosto próximo ao meu.

Agora, a todo momento eu podia sentir seu toque sobre mim. Mesmo que sutil. Era como se depois da noite passada ele simplesmente não conseguisse ficar afastado por muito tempo. Era interessante e até lisonjeiro de se ver o cuidado que tinha comigo.

— Eu não vou ceder, Vito. Não quero falar com Luca. — Ele acariciou meu rosto puxando meus cabelos para trás.

— Mas não vamos falar com ele. — Franzi o cenho.

— Aonde vamos? — perguntei. Vito ergueu as sobrancelhas para mim e segurou meu queixo deixando os lábios próximos aos meus.

— Vamos ao seu parque de diversões, *regina*.

O meu parque de diversões era nada mais nada menos do que a maior adega de Nápoles. Ele até poderia estar brincando, mas eu simplesmente me sentia nas nuvens entre os vinhos de todos os cantos do mundo. Aquilo era melhor que um carrossel.

No carro mais clássico, diferente do que a gente estava acostumado em Roma, nós passamos pelo monumento de Giuseppe Garibaldi, a Basílica de San Pietro, até restar os prédios de arquitetura antiga e, enfim, o nosso destino final.

Como se não bastasse a temperatura agradável do ambiente, eles serviam queijos para acompanhar a degustação dos vinhos, além dos pratos típicos da casa. Vito observava cada uma das minhas escolhas, relendo os nomes dos vinhos que eu ia selecionando. Segundo ele, o estoque da *Villa da Signora* não estava abastecido como deveria. Pelo contrário, reinavam vinhos que, com toda certeza, não fariam meu gosto.

Eu, como boa entendedora das artimanhas do meu futuro marido, sabia que aquilo era só uma desculpa para que a gente fizesse uma atividade de casal durante a nossa folga. Beberiquei mais um pouco do vinho rosé que me serviram e o observei enquanto lia distraído o rótulo de um prosecco.

Vito tinha aquela aura sexy que dominava as mulheres à sua volta. Mesmo sem fazer muita coisa, como agora, ele conseguia a atenção de quem quisesse. Não era do tipo de homem que a gente finge que não vê. É aquele cara que quando a gente encontra na rua quer entregar o número do celular e a calcinha. Dá uma cotovelada de leve na amiga ao lado e aponta para o dito cujo com o queixo.

Uma carinha de quem vai desgrçar seu psicológico e ainda vai fazer você pedir por mais. Aquela pose cheia de si que só os homens italianos conseguiam ter. Eu me tremia só de pensar que, contra todas as minhas expectativas, justo aquele homem, que tinha conhecimento de todas as minhas fraquezas, casaria comigo.

Percebi que estava tempo demais presa em meu monólogo e me ajeitei

em minha posição de pé atrás dos vinhos brancos. Estava ficando cada vez mais difícil pensar com clareza depois do que eu e ele fizemos de noite. A Beatrice de antes não falaria com tanta naturalidade sobre casamento.

Bem, a Beatrice de antes estava morrendo aos pouquinhos. Definindo e respirando por aparelhos.

Segurei minha taça com mais firmeza.

Sentia aquela tensão já conhecida por mim se alastrando por debaixo da minha roupa e atrapalhando minha respiração. Relacionamento sempre seria um assunto difícil, isso ficou óbvio.

Me aproximei dele sorrateiramente, com mais interesse em seu apoio emocional do que no vinho que ele escolhia. Vito entregou a garrafa para o vendedor que separava nossas compras e passou um dos braços pelos meus ombros.

— E então? No que estava pensando?

— No quanto de vinho eu posso ingerir sem que eles percebam que estou tentando ficar bêbada.

Nós dois rimos.

— Então, enquanto está sóbria, deixe eu te relembrar mais uma tradição familiar dos Bernardinelli pós casamento. Como *Signora*, você tem que estar no saguão principal da Vision. Como você sabe, a última foto da minha mãe foi removida assim que ela faleceu e agora seu lugar será ocupado por você. É sua hora de providenciar um quadro.

Eu lembrava das fotos da minha madrinha. Foram duas, no total. A primeira eu nunca vi, a segunda era ela vestida elegantemente, usando as joias mais antigas da família com Vito ainda bebê em seu colo.

Seria difícil competir com a imagem dela ou substituí-la. Fiorella era tudo o que uma mulher desejava ser. Bonita, rica, inteligente, segura de si, amada, respeitada. Tantos adjetivos que preencheriam folhas e mais folhas de um livro.

Pensei em uma resposta para Vito, analisei bastante o que eu poderia dizer e cheguei à conclusão que eu também era boa o suficiente para ter uma bela fotografia pendurada no saguão principal.

— Já tenho algo em mente.





16. Vende-se uma Visita

**Motivo Dezesseis para
não casar:**
*eu morro de medo de
repetir o que meus pais
passaram.*

Quando eu era pequena, ouvia meu padrinho falar sobre as maldições que a benção traz. É como uma troca equivalente. Para cada benfeitoria um horror e vice-versa. O certo sobre isso é que nunca estamos preparados. Não nos preparamos para um acidente de carro, a morte de alguém próximo, uma *nonna* cruzando a porta principal e um pai que procura a filha após descobrir que ela vai se casar com o filho do ex-chefe.

Dos dois primeiros males, felizmente, eu fui imune. Já os outros dois, era preciso mais do que uma reza forte para me manter livre. A raiz de todos os problemas é a falta de solução. Obviamente.

Deus é testemunha de que as avós têm mais fibra do que as mães. O segredo está nas ocasiões em que essa força de vontade é gasta. Uma avó não entra em uma guerra que não pode ganhar. É mais forte do que ela.

Existe um poder nessa patente que poucas pessoas conseguem entender. Uma avó é mãe duas vezes, sabe? Por isso, quando *nonna* Gaia chegou em seu *Cadillac Eldorado* como uma princesa italiana esperando ser bem-vinda onde quer que chegasse, eu e Vito nos recolhemos à nossa insignificância de netos e aceitamos em silêncio cada uma de suas atribuições avórescas.

Descemos a pequena escada principal e aguardamos quando o motorista a ajudou na hora de descer do carro. Seu vestido claro e o cabelo bem penteado era obra de uma das integrantes da sua comitiva que nos cumprimentou rapidamente antes de acompanhar os outros empregados com as malas de *nonna*.

Esta, por sua vez, nos olhava sorridente depois de abraçar cada um de nós.

— Assim que soube da viagem de vocês, resolvi me juntar à comitiva

dos Bernardinelli. Oficiais ou ainda esperando o sobrenome. — Aquilo foi um pequeno aviso de que nossa estadia em Nápoles seria constantemente atormentada pela palavra casamento. — O que já fizeram de divertido?

O sorriso sacana que Vito me deu, antes de eu responder, evidenciava o que se passou em sua cabeça. Mas não seria certo contar para uma avó que se passou a noite "bagunçando" com sua neta até os dois pegarem no sono de exaustão.

— Visitamos uma adega e batemos perna — Me apressei em sanar a dúvida enquanto um arrepio subiu pela minha coluna.

Os olhos espertos de nonna vagavam entre nós dois com mais divertimento do que eu considerava necessário e educado. Ao perceber que o restante da minha folga seria semelhante a aquilo, cocei minha testa e fechei bem os meus olhos em uma reza muda para tudo ocorrer da melhor maneira possível.

Perdendo o interesse em nossa troca de confidências, vovó começou a subir os degraus que chegavam até a porta principal e, em seguida, subiu as escadas em direção ao seu quarto. Eu e Vito seguimos atrás prontos para amparar e ajudar em qualquer coisa possível.

— Deixe-me pensar... Vito já falou sobre as tradições? — Pensei no quadro e acenei positivamente com a cabeça. — Qual delas?

— Existe mais de uma? — Nonna sorriu. Pensando bem, aquela casa combinava bastante com ela. Parecia verão o ano inteiro e não tinha tempo ruim.

— Somos italianos, meu bem. Se não seguirmos montes e mais montes de tradições, estaremos negando nossa raça. Temos listas de tradições, em cada canto da sua vida de casada você vai tropeçar em uma delas. — Ela encarou Vito. — Falou da suíte?

— Ainda não. Falei do retrato. — Nonna meditou por alguns instantes.

— Faz questão de falar?

— Não. — Olhei em volta. Dois empregados tentaram mesclar o interesse em nossa conversa esquisita no meio do corredor. Eu mesma tentava não transparecer o quanto achava estranho tudo aquilo.

— Eu também não me importaria se fizesse questão, ainda sou a autoridade por aqui. — *Nonna* se virou para mim — Minha querida, antes que fique em cima da hora, preciso avisá-la sobre a melhor tradição das mulheres de nossa família. — Ela pausou por alguns segundos apoiando um dedo sobre os lábios como se pedisse silêncio. Aquilo significava que sua mente ardilosa

estava funcionando a todo vapor. Parecia um caminho interminável até seu quarto. — Acredito que posso explicar melhor se fizermos do jeito que estou imaginando. — Deu meia-volta e desceu a escada que tinha acabado de subir. — Constanza! — A fiel governanta apareceu rapidamente do corredor que dava para a cozinha, provavelmente aguardava o momento de ser chamada. — Preciso que prepare um café da tarde na Suíte Rosada para mim e para a senhorita Andreanni.

— E eu? — Vito indagou. O braço sobre meus ombros em uma atitude amorosa, os olhos indignados com a exclusão repentina. *Nonna* tinha esse poder de fazer até o próprio herdeiro sentir-se inútil.

— Vá andar com seu carro, jogar futebol, discutir política, irritar alguém ou qualquer uma das coisas que os homens sempre fazem. — Eu ri da sua declaração estereotipada — Esse momento é meu com minha neta.

Era incrível ter aquele vínculo com aquela mulher. Por momentos, parecia até que eu era sua herdeira.

Quarenta minutos mais tarde, nos acomodamos na varanda da suíte rosada. Um bule cheio de café, brioches, torradas, bolos, frutas variadas e uma organização de uma confeitaria de renome foi o que Constanza serviu e definiu como “alguns aperitivos”.

A suíte, diferente da que eu usava, não parecia coincidir com o restante da mansão. Enquanto tudo obedecia uma paleta de cores neutras e amareladas, aquela parte da casa era, assim como seu nome, totalmente rosada. Com móveis brancos detalhados em dourado, um papel de parede de dois tons de rosa queimado, poltronas e colchas com estampa de formas geométricas. Parecia um quarto da realeza.

A sala de banho e o closet eram escondidos por painéis de madeira deixando o ar mais sofisticado. Eu podia imaginar a banheira antiga e entalhada que teria ali dentro. E, mesmo com uma decoração tão formal, absolutamente tudo tinha um ar pessoal. Fosse pelos porta-retratos, pelas marcas de lápis medindo a altura de Vito no umbral da porta ou pela escrivaninha que em cima tinha uma carta escrita pela metade.

Eu sabia de quem era aquele quarto, mesmo antes de nonna Gaia começar a falar.

Dona Fiorella deixou um pouco dela em tudo o que tocou. Dessa vez não seria diferente.

— Tem um pouco da história de uma mulher em cada quarto que ela

habitou. Suas manias, o que gostava de fazer, sua relação com a família... — Observei as pantufas felpudas deixadas ao lado da cama, a escultura de cavalo sobre a lareira e a fotografia da minha madrinha com Vito, ainda criança em seu colo, e o senhor Carlo sorridente a abraçando de lado. — A atual Suíte Rosada já foi a Suíte Dourada, a Suíte Real, a Fortaleza. Enfim. Guardou a história de cada Senhora Bernardinelli e agora não será diferente.

Nonna encarou o fundo da própria xícara como se organizasse tudo o que me diria a seguir. Depois de um suspiro, ela me encarou firmemente e começou:

— Quando eu me casei em 1953, essa passou a ser a Suíte Dourada. Era toda branca e Fiorella conseguiu aproveitar uma boa parte da minha decoração. — Seus olhos cor de mel vagaram por todo o cômodo. — Foi aqui que eu chorei quando perdi meu primeiro bebê, foi aqui que eu tive meus filhos, os três, e os protegi do pai atormentado pela guerra. Eu fiz desse quarto o meu pedaço do paraíso. Fiorella fez daqui o seu ninho do amor. Deixava Vito dormir com ela, acalmava Carlo entre negociações perigosas e foi aqui onde ela sentiu as primeiras e as últimas dores do parto. Teve o filho nessa cama como mandava a tradição. Dessa vez com o pai da criança aqui dentro, diferente de todas as outras, principalmente de mim. — Ela se posicionou melhor na cadeira. — Você vai entender que quero que decore esse quarto seguindo seu gosto. Mas também quero que você conte a sua história para a próxima senhora Bernardinelli. A graça de obedecer tradições é que também criamos as nossas próprias. Imagine só a próxima senhora Bernardinelli fazendo curso de Sommelier para ser a única que escolhe os vinhos ideais nas festas da *famiglia*?

Sorri ao imaginar uma garotinha me acompanhando em uma visita à adega e me surpreendi ao interpretar a próxima senhora Bernardinelli como minha filha e não como minha nora.

Seria esse o meu papel? Ser mãe da primeira herdeira da Vision?

Soltei minha respiração assim que percebi que a prendia. Ouvi duas batidas na porta e isso me despertou do meu devaneio.

— Pode entrar. — Constanza apareceu sem nenhuma bandeja. Certamente trazia um recado.

— Senhorita, o Senhor Andreanni deseja lhe falar. — o cenho franzido da governanta combinava perfeitamente com o meu e o de nonna.

Não era possível que aquilo estivesse acontecendo. Bem que dizia o ditado: quanto mais rezo, mais a assombração me aparece. Falar o nome desse homem deveria invocá-lo.

Meu estado de perplexidade era tanto que permaneci congelada por um tempo, encarando boquiaberta a empregada e completamente muda. Por fim, fechei a boca e engoli em seco.

— Diga que vou descer dentro de mi...

— Diga que eu e a Senhorita Andreanni descemos em alguns minutos, depois comunique meu neto da presença desse homem.

Suspirei cansada assim que Constanza saiu, fechei os olhos e apoiei meus dedos no centro da minha testa enquanto desmanchava minha pose na poltrona confortável. Ouvi o barulho de louça e os passos de nonna Gaia. Sua mão pousou no topo da minha cabeça acariciando levemente.

— Cedo ou tarde temos que lidar com nossos problemas, *fiore*. Vamos fazer como um machucado e passar um remédio que arde. Afinal, o que arde cura, o que aperta segura. — Ela deu dois tapinhas em meu ombro. — Vamos.

Eu estava tão calada que era uma verdadeira surpresa ser capaz de acompanhar *nonna* no trajeto até a sala de estar.

Quando chegamos ao andar de baixo, parei por alguns segundos na porta da sala, com *nonna* atrás de mim, observando o jeito dele. Se portava como o dono da casa, sentado esparramado em um sofá olhando em volta como se avaliasse uma nova compra. Os cabelos penteados para trás, o sobrepeso comum do seu lado da família e herdado por mim, o nariz anguloso e a feição de desagrado eterno. Eu me repreendia por isso, mas em certos momentos eu odiava meu pai mais do que seria o certo ou saudável.

— *Ciao*. — Ele se ergueu de um pulo e se aproximou com rapidez, tentei recuar mas suas mãos já estavam em meu ombro.

— Filha! Meu tesouro! — Surpreendi-me com suas palavras carinhosas que eu tanto esperava ouvir em minha infância e que agora vinham de forma tão vazia. Eu quase senti vontade de chorar ao perceber o quanto aquele homem era sujo.

— O que deseja? — Minha voz soou tão ríspida que suas mãos deixaram meu corpo com rapidez.

— Vim falar com você! — Ergui as sobrancelhas.

— Estive na cidade recentemente.

— Eu sei, mas só pensei em procurá-la agora. — Cruzei os braços.

— Certo. — suspirei alto o suficiente para demonstrar o quanto achava

enfadonha sua aparição — Qual o motivo do interesse?

— Minha querida... — Ele se aproximou mais uma vez e eu recuei indo para perto de *nonna* que resolveu entrar naquele momento.

— *Ciao*, Luca. Como vai? — Ela enlaçou um braço no meu e mostrou para o meu pai que, daquela vez, eu não estava sozinha.

Luca perdeu a fala por alguns instantes. Talvez planejasse me manipular sem a interferência de terceiros ou usar de chantagem emocional para conseguir alguma coisa.

— Vou bem. E a *signora*?

— Muitíssimo bem. — Seus olhos faiscantes e a pose imperativa reduzia meu pai ao que ele verdadeiramente era: uma coisa desagradável.

— Ainda não disse para o que veio. — relembrei.

Ele se empertigou.

— Soube que vai se casar. — Sorri já sabendo onde aquilo chegaria.

— Sim.

— Com o menino Bernardinelli.

— Correto.

— E eu sou seu pai. — Ele sorriu e eu odiei sua constatação. O que ele sabia sobre paternidade?

— Geneticamente.

— Pensei que... Bem... Devo entrar com você na igreja. É o costume. — O olhei com incredulidade e ri com escárnio.

— Infelizmente, tal papel será preenchido por meu padrinho já que, como pai substituto por todos esses anos, essa honra acaba sendo dele também. Além disso, você não pensou em entrar na igreja comigo quando me rejeitou de todas as formas ainda na infância e agrediu a minha mãe. Portanto, não é porque agora eu carregarei o sobrenome Bernardinelli que você precisa tentar exercer aquilo que tanto reclamou de ser até os meus oito anos de idade. O dinheiro do meu futuro marido não precisa de mais um dono e eu sugiro que se esconda como se escondeu depois que saiu da cadeia por ter feito o que fez com minha Mamma. Mais alguma coisa?

Luca permaneceu em silêncio, vermelho de raiva, constrangido, ultrajado. Mas ainda assim, nem um pouco arrependido.

— Certo. Obrigada pela visita. — Dei minhas costas para ele me separando de nonna e voltei para os pés da escada. Ouvi quando ela se despediu secamente. Nós subimos juntas.

Ela com a certeza de que eu seria uma boa esposa.

Eu com a certeza de que não queria me casar.





17. Vende-se uma Noite de Bebedeira

**Motivo Dezessete para
não casar:**
o vinho é o meu amante.

Você deve saber como é: desilusão acompanhada de uma garrafa de vinho não pode terminar em boa coisa.

O fato é que eu ataquei o estoque de bebidas da Villa da Signora depois de ter dito para Nonna que não ia jantar pois estava com dor de cabeça. Há! Dor de cabeça eu teria no dia seguinte quando a ressaca me pegasse de jeito.

Olhei para a garrafa quase pela metade e sorri.

Eu queria que outra pessoa me pegasse de jeito, mas ele estava na quadra de tênis e só falou comigo pouca coisa depois que Luca foi embora. Isso porque fiz o favor de tratá-lo friamente. *Porca miseria!*

Só faço merda nessa vida ou, quando não faço, estou me preparando para fazer. Que coisa mais triste... Que existência ridícula!

Foi uma péssima ideia me esconder na Suíte Rosada. Eu tinha que ter ido para o meu quarto.

Pensando nisso, tentei me levantar, fiquei tonta e deitei novamente no tapete aos pés da cama.

— Que merda. — Comecei a relembrar da visita do meu pai e de repente estava chorando mais uma vez. — Porra, porra, porra. Eu não quero mais chorar. — Prendi a respiração e fiquei encarando o teto me proibindo de ser ridícula. — Eu tenho que casar com o Vito, tenho sim. — Olhei para o espelho comprido que refletia minha imagem caótica lá do outro lado do quarto. — Beatrice, você tem que se casar. Vai casar sim, senhora!

Comecei a andar de gatinhas até a porta e me estiquei para girar a maçaneta, do chão, segurando a garrafa com uma mão e fazendo o esforço descomunal que era abrir uma porta estando bêbada. Vito me encarava do outro lado com uma sobrancelha arqueada.

— Não me julgue.

— Eu nunca faria isso, *principessa*. O que houve? — Ele ajudou a me levantar e eu passei a rir histericamente.

— O que houve?! Eu estou repensando se vou me casar com você e você me pergunta o que houve. — Minha voz saía arrastada e embolada — Eu sou um lixo mesmo. Não posso nem pensar em casamento que já fico toda cheia de medo.

Ele entrou comigo e fechou a porta com uma facilidade invejável atrás de si.

— Você não é nada disso, Bea. Vem deitar. — Me desfiz do seu auxílio e andei pelo quarto segurando na parede até chegar à penteadeira. Vito me seguia de perto e ria com os olhos de toda a situação. Me inclinei em direção ao espelho pronta para uma discussão séria entre mim e... bem, mim.

— Você é terrível, Beatrice! Mal pode manter sua palavra! — gritei comigo mesma. Olhei para ele pelo reflexo deixando o vinho em cima da mesa. — E nem seria tão difícil assim.

— *Fragolina...*

Me virei para encará-lo quase tropeçando nos meus próprios pés e o segurei pelo queixo.

— Você é tão bonito. Não seria tanto sacrifício me casar se minha mente não fosse tão fodida. — Ele me abraçou e acariciou meus cabelos rindo contra eles. Ergui minha cabeça ainda meio trôpega deixando minha mente trabalhar. — Quer saber? Eu vou dar um jeito nisso. Vou me casar. Sim, senhor.

Saí marchando porta a fora como se tivesse muito equilíbrio para fazer uma coisa dessas.

Entrei no quarto que dividia com ele e segui direto para o banheiro esbarrando em tudo o que eu encontrei pelo caminho. Apoiei as duas mãos na bancada da pia antes de começar a procurar o que era necessário para aquela ideia, na minha cabeça de bêbada, dar certo.

Achei na primeira gaveta. A cartela prateada com comprimidinhos amarelos.

— Olha só você! — Era uma cartela ainda nova. Coloquei o cotovelo lado a lado da cuba e comecei a despejar os remédios um por um no ralo.

— O que você vai fazer Beatrice? — A voz grossa de Vito surgiu atrás de

mim. Terminei de descartar o anticoncepcional e olhei para ele com um olhar que eu só posso definir como maníaco.

— Eu vou fazer um filho, Vito Bernardinelli. Um bebê. — Pulei em cima dele que me segurou prontamente cambaleando um pouco enquanto me ajudava a colocar as minhas pernas em volta da sua cintura. — Desse jeito, eu não vou desistir de me casar, não vou deixar você perder sua herança e ainda vou ter essa cara maravilhosa para sentar toda noite.

Vito riu antes de ser engolido por um beijo meu. Senti suas mãos em minha cintura e em alguns instantes a colcha fria da cama acariciou minhas costas.

— Você está muito bêbada, Bea.

— Eu estou muito decidida, *Burbero*. — Puxei minha blusa pela cabeça e fiquei com ela presa até que ele me ajudou. — Faz um filho comigo, Tino. Por favor.

Eu sabia que usar o nosso apelido de infância era um golpe muito baixo, mas eu não podia evitar.

— Eu vou fazer, Trice, mas não desse jeito e nem hoje. Quando você tiver sóbria, a gente encomenda um bebê. — Seus dedos circulavam por meu cabelo e seu nariz deslizava pelo meu colo e pescoço. Ele repetiu esses movimentos até que eu perdi minha consciência e dormi.

Dormi como um bebê. Sonhei com crianças de olhos azuis e cabelos cacheados. Quando acordei no dia seguinte, usava Vito de travesseiro. Seus dedos começaram a trabalhar nas minhas têmporas assim que eu gemi de dor pela primeira vez.

— Apaga a luz. — Ele riu.

— A luz já está apagada. Esse aí é o Sol. — Afundei o rosto em seu peitoral. — Pode dormir, eu cuido de você.

Respeitei seu comando, mas minutos depois despertei porque ele saiu da cama. Eu não conseguiria descansar com toda aquela dor.

Dessa vez, Vito já tinha preparado um analgésico e um copo de água.

— Obrigada — murmurei antes de me jogar para trás e tentar dormir mais uma vez.

Quando acordei finalmente, a primeira coisa que percebi foi o horário. Eu nunca dormia até o almoço!

Me levantei rapidamente e corri para tomar ao menos um banho. Desci usando um vestido simples de mangas compridas e calçando sapatilhas.

— Ah, apareceu a margarida! — *Nonna* sorriu amigavelmente para mim. Mas avós sempre são traíçoeiras.

O sorriso dela servia de alerta, assim como seus dedos batendo contra o tampo da mesa e os olhos zombeteiros.

— Dormiu bem?

— Como uma princesa.

Vito se levantou de seu lugar e puxou a cadeira do seu lado direito na cabeceira para mim.

— Obrigada.

— Bem, eu já terminei minha refeição e acho importante deixar os noivos apreciando a companhia um do outro. Então, com licença. — *Nonna* Gaia se virou para a governanta. — Costanza, por favor, me acompanhe até a varanda.

Ela e a empregada seguiram lado a lado pelo corredor da sala de jantar. Por um tempo, eu e Vito ficamos em silêncio até que eu percebi que realmente éramos só nós dois.

— Você conseguiu dormir? — perguntei e ele sorriu.

— Perfeitamente. Tive que desviar de alguns chutes e socos. Descobri que quando você bebe, o seu sono se torna muito agitado. Mas depois que eu te abracei, você sossegou.

Nós dois rimos.

— Sobre aquilo que eu estava falando ontem a noite, Vito. Nós fizemos alguma...

— Eu respeito suas decisões, Bea, e nunca faria nada com você quando percebo que não está em total controle de seus julgamentos. — Eu não deveria reconhecer tanto aquele tipo de atitude já que Vito não estava fazendo mais do que sua obrigação, mas meu coração se aqueceu de uma forma indescritível.

Acho que depois de ter lidado com meu pai, aquele tipo de ação me passava a confirmação muda de que nem todos os homens eram iguais.

— Obrigada por isso. Mas acho que realmente quero o que eu disse que queria.

— Sentar na minha cara? — O encarei com os olhos arregalados. Até que

ele caiu na gargalhada. — Foi o que você disse ontem a noite.

— Eu estou falando sobre o bebê!

— Você não sentaria na minha cara?

— Vito!

Ele riu alto mais uma vez.

— Tudo bem, podemos conversar sobre o bebê. O que você acha?

— Acho que um bebê me manterá firme na minha decisão de me casar.

— Ele soltou um muxoxo em uma expressão decepcionada muito fingida.

— Achei que meu rosto bonito e sentável seria o suficiente para fazer você correr comigo para um altar hoje de manhã.

Afundi minha cabeça entre as mãos, mas ainda assim ouvi o riso dele.

— Eu nunca mais bebo perto de você.

— Vou perder um espetáculo e tanto.

Comecei a comer bem quieta tentando fazer minha vergonha passar o mais rápido possível. Eu não podia acreditar no tanto de besteira que eu tinha dito.

Ok, eu realmente não era um exemplo de moral e bons costumes quando bebia. Mas aquela garrafa de vinho me fez ser bem mais do que eu já era.

Nunca mais eu beberia na vida.

— Minha vó falou com você sobre a decoração da suíte?

— Sim — Pensei em manter as respostas monossílabas, mas logo mudei de ideia. — Ainda não tenho muita ideia do que fazer.

— Você pode entrar em contato com alguns decoradores. — Seus esforço para manter uma conversa era louvável — Ofereça uma descrição da sua personalidade detalhada e eles logo vão fazer vários projetos.

— E aí eu não terei ideia de qual escolher. — Respirei fundo. — Vamos dar tempo ao tempo. Acho que posso pensar sobre isso um pouco depois.

Vito pensou um pouco e abandonou o garfo. Estava incomodado, deu para perceber.

— *Nonna* não explicou quando se inaugura a decoração da nova suíte?

— Não. — o encarei sem entender seu embaraço.

— Bom... Suponhamos que você ainda tem sete meses. — murmurou.

— Sete meses? — A suíte tinha que estar pronta para meu casamento?

— É que... Os casamentos da família costumam acontecer aqui em Nápoles, no máximo em Capri. Logo, a suíte serve para a primeira noite de núpcias.

Quase me engasguei com a água que eu estava bebericando.

— Sei que talvez agora você esteja pensando em decorar mais um quarto de bebê do que um de casal, mas, dessa vez, eu tenho que vir antes do nosso provável futuro herdeiro.

Deus meu, eu estava muito ferrada.





18. Vende-se um Conselho de Mãe

***Motivo Dezoito para não
casar:***
*nunca estive disposta a
me dedicar ao casamento.*

De depois do vexame que eu dei com a garrafa de vinho, decidi evitar álcool por duas semanas começando justo por aquele dia.

Só bebi água e suco permanecendo firme em minha decisão.

Durante a tarde, usei a sala de estar para ler um livro e descansar um pouco mais minha cabeça pesada. Agora a ressaca só me deixou enjoada, nada além disso.

Ouvi passos no corredor e ergui o rosto para ver quem chegava. Vito apareceu com uma bandeja com duas xícaras, um bule e alguns biscoitos.

— Trouxe café. — Ele colocou tudo na mesa de centro e começou a servir.

— Obrigada! Café era exatamente o que eu precisava. — Aceitei a xícara que ele me ofereceu. — Pensei que você iria sair.

— Não. — Ele deu de ombros e continuou me olhando.

— O que houve?

— É que eu pensei sobre sua decisão e queria conversar com você sobre isso. — ele cruzou os braços e se sentou na mesa de centro de frente para mim — Acha certo que a gente envolva um bebê no meio disso quando você claramente não se sente bem com a ideia de se casar e constituir uma família? — Cruzei minhas pernas e olhei para dentro da xícara refletindo o que ele queria dizer.

— Talvez não. — Pensei mais um pouco. — Bem... Certo não é. Um filho é um compromisso a mais e eu não gostaria de colocar uma criança no meio dos meus problemas. Mas é o único jeito de eu pensar em mais alguém além de nós dois. Mais alguém que me motive a superar tudo o que me

traumatizou anteriormente.

— Faça isso por você mesma, Bea. — Vito se levantou e veio para o lugar vago no mesmo sofá que eu. — Você não precisa se casar, não precisa ter uma família e tudo mais. Mas é importante que você não faça essas coisas porque não quer e não porque tem medo.

O abracei e apoiei minha cabeça em seu ombro. Eu não queria que Vito passasse por aquilo e nem tivesse acesso àquela parte ruim da minha vida. Queria manter uma amizade saudável com ele e não passar por essa fase de construção de relacionamento.

Eu sabia que ele seria o melhor cara para conviver naquelas circunstâncias se minha perspectiva fosse outra. Infelizmente, eu estava sendo um pé no saco e muito tóxica. Eu destruiria Vito se não me destruísse antes.

Respirei profundamente. Era hora de procurar alguém para me ajudar a resolver esse problema.

— Eu entendo o que você quer dizer. É só que... Eu não me sinto nada à vontade com tudo o que está acontecendo. Estava até me acostumando com a ideia, tudo estava indo bem, mas... — Não consegui continuar a falar.

O choro veio mais forte do que eu esperava. Vito tentou me consolar e até me abraçou mais forte.

— Vai ficar tudo bem, *fiore*. Você vai ver. Eu te espero. — Senti seus lábios em minha testa, mas os soluços atrapalhavam qualquer coisa que eu tentasse falar.

Aquela paciência dele só me motivava ainda mais a procurar por ajuda.

Ficamos bons minutos abraçados até meu choro passar.

Não demorou muito para nós dois procurarmos coisas distintas para fazer. Ele foi reencontrar alguns conhecidos, eu fui fazer algumas pesquisas e responder alguns e-mails, como sempre me escondendo atrás do trabalho.

Carmen tinha me enviado alguns currículos para análise, também me avisou que devido minha nova relação com Vito, era importante cogitar a contratação de dois assistentes e não só um como o planejado. No fim do texto, uma foto dela, Marcelo e Mia com arcos de rena mandando beijinho para a câmera me fez sorrir.

Desperdicei alguns minutos analisando os currículos e separei dois sem nem ler o nome de ambos candidatos. Era uma mania que me acompanhava

desde a contratação da minha primeira funcionária.

Respondi o e-mail de alguns acionistas e revistas até que um em especial chamou minha atenção.

Um desses programas noturnos de *talk-show* convidava a mim e ao Vito para falar sobre a Vision e nosso relacionamento.

Não o respondi de imediato. Abri o e-mail pelo iPad e deixei guardado para usá-lo mais tarde.

Avisei Carmen pelo celular que já tinha escolhido dois currículos e separei seis como reserva caso não ficasse satisfeita com o resultado das entrevistas.

Minha cabeça voltou a doer mais um pouco e eu pedi para Constanza meu jantar.

Tentei ignorar um pouco o que eu tinha decidido.

— Seu prato favorito para ajudar a melhorar seu humor, *bambina*. — a governanta sorriu para mim antes de me deixar sozinha, me fazendo lembrar das visitas que fazia à Nápoles quando menina.

O *Risotto alla Milanese* estava sendo um ótimo acompanhante até que ouvi o barulho do helicóptero pousando no heliponto. Olhei pela janela do meu quarto, mas não consegui ver quem descia.

A *Villa da Signora* tinha sido construída como um forte, então a gente conseguia ver tudo o que acontecia ao redor da propriedade. Não havia pontos cegos em cima da casa. Me senti frustrada por não conseguir visualizar o rosto do novo visitante.

Vito saiu de carro para encontrar os amigos, *Nonna* jogava baralho com o mordomo... Seria meu padrinho?

Decidi ir atrás e descobrir. Parei rapidamente em frente ao espelho e analisei rapidamente minhas roupas. Uma calça legging, sapatênis e um moletom. Roupas perfeitas para ficar em casa, mas ainda assim um pouco fora do comum para encontrar um convidado.

Saí do quarto e tentei olhar pela janela do hall no topo da escada. Dali não dava para ver o heliponto.

Desci as escadas rapidamente e então a vi.

Mamãe era recebida por Constanza com abraços calorosos. Alguns empregados surgiram para abraçá-la também.

Logo esqueci minhas roupas e tudo mais. Minha mãe estava ali! Fazia tanto tempo que a gente não passava um dia inteiro juntas.

É claro que, em situações como essa, nada vale mais do que acalento de mãe.

— *Piccola!* — Seus braços gordinhos me puxaram com força me fazendo ficar refém de seu carinho. Encaixei minha cabeça em seu pescoço e respirei seu cheiro que tanto me acalmava.

— *Mamma...* — Minha voz saiu embargada. Era fácil voltar a ser criança e dependente quando meu principal apoio estava por perto.

— O que houve meu docinho? Vamos subir e conversar, ok? — Ela me guiou pelas escadas e me perguntou onde era meu quarto.

Quando se sentou na cama e me fez deitar a cabeça em seu colo, eu compreendi que independente do que eu resolvesse fazer, eu teria o apoio da minha mãe.

— Conte para a Mamma, minha flor. O que te aconteceu?

Suspirei pesado.

— Luca esteve aqui.

— Luca? — Seus dedos pararam por um segundo de vagarem por meus cabelos iguais ao dela. — Ah, sim. Aquele Luca. O que esse homem fez?

— Nasceu. — Minha mãe riu.

— Suponho que isso não seja algo que podemos consertar.

— Infelizmente, não. Mas eu gostaria de consertar o efeito que ele teve sobre nós. — Limpei minhas lágrimas com o dorso da mão. — Eu tenho medo de me casar, *mamma*. Tenho medo de fazerem comigo o que ele fez com a senhora.

Mamãe me encarou sorridente como se meus medos parecessem lamúrias de criança.

— Vito não faria isso.

— Eu também acho que não, mas eu nunca vou saber a verdade até que ela aconteça.

— Ou não aconteça. Sabe o melhor jeito de enfrentar isso? — Mamãe se agachou como se fosse contar um segredo. — Criando coragem. Seus poucos relacionamentos anteriores deram errado, meu bem. Experiências moldam nossa

vida. Mas em toda equação errada, existe um número ou símbolo trocado. Talvez nas suas equações de relacionamento, você tenha sido o algarismo errado.

— Eu?!

— Sim, você. E isso não significa que você seja uma pessoa ruim, só significa que não se sentia disposta a dar tudo de si para fazer aquilo dar certo. E, sinceramente, agora eu vejo isso. Está pronta não é necessariamente um pré requisito para entrar em um relacionamento, mas se esforçar é um com toda certeza.

Pensei um pouco e compreendi que ela estava certa. Eu nunca estive disposta a sacrificar nada para me casar. Nunca quis abrir mão da minha faculdade, emprego, uma noite com as amigas ou até comprar sapatos. Nunca deixei de fazer nada para prestar atenção no meu relacionamento. Nunca me deixei calcular com outra pessoa. Era sempre uma lobinha solitária pensando só em si. Mas por Vito, eu estava deixando até meu emprego em segundo plano, desde o natal que eu não ia ao shopping comprar alguma coisa sozinha e até para viajar eu lembrei de incluí-lo.

Percebi que para me envolver naquele relacionamento, eu não precisava me anular. Precisava fazer Vito ser parte de mim. E vice-versa.





19. Vende-se um Aconchego

***Motivo Dezenove para
não casar:
eu sou traumatizada.***

Eu sempre dormi melhor quando estava perto de pessoas que realmente me amavam. Talvez, a presença da minha mãe só completou essa prova de segurança.

Vito chegou pouco depois de eu já ter me preparado para dormir. Consegui ver sua silhueta passando no escuro, direto para o closet e em seguida para o banheiro. Ele voltou pouco depois usando apenas calças de moletom e uma regata de algodão.

Não foi surpresa ele se aninhar a mim. Era o esperado depois das duas noites anteriores. Eu ainda não estava muito acostumada a dormir com alguém tão próximo e isso me custou alguns minutos acordada. Os dedos de Vito deslizavam pela lateral do meu corpo, seu nariz aspirava o meu pescoço provocando um leve arrepio por minha coluna.

A expectativa que me preenchia sempre era mais forte do que minha tentativa de resistir e criar barreiras. Meu noivo era total proximidade e não merecia meu distanciamento.

Pensei em minha conversa com mamãe e me virei dentro do enlace dos braços dele para tentar focar em seu rosto mesmo no escuro.

— Olá... — Ele deu um daqueles sorrisos deslumbrantes de pura satisfação, consegui ver graças à luz da lua que invadia nosso quarto.

— Te acordei?

— Sim. Mas tudo bem... Eu queria mesmo falar com você. — Vito tocou meus lábios com as pontas dos dedos e se aproximou ainda mais.

— Diz.

— Quero agradecer. Sei que foi você quem chamou minha mãe e a visita dela foi muito importante para mim. Também quero avisar que decidi algumas

coisas sobre o nosso casamento.

Ele ficou silencioso por alguns instantes, mas logo começou a acariciar minha bochecha e soltou um murmúrio para que eu continuasse falando.

— Vou procurar um terapeuta ou alguém que possa me ajudar a encarar o caminho para o altar. Você é importante demais para mim para que eu te envolva em um relacionamento com uma pessoa incapaz de corresponder o que sente. E eu quero corresponder, Vito. Juro que quero. — Suspirei e me aninhei em seu peito — Você tinha razão, melhores amigos são sempre bons maridos. Se toda Carlota como eu, tivesse um Raoul como você, a vida dos Gianluca não seria nada fácil.

Vito riu. Deslizei minhas mãos para suas costas e me mantive abraçada a ele contornando o desenho da sua tatuagem no ombro até pegar no sono.

Ao acordar no dia seguinte, percebi que estava sozinha na cama. Havia uma bandeja de café da manhã em cima do criado-mudo. Um botão de rosa e um bilhete acompanhavam os brioches e a xícara de café.

Vito deveria ser aquela espécie de galã de filme, sabe? Um cara carinhoso, romântico e paciente. Mas a verdade era que Vito era uma cópia do meu padrinho: cafajeste até achar a pessoa certa.

Senhor Carlo era tão terrível quanto o filho na juventude, mas, assim que bateu os olhos em dona Fiorella, decidiu resumir sua vida a uma mulher. Ele realmente lambia o chão que ela pisava. Era lindo de se ver quando os dois estavam juntos. E foi absurdamente triste quando ela se foi.

O que não se pode esquecer é que ambos Bernardinelli eram italianos. A raça mais safada da face da Terra, capaz de pensar mais com a cabeça de baixo do que com a de cima, mas também a raça mais romântica, com apaixonados dedicados até o último fio de cabelo. A trágica história de Romeu e Julieta era muito bem ambientada, só para constar. Apenas italianos são capazes de criar um dramalhão daqueles por amor.

Depois de esvaziar a bandeja e reler umas três vezes o recado, que avisava sobre ele ter acordado mais cedo e eu estar “fofa demais para ser despertada”, decidi me levantar da cama e começar minhas pesquisas.

Constanza entrou acompanhada da minha mãe para retirar as louças.

— Olá, vocês duas. Colocando muito papo em dia? — perguntei enquanto recebia beijos na testa de bom dia.

— Conversamos a noite inteira e ainda temos mais assunto. Parece que

quando acaba um, surgem cinco no lugar. — mamãe se sentou ao meu lado enquanto Constanza se sentou na poltrona mais próxima da cama.

— Se eu soubesse metade das coisas que aquele homem aprontou com sua mãe, eu tinha o colocado para fora a vassouradas!

Eu ri junto com mamma.

— Quando tudo aconteceu, o senhor Carlo... — comecei a explicar e fui cortada.

— Ele é seu sogro, menina, chame-o com mais intimidade.

— *Babbo* Carlo — Sorri com o novo tratamento. — decidiu ajudar a minha mãe a evitar tanto alarde. Eu ainda era muito menina e a experiência não foi muito bacana nos dias que se seguiram.

Puxei meu notebook anteriormente esquecido em cima da namorada no pé da cama para o meu colo. Ele tinha voltado da assistência técnica muito melhor do que eu esperava, me poupando de gastar um bom dinheiro.

— De qualquer forma, isso já passou e Luca não precisa mais nos incomodar. E caso ele faça isso, suas vassouradas são bem-vindas, *zia*.

— Não precisa pedir duas vezes.

Agradei risonha e apoiei minha cabeça no ombro da minha mãe que estava ao meu lado na cama. Sua mão prontamente começou a pentear meu cabelo com carinho. Era como se eu só precisasse me aconchegar para receber apoio.

— Ah, então é aqui que está reunido o clube das garotas? — *Nonna* surgiu pela porta acompanhada de Vito. — Preciso de mais duas pessoas para jogarem sueca comigo. Vamos, Bianca e Constanza. Deixem os pombinhos em paz e vamos perder um pouco de dinheiro para mim.

Mamãe e Constanza saíram tão repentinamente quanto chegaram. *Nonna* nos examinou antes de fechar a porta com um sorrisinho vitorioso no rosto.

Eu não entendia essa mulher. Parece que o casamento iminente entre eu e Vito era sua coroa de louros.

Ainda sentada, olhei para meu noivo. Ele permanecia com as mãos dentro dos bolsos e me fitava esperando alguma reação da minha parte.

Sorri e estendi meus braços o convidando para perto de mim. Ele colocou o envelope de papel pardo que trazia agarrado ao vão do braço em cima da namorada e usou o peso do próprio corpo para me deitar na cama.

— Pedi para sua mãe subir com Constanza enquanto fazia algumas pesquisas. Tudo por você. — Seus olhos brilhavam quando ele se abaixou para me beijar.

Sua mão procurou a minha e nós entrelaçamos os nossos dedos ainda de olhos fechados aproveitando o gosto um do outro.

Vito tinha um jeito especial de me beijar. Não como algo fraterno, mas também longe de ser algo agressivo. Era como se ele só me beijasse do jeito que eu me sentisse mais à vontade. Isso significa que ele mais oferecia do que tomava.

Deixei minha mão livre apoiada em sua bochecha e com a força das pernas, inverti nossas posições aprofundando ainda mais o beijo. Deslizei a língua para a boca dele promovendo um encontro explosivo. Gemi formando uma vibração contra seus lábios e isso pareceu acendê-lo, pois sua mão, antes entrelaçada com a minha, agora pesava contra a minha cintura, me trazendo para perto.

Vito jogou a cabeça para trás se afastando e puxando o ar com força.

— Se toda vez... — Ofegou — Que eu tiver alguma coisa para falar, a gente começar a se beijar. Uma hora vai faltar diálogo.

— E nós... — O beijei. — não queremos — Novamente. — isso. — Outra vez. — Certo?

— Talvez nós queremos sim, mas vamos fingir que não. — Deslizei meu nariz lado a lado do dele em um beijo de esquimó semelhante ao que dávamos na infância, mas agora era com muita mais malícia.

— Tudo bem.

— Eu fiz pesquisas para você. — Franzi o cenho. — Sobre terapias e tudo mais.

Aquilo mexeu comigo de uma forma que eu só soube tocar a bochecha de Vito e sorrir para ele. Vito estava preocupado comigo, além do mais, estava disposto a segurar em minha mão e me ajudar a atravessar aquela correnteza de confusões que acabei criando por acidente. Ainda em cima dele, apoiei minha cabeça em seu peito e o abracei de mau jeito.

Seu cheiro amadeirado junto com as mãos acariciando minha cabeça era tudo o que eu precisava naquele momento.

— Obrigada.

— *Reichiana*. — Levantei a cabeça e o olhei confusa.

— É um novo "de nada" em algum dialeto napolitano? — Ele riu.

— Não, fragolina. Terapia *Reichiana*. É o que vai te ajudar a superar seus traumas de infância e te fazer ficar novinha para mim.





20.1. Amigo Vendido

Motivo número Quatro para amar Beatrice:
ela quer o melhor para mim.

Eu sei que existe um discurso sobre caras que só criam uma amizade com uma mulher esperando algo em troca. Como se o fato de você ser gentil, companheiro e leal gerasse pontos que você trocava por um namoro ou uma noite de sexo.

Comigo e Bea nunca foi assim.

Primeiro: eu não acredito nisso de *friendzone*. É inconcebível, para mim, a ideia de uma mulher que começou sendo minha amiga ser criticada porque não quis um relacionamento comigo. E também porque ela não tem obrigação nenhuma de ser minha namorada. Não existe *friendzone*. Ou você faz as coisas sem interesse ou não faz. Nada de esperar algo em troca por ter feito sua obrigação.

Segundo: nós nos conhecemos desde sempre. Ela estava na barriga da mãe e já me conhecia. Foi a primeira experiência com um bebê que eu tive. Foi minha primeira melhor amiga, minha irmã e tudo o que uma garota pode ser para um cara como eu.

E sim, eu me apaixonei por ela. É meio que um código implícito. Os meninos costumam se apaixonar por suas melhores amigas de infância.

Só que diferente dos outros garotos, a minha criação tinha sido de uma forma especial. Enquanto meus colegas de escola achavam que puxar o cabelo e ofender as meninas era uma forma certa de demonstrar interesse, eu sabia que teria que ser cuidadoso. Cuidadoso do jeito que sempre fui e até mais um pouco. Como meu pai era com minha mãe. Como eu sempre fui com Beatrice.

A gente estudava na mesma escola e ficamos nela até a faculdade. No seu primeiro dia de aula, ela estava com medo. Só que a Bea sempre teve vergonha de dizer o que estava sentindo. Sempre mesmo. Então eu, no auge dos meus oito anos, segurei em sua mão e a levei até sua sala.

Bea sempre foi gordinha, com aqueles grandes olhos castanhos e o

cabelo encaracolado que depois de um tempo ela passou a alisar. Mas naquele dia, eles estavam presos em duas *trecce*, eu acho, nunca fui muito bom em nomear penteados femininos e era ainda pior naquela idade. Ela parecia uma boneca. E eu peguei uma flor no canteiro da escola, a entreguei, beijei sua bochecha e disse que ficaria tudo bem.

Dio mio, ainda bem que nenhum dos meus amigos viu. Eu seria avacalhado o resto de dia se aquilo acontecesse.

Esprei ela se sentar junto de outras crianças, sendo observado todo o tempo por sua professora, e fui para minha sala. Durante todo o caminho eu fiquei preocupado se Bea conseguiria se enturmar, se arrumaria amigos ou se ficaria solitária.

No intervalo, ela me achou. Assim como seria seu costume durante toda nossa estadia na escola, na faculdade, no trabalho e em tudo mais. Beatrice sempre me achava.

Depois de um tempo, começou a ficar mais distanciada dos meninos. Eu era o seu único contato masculino mais próximo, já ia completar onze anos e teria que fazer as provas para passar para a *scuola secondaria di primo grado*, então mudaria de prédio e fiquei preocupado de deixá-la sozinha. Aquele afastamento não era algo normal, foi o que reconheci.

Era incrível perceber a maturidade que tinha naquela época. Beatrice sempre me fez ser além do que eu realmente era.

Não demorou muito para meu pai me chamar num canto e conversar comigo. Assunto de homem, ele disse.

— Em uma mulher, a gente não bate nem com uma flor.

Era sobre o pai da Beatrice. O que ele tinha feito anteriormente, porque a gente tinha um motorista novo e porque Luca não estava mais ali. *Babbo* sempre foi de me ensinar a ser uma boa pessoa, tanto na teoria quanto na prática.

Me ensinou caridade pedindo que separasse meus brinquedos, roupas e dinheiro para doação, mas me levou até o orfanato e me fez participar de um dia de brincadeiras com as outras crianças compartilhando durante todo o tempo. Me ensinou a respeitar os mais velhos dando bom dia para o porteiro já antigo da Vision e ficando sentado comigo perto de um sinal esperando qualquer velhinha aparecer para que a gente a ajudasse a atravessar a rua.

— Aconteceu algo triste que ocorre em algumas famílias. A Beatrice viu e foi atingida negativamente por isso. Precisamos aos pouquinhos mostrar tanto

para ela quanto para sua mãe que nós, como homens, sentimos muito que alguns da nossa espécie tenham atitudes ruins que nos envergonham de tal maneira. *Capisci?*

— *Capisco!*

Naquele momento, me ensinava a respeitar uma mulher criticando a atitude de Luca e indo comigo comprar um urso de pelúcia e um buquê de flores. O urso era para Bea, o buquê para Bianca.

Beatrice nunca me contou exatamente o que ela viu, nunca me falou exatamente o que sentiu. Como eu disse, nunca era de contar quando estava sentindo alguma coisa.

Só que agora estava passando por uma fase difícil, estava enfrentando os próprios medos e precisava de ajuda. Assim como eu também precisava para entender como poderia consertar o que os traumas tinham feito com ela.

Ainda bem que eu tinha a quem recorrer.

Por isso, naquela manhã, quando acordei e percebi que ela ainda dormia profundamente, eu descii, preparei um café, colhi uma flor no jardim, deixei um bilhete dizendo que voltava logo e coloquei em cima do criado mudo para ela não derrubar enquanto acordasse.

Descii novamente encontrando *zia* Bianca e *nonna* Gaia sentadas fazendo o próprio desjejum na sala de jantar. Me aproximei para acompanhá-las no café.

— Preciso da ajuda das duas. — Ambas ergueram o rosto me encarando.

— Não vou dar dicas de posições para você. Você é meu neto. — Pelo nível do comentário, não é preciso dizer quem o fez.

— *Nonna*, pelo amor de Deus, não é nada disso. — Esfreguei meus olhos ouvindo a risada de zia.

— Diga, meu bem, sua *nonna* só estava brincando. — Senti sua mão, igual a de Beatrice, pousada em meu braço.

Zia sempre cuidou de mim. Me tratava semelhantemente a minha mãe e aquilo me incomodou um pouco. Era incrível como a falta dela ainda me atormentava.

— Preciso de ajuda com Beatrice, mas... — me virei para *Nonna* — nada no meio sexual.

As duas riram mais uma vez da minha indignação.

— Certo, está falando sobre a terapia?

— Sim. — Dessa vez *nonna* Gaia não fez nenhuma piada.

— Ela quer desistir do casamento?

— Não. Não é isso. Ela disse que quer tentar, mas que quer procurar ajuda. — Peguei um pedaço de bolo. — Preciso que distraiam ela enquanto eu faço algumas pesquisas.

— Posso fazer isso. — *Zia* se pronunciou já se levantando. — Vou chamar Constanza para me ajudar.

— Certo. *Nonna* você...

— Eu posso te ajudar.

Eu sabia o que aquilo significava. Depois de nonno ter falecido, ela procurou ajuda psicológica também. *Nonna* sabia o caminho. sabia onde procurar. Era uma guia que ajudaria bastante e facilitaria no processo de pesquisa.

Zia concordou com a cabeça e foi até a cozinha procurar por Constanza. Em poucos minutos as duas passaram por nós e subiram.

— Vamos para o seu escritório assim que você termi...

— Já terminei. — Me levantei e ajudei *nonna* a se levantar também. Enlacei seu braço com o meu e comecei a andar lentamente respeitando sua velocidade.

— Você gosta dela de verdade, *piccolo*. Isso é bonito. — Sua mão meio trêmula se apoiou na minha em sinal de aprovação. — Cuidar é o essencial. — Abri a porta de madeira assim que chegamos ao escritório. — Sabe, seu avô não sabia fazer essas coisas. Não sei com quem seu pai aprendeu, mas seus tios ignoraram com toda certeza. Eu achava que seu pai também daria errado, Deus sabe o quanto de dor de cabeça tive com aquele menino.

A ajudei a se sentar na poltrona de frente para escrivaninha e dei a volta me sentando na cadeira pronto para continuar ouvindo.

— Antes da sua mãe, ele se envolveu com tantas mulheres. Casadas, solteiras, de famílias respeitadas, de classes mais baixas, prostitutas e tudo mais. Eu dizia que se não o perdesse para uma mulher, perderia para alguma doença porque ele não sobreviveria por muito tempo depois daquela lista imensa de camas visitadas e saias levantadas. — Ela fez um gesto com a mão diante da boca como se quisesse prender o riso. — O mais engraçado é que ele achava que

eu não sabia. Mas fofoca sobre nossos filhos chegam em uma velocidade assustadora aos nossos ouvidos, você vai descobrir. Assim como chegavam para sua mãe. — Nonna riu com a lembrança. — Ela era uma mulher fenomenal. Bastou existir para que seu pai se apaixonasse. E, claro, eu soube disso também.

“Quando a viu pela primeira vez, Carlo ficou como um bobo diante de diversos empresários. Foi motivo de comentário por dias e dias. Tentou uma aproximação como a que usava com as outras moças, mas ela ergueu bem o próprio nariz e debochou dele. O desafio move um lobo como meu filho mais velho. Dia após dia ele a cortejou como um cavalheiro deve fazer com uma dama. Flores, chocolates, presentes variados, cartas românticas. Até uma serenata, querido, e sua mãe jogou um balde de água para afastá-lo da própria janela.”

“Então ele mudou a tática mais uma vez. Passou a se interessar pelo o que ela fazia. Se visitava uma exposição de artes, ele estava lá comentando qualquer objeto que tomasse sua atenção. Se estava envolvida com caridade, Carlo estava lá na mesma instituição fazendo serviço voluntário. Se estudava sobre qualquer assunto, ele consumia livros e mais livros sobre aquilo só para poder conversar com propriedade quando tinha alguma chance.”

“Demorou meses até que Fiorella aceitou seu convite para um encontro. A esta altura, meu filho já era mais do que apaixonado por sua mãe. Ele também era apaixonado por tudo o que a envolvia.”

Seus olhos castanhos cercados por rugas se ergueram para mim perdendo o ar sonhador.

— A mesma coisa acontece entre Beatrice e você. Você e seu pai têm algum gene especial para se apaixonarem e serem bons apaixonados. — Ela suspirou. — Ligue esse trambolho tecnológico, menino. Vou te passar uns nomes e te ajudar, mais uma vez, a conseguir sua garota.





20. Vende-se um Companheiro de Guerra

**Motivo Vinte para não
casar:**
*o candidato ideal não
apareceu.
Ps: até então...*

O interessante sobre Vito é que o charme dele não mora em sua aparência. Um homem pode ser bonito e não ser charmoso. Ele tem que ter o “algo mais” para oferecer. Esse algo faz com que você olhe para tal pessoa por dez vezes e consiga ser afetada por sua presença em todas elas. Vito tinha sabedoria e essa gera algo que a beleza por vezes deixa faltar: a elegância.

Ele sempre teve aquele porte imponente, sempre foi inteligente e carismático. Era impossível ficar perto de Vito e não se envolver por sua aura contagiante e convidativa.

Eu não invejava as mulheres anteriores que caíram na lãbia dele e muito menos tinha ciúmes. Sejam os claros por aqui, Vito é todo meu. De corpo e alma, demonstra isso em todos nossos momentos íntimos. E, o conhecendo do jeito que conheço, só me restava ter empatia por essas moças que se apaixonaram por um homem que é apaixonado por outra pessoa. E que filha da puta sortuda, a outra pessoa sou eu. Pobre dessas mulheres...

Vito era luz e nós éramos pequenas mariposas encantadas. Eu as entendia porque também estava refém do mesmo feitiço.

Ele se aproximou de mim de um jeito que atava minhas mãos para afastá-lo. Estava ali, disposto a suprir qualquer uma das minhas necessidades e reagir positivamente a tudo o que eu determinasse. Mulheres não se apaixonam pelos bens materiais, quantas esposas de homens ricos são suas piores inimigas? Não, não é sobre o que se tem, é sobre o que se oferece. Elas se apaixonam por aquela mensagem implícita de companheirismo e complacência.

Quanto a mim, não podia negar que os meus sentimentos de outubro para com Vito não eram os mesmos daquele início de janeiro. Não havia mais como voltar para o patamar de simples amizade depois de descobrir que ele poderia ser

meu marido em sua totalidade.

Só faltava eu me descobrir como esposa. Pronta para amá-lo e respeitá-lo. Na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza. Até que a morte nos separasse.

E que ela demorasse para fazer isso.

— O que mais achou? — Vito saiu debaixo de mim com tanta facilidade que eu quase acreditei que pesava o mesmo que uma pluma. Pegou o envelope de papel pardo mais uma vez, tirou algumas folhas de dentro dele e estendeu para mim. As duas primeiras relataram como era conduzida a terapia, as outras três tinham dados de psicoterapeutas aptos a usar aqueles métodos em mim.

— Eu liguei para esses e descobri que tem horário disponível para semana que vem, assim que retornarmos. — apontou para alguns números marcados em azul — Claro, se você se sentir à vontade. Todos têm consultório em Roma.

— Sorte a minha ter um assistente competente como você. — Olhei os contatos e as definições dos tratamentos. Ainda estava na cama e foi a melhor decisão, para me sentir estabilizada o suficiente graças ao que Vito disse a seguir.

— Quero que você vá quando se sentir pronta. Também quero que saiba que estou aqui para o que der e vier. Mesmo que decida nunca pisar em um desses consultórios ou resolver fugir com toda a minha fortuna em barras de ouro só para se ver livre de mim. Estou aqui igual a um idiota esperando você precisar de mim. — Ele estava de pé, as mãos novamente nos bolsos, a cabeça inclinada. Parecia pronto para uma negociação importantíssima.

Eu era a negociação importantíssima.

— Bem, suponho que agora isso fica em minhas mãos...

— Sim. A decisão é toda sua.

Pensei comigo mesma e decidi que independente do que me acontecesse, desconsiderando ficar ou não com Vito, eu deveria fazer o que era melhor para mim. Eu não precisava mais queimar buquê, ou carregar aquela aflição toda vez que ouvisse a palavra casamento. Que eu decidisse não me casar depois, ok. Mas que eu não sentisse mais pavor com a simples menção de tal possibilidade.

Respirei fundo e me levantei da cama analisando os papéis.

— O que é esse negócio de *Reich*? — perguntei depois de ler as especialidades de um terapeuta. Vito colocou seus óculos e pegou os primeiros

papéis onde estava sua pequena pesquisa.

— Pelo o que eu entendi, é baseado em *Freud*. Esse a gente conhece. — Ele ficava tão sexy com aquela pose intelectual, com o cenho franzido e escolhendo as palavras na hora de conversar comigo. Dava até vontade de pedir que ele usasse os óculos na próxima vez que a gente resolvesse fazer bagunça. Balancei a cabeça me repreendendo por ter deixado os pensamentos seguir aquele caminho. — Ah, sim. Também tem algo ligado ao fato de relaxar o corpo. Isso... O tratamento usa exercícios de relaxamento.

Levantou o rosto satisfeito por ter conseguido me fornecer uma boa explicação.

— Eu vou ganhar massagem nas costas e ainda vou me casar com você? Nossa... — Ri batendo palmas. — Ganhei na loteria! Chupa, Netta! Olha a gordinha aqui conquistando tudo e mais um pouco. — Enlacei Vito pelo pescoço e senti seus braços circularem minha cintura enquanto ele dançava comigo no quarto aspirando o cheiro do meu pescoço — Se prepara para ter uma esposa maravilhosa.

— Eu já estou pronto para isso desde sempre. O chato é que estou sendo tratado como um objeto. — Me estiquei na ponta dos pés e o beijei no canto dos lábios. — Se você for mais generosa, eu não vou continuar reclamando.— Beijei seu nariz. — Um pouco mais para baixo, de boca aberta e use a língua.



Para a minha surpresa, os dois dias seguintes passaram rápido. Eu e Vito passeamos um pouco, jantamos fora e tudo mais, mas passamos a maior parte do tempo na cama maratonando séries acompanhados de um balde de pipoca, doces variados, refrigerantes e algumas taças de vinho para variar.

Parecíamos mesmo um casal de namorados, o que era engraçado e bom. E era estranho eu achar bom porque Vito era meu melhor amigo até um tempo atrás e nós fazíamos coisas iguais aquelas. Mas agora essas mesmas coisas tinham novos significados. Reprisar o último capítulo da minha novela favorita, fazer uma guerra de travesseiros por motivos infantis, conversar sobre nosso possível casamento e todo o resto do pacote.

Quando chegou a hora de voltar para Roma, já tinham fotografias nossas como casal em diversos veículos de imprensa. Isso porque desistimos de acobertar e decidimos apenas viver o momento.

Dentro do helicóptero, o barulho era grande então não conseguimos conversar, mas a mão de Vito estava entrelaçada com a minha e eu sabia que

tudo estava bem.

Agora, dias depois, eu estava diante da minha escrivaninha, dentro do escritório da Vision, depois de chegar acompanhada dele e nos despedirmos com um selinho bem na frente da sede antes de ele se mandar para outra reunião. Eu analisava os currículos que Carmen tinha me enviado para saber exatamente o que esperar das pessoas que chegariam após o almoço.

Isso até o meu telefone tocar novamente.

— Vision. Escritório do senhor Vito Bernadinelli, o que deseja?

— *Buongiorno*, aqui é Alexandro do *La Notte* e gostaria de falar com a responsável pela agenda do senhor Bernadinelli.

— Eu mesma.

— Beatrice?

— Sim.

— Ah, muito prazer. Como disse, sou Alexandro. Estou ligando para falar sobre uma entrevista da qual a senhorita e seu noivo foram convidados para participar. Enviei um e-mail recentemente, mas não tive resposta...

Lembrei do e-mail sobre o *talk-show* que eu esqueci de responder e fechei os olhos com força enquanto segurava um palavrão.

— Sim, sim... Mil perdões, eu recebi o e-mail, mas fiz tantas coisas que acabei me esquecendo de responder. — Ele riu do outro lado e eu o acompanhei. — Acontece que, como eu ainda não falei com o Senhor... com Vito, não posso dar uma resposta concreta. Você pode me passar os detalhes do que tem planejado?

Os próximos minutos da ligação foi uma troca de informações e anotações da minha parte. Carmen deixou uma xícara de café em cima da minha mesa e alguns papéis. Levantei o polegar para ela e continuei anotando tudo o que ele falava.

— Certo, Alexandro, vou passar todo o relatório para Vito e te ligo até amanhã para confirmar tudo.

— Obrigado, espero que dê tudo certo.

— Eu também, até mais.

Desliguei colocando o telefone no lugar e cruzei as mãos diante do rosto apoiando os cotovelos na mesa. Minha mente vagou entre tudo o que eu ouvi.

Era a grande chance de eu tentar vencer um pouquinho dos meus medos e me mostrar mais companheira de Vito. Tanto quanto ele se mostrava meu companheiro. Peguei a xícara de café e comecei a beber olhando os *post-it* preenchidos em cima da minha mesa.

O horário da entrevista e o dia eram ótimos, era ao vivo então não dava para cortar o que quisesse. Também tinha auditório, uma grande equipe e fotógrafos para todos os lados.

Era o verdadeiro corredor polonês em formato de programa de TV. Pelo menos para mim.

Sem falar que nós dois teríamos que inventar alguma história sobre como decidimos nos casar e tudo mais.

Respirei procurando paciência e controle. Foi uma das poucas coisas que aprendi com as informações sobre a tal terapia Reichiana quando comecei a pesquisar. Encarei a lista de psicanalistas em cima da minha pilha de papéis importantes. Ainda não tinha tomado a iniciativa e talvez demorasse um pouquinho para pegar o telefone e pedir ajuda em algum daqueles números.

De qualquer forma, naquele momento, aquilo tinha que ficar para depois. Eu tinha que entrevistar meus futuros assistentes, mas antes precisava ir comer. Ninguém queria uma Beatrice desmaiada como no ano novo, certo?

— Carmen, estou saindo para almoçar. Vem comigo?— perguntei em voz alta já que ela estava dentro do escritório de Vito. Andei até os cabides onde estavam nossos casacos e peguei o meu.

— Não, tenho que resolver uma papelada ainda e trouxe meu almoço.

— Okay, estou indo. *Ciao*.





21. Vende-se uma Funcionária

**Motivo Vinte e Um para
não casar:**
*sempre analiso as
emoções alheias
minuciosamente.*

Já passaram por aquele momento em que você só consegue pensar "puta que pariu, eu devo ter dançado pole dance na cruz, colado chiclete no cabelo de Jesus e cuspidor no vinho da santa ceia"?

Acho que deve ser alguma espécie de *déjà vu*, mas toda vez que eu acho que tudo está dando certo, alguém joga na minha cara que não há nada que eu possa fazer com a Lei de Murphy. E é isso aí. Tudo bem não poder ser cem por cento positiva, absolutamente razoável que minha vida não fosse perfeita. Entretanto, tinham certos momentos que eu só queria sair por aí deixando minha marca de gatinha em algumas faces, isto é, arranhar uns rostos.

Carmen sempre arrumou uma sala para mim na hora das entrevistas, com um jarro de flores sobre a mesa, canetas de todas as cores, blocos de anotações, os currículos impressos e a minha profissionalidade também. Tudo ali diante de mim, porque eu realmente não estava usando nada daquilo. Não depois de ter lido o nome na primeira ficha.

— É a porra de uma piada... — Netta Treggi. Ela não tinha desistido mesmo, não é? — Carmen!

— Sim? — Sua cabeça loira apareceu em instantes pela porta.

— Netta Treggi... — grunhi

— Eu pensei que você soubesse... — Ela terminou de entrar — Foi você quem separou, chefinha. — Passei os dedos pela testa nervosamente.

— Sim, eu sei. Mas eu não li os nomes, não estou preparada para isso. — Carmen bufou.

— Garota, desde que eu trabalho aqui você sabe lidar com Netta muitíssimo bem. Não vai ser agora, justo quando está em uma posição duas

vezes mais vantajosa, que vai me decepcionar. — Não foi por nada, não. Mas de repente, ser noiva de Vito mexeu um pouquinho com meu ego. O suficiente para eu me empertigar toda na cadeira e pensar com mais clareza.

— Ela tem um currículo impecável...

— E daí? Um currículo de quatro páginas e um rostinho bonito não ajuda em muita coisa quando se tem... Tá, ajuda em muita coisa. mas a resposta final é sua. Olha... — A loira se sentou na cadeira de frente para mim — Talvez, só talvezinho, ela não tenha se colocado nessa posição para conseguir algo com Vito. Ela deve ter outra coisa em mente e só você pode saber.

Resmunguei uns palavrões em voz baixa e fiquei tamborilando uma das canetas sobre a descrição profissional de Netta.

Tinha uma boa faculdade, falava diversos idiomas, tinha viajado, feito intercâmbio e até tinha experiência, mas e aí? Com aquilo ela podia trabalhar em qualquer outro lugar. Por que a Vision? E, se não fosse por Vito, qual seria seu interesse oculto?

Cobrar o *pizzo* que ele se recusava a pagar para máfia? Não, a família de Netta podia não ter o melhor caráter, mas passava bem longe da organização criminosa. Desviar informações? Mas Vito não estava fazendo nenhuma negociação grandiosa por enquanto. Se vingar de mim? Ela estaria em uma posição inferior e constantemente monitorada, não era possível.

O que se passava na cabeça de Netta coberta de apliques que corriam risco de serem arrancados se ela aprontasse alguma coisa?

Se a rinoplastia do soco não servisse, ela ia experimentar a massagem do açougue. Carne antes de cortar precisa estar macia. Mão para dar murro, eu tinha. Facas afiadas também.

Dependendo do que ela tinha decidido, eu seria complacente. Claro, sem deixar de me resguardar. Uma mão apoiada no ombro dizendo "oi, querida", mas a outra sempre atrás das costas com um machado fazendo seu lado maníaca dizer "quer ver o que eu aprendi com os filmes de terror, vadia?".

— Sabe, eu acho que a gente deveria procurar uma vidente...

— Carmen, não começa.

— É sério! Com o que você tem sonhado recentemente? Cavalos? Pedidos de desculpas? Crianças?

— Eu não sonho, Carmen. E, mesmo se eu sonhasse, você não saberia!

Não vou deixar que você interpret... Sonhei com um vestido de noiva.

— Há! — Ela puxou o próprio smartphone do bolso do terninho e começou a digitar freneticamente. Era engraçado que depois desses celulares, qualquer um se achava qualquer coisa. Tarólogo, astrólogo, crítico, juiz, advogado, cientista político e tudo mais. Você paga algumas centenas de euros em um desses aparelhos e ganha diversos diplomas. — Ah, não quer dizer nada. É só a perspectiva de um matrimônio se aproximando e tudo mais... Nada novo sob o sol.

— Eu disse. — Risquei o bloco de notas para me desestressar. — Vamos prosseguir, Carmen. — Ela concordou e saiu da sala me deixando sozinha.

Encarei um ponto fixo no rodapé da parede ainda usando o exercício da respiração. Será que ser mulher se resumia só a isso mesmo? Casar, ter filhos, lidar com outras mulheres de olho no seu marido perfeito, saber que seu marido não é tão perfeito assim, perceber que você tirou a sorte grande de ter escolhido um exemplar melhorzinho no meio de prateleiras e mais prateleiras de maridos meio-bostas, ter um bebê e se decepcionar ao olhar para ele e ver seus traços que você considera não tão satisfatórios, ignorar isso, suspirar e lidar com o fato de que seu bebê nunca vai poder saber que ele não é o mais lindo do mundo, mas que ele é seu mundo todinho, chorar dentro do carro depois de ter deixado seu bebê grandinho na escola e ter que ir trabalhar, perceber que sua vida é uma repetição infundável de uma rotina chata e tudo o que você queria ser era uma stripper em Las Vegas, abandonar sua família e ficar mal-falada porém linda com uma combinação curta e brilhante em cima de um palco muito iluminado? Tipo... Uma vagina definia tudo isso na vida da gente?

Em cinco minutos eu obtive minha resposta.

Netta chegou, com roupas, maquiagem e penteado considerados ideais para uma entrevista de emprego. Se sentou na minha frente como se não me conhecesse, cruzou as pernas e apoiou as mãos no joelho.

— *Buonassera*.

— *Buonassera*, Netta. Como vai?

— Bem, obrigada. E você? — E ela sorriu.

Não digo um sorriso falso, daqueles amarelos que as pessoas dão no mercado quando você passa e esbarra nelas e pede desculpas em seguida. E sim aquele sorriso educado e cheio de expectativa de alguém que espera conseguir o prêmio principal da loteria.

— Ótima. Nós já nos conhecemos, então vou pular as apresentações. Fale-me sobre você.

— Bem... — Netta discursou sobre suas referências, sobre a sua formação e as capacitações. Contou sobre todas as viagens, suas experiências, como era responsável por organizar a própria rotina, que era uma boa anfitriã, me mostrou fotos de eventos que ela realizou e tudo mais. Contou sobre seus hobbies, seus filmes favoritos, as cores que mais gostava, sua família, seus pets e tudo mais. — E mesmo com tudo isso, eu não tenho a mesma segurança que você.

Aquilo secou minha garganta porque eu sentia que estava quase virando amiga dela. Não tem como odiar por muito tempo uma pessoa que tem uma Pug chamada Penelope. Nem que assiste Bonequinha de Luxo toda quinta-feira à noite. Ou que gosta de confeitar cupcakes quando não tem mais o que fazer.

— Uou, olha... Vamos seguir com a entre-

— Antes de seguir, Bea, eu preciso falar com você. Passei os últimos quinze anos me comportando como uma *Regina George* com você e até a *Regina* ficou legal no final. Só que você nunca teve culpa de nada e o que fiz foi muito errado. — Ela suspirou e começou a ficar com o rosto avermelhado pré-choro. Eu estava de olhos arregalados, sem reação. Quando foi que uma mulher ficou sem reação quando sua inimiga de infância começou a se desculpar? — Tirei esses últimos dias pós ano novo para me descobrir e não gostei do que achei. E, sinceramente, se eu tivesse parado para analisar antes, não teria perdido tanto tempo me esforçando por coisas e por pessoas que não queriam ser minhas.

Netta sorriu.

— Tipo o Vito. Ele é um cara legal, sabe ser romântico e tudo mais. Mas ele nunca foi meu de verdade. E quando ele estava com você, era como se eu visse a personificação de *Batman* e *Robin* na minha frente. Ele nunca estaria completamente satisfeito comigo, mas com você sim. Isso me incomodava, e me fazia achar que tratar você como tratei outras adversárias seria o suficiente.

— Netta...

— Não, Bea, sério, me deixa continuar. É mais difícil do que parece vir aqui e falar tudo isso. Eu só quero me desculpar, mas também quero pedir ajuda. — Seus olhos muito verdes ficaram me encarando igual cachorrinho abandonado quando a gente está comendo alguma coisa em sua frente. — Não peço para ser sua amiga ou nada parecido... Só quero que me ajude a conseguir uma profissão, a achar meus verdadeiros sonhos e tudo mais. Os meus pais... Bem... Eles

discordaram da minha vontade de arrumar um emprego. Meio que estou proibida, com direito à ligações de ameaça para algumas pessoas, de trabalhar em qualquer empresa que tenha associação aos Treggi. Por última opção, resolvi pedir ajuda aqui.

A minha desconfiança sempre estaria ali, eu não era mulher de perdoar fácil. Eu sei. Mas Deus sabe que ele não me fez para deixar os desamparados ao relento. Se eu pudesse resolver os problemas do mundo, eu resolveria. Eu chorava com o noticiário com mais facilidade do que chorava assistindo *Um Amor para Recordar*. Odiava injustiça, não suportava indiferença e tudo isso que faz as pessoas empáticas.

Por isso, naquele momento, vendo a fragilidade de Netta, eu recusava a me comportar como ela tinha se comportado anteriormente. Sua tristeza e decepção não eram glória para mim e era isso o que nos tornava diferentes. Era isso o que sempre me deixava no lado certo da equação. Porque se eu me sentia incomodada com a forma que Netta havia me tratado a vida inteira, significava explicitamente que suas atitudes não podiam ser imitadas por mim.

Pessoas tristes são casos preocupantes, você nunca sabe o que é que elas vão fazer em seguida. Eu não pagaria na mesma moeda. Os olhos baixos e tristonhos não faziam parte de uma atuação.

Por isso, peguei as folhas do currículo de Netta e anotei algumas coisas antes de olhar determinadamente para ela e perguntar:

— Como você se comporta no trabalho?





22. Vende-se uma Chave

***Motivo Vinte e Dois para
não casar:***

*não gosto de ouvir a
opinião alheia sobre uma
decisão minha.*

Eu sabia que o que eu tinha feito não cairia nas graças de Vito. Carmen já havia me olhado estranho quando mandei que resolvesse a contratação das duas garotas. Ela foi super atenciosa com Francesca, a outra contratada, mas tratou Netta o mais friamente possível.

Netta, por sua vez, se resumiu a aceitar tudo o que eu disse. Incluindo suas funções que seriam as mais simples. Arrumar a sala de reuniões, receber os convidados, ir comprar os itens necessários para o dia de trabalho e tudo mais.

Já Francesca, estaria mais próxima da área administrativa como Carmen. Ela era séria, centrada e muito organizada. Fiquei com inveja quando tirou suas referências de dentro de uma pasta com papéis divididos por cliques de papel coloridos e etiquetas.

Era perfeita. Seus cabelos tinham um corte afro volumoso que dava uma elegância maravilhosa ao seu rosto bem maquiado. Sua pele negra reluzia, parecia uma daquelas modelos que a gente via em passarelas ou aquelas africanas em esculturas. Linda de deixar a gente sem fôlego por alguns instantes só ouvindo o que tinha a dizer.

Por fora eu fazia as perguntas sobre o emprego, mas por dentro já estava entregando a vaga.

E sim, eu realmente fiquei satisfeita com as contratações. Claro, Netta precisaria de vigilância constante, mas qualquer coisa era só mostrar a porta da rua e dar um tchau. Aqui dentro a minha posição era vantajosa demais e os seguranças já estavam avisados.

Percebi pelo horário que Vito já deveria estar de volta e isso fez subir um arrepio pela minha espinha. Com certeza ele já sabia do acontecido. O elevador

se abriria direto no nosso andar de trabalho e eu não poderia nem criar uma estratégia porque não tinha tempo.

Dito e feito, em instantes ele estava parado encostado em minha mesa com braços cruzados e cenho franzido.

— Posso explicar. — Foi tudo o que consegui dizer antes do meu noivo contornar a escrivaninha rapidamente e vir em minha direção, pegar meu braço e me puxar para seu escritório seguindo para o banheiro e trancar a porta. Até c raiva, Vito consegue ser gentil. Respirou fundo antes de começar a falar, sinal de que ainda procurava paciência.

— Você não pode explicar, Beatrice. E sabe disso. Eu não quero Netta trabalhando aqui e se tornando uma nova Darla. — Ele passou as mãos pelos cabelos que já estavam desalinhados. — Por que você sempre faz esse tipo de coisa?

— Que tipo de coisa, Vito? — Rolei os olhos — Ela...

— Ter pena de quem não tem pena de você! Até com seu pai você é assim.

— Eu não sou assim com meu pa...

— Você ficou bêbada depois que ele apareceu, Bea. Agiu como se remoesse tudo o que ele tinha feito com você e sua mãe. E por não conseguir sentir pena dele, resolveu sentir pena de si. Pare de fazer isso. — Aquilo doeu.

Doeu porque eu sabia que era verdade e que mesmo sendo firme na hora de evitar a aproximação daquele homem, tudo o que ele fez ainda me machucava.

— Eu não estou fazendo nada! Ela pediu ajuda e eu não consegui negar. Se não se comportar, vou mandá-la para casa... — defini com um tom de voz controlado.

— Como mandou Darla?

— Aquilo foi diferente. — argumentei.

— Não, Bea. Aquilo foi exatamente igual. A garota chorou para você e você não a demitiu como seria o ideal. Sentiu pena.

— Vito, eu sou responsável por minha equipe. Se ela se comportar mal, eu vou demiti-la.

— Não vai.

— Vou sim, dou minha palavra. — Eu detestava que duvidassem de mim, já estava ficando irritada e a ponto de falar algo que o machucaria só para me defender.

— Eu estou falando, Beatrice, demita Netta agora mesmo. Vamos evitar problemas. Seja mais racional e menos emocional. — Aquilo foi o suficiente para eu agir sem pensar. Cruzei os braços e assumi uma pose agressiva.

— Interessante você falar que eu tenho que ser menos emocional quando passou a vida usando outras mulheres porque eu não dava atenção para você, ficou todo empolgado com a perspectiva de se casar comigo sem nem medir os prós e os contras e agora quer que eu demita uma funcionária com um currículo impecável porque ela é sua ex-namorada e eu sou sua atual noiva. — Vito se aproximou perigosamente deixando os lábios próximos aos meus e os olhos grudados em mim. Me encurralou contra a pia colando seu quadril no meu. O sorriso que mostrou não era muito parecido com a face raivosa que eu tentei cutucar.

— Parece que a gatinha finalmente está mostrando as garras, não é? — O beijo a seguir me deixou tonta, sua língua tocava a minha enquanto sua mão puxou minha coxa com força para cima. Eu estava enfraquecendo com a sensação, procurava apoio em algum lugar e agarrei a gravata dele no meio do caminho.

Vito separou nossas bocas e sugou meu queixo antes de distribuir beijos pelo meu pescoço até chegar em minha orelha.

— Não use o que eu sinto por você como arma, Bea. — sussurrou rouco antes de dar um passo para trás e me deixar o encarando desnorteada. — Estou indo para casa. Espero você por lá.

Ele abriu a porta do banheiro e saiu. Recuperei o fôlego aos poucos e tentei me arrumar da melhor forma possível antes de sair também. Estava pronta para uma briga, não para um ataque contra minhas principais zonas erógenas.

Sua maleta não estava mais lá em cima da mesa como antes. As portas do escritório estavam escancaradas dando total liberdade para eu ver a sala das assistentes completamente vazia.

Foi estranho me sentir só. Eu não devia ter usado os sentimentos dele como argumentos. Não depois dele passar os últimos dias se importando comigo e sendo o melhor cara possível.

Caminhei até minha mesa e peguei minha bolsa. Deixei um recado para Carmen, chamei o elevador e fui para casa.

Tudo era silencioso durante todo o caminho. Era solitário também. Antes eu estava tão acostumada a fazer as coisas sozinhas que não percebi quando Vito se arrastou por debaixo da minha pele e se instalou como um órgão constante.

O que estava acontecendo comigo?

Suspirei pesadamente depois de ter sido levada por um motorista diferente para casa e já estar dentro do elevador pronta para seguir para a cobertura. Me apoiei na parede fria encostando minha cabeça repensando minhas escolhas e chorando por dentro por ter sido empática com alguém e condenada com base nas minhas atitudes anteriores.

As portas se abriram. O hall estava vazio, mas a divisória estava aberta. Sinal de que Vito estava em casa. Tirei meus saltos e os coloquei em um canto enquanto andava com a verdadeira face da derrota em direção ao sofá.

— Vamos brincar... — Vito usava apenas uma cueca boxer branca e estava apoiado na parede que dividia a sala da cozinha. Os braços cruzados, as feições impassíveis. Ele estava aprontando alguma coisa. Aquilo fez com que eu esquecesse por alguns instantes o nosso leve desentendimento dentro da Vision e o caso Netta.

— Brincar de quê? — Ao se aproximar, ele me envolveu naquela aura de sensualidade que gostava de criar. Até então, ele nunca tinha feito algo naquele nível. Sem muitos jogos ou tudo mais. A gente meio que se entendia e tudo rolava.

— Mestre mandou. Lembra disso? — Suas mãos pousaram em minha bunda quando ele resolveu me tocar. — Tudo o que o mestre mandar...

— Faremos todos. — Sorri o sentindo levantar minha saia.

— Se não fizer? — A palmada que veio me fez soltar um gritinho.

— Levaremos bolo. — Vito afundou os lábios no meu pescoço sussurrando e me deixando arrepiada.

— Vai daqui, vai dali... Ache um lugar confortável para minha noiva e para mim. — Ele se separou mais uma vez e cruzou os braços voltando para posição inicial.

— Quer que eu procure um lugar confortável, é isso? — Deu de ombros como resposta. Eu ajeitei a saia e comecei a andar em direção aos quartos. Os de hóspedes tinham as portas destrancadas, mas as camas estavam sem lençóis e travesseiros. O escritório estava com o sofá-cama fechado, diferente dos dias em

que ele trabalhava até tarde e dormia ali mesmo. Na sala não poderia ser, ou ele só teria me jogado em uma das poltronas e aquilo parecia uma boa ideia para usar depois.

Andei até o quarto principal e tentei abrir a porta.

Trancada.

— Vito, por que a porta do nosso quarto está fechada? — perguntei assim que voltei para sala dando de cara com ele na mesma posição de antes, agora com um sorriso sardônico.

— Já achou um lugar confortável para nós, *fragolina*. Nada de bolo. Infelizmente, para mim. — pigarreou — Tudo o que o mestre mandar...

— Vito!

— Não é assim que se brinca. — Bufe e imitei sua pose cruzando os braços também.

— Faremos todos.

— Se não fizer?

— Ganharemos bolo.

— Vai daqui, vai dali... — Vito se aproximou e colou a boca no meu ouvido enquanto agarrava minha cintura. — pega a chave do nosso quarto dentro da minha cueca para mim.





23. Vende-se uma Camisola

***Motivo Vinte e Três para
não casar:
eu sou muito safada.***

— ***Eu*** deveria estar surpresa, mas eu estou gostando tanto disso...

Ambientando melhor o que aconteceu antes de eu parar em cima da cama com as pernas abertas e Vito no meio delas, eu vou explicar detalhadamente o que ocorreu depois do "mete a mão na minha cueca".

Eu nunca fui de negar um desafio e, olhando para os olhos muito azuis de Vito, era exatamente o que ele estava fazendo. Me instigando, aguardando que eu cedesse ao meu lado orgulhoso, colocasse a mão para dentro da *Calvin Klein*, puxasse a chave e apalpassem o pau dele no meio do caminho.

O jeito de sorrir com a cabeça erguida me olhando de cima, a barba aparada do jeitinho que eu gostava e os braços cruzados evidenciando o peitoral que ele tanto se orgulhava de manter com o esforço dos aparelhos da academia. Vito era uma junção perigosa, gasolina com fogo perto demais para evitar que eu me queimasse.

Foi tão rápido que ele mesmo não teve tempo de reagir. Puxei a borda da cueca e deslizei minha mão para dentro tateando e procurando a chave.

Ao lado do pênis já semi-ereto, quase descendo. Lá estava.

Sorri para Vito que, até então não tinha tocado em mim. Apenas apreciava o fato de eu ter acatado sua "ordem". Quando tirei minha mão, já munida da chave, me estiquei e o beijei no queixo.

Quando tentou me segurar, me afastei e corri em direção ao quarto.

— Beatrice! — Lidar com a maçaneta era fácil, o problema era lidar com um Vito que corria atrás de mim. Assim que destranquei, entrei e tentei fechá-lo para o lado de fora.

Tarde demais. Assim que ele passou metade do corpo para dentro do quarto, eu soltei a porta e corri para cima da cama pegando um travesseiro.

Só então fui reparar em uma camisola branca estendida sobre os lençóis.

Me ajoelhei e levantei pelas alcinhas a peça no ar. Identifiquei de imediato uma das minhas últimas compras em uma loja de lingerie e camisolas. O busto rendado e o restante era um tecido leve e meio transparente. Eu sabia que ela era curta, também sabia que, quando comprei, não tinha planos de usá-la com Vito, nem com ninguém. Só comprei porque estava feliz o suficiente daquela marca produzir algo EG.

— O que você pretende com isso?

— Tudo o que o mestre mandar...

— É sério, Vito. O que isso significa? — Ele fechou a porta atrás de si e caminhou lentamente para perto de mim até me deitar na cama com o peso do seu corpo e a camisola entre nós.

— Tudo o que o mestre mandar. — grunhiu apertando minhas coxas e enlaçando a própria cintura com as minhas pernas.

— Faremos todos. — murmurei.

— Se não fizer?

— Ganharemos bolo.

— Vai daqui, vai dali e tira todas as suas roupas para mim. — Vito se levantou e me ajudou a ficar de pé.

Ainda demorei alguns instantes antes de começar a desabotoar minha blusa. Cada peça que eu tirava entregava a ele que jogava do outro lado do quarto. Levei meus dedos até o fecho do sutiã enquanto ele se sentava na cama e se ajeitava para ver melhor o show. Meus seios penderam livres assim que me livrei daquela parte da lingerie.

Tentei não olhá-lo enquanto tirava a calcinha. Sua expressão de total adoração quase me constrangia.

Eu sabia de cada marca minha. Estria, celulite. Onde sobrava carne e onde não. Eu costumava ser segura com o meu corpo, mas de repente era como se tudo aquilo se tornasse uma evidência que me impedisse de seguir em frente na hora de ter uma noite especial com o meu noivo.

Como se as minhas inseguranças a respeito de casamento estivessem atingindo outras áreas também.

— Você é tão linda... — sussurrou se levantando e tocando em mim. Pescoço, seios, barriga, até chegar entre minhas pernas e deslizar os dedos para

dentro de mim. Vito me apoiou de costas no seu peitoral e beijou minha nuca enquanto continuava com os movimentos eróticos mais abaixo.

O ar quente que ele soltava se espalhava sobre minha pele provocando uma onda sedutora. Eu fechei os meus olhos apreciando cada carinho que recebia. Sua mão puxou meus cabelos para o lado e sua boca teve acesso melhor à minha orelha. Mordiscou e lambeu, fazendo minhas pernas bambearem.

— Coloca a camisola para mim, Bea. Tenta me seduzir como eu tento seduzir você.

Abri os olhos, aos poucos consegui focá-lo. Me virei dentro dos seus braços, a camisola estava apoiada em seu ombro.

— Me ajuda a vestir. — Ergui os braços enquanto ele passava as alças, ajudei a puxar meu próprio cabelo para fora, Vito amarrou o laço para mim e estava pronta. — Eu acho que eu esqueci um pouco de você no caminho. Eu tenho sido egoísta por esses dias, me desculpe. — Beije seu peitoral. — Eu não sei direito como me comportar quando estou com você, mas vou me esforçar.

O empurrei gentilmente para que se sentasse na cama.

— Quando eu fazia faculdade, eu conheci um cara...

— Não quero ouvir sobre seus exs.

— Ele não é meu ex... — Peguei a caixa de lenço em cima do criado mudo e coloquei no chão assim que me ajoelhei. — Era um cara que saía com algumas garotas e tinha fama de ser bom no que fazia. Então, eu fui até ele... — Peguei seu pênis entre a mão. — e perguntei se poderia me ensinar algumas coisas. Nós dois viramos amigos coloridos, você sabe como funciona. O mais interessante é que ele me ensinou outros jeitos de usar a boca...

Cuspi em um lenço limpando o membro e lambi a glândula. Desci e subi com a língua por toda a extensão até que o coloquei inteiramente na boca. A mão de Vito segurou meus cabelos enquanto eu o sugava em movimentos rítmicos. Senti quando ele estava rígido o suficiente e deixei de chupá-lo.

Abaixei as alças da camisola deixando os seios de fora, encaixei seu pau ali no meio repetindo os movimentos que eu fazia com a boca. Vito parecia surpreso com o fato de eu saber fazer uma espanhola, mas estava ocupado demais apreciando.

Quando finalmente ele chegou em seu ápice, o gozo foi parar sobre meu colo e rosto.

Ele ofegava enquanto eu sorria. Usei mais um lenço para me limpar e distribui beijos pelo interior da sua coxa subindo pela barriga e peitoral até seu pescoço. Chegando aos lábios, usei minha língua para que ele percebesse o quão ativa eu estava hoje. Suas mãos agora estavam em minha cintura enquanto eu estava em seu colo.

Não demorou muito até ele me jogar na cama e parar entre minhas pernas.

Sugando e lambendo, me levando a um nível cada vez mais alto de prazer, quase me fazendo esquecer meu nome.

E quando eu estava quase lá, ele se levantou, se posicionou e se afundou em mim em uma só estocada.

— Olha para mim enquanto eu meto fundo em você, *fiore*. — Grudei meus olhos nos seus. Franzindo o cenho, ainda aérea demais para saber o que realmente estava acontecendo. — Vou te explicar detalhadamente porque eu não demito a outra lá enquanto você goza para mim bem gostoso.

Mais uma estocada.

— Eu amo você. — Novamente. — Eu respeito suas escolhas. — Outra vez. — Eu não te desautorizo. — De novo. — E eu amo você, caso não tenha ficado claro. — Meu grito de contentamento pontuou que eu cheguei onde ele queria que eu chegasse.

Minha respiração ofegante fazia meu peito subir e descer enquanto eu sentia Vito líquido dentro de mim. Dei um sorriso satisfeito para ele que segurou meu rosto entre as mãos.

— Eu adoro quando vejo você sorrindo depois de transar. — Ri com mais força enquanto ele saía e se apoiava nos cotovelos. — Eu amo você, Beatrice. Prometo terminar todas as nossas discussões desse jeito a partir de hoje.

Eu não entendi se ele queria me fazer parar de discutir ou incentivar de vez.





24. Vende-se uma Consulta

**Motivo Vinte e Quatro
para não casar:**
*eu não sei lidar com meus
próprios sentimentos.*

Parecia aquelas cenas pós noite de amor dos filmes dos anos 80. Vito estava deitado de barriga para cima em nossa cama e eu apoiava minha cabeça em seu peito desenhando círculos em sua barriga com as pontas dos dedos enquanto ele penteava meu cabelo em um carinho silencioso. Aqueles gestos falavam mais sobre cumplicidade do que amor. Falavam sobre como eu e ele éramos capazes de juntar o carinho que sentíamos um pelo outro e transformar em um monte significativo de afeição.

Ergui meu rosto para ele, apoiando meu corpo sobre o seu.

— O que houve, *bambina*? — perguntou abrindo os olhos.

— Eu vou marcar o terapeuta. — Vito franziu o cenho ainda assimilando o que eu tinha dito, até que ergueu as sobrancelhas em entendimento.

— Ah, o terapeuta.

— Tem mais uma coisa... — Ele fincou um cotovelo no colchão enquanto usava a mão como apoio da cabeça. Se virou lentamente me fazendo ficar deitada próxima de si e com a cabeça encostada em seu braço.

— Diga.

— Iremos à uma entrevista. — Novamente ele ficou sem entender.

— Com o terapeuta?

— Não, *burbero*. — Passei os dedos por sua bochecha enquanto ria — Para um *talk-show*. Querem perguntar sobre nós dois e eu quero contar todos os seus defeitos para todas as mulheres desistirem de vez de tentar alguma coisa contigo e aí você será só meu e me comprará um monte de sapatos e vinhos para não me perder também. — Vito se arrastou sobre mim enquanto começava a fazer cócegas em minha barriga.

— Eu já disse para você não usar o que eu sinto por você como arma —
Consegui ouvir enquanto gritava de tanto rir.

Aos poucos ele cessou a brincadeira e me beijou. Os dedos dele se emaranhavam em meus cabelos como uma carícia leve e relaxante. Vito estava se tornando o tipo de pessoa que eu não poderia separar de mim. Eu sentia isso.

Era como se ele se encaixasse por trás do meu coração e o ajudasse a bater. Como se o simples fato dele existir ajeitasse a linha do meu destino e me ajudasse a seguir um caminho que eu não sabia querer trilhar.

O abracei pelas costas saboreando ainda os lábios dele sobre os meus. Vito tinha uma maneira de se encaixar tão complacente, tão bonita que me fazia quase se sentir grata por poder fazer parte daquilo.



Deus sabe que o amanhecer é uma letra maiúscula que as pessoas não gostam muito de apreciar. Eu ficava de fora dessa generalização até descobrir que dormir acompanhada era muito bom.

Veja bem, antes eu adorava ter a cama só para mim. Mas Vito na mesma cama que eu significava que meu corpo seria mantido quentinho enquanto eu abraçava confortavelmente um travesseiro gigante muito gostosinho. Isso também significa que eu passei a adorar ficar deitada até altas horas fazendo nada.

Mas, infelizmente, eu tinha deveres a cumprir. Assim como meu noivo.

— *Princesa*, hora de acordar. — murmurou enquanto me beijava com um selinho. — Pronto, já dei o beijo da Bela Adormecida.

— Tente de novo. — ele novamente me beijou. — Mais uma vez. — de novo. — Faça isso até você desistir de acordar.

Vito riu e me beijou profundamente dessa vez.

— Eu nem escovei os dentes. — falei assim que nos separamos.

— Eu também não. — Franzi o nariz. — Vai dizer que estava com gosto ruim?

— Beija de novo para eu ver.

— Hoje você está mais safada do que o normal. — Me sentei na cama finalmente desistindo de tentar continuar dormindo.

— Quero saber quem foi que disse que eu sou safada.

— Bea. — Olhei para ele. Vito apontava para uma marca roxa perto da sua virilha e eu arregalei os olhos. — Eu tenho outras provas.

— É o suficiente. — Ele riu enquanto procurava a cueca para se vestir.

Me enrolei em um lençol e fui para o banheiro quase envergonhada pelo o que tinha feito. Fechei a porta por precaução. Me olhei no espelho. Eu já não era a Beatrice de antes do Natal. Não. Eu não era mais a mulher convicta de que não se casaria.

A Beatrice que me encarava de volta tinha planos de novo. Estalava os dedos diante do meu rosto e dizia "anda logo que o caminho agora é diferente".

Sorri para mim mesma, deixei o lençol cair e destranquei a porta. Vito olhou minutos depois e eu o conduzi para o chuveiro. Ele conduziu todo o resto.



— Qual o nome daquele seu amigo da faculdade? — Vito perguntou enquanto eu terminava de me arrumar diante da penteadeira. Ergui as sobrancelhas. — Preciso parabenizá-lo pela criatividade.

Eu gargalhei.

— Não foi ele quem me ensinou tudo. Eu aprendi algumas coisas sozinha.

— Estou ansioso para provar do restante. — Ele tinha se aproximado tão sorrateiramente que eu me surpreendi com seu beijo em minha nuca e me arrepiei.

— Certo, mas se detenha. Ainda temos que trabalhar. — Borrifei o perfume em meus pulsos e pescoço, depois me levantei da banqueta.

Sua mão já estava estendida, pronta para segurar a minha. E foi o que eu fiz depois de pegar minha bolsa.

Nós dois descemos do elevador ainda rindo das amenidades que falávamos um para o outro. O motorista nos esperava com um outro modelo de carro que eu ainda não tinha visto entre os de Vito. As portas não estavam abertas, ele apenas segurava a chave e aguardava.

— Que carro é esse? — perguntei.

— É o seu. — Vito respondeu com simplicidade enquanto tomava a chave do motorista, agradecia e a entregava para mim. — Gostou?

— Sim, mas... Para que um carro se eu sempre ando com você?

— Bem, como eu sou um noivo muito atento e prezo por sua liberdade, resolvi comprar um desses para que você conseguisse administrar suas propriedades depois do casamento sem precisar se prender à minha agenda. Claro, se você quiser um motorista, podemos contratá-lo. Só tem mais uma coisa... — Ele me entregou a chave onde eu pude ver o logotipo da SUV pela primeira vez.— A *Mercedes* foi comprada com a porcentagem de lucros da Eleganza do ano passado. Então, é como se fosse um presente meu comprado com o seu futuro dinheiro.

Olhei para a lataria branca, destravei a porta de passageiro e a abri ainda em silêncio admirando o estofado de couro bege. Dei a volta e me sentei no banco do motorista deslizando as mãos pelo volante. Vito se sentou no lado do carona, bateu a porta e colocou o cinto. Liguei o carro admirando o ronco do motor.

Me virei para ele com um sorriso no rosto.

— Obrigada! Vito, é incrível! Eu nunca tive um carro... — A última frase eu murmurei enquanto olhava para cada detalhe do painel. — Só falta ter uma adega aqui dentro porque de louboutins eu já estou.

— Nada de misturar álcool e direção, *fiore*. — Ajeitei o câmbio automático e acelerei dando partida. — Não esqueça de parar para tomar um café.

— Pode deixar, chefinho.

Liguei o multimídia deixando em uma rádio qualquer só para ter uma trilha sonora enquanto dirigia. Era emocionante a forma como o carro deslizava e aquilo só me fez ter certeza mais uma vez de que Vito merecia meu esforço. De que ele valia a pena e de que era mais do que qualquer outro que tenha estado em minha vida.



Quando chegamos ao nosso andar, Francesca, Netta e Carmen já nos aguardavam. Cada uma em sua mesa.

Vito não teria reuniões, mas analisaria contratos enviados pelo setor financeiro, então ficaria por todo tempo em sua própria sala. Ele se despediu com um beijo rápido e eu fui para minha própria mesa. Carmen foi a primeira a se aproximar depois de eu ter cumprimentado todas.

— Então, Bea, o Alexandro ainda precisa de sua confirmação acerca da entrevista. Esse acionista, sr. Cercatto, pediu para que Vito telefonasse para ele

ainda hoje, o Sr. Carlo ligou avisando que faria uma visita e *Nonna* Gaia pediu, gentilmente, para lembrá-la de que precisa marcar a data para o casamento. — Posso ouvir *nonna* Gaia falando com minha assistente “faça aquela cabeça dura se decidir de uma vez”.

— Certo. — Peguei o tablet que ela me oferecia e abaixei meu tom de voz. — Quais os resultados da sua supervisão de equipe até agora?

— Bem, as duas não dão motivos para nenhuma reclamação, nem mesmo Netta. Pelo contrário, ela está sendo prestativa, faz coisas além do que se pede e nem se vangloria por isso. Até porque, se ela se vangloriasse, eu imprimiria um certificado de "não fez mais que sua obrigação" e esfregaria na cara dela. — Eu ri — Francesca é boa, mesmo tendo demorado um pouco para entender como funcionava nossas listas de fornecedores e por onde começar a organizar a festa de carnaval do mês que vem, mas já se achou e acho que tudo estará pronto antes de fevereiro chegar. Ótima escolha para a equipe até agora, chefinha.

— Certo. Você pode confirmar a entrevista com Alexandro e marcar uma reunião com ele para amanhã só para que eu e Vito sejamos informados de como a entrevista será conduzida? Eu vou passar o recado do Sr. Cercatto para meu noivo e lidarei com os parentes logo depois. Pode ser?

— Sim. Deixa comigo.

— Certo. — Digitei uma mensagem para Vito pelo computador e enviei. — Agora vou usar a sala de reuniões por alguns instantes. Consegue cuidar de tudo aqui?

— Esse é meu serviço, patroa. — Ela bateu continência e eu sacudi a cabeça.

— Palhaça. — Peguei o *iPad* e meu celular antes de ir para a sala de reuniões.

Respirei fundo enquanto abria a lista que eu tinha digitalizado ainda no dia anterior.

Vários dos terapeutas mais influentes de Roma se encontravam ali. Os que eu mais confiava estavam grifados em negrito. Me sentei em uma das cadeiras e comecei a discar o primeiro número.

A recepcionista atendeu, mas, para minha frustração, não tinham horários disponíveis até dali três meses.

Fechei os olhos antes de desligar.

— Isso não é sinal para desistir. Foi só a primeira tentativa. — murmurei em incentivo a mim mesma.

A segunda estava de férias. A terceira também sem horários. Desliguei mais uma vez sentindo o peso da frustração sobre mim. Quase fechei tudo e saí tão rapidamente quando entrei. Até que os olhos azuis de Vito surgiram em minha mente. Como se estivesse prestando total atenção em mim.

Se eu não pudesse fazer isso só por mim, então era bom fazer por ele também.

Mas também, que inferno, ele não tinha dito que a maioria tinha horários disponíveis? O que aconteceu com a população romana para precisar de terapia de uma hora para outra?

Olhei para a lista mais uma vez. Parecia uma sinal.

O nome da próxima terapeuta era Fiorella. Fiorella como minha madrinha, como a mãe de Vito. Como uma das mulheres que tinham me inspirado tanto.

Disquei o número, com uma determinação que não era só minha.

— *Buongiorno*. Consultório da Doutora Fiorella Gianfranco. Quem deseja? — A voz de uma simpática recepcionista se fez presente depois de três toques. Suspirei aliviada.

— *Buongiorno*. Aqui é Beatrice Andreanni e eu gostaria de marcar uma consulta.

— Claro, *signora* Andreanni. É muito urgente ou a senhora não tem tanta pressa assim? — Sorri. Eu queria mesmo era entrar no consultório hoje e sair para casar com Vito amanhã mesmo.

— É muito urgente.

— Tudo bem, deixe-me ver os horários disponíveis. Só um instante. — Demorou apenas alguns segundos antes dela voltar a falar com sua voz alegre. — Temos três horários disponíveis para semana que vem. Um de manhã na segunda-feira. Os outros dois são na quarta-feira, um de manhã e outro de tarde.

— Pode ser o de manhã na quarta.

— Tudo bem, preciso de seu nome completo, identidade, endereço e um número para contato. — Passei as informações para ela com total despreocupação. — Certo, o horário está reservado. Mais alguma coisa?

— Não. Obrigada.

— Disponha. Até logo.

— Até. — Desliguei.

Fiquei alguns segundos encarando o nada. Eu tinha marcado a terapeuta. Ela tinha o mesmo nome da mãe de Vito e eu não tinha receio nenhum.

Apoiei o celular na mesa com muito autocontrole antes de sorrir e sussurrar para mim mesma:

— Eu consegui!





25.1. Futuro Pai Vendido

Motivo número Cinco para amar Beatrice:
ela cumpre sua palavra.

O principal benefício de ser o chefe é que você pode fazer o que quiser (dentro das diretrizes da empresa) e não ser questionado sobre isso. Carmen, Netta e Francesca até podiam estar me encarando do outro lado da sala, mas não perguntavam porque eu estava colado à porta da sala de reuniões.

Ninguém fazia um barulho qualquer.

Ouvi quando Beatrice desligou o telefone, mas ela não levantou de imediato e eu também não me afastei. Quando sua cadeira se arrastou para trás, parece que um alarme soou pelo ambiente.

Carmen ajeitou papéis em cima da mesa, Netta ligou para alguém, Francesca começou a digitar no computador freneticamente e eu tentei voltar para a minha sala o mais rápido que pude.

Tentei.

Enquanto a porta da sala de reuniões se abria, meu pai saía pela do elevador. Os olhos inquisidores de Beatrice focaram em mim enquanto se aproximava.

— *Ciao*, meus tesouros! — Babbo disse empolgadamente abrindo os braços e puxando nós dois para um dos seus abraços. — Como estão?

— Noivos. — Beatrice respondeu com aquele fundo raivoso no tom de voz. Fazia a mesma coisa comigo quando queria que eu pagasse por algum erro.

— Ah, isso eu sei e é o que eu esperava. — Ele olhou em volta. — Carmen, que bom revê-la! — Abraçou a loira como sempre fazia e se virou para as duas mesas novas. — Você é?

— Francesca, senhor. — a nova assistente sorriu, já contagiada pelo jeito de pai que Carlo tratava a todos que eram mais novos que ele.

— Prazer em conhecê-la — falou depois de apertar a mão da moça. E então parou diante da mesa da outra nova funcionária. — O que Netta faz aqui?

Meu pai nunca tinha simpatizado com a Treggi e eu sabia o porquê.

Além da família dela ser conhecida pela arrogância e escândalos envolvendo as coisas mais sujas, minha mãe, ainda em vida, também não simpatizava com Netta. Contou para o *babbo* o que ela fazia com Beatrice e esse, por sua vez, passou a não gostar dela também. Os dois eram daquele jeito onde as duas partes do casal eram contaminadas pelas inimizades de um. Se mamãe não gostava de alguém, papai também não. E, o pior para eles, era achar que eu queria alguma coisa com a loira e isso impedia Beatrice de ser a norinha querida deles.

Eu devo admitir que nunca tive como objetivo ter qualquer relacionamento profundo com Netta, por mais que ela achasse que sim. E se eu voltava a ter casos repetidos com ela era porque, além do sexo ser satisfatório, sua presença incomodava Beatrice. Isso fazia com que minha atual noiva tivesse crises parecidas com ciúmes. Meu objetivo maior era fazer com que ela percebesse que gostava de mim.

Egoísta e sórdido, eu sei. Mas todo mundo tem um pouco disso em si.

As outras mulheres também tinham papéis parecidos ou, depois de um tempo, faziam parte do meu plano de esquecer Beatrice e tentar algo novo com outro alguém.

Com o anel no dedo de vocês-sabem-quem, dá para perceber que o plano não deu certo.

E, veja bem, depois de ontem, eu não gostaria de saber de mulher nenhuma. Beatrice era perfeita demais em qualquer requisito para que eu ousasse perder aquilo tudo que agora eu também podia usufruir.

Quando ela começou a falar sobre o amigo da faculdade, eu quase vesti minha cueca, fui para varanda e me joguei de lá.

Tudo bem que eu não fui exemplo de ser humano, mas ouvir sua garota falando sobre outro cara mexe com a auto-estima.

Entretanto, depois da ocasião que vocês conhecem bem, eu precisava enviar uma recompensa em euros para o homem lá. Ela sabia coisas incríveis e não foi a toa que demoramos a pegar no sono mesmo depois de tudo. Se eu ensinasse alguns detalhes a mais e se Beatrice se mostrasse tão cooperativa como foi na noite passada, em breve teríamos três crianças no forno ajudando o sobrenome Bernadinelli a fincar os pés na Terra e não serem extintos de jeito nenhum

Depois dela ter jogado os anticoncepcionais fora, era possível que em breve acontecesse isso mesmo.

Só de imaginar aquela mulher com um barrigão guardando um filho meu já dava uma palpitação dentro do peito que me entortava.

— Netta está em período de experiência como minha terceira assistente. — E sim, foi a futura mãe das minhas crianças que respondeu. Com direito a mão na cintura, nariz empinado e cenho franzido.

Ainda guardava ressentimentos do meu pai. Eu também guardaria no lugar dela, mas eu sabia que em breve aquilo seria esquecido com a mesma facilidade que foi causado. Talvez no mesmo dia. Talvez amanhã. Porém, mais rápido do que se imagina.

— Não acho correto. — *Babbo* resmungou.

— Reclamação anotada. — Beatrice grunhiu e foi para trás da própria mesa. Seus dedos martelavam o teclado do notebook enquanto papai a olhava com um ar risonho. — Dia quinze de julho. — Ela levantou a cabeça segundos depois, quase flagrando o sorrisinho de canto do velho.

Eu não tinha entendido porque ela estava falando uma data, então franzi o cenho.

— Quinze de julho. Meu casamento com Vito. Está bom para você? — me perguntou.

— Está ótimo. Cai em algum domingo?

— O terceiro do mês. — Se levantou novamente.

— Ótimo. Casamentos devem ser comemorados ao domingo, mesmo. Como bons católicos, teremos umas missa matinal e tudo o que demanda a tradição. — *Babbo* falou com empolgação.

— E tem mais uma coisa. — Ela se aproximou de meu pai. — Você vai entrar comigo na igreja, seu velho enxerido. Em Capri.

Ele abriu um sorriso ao mesmo tempo em que Bea também sorria. Os dois se abraçavam me fazendo ficar apenas como espectador do meu próprio destino.

— Mas você tem um pai, fragolina.

— Você é o meu pai. — Vi os olhos cheios de lágrimas do homem que passou a vida se desdobrando para ser o melhor em todos os papéis que exercia. O meu primeiro exemplo. Eu queria ser exatamente daquele jeito para os meus

filhos.

— Será uma honra, bambina. Uma grande honra. — A abraçou novamente e beijou sua testa. — Vamos almoçar!



Um verdadeiro almoço italiano demora horas, mas eu e Beatrice não nos importamos de gastar algumas com *papà*. O melhor de tudo estava no fato de que, entre um prato e outro, nós conseguimos conversar com algo perto da naturalidade sobre o nosso casamento.

E é claro que *babbo* aprovou tudo sorridente. Era a realização de seus planos, na verdade. Dos planos dele com minha mãe, eu sabia.

Quando chegou a hora de voltar ao trabalho, eu só tive que atender um acionista rapidamente e já estava livre dos compromissos do dia.

Beatrice e eu caminhamos lado a lado e de mãos dadas até seu carro novo.

Pedi que ela seguisse por um caminho conhecido e em pouco tempo estávamos diante de uma gelateria. Eu queria propor algo que ela ainda não fazia ideia.

Depois de ontem, eu percebi que uma cobertura como a minha não era um lar ideal para uma família de verdade. A nossa futura família.

Queria algo maior, mais concreto e a cara de nós dois. Algo planejado para ambos, como uma forma de demonstrar que em tudo que eu fizesse, ela estaria inclusa. Fosse nos planos da nossa futura rotina de trabalho ou comprando um carro. Cada passo dado por mim seria como se estivesse com o pé dela colado ao meu.

Sem falar que eu precisava dessas coisas concretizadas para breve. Vendo como ela se apoiava no balcão e falava com simpatia para a atendente o nosso pedido, eu só conseguia lembrar da Beatrice quando pequena, ali naquele mesmo lugar, toda suja de sorvete, com os cabelos presos de fita, aqueles olhos castanhos gigantes e os pés que balançavam sem encostar no chão. Queria encomendar uma igual àquela o mais depressa possível.

Uma mini-Beatrice para eu colocar sentada em meus joelhos enquanto trabalhasse e ensinar a ela como me substituir futuramente. Uma mini-Beatrice para eu jogar pro alto, abraçar e cuidar. Pra eu amar na mesma intensidade que eu já amava a mãe dela.

Quando Bea se sentou ao meu lado, eu ainda imaginava a garotinha feita por nós dois.

Imediatamente, me lembrei do nome da dona da gelateria. A mesma da nossa infância e da nossa vida adulta. Ali onde estávamos.

Antonella.

A mini-Beatrice já tinha até nome!

Antonella Andreanni Bernadinelli soava bom.

Me ajeitei incomodado por ter ido longe demais em pensamentos e sorri para a mãe da minha futura filha.

— Eu quero falar sobre uma coisa com você. — declarei assim que ela se sentou na minha frente com as duas taças de sorvete.

— Claro... — retribuiu o sorriso e se virou para mim — Sobre o que é?

— Os seus sapatos. — Ela franziu o cenho.

— Meus sapatos? — indagou.

— Sim. Seus sapatos. — Suspirei exasperadamente em um gesto dramático. — Não estão confortáveis no nosso closet.

— Então vou jogar os seus fora e organizá-los melhor.

— Ou poderia arrumar uma casa maior, com um closet maior para que os nossos sapatos ficassem confortáveis. — Bea me encarou por alguns segundos ainda assimilando minhas palavras.

— O que você quer dizer com isso?

— Estou te convidando para procurar uma nova casa comigo a partir de amanhã.





25. Vende-se uma Entrevista

***Motivo Vinte e Cinco
para não casar:
não gosto de falar sobre
casamentos.***

Eu estava nervosa. Talvez mais do que nervosa. Minhas mãos suavam e eu já sentia a irritação da maquiadora por ter que aplicar pó novamente em mim depois de duas vezes.

Vito parecia neutro. Afinal, ele já estava acostumado com aquilo. Era constantemente entrevistado já que era o CEO da Vision. Mas isso era mais em programas de finanças do que em *talk-shows* com fundo divertido e apelativo.

O meu maior medo era falharmos nas perguntas ou nos pegarem de surpresa. Eu não queria ficar constrangida e muito menos constranger Vito.

Tentei me acalmar lembrando os exercícios rápidos que aprendi com a terapeuta no dia anterior. Em como ela falou sobre a importância de me acalmar sempre que me sentisse pressionada por qualquer um dos meus temores.

Já haviam se passado dias desde que eu decidi a data do nosso casamento. A terapeuta era maravilhosa, mesmo que eu tivesse entrado em seu consultório como a Beatrice de catorze anos que usava vestido na festa da piscina porque tinha vergonha do corpo.

Bastou que ela me explicasse detalhadamente tudo o que eu precisava saber sobre a terapia para que me sentisse segura para falar tudo o que sentia e toda a minha história.

Segurei firme nos braços da poltrona onde aguardava a entrevista começar. Ao meu lado, Vito mexia no celular atualizando as próprias redes sociais, hora ou outra ele tirava foto surpresa minha. O que, inclusive, me fez lembrar do crescimento absurdo de seguidores que eu tive da noite para o dia. Apenas com o anúncio do *La Notte* sobre nós dois, parecia que eu tinha virado uma espécie de subcelebridade.

Também me surpreendeu o fato de não ter recebido nenhuma espécie de

xingamento até então. Vito tinha um número considerável de fãs, nenhuma delas ainda ter me ofendido era algo a ser comemorado. Pelo contrário, o tanto de comentários me elogiando em minha última foto postada fez um carinho leve no meu ego me permitindo até comprar uma roupa nova para essa entrevista.

Uma nova designer italiana especialista em modelos plus size estava guardando bem algumas centenas de euros que eu tinha gastado em sua loja. O macacão verde escuro com pernas estilo pantalone e um decote profundo, parecia incrivelmente desenhado para o meu corpo. O tecido leve flutuava enquanto eu andava e foi exatamente isso o que ele fez enquanto eu e Vito andávamos lado a lado para entrar no palco depois de sermos anunciados.

Sua mão fielmente apoiada em minhas costas e a leve ignorada que ele deu ao público por ter focado em me ajudar a não desequilibrar com as sandálias *Jimmy Choo* que eu usava só fazia aparentar o tipo de relacionamento que se dedicava para manter comigo e que eu tentava de todas as formas retribuir.

Como era o modelo do programa, um casal nos entrevistaria. Marido e mulher falando sobre assuntos estereotipadamente masculinos e femininos.

Nós dois não éramos como casos raros de casais entrevistados, na verdade esse era o foco do programa: entrevistar um casal popular na mídia.

— *Buona sera.* — falei me dirigindo a Giovanni e Giulia que estavam de pé para nos receber.

— *Buona sera*, como vai? — Giulia era magra e baixa com cabelos negros encaracolados, pele bronzeada e olhos cor-de-mel. Era do tipo bem arrumada com maquiagens e roupas da moda, pronta para analisar as duas coisas nas suas entrevistas. Já Giovanni usava uma blusa e calça social, era alto com a pele mais dourada que a de Giulia e olhos escuros diferente dos cabelos alourados pelo sol.

— Bem. — respondi. O mesmo cumprimento se repetiu para Vito.

Nós nos sentamos cada um em seus lugares designados. A única coisa diferente era que eu era a mais próxima da mesa enquanto Vito ficava ao meu lado. Uma alteração solicitada por ele.

— Que surpresa essa do anúncio do casamento de vocês! — Giulia começou sorrindo com perspicácia, pronta para conseguir uma informação diferente das que foram dadas para a imprensa.

— Ah, você nem imagina! — respondi.

— Posso ver seu anel? — Estendi minha mão dando a ela uma boa

visão da turmalina que brilhava à luz artificial do estúdio. Uma câmera focou naquele detalhe enquanto ela soltava uma série de elogios admirados.

— Eu sempre soube que tenho bom gosto. — Vito comentou.

— E você está ansioso para o casamento, Vito? — Giovanni conduziu assim que Giulia soltou minha mão e eu pude voltar para a posição anterior.

— Estou. Mas já me casei com Beatrice antes, no quintal da casa onde crescemos, usando um dos blazers do meu pai. — Eu e ele rimos um para o outro enquanto nos lembramos das nossas brincadeiras de infância.

— Então são amigos há muito tempo? — A voz de Giulia quebrou nosso contato visual.

— Durante toda a minha vida, na verdade. — respondi. — Eu era uma espécie de "irmãzinha" para Vito até me tornar melhor amiga, namorada e noiva.

— E isso aconteceu recentemente? — Giovanni perguntou a Vito.

— Sim, o pedido de casamento sim. Eu ter me apaixonado por ela que não. — Giulia cruzou as mãos debaixo do queixo depois de ouvir o que ele tinha dito.

— Fale mais sobre isso. — Vito me olhou enquanto eu sorria o encorajando. Apoiei minha mão em seu braço e minha cabeça em seu ombro.

— Está vendo? Não tem como não se apaixonar. A amo desde meus dezessete anos. — A plateia soltou uma exclamação de deleite enquanto eu suspirei ao perceber que aquele sentimento de Vito por mim veio de muito mais tempo do que eu imaginava.

— Mas você teve outros relacionamentos... — Giovanni se atreveu a dizer.

Mas meu noivo ainda me encarava quando respondeu firmemente:

— Não com a mesma intensidade que esse. — Acariciei seu rosto em um gesto totalmente involuntário. Ele fechou os olhos apreciando o carinho.

— E você, Beatrice? — Depois de ouvir Giulia, eu senti minha coluna retesar. Como explicar meus sentimentos sem soar com indiferença ou deixar Vito fazer papel de bobo?

Respirei fundo voltando a minha posição inicial e desfazendo do contato físico com ele. Era como se eu fosse receptiva ao que Vito fizesse ou falasse, mas não conseguisse devolver na mesma moeda.

Lembrei da consulta que tive no dia anterior, da análise de caráter que a terapeuta fez em mim e de como falou sobre minha insegurança a respeito das demonstrações sentimentais. Em como isso só se criou graças a rejeição do meu pai e em como outras pessoas não me rejeitariam se eu falasse o que estava sentindo.

— Vito é a melhor pessoa que eu poderia ter pedido para passar cada um dos momentos que eu passei com ele ao meu lado. — Desisti de olhar para Giulia que procurava alimentar meu medo para que eu falasse algo indevido. Lembrei que o programa era ao vivo e resolvi voltar a prestar atenção em meu futuro marido. — Nós temos a melhor sincronia que eu conheço. — Ele levantou a mão em um *hi five* e eu bati a minha na dele num sinal de cumplicidade.

— Os preparativos para o casamento devem estar te consumindo... — Meu Deus, ela só falaria sobre aquele tipo de coisa comigo? Anel, preparativos, amor. Ok, coisas importantes, mas eu e Vito não nos resumíamos ao casamento.

— Na verdade, nós ainda não começamos. — Me surpreendi ao observar que ele respondeu.

— Jura? Nem o vestido? — Neguei com a cabeça. — Ah, por falar nisso, o que você está vestindo hoje?

A pergunta foi destinada a mim, eu sabia, mas quando vi Vito se levantar, não pude deixar de gargalhar.

— Como podem ver, é um blazer *Giorgio Armani* igual a calça e a camisa, um sapato *Thom Browne* e um *Rolex* para dar um brilho ao meu visual. — A platéia foi a loucura batendo palmas enquanto eu perdia o ar de tanto rir.

Demoramos um tempo até recuperarmos o controle de nossas emoções. Giulia parecia ter entendido o recado já que quem dominou as próximas perguntas foi Giovanni.

— E o mercado atual? Um futuro marido terá como conciliar o tempo entre uma esposa e uma empresa que cresce como nunca? — Vito coçou a própria barba.

— O que me diz, querida? — Seus olhos azuis brilharam com divertimento para mim. Ele estava fazendo o que prometeu dias atrás: me deixando ser uma pessoa com um destaque além dele, não alguém subjugada a sua imagem.

— Vito é bom em cumprir horários, eu também. Acho que teremos tempo entre uma reunião e outra para um jantar romântico. Além do mais,

teremos rotinas parecidas quando eu começar a tomar conta da *Eleganza* e do haras. — Ajeitei os cabelos dele para trás. — Acha que conseguiremos passear no meu iate em um final de semana depois de casados, querido?

— Acho que sim.

O público novamente aplaudiu e riu quando Vito puxou minha mão e beijou os nós dos meus dedos.

— Sendo CEO de um grupo como a Vision, você e Beatrice acham assuntos em comum? — Novamente, ele esperou que eu respondesse.

— Na verdade, eu sou formada em comunicações sociais e administro a rotina de Vito há muito tempo. Se tem uma coisa que nós dois temos, isto é assuntos em comum. Inclusive, no ano passado tivemos um crescimento considerável na venda dos nossos enlatados depois que eu sugeri algumas mudanças em nossa campanha publicitária. Além do mais, somos conhecidos como uma empresa com grande respeito aos seus consumidores e um sistema funcional de atendimento que foi aperfeiçoado graças a um projeto meu de *telemarketing* e assessoria online.

Quando olhei para Vito, ele parecia orgulhoso da minha resposta.

— Então, sim, nós dois temos muito assunto em comum e o que não falta é conversa. Mesmo quando os dois levam os *notebooks* para a mesa de jantar e trabalham enquanto comem.

Giovanni acenou positivamente com a cabeça agora fazendo perguntas sobre o mercado financeiro para mim também. Giulia, para não ser esquecida no parquinho, resolveu reformular seu próprio questionário.

— Então, o que a *Eleganza* pode esperar de você depois que assumir o comando? — Pensei por alguns segundos.

— Números maiores e uma coleção *plus size*. As mulheres não precisam se sacrificar tanto para caber em algumas roupas. Acho que uma empresa fatura muito mais deixando que suas clientes encontrem com facilidade o que precisam do que fazendo com que elas precisem se adequar ao que ela vende. Afinal, não se pode cotar o que o mercado quer por muito tempo. Também penso em iniciar uma campanha de aceitação para garotas através da marca. É muito importante que as meninas aprendam a se amar do jeito que são. — Terminei meu discurso sorrindo com firmeza para apresentadora.

— Estão vendo o que eu disse? Ela é maravilhosa. — Vito puxou minha cabeça e estalou um beijo em minha bochecha. Olhando para a platéia, eu

percebi que conseguimos conquistar a maioria deles sem precisar mentir.

Meu noivo podia não saber, mas aquele apoio mudo e simples de me fazer ter destaque em uma entrevista onde eu seria só a noiva do grande herdeiro valeu mais do que o carro, o anel, o sapato ou o buquê.

O simples fato de reconhecer meu valor, fez com que eu percebesse que Vito estava muito perto de ganhar o que eu nunca dei a ninguém: o meu coração.





26. Vende-se um Véu

***Motivo Vinte e Seis para
não casar:
eu gosto da liberdade.***

Eu não esperava muito da noite após a entrevista. Tirando o fato de que jantamos com Giulia e Giovanni no *Crab*, nada de muito diferente poderia me surpreender. Frutos do mar em uma noite de inverno pós-entrevista já era o suficiente para mim.

Pelo menos eu achava que sim.

O fato é que nada parecia realmente ser o suficiente para quem quer que estivesse administrando o decorrer da minha vida. Sempre tinha alguma coisa que poderia sim me surpreender.

Poderia ser um gato intruso na cobertura ou uma visita noturna de *Nonna* ou ambas as coisas.

Por tanto, não é surpresa para você que eu tenha parado no hall de entrada com a mão no peito enquanto olhava para *Nonna* Gaia sentada no sofá da sala de estar enquanto acariciava um gato amarelo que dormia placidamente no colo dela. Não. É claro que não é. Você já está pronto para as reviravoltas da minha vida. Eu ainda estou aprendendo a lidar.

— *Buona sera*, tesouros! — Ela se levantou o mais agilmente que seus oitenta e dois anos permitia. O gatinho resmungou antes de se enrolar em cima de uma almofada e voltar a dormir. — Não sabia que tinha um novo amiguinho morando aqui.

Olhei para Vito que também não entendia a presença do bichano.

— Nós também não. — Me aproximei a abraçando para logo depois Vito fazer a mesma coisa.

— Deve ser de algum vizinho, vou ligar para a portaria. — Ele sumiu para a cozinha me deixando sozinha com sua avó.

Observei atentamente os seus olhos castanhos envoltos de rugas, as mãos

trêmulas e as roupas próprias para alguém da sua idade.

Toda a história da família Bernadinelli era difícil de ser contada, mas o ápice do enredo se resumia àquela mulher.

Gaia Bernadinelli sobreviveu a muitas coisas. A guerra, ainda na infância, lhe tirou um irmão mais velho. Ainda muito nova se casou com um homem enlouquecido pelo exército que se suicidou depois dos três filhos estarem crescidos. Ela que administrou, junto com senhor Carlo, cada empresa do grupo Vision. Foi ela que sempre tentou amenizar os desacordos familiares provocados pelo testamento do próprio marido.

Afinal, quando se tem três filhos e uma empresa grande, o esperado é que se divida a empresa entre os herdeiros e não que se deixe a maior parte para o filho mais velho e porcentagens menores, quase insignificantes, para os outros dois.

Infelizmente, resolver essa injustiça familiar ficou nos ombros dela, que não entendia muito do mercado financeiro e aprendeu apanhando. Hoje em dia, os outros dois filhos até tinham uma fortuna considerável. Mas ainda não estava extinta as pequenas discussões como a que ocorreu no Natal.

O fato é que, independente de tudo, até hoje a *Nonna* Gaia não deixou que a palavra fraqueza definisse sua pessoa.

— Precisei vir até aqui pois tenho um presente especial para você. — Ela apontou para uma caixa branca com uma fita rosada em cima de uma das poltronas. — Espero que goste, mas preciso que abra de uma vez porque também quero conversar com você.

Abandonei o seu semi-abraço para pegar o presente. Desfiz o laço sentindo uma leve textura de poeira entre suas dobras. Limpei a ponta dos dedos em minha roupa antes de erguer a tampa da caixa.

Envolvido em papel de seda estava um véu de noiva com detalhes floridos por toda a sua borda. Era longo e antigo, um pouco amarelado com o tempo, mas nada que uma lavanderia responsável e boa não conseguisse consertar.

— Foi meu véu de casamento. Há sessenta e seis anos eu entrei em uma igreja. Nova e imatura demais para saber como ser uma noiva de verdade. Me casando com um homem dezessete anos mais velho que eu. — Nonna se sentou enquanto eu dobrava minhas pernas no chão, como uma menina pronta para ouvir uma história. — Não foi fácil. Na minha época, as coisas nunca eram fáceis para as mulheres. Tive três filhos homens, era uma boa dona de casa e

anfitriã, mas mesmo assim meu marido nunca parecia satisfeito. Eu aturei muitas coisas pois não tinha como sair daquela situação. Lidar com um homem insatisfeito abre espaço para muitos tipos de crueldade. Você não soube da metade da história, mas com o tempo descobrirá.

Ela suspirou.

— Sessenta e seis anos é tempo demais, mas ainda assim, não me permito esquecer pelo o que passei. Também não permito que outras a minha volta passem por isso.

Nonna passou os dedos pelos desenhos de flores.

— Liberdade é um bem relativo, Beatrice. Tem gente que jura ser livre, mas é dependente de tanta coisa. Tem gente que jura ser preso, mas tem tanta independência que corresponde como prisão a menor das algemas. O medo de ter as asas podadas é terrível. Os jovens de hoje ainda não perceberam que o vôo dos pássaros em bando é tão bonito quanto o do pássaro solitário. Ninguém foi criado para ser sozinho e não amado, *fragolina*. Ninguém foi criado para ser dependente do amor. Mas esse sentimento, quando recíproco, é tão bonito. — Seus dedos trêmulos limpavam discretamente uma lágrima furtiva enquanto eu deixava aquelas palavras fazerem morada no meu coração. — Uma andorinha só não faz verão, você sabe. Mas duas andorinhas geram diversas andorinhas e espalham um lindo verão por aí. Você pode voar acompanhada e ser você mesma. Pode ter um ninho para chegar, mas conseguir sair por aí todos os dias. Amar alguém não é limitador. Vai aprender isso. Quanto a sua liberdade, ela ainda é sua. No momento certo você vai descobrir.

Olhei para o véu e para ela. O gatinho voltou a se aninhar em seu colo.

— A gente não escolhe a quem pertence porque não somos propriedades. Mas a gente deixa o coração nos ligar a alguém. Deixa o coração oferecer lealdade e cumplicidade. Como um gato. O gato não é um animal que pode ser domado, mas ele pode ser conquistado com um pouco de amor.

O bichano ronronava enquanto ela acariciava atrás de suas orelhas.

Como um gato, como uma andorinha... Eram muitas metáforas, mas todas fáceis de serem compreendidas.

O silêncio da sala era meu amigo, até Vito voltar e parar no umbral falando sobre nosso visitante.

Ele contava sobre as peripécias do gatinho abandonado pelo vizinho que havia se mudado para outro país, mas eu só sentia a presença dele. Corria pelas

minhas veias, fluía pelo meu corpo, dançava em meu estômago.

Eu andorinha, eu gata, eu livre.

Eu apaixonada.





27. Vende-se um Gato

***Motivo Vinte e Sete para
não casar:
nunca planejei constituir
uma família.***

Começar uma família é algo mutável. Tem gente que começa depois que casa. Outros que muito antes de tal formalidade já criam a união familiar. Eu e Vito criamos a nossa família ainda naquela noite.

Nonna Gaia não se demorou. Sucintamente deixou seu presente, recolheu sua bolsa, distribuiu despedidas e foi para a própria casa.

Enquanto isso, eu agia como uma boba. Sim, como uma perfeita idiota. Veja bem, eu já não tinha certeza de mais nada. E naquele momento, me faltava vergonha na cara também.

Eu estava apaixonada por Vito. Era a única coisa que podia explicar minhas reações exageradas com cada coisa que ele fez. Desde o arrepio depois que ele me abraçou, até o sorriso besta de quando ele colocou o gatinho abandonado em meu colo e ficou fazendo carinho naquelas orelhinhas pontudas.

Se aquele aperto no coração não era paixão, então era melhor chamar um cardiologista porque eu ia infartar.

— Acho que ele precisa de um nome. — Olhei melhor para o gatinho. Ele era surpreendentemente amarelo. Dos olhos ao último fiapo da sua cauda felpuda, tigrado com um tom de laranja.

— Também acho. — concordou.

— Ou podemos chamá-lo de Gato, como em Bonequinha de Luxo, até decidirmos o que fazer com ele. — O gatinho começou a ronronar. — Ok, já que você insiste, nós vamos ficar contigo.

Vito riu e eu segui para o quarto.

— Onde ele vai dormir?

Olhei para trás só para conferir que ele tinha me seguido.

Parecia que cada vez que eu pousava os meus olhos nele, aquele sentimento que se enfiava por trás do meu coração ganhava tamanho. De repente, era como se saber daquilo alimentasse sua existência anteriormente ignorada.

— Ele eu não sei, mas eu vou dormir na cama junto com minha noiva. — Ouvi o barulho de seus sapatos sendo jogados para o lado e seu blazer sendo lançado de mau jeito sobre uma poltrona. Ergui as sobrancelhas, incomodada com a bagunça.

Vito correu e se jogou na cama acordando o gato no meu colo.

— Hum. E você ainda quer ter filhos. Pobre bebê... — Acariciei a cabeça do bichinho e o coloquei deitado na mesma poltrona que estava o blazer de Vito. Ele se enrolou e voltou a dormir. Me joguei na cama ao lado dele.

Com os olhos fechados, ele fingia que estava dormindo.

— Vito... — fui ignorada enquanto seu braço era jogado por cima de mim e ele me puxava como se me usasse de ursinho de pelúcia. — Não é hora de dormir.

— Tem uma sugestão melhor? — Abriu os olhos devagar me encarando maliciosamente.

— Nem vem, temos um novo visitante. — Apontei para a poltrona.

— Eu posso ser muito persuasivo... — Vito se sentou na cama, puxou um dos meus pés para seu colo e começou a tirar as minhas sandálias. Ele beijava cada uma das marcas vermelhas deixadas pelas tiras. Sua mão deslizou pela minha panturrilha levando o tecido do macacão junto.

— Nem ouse rasgar, é uma peça exclusiva. — Ele sorriu para mim, beijando até onde conseguiu desnudar a minha perna.

— Senta. — Meu noivo não tinha mania de mandar em mim, ele não usava muito o tom imperativo, mas naquele momento pareceu tão sexy, tão bom.

O zíper do macacão foi cuidadosamente abaixado para em seguida Vito deslizar as alças pelos meus ombros. Era como se seu toque sensibilizasse a minha pele provocando todo o tipo de prazer e sensação que nunca antes eu havia provado.

Com um leve empurrão, ele me incentivou a deitar. Puxei minhas mãos para fora das alças deixando que a parte de cima da minha roupa ficasse enrolada em minha cintura. Seus dedos acariciaram o alto do meu colo antes de descerem

até às pontas dos meus seios. Um arrepio excitante deslizou pela minha pele enquanto eu me arqueava satisfeita.

De repente, Vito parou o que estava fazendo e começou a rir. Abri os olhos o observando se curvar e apoiar a testa no meu ombro ainda refém da própria risada. Olhei em volta procurando a fonte de tanta graça e o encontrei acima da minha cabeça.

O gatinho, recém aceito no nosso lar, me encarava com os olhos amarelos bem abertos como se tivesse muito interesse pelo o que nós estávamos praticando.

— *Pettegolo!* Vito, tire ele daqui! — Meu noivo desatou a rir ainda mais alto do que antes. — Arg! Tem coisas que uma mulher realmente precisa fazer sozinha.

O empurrei pelos ombros, mas em seguida o puxei de volta mudando de ideia ao perceber meu estado.

— O que houve agora? — o tom dele ainda era afogado pelas risadas.

— Eu estou pelada...

— Seminua. E daí? — a raiva tomou conta do meu corpo.

— E daí que não é certo fazer essas coisas na frente de um gato! — Ele esbanjou incredulidade. — Não me olhe assim. Imagina se a gente tem um filho? Você vai deixar a criança assistir esse tipo de coisa?

— Para quem criticou o plano do meu pai de adotar um animal para ir treinando como ter um bebê, você está fazendo comparação demais entre um gato e um menino.

— Eu vou fazer comparação entre você e um eunuco se não parar com isso agora mesmo, me cobrir e tirá-lo daqui. — Ele bufou enquanto puxava o lençol para cima de mim e descia da cama.

Aninhando o gatinho no colo, Vito me deu as costas e saiu pela porta do quarto.

Meu corpo ainda tinha resquícios de excitação, o que dificultava minha vontade de me levantar e ir fazer qualquer outra coisa.

Encarei o teto e comecei o exercício de respiração, que aprendi com a terapeuta, assim que fiquei sozinha e senti em cada um dos meus poros que meu sentimento por Vito era realmente maior do que eu imaginava.

Tudo ficaria bem.

Mesmo que eu não saiba lidar no início, mesmo que eu fique assustada. Sentir medo é normal, desistir não.

Fiorella, a terapeuta, bem que me disse: cada passo, mesmo que pequeno, de cada vez. Era tudo por um bem maior.

Agora, ainda maior do que no dia da consulta. Parece que falar sobre meus medos e abrir meus horizontes me fez encarar o fato de que amar alguém poderia ser ruim se esse alguém não valesse a pena.

Vito valia a pena, a galinha, o galinheiro, a fazenda e até as ações do fazendeiro.

Olhei para porta assim que ele voltou. Dessa vez, a maçaneta recebeu a atenção devida e o quarto foi trancado.

— Agora sem interrupções das crianças. — Eu ri.

— Onde a gente estava mesmo? — perguntei estendendo a mão para acariciar seu rosto enquanto meu marido se debruçava novamente sobre mim.

— Deixa eu fazer você lembrar.



Muito mais tarde, ainda naquela madrugada, eu e ele fomos para a sala de estar. Não existia opção de comida para gato nos nossos armários, mas uma tigela de leite foi o suficiente para *Pette*.

— Precisamos comprar ração para ele urgentemente, também temos que comprar uns acessórios, uma caminha, duas tijelas para comida e para água, uma caixinha de areia, uma coleira e uma escova. — falei enquanto acariciava o bichano atrás das orelhas.

— Meu *babbo* ria tanto de você ao ver que está seguindo exatamente o que ele sugeriu. — Vito colocou mais leite para *Pette* que miou estendendo a patinha assim que sua tigela esvaziou. — Se é assim com esse gato abusado, não quero nem imaginar como será quando Antonella nascer.

Franzi o cenho. Um nome?

— Quem é Antonella? — Ele arregalou os olhos levantando a cabeça.

— Ahn...

— Ahn?

— Nossa filha. — falou tão rápido que eu quase não entendi.

— Mas nós não temos uma filha, Vito. Eu nem estou grávida.

— As duas coisas podem acontecer. — respondeu com simplicidade, disparando um alarme em minha cabeça.

Fiquei quieta relembrando que em meu momento de bebedeira, lá em Nápoles, tinha jogado meus anticoncepcionais fora. Realmente, as duas coisas poderiam acontecer, mas não imediatamente.

Calculei meu ciclo e percebi que estava atrasada. Coisa de dois dias, mas que deveria ser comum com a interrupção do remédio.

— Preciso marcar uma consulta. — As íris muito azuis do meu futuro marido estavam congeladas sobre mim.

— O que houve?

— Há uma remota possibilidade de as duas coisas já estarem acontecendo. Não vamos criar expectativa, mas estou atrasada.

Percebi a mudança de sentimentos na expressão de Vito antes que conseguisse disfarçar. A empolgação que venceu a máscara de indiferença e a euforia brilhando em seus olhos.

— Então eu posso ter plantado um bebê em você?

— Meu Deus, não comece com esse papo de homem! Você não é um agricultor para plantar coisa nenhuma! — Seu sorriso narcisista me enfureceu levemente.

— Isso é o que eu chamo de eficiência! — Ele contornou o balcão da cozinha e me pressionou contra a madeira da ilha só para deixar o nariz junto ao meu enquanto me apertava contra si. — Mas não se preocupe, *fiore*, se não tiver um bebê aí, a gente segue *firmente* tentando colocar.





28. Vende-se uma Suspeita

***Motivo Vinte e Oito para
não casar:
crio muita expectativa e
me desiludo com a
realidade.***

De todos os dias da minha vida, aquele ficaria para a história dos mais estranhos.

Começando pelo amanhecer. Eu e Vito, como já era de costume, nos abraçamos na hora de dormir, mas ao acordar, Pette estava dormindo aninhado entre os travesseiros e a cabeceira dormindo placidamente.

A porta estava entreaberta, o que me fez pensar que Vito muito provavelmente tinha acordado e aberto para o gatinho entrar. Fiz carinho na cabeça do bichano e beijei entre as sobrancelhas do meu noivo antes de me levantar devagar para não acordá-lo.

Fui para a cozinha e encomendei por um pet-shop tudo o que era necessário para manter um gato confortável, além de marcar uma consulta com um veterinário para o dia seguinte.

Seguindo a linha de medicina, marquei uma consulta com minha ginecologista para o final da manhã.

Parada olhando para a geladeira pensei que eu podia ser um pouquinho romântica e preparar um café da manhã para Vito.

Deus sabe que eu era uma vergonha para as famílias tradicionais italianas. E eu até tentei, mas cozinhar nunca foi o meu forte. O máximo que eu sabia fazer era suco de laranja e, ainda assim, sujava a cozinha inteira para fazer um copo meio vazio.

Voltei para o telefone e fiz o meu melhor: encomendei um café completo na melhor e mais próxima padaria. Eles demoraram meia-hora para entregar tudo e quando chegaram meu único trabalho foi arrumar a louça em cima da bancada da pia.

Algum tempo depois chegou minha encomenda do pet-shop. O que significou um café especial até para o novo integrante da família.

Família.

Percebeu agora a estranheza da manhã? Volte quando você me conheceu e se pergunte se eu, Beatrice Andreanni, futura Bernardinelli por, até então, falta de opção, planejava um café da manhã para mimar um noivo e um gato.

Voltei para o quarto e espiei Vito pela porta. Ainda dormia com a mão estendida por onde eu estava deitada anteriormente. Fui na ponta dos pés até o banheiro, escovei meus dentes, lavei o rosto, penteei o cabelo e até apliquei uma leve maquiagem só para ficar mais ajeitada.

O próximo passo foi vestir uma camisola mais ajeitadinha e um robe combinando.

Eu era a típica madame que acorda perfeita nas novelas românticas.

Voltei para a cozinha e aguardei.

Vito apareceu carregando Pette, que havia sido batizado assim em homenagem a sua principal característica: a curiosidade. Assim que foi colocado no chão, ele correu para cheirar as tigelas novas organizadas no canto da cozinha. Depois, como se satisfeito com os novos presentes, caminhou preguiçosamente até mim e se esfregou em minhas pernas.

— *Buongiorno!* — exclamei sorridente enquanto via Vito encarar confuso a mesa organizada.

— *Buongiorno...* Você fez tudo isso?

Revirei os olhos.

— Com certeza não.

Ele riu enquanto puxava um banco.

— Essa sua fantasia de *socialite* combina com você. Mesmo que eu ache mais sexy a de secretária submissa. — Foi minha vez de rir. Mesmo parecendo uma informação fútil, guardei aquilo para usar no momento ideal.

Vito estava além da compreensão naquela manhã. Cheio de piadinhas de duplo sentido e agindo como se todos os seus objetivos estivessem alcançados.

De qualquer forma, não era algo que me irritasse. Pelo contrário, eu me divertia ainda mais por saber que ele estava satisfeito.

— Marquei uma consulta para Pette amanhã e uma para mim ainda hoje.

Na verdade, dentro de três horas estarei caminhando para a clínica. — Ele ergueu as sobrancelhas em uma expressão de puro convencimento.

— Se não tiver um bebê no gol, coloco um para o próximo mês.

— Não sei se trato isso como uma ameaça ou como uma promessa.

— Trate como egoísmo. Será meu presente de aniversário.

Passei geleia em uma torrada oferecendo a ele em seguida. Aquele tipo de ato íntimo, semelhante ao dia a dia de um casal normal, aqueceu meu peito.

Quanto a naturalidade em cima do assunto reprodução, era como se uma barreira tivesse sido ultrapassada por mim, me permitindo enxergar o nosso futuro como casal. Era mais do que um avanço, era uma vitória.

Por isso, quando me arrumei para ir a consulta, coloquei uma das minhas melhores roupas do dia-a-dia e calcei meu par de *louboutin* ideal para ir atrás de uma notícia boa.

Atravessei as portas do consultório ginecológico com toda determinação que tinha em meu corpo.

Eu nunca tinha parado para pensar em como existe um padrão em salas de espera, mas, olhando em volta, pude me certificar de uma lista de detalhes a serem considerados.

As revistas com foco em temas femininos, os olhares beirando o constrangimento, mas também contendo aquele traço de confidencialidade, o ar-condicionado quase ideal para congelar nossos ovários, a moça mais nova da sala comendo o café da manhã especial do *McDonald's* enquanto mexia no próprio *smartphone*... E aí ela olhou para mim e sorriu e se aproximou oferecendo um pedaço do seu lanche em um italiano com vários R desaparecidos.

Demorou apenas alguns minutos para ela já ter se apresentado, perguntado se eu sabia falar inglês e embarcado em uma conversa sobre inseminação artificial comigo.

Descobri que era brasileira, se chamava Maria Júlia e estava ali para tentar a fertilização *in vitro* mesmo tendo apenas vinte e dois anos.

— Mas... Você tem alguma dificuldade para engravidar? — perguntei e ela sorriu amigavelmente antes de me responder.

— Na verdade, eu sou muito fértil. Conheci um amigo que queria muito ter um bebê e eu me ofereci para ser a mãe. Não é interessante as coisas que o

destino nos propõe?

Ela não sabia o quanto. Por isso, nossa conversa de alguns instantes foi absurdamente íntima como há tempos eu não tinha com alguém.

Maria Júlia foi para o segundo lugar da minha lista de coisas estranhas naquele dia.

Depois de apertar minha mão me encorajando quando fui chamada, eu tive certeza que nunca mais a veria, mas desejava toda a sorte do mundo para ela.

De vez em quando era de extrema importância esbarrar em seres iluminados, porque isso iluminava a gente também.

Quando me sentei diante da ginecologista, senti todas as palavras sumirem do meu vocabulário. Eu sabia que toda a minha expectativa estaria no resultado dos exames que ela faria.

— E então, Beatrice, o que aconteceu?

Era para eu falar do atraso da minha menstruação, mas acabei fazendo uma pequena biografia da minha vida desde o dia em que me embebedei até vir parar no consultório dela.

— Bem, eu tenho um pouquinho de experiência nessa área, Bea, e acho que você não está grávida. Não ainda. — A doutora Adele puxou uma prancheta de dentro de uma gaveta e abriu uma portinha em sua escrivaninha começando a procurar alguma coisa. — Vamos começar com o básico. Tem um banheiro ali depois daquela portinha... — Finalmente ela achou o que procurava — e aqui temos um teste de gravidez capaz de detectar até as primeiras duas semanas. Melhor isso do que uma agulhada, não é?

Eu não gosto de atrasar informação. Então o que eu vou dizer é bem simples e rápido: deu negativo.

Voltei para a mesa da doutora não sabendo direito o que estava sentindo. Se era alívio ou decepção, eu não sabia. O fato é que senti como se um pedaço meu tivesse implodido depois de um período de euforia, como uma bolha de sabão.

A quebra de expectativa não era o meu sentimento favorito e não seria agora que viraria.

— Mas... Se eu não estou grávida, porque atrasou? — Adele sorriu para mim enquanto digitava em seu *notebook*.

— É bem assim, Beatrice. Você não era uma pessoa desregulada antes dos anticoncepcionais, mas os efeitos dos hormônios e o corte abrupto da sua dose diária vai dar uma leve discrepância entre suas antigas menstruações e a atual. É mais comum do que se imagina. — Ela ajeitou seus cabelos cacheados em um coque e prendeu com uma caneta— Em geral, demora cerca de cinco meses para sua menstruação voltar ao normal. Mas... — Parou para digitar alguma coisa — se seu objetivo é engravidar, o caminho é outro. Vai demorar um pouco mais para o seu corpo expelir tudo de hormônio que você tomou. Pode demorar até um ano para você atingir seu objetivo. O importante, agora, é sua menstruação regular e ocorrer a borra de café. Sabe o que é? — Eu anotava tudo mentalmente.

— Não.

— Pois bem, é semelhante a um escape, mas é marrom. Acontecendo isso, em curtos espaços de tempo, é sinal que seu corpo está trabalhando bem para sumir com os hormônios. Se sua menstruação se estabilizar, junto com esse corrimento, pode comemorar, sinal que seu corpo está voltando para o ciclo hormonal normalizado. Por segurança, mantenha testes de gravidez em sua casa. Algumas mulheres engravidam na primeira ovulação, outras nem percebem. Você terá sintomas parecidos com de uma gravidez. E poderá ser um bebê como também poderá ser seu corpo te pregando uma peça. — ela me entregou mais um teste de gravidez. — Leve esse com você.

— Obrigada. — murmurei guardando a caixinha em minha bolsa.

— Mais alguma dúvida?

— Não. Só isso.

— Certo. Faremos um exame de sangue para acompanhamento. — Adele pegou um bloco de receituário — Se seu objetivo é mesmo engravidar, comece tomando ácido fólico. Sua interrupção do anticoncepcional não foi a ideal, mas pode ser contornada.

Ela terminou de escrever mais algumas coisas e me entregou a receita.

— Boa sorte nessa nova fase, Beatrice. Espero que a gravidez aconteça em um momento ideal para você.





29. Vende-se um Auxílio

***Motivo Vinte e Nove para
não casar:***
*eu quero resolver tudo
sozinha.*

Não foi com toda a empolgação do mundo que eu entrei no meu carro depois do resultado do exame de sangue e a finalização da consulta. Eu sentia que em algum momento, depois de falar com Vito, eu agiria como alguém que tirou doce de criança. Ele parecia tão cheio de expectativa quando saí de casa e agora eu ia para o escritório falar que não aconteceu como a gente tinha esperado.

Cumprimentei as meninas tão rapidamente que nem consegui notar se tinha ocorrido alguma mudança na sala de recepção. O fato é que coloquei a cabeça para dentro do escritório de Vito e ele estava tão bonito que perdi até um pouco da coragem de falar o que eu tinha que falar.

Sabe quando dizem que a gravidez faz as mulheres resplandescerem? Eu não estava grávida, mas só a possibilidade levantada fazia Vito reluzir. A paternidade causava o mesmo efeito, quando abraçada, nos homens.

Aquilo fez encolher ainda mais o meu coração dentro do peito.

Eu não tive um pai. Não foi nem a questão de Luca estar ou não ali. Foi o fato de exercer o papel. Ele nunca se deu o trabalho de ao menos tentar ser um pai para mim. Mas os homens Bernadinelli tinham a paternidade intrínseca em seu sangue. Pelo menos os dois que eu convivia.

Vito queria ser pai. Só o fato dele querer, mesmo que fosse sua obrigação, me fazia gostar ainda mais dele.

Era aquela coisa da atualidade: podia ser até um dever, mas exercer tal coisa era tão raro que merecia parabéns.

— Boa tarde... — Ele levantou a cabeça. Os olhos se iluminando em reconhecimento e aquele sorriso que quebrou o que restava de mim.

Eu sabia. Eram todos os sintomas. Os pés inchados da infecção urinária,

a febre da garganta inflamada, a tontura da queda de pressão, o sorriso de antecipação.

O sintoma da expectativa quebrada era a face da esperança.

— Então... Pronto para continuar tentando? Parece que não foi dessa vez.

"Não foi dessa vez" é o pior consolo para alguém. Lembrei disso assim que comecei a chorar. Vito, concretizado ao meu lado, me apertava contra seu peito enquanto murmurava palavras carinhosas.

— Não é o fim do mundo, *fiore*. Nós vamos tentar e conseguiremos. Você não acha até melhor esperar um pouco mais para conseguir a nossa casa e organizar nossa rotina antes de passar por uma gravidez? — O encarei enquanto mais lágrimas enchiam meus olhos e desciam pelas bochechas.

— É melhor, mas e a esperança? Eu nem percebi que queria tanto ficar grávida até que descobri que não estava. — Vito riu enxugando meu rosto.

— Nem sempre acontece como nos filmes, *fragolina*. Quando for para acontecer, será especial e na hora certa. Pelo menos virá com a certeza de que nós dois estamos prontos, não acha? — Chorei ainda mais enquanto agarrava seu ombro e afundava a cabeça no vão de seu pescoço.

— Tinha uma mulher tão feliz por ser fértil e fazer uma inseminação artificial! Você precisava ver! — Parei de falar enquanto raciocinava. — Ela não tinha o direito de ser tão fértil assim perto de mim.

— *Dio mio*, como está amargurada! — Vito me apertou ainda mais entre seus braços e me balançou de um lado para o outro tentando me consolar.

Demorou minutos até que eu me recuperasse da minha crise emocional e fosse obrigada pelo meu noivo a fazer os exercícios de relaxamento.

Terminei sentada em uma poltrona com um Vito ajoelhado segurando meu rosto entre as mãos e emitindo todas as mensagens positivas que tinha em seu próprio repertório.

Passei o dedo sobre o vinco de preocupação entre suas sobrancelhas. Aceitei quando ele me ofereceu seu lenço para assoar o nariz. Eu me sentia uma droga por ter desmoronado assim na frente dele. Ainda mais por algo que até então eu não desejava.

Queria descobrir como foi que eu mudei tanto em um mês!

— Preciso mudar o foco. — Respirei fundo olhando para a paisagem atrás da mesa dele.

Precisava organizar minha vida antes de tornar a gravidez meu novo objetivo. Era necessário esquecer um pouco aquilo e resgatar alguns traços da Beatrice antes da proposta de casamento.

Eu ainda tinha tantas coisas para fazer. Pensei no quadro, na suíte, na *Eleganza*, no haras, nos preparativos do casamento... Em tudo o que iria requerer minha atenção nos próximos meses. Além dos compromissos rotineiros.

— Vamos deixar esse assunto para depois. — Limpei meu próprio rosto.
— Vamos...

— Não faça isso. — Olhei para ele. Vito quase parecia bravo se não fosse o traço de desespero.

— Fazer o que?

— Me deixar de fora do problema. Você não está sozinha, Beatrice. Eu sou seu noivo e queria ser pai agora também, mas não aconteceu. Sei que as expectativas da gente nem sempre correspondem com a realidade, mas você não precisa correr para se esconder atrás de uma parede toda vez que isso acontecer. — Ele me estendeu a mão me ajudando a ficar de pé. — Nós vamos nos casar e, mesmo que isso tenha começado contra a nossa vontade, não continua do mesmo jeito que se iniciou. A chave de um relacionamento é o companheirismo. Você é minha companheira, eu permito que participe dos meus problemas e das minhas vitórias. Me deixa participar também, Bea. Eu estou aqui para você.

Passei o dorso da mão por seu rosto comovida pelo o que estava falando. Eu realmente tentava resolver tudo sozinha, não tinha mentira nenhuma no que ele estava me falando.

Mas também era difícil. Era pesado segurar o mundo nas costas e ainda ter que mostrar polegares para cima caso alguém perguntasse se estava tudo bem. Eu precisava realmente dividir os meus problemas. Precisava segurar na mão de outra pessoa quando ficasse nervosa. E era tão bom olhar para o lado e ver o rosto amigável do meu futuro marido ali para mim dizendo que tudo bem, ele estaria comigo.

Sem esperar ou falar mais qualquer coisa, eu o abracei.

— Obrigada.





30.1. Romântico Vendido

Motivo número Seis para amar Beatrice:
ela abaixou a guarda.

Vocês já tiveram o prazer de ver alguém que você ama começar a evoluir? Pois todos os dias de manhã eu acordava ao lado de uma versão melhorada da Beatrice que foi dormir no dia anterior. Se era possível que eu me apaixonasse mais, isso aconteceu.

Seus olhos castanhos resplandeciam para mim assim que despertava, aí ela sorria, acariciava minha bochecha e se aninhava em meu peito. Era quase uma gata domada. Quase.

Afinal de contas, ainda era a minha Beatrice. Ainda gostava de me desafiar, de me contrariar e de entrar em uma discussão comigo. A principal diferença é que agora essas discussões também se estendiam para a cama.

Cama essa em sentido figurativo. Depois de eu ter me oferecido como apoio e ombro amigo, a mulher decidiu que também podia me usar de consolo e me atacava sempre que achava necessário.

Eu quase abri um processo por assédio sexual em ambiente de trabalho. Só não fiz isso porque descobri que as outras funções para minha escrivãzinha, sofá, poltrona, banheiro do escritório e até sala do café também eram satisfatórias para mim.

— Eu estou com cólica. — ela sussurrou para mim tão baixinho que quase não ouvi de tão distraído que estava com o cafuné que fazia em meu cabelo.

Era mais um daqueles dias do quase um mês após a consulta e descoberta de não-gravidez. Como eu disse, gradativamente Beatrice se tornou mais e mais receptiva aos meus cuidados.

E, como aconteceu em janeiro, eu me levantei da cama indo atrás de um remédio para ela.

Bea não escondeu de mim nenhum detalhe do diagnóstico da médica. Explicou tudo o que sabia sobre os sinais e ainda compartilhava comigo

qualquer regularização dentro do que tinha sido dito para ela.

Pelos meus cálculos, se ela estava sentindo cólica pela manhã, ia descer pela noite. Dava uma diferença dentro do aceitável de dias. O que também podia significar uma menstruação regular.

Fiz uma linha à lápis no dia "Sete" na folha de fevereiro enquanto dava uma espiada no dia "Doze" enfeitado por Bea com bolinhas coloridas.

Ri para o calendário igual a um idiota. Se ela se preocupou tanto com aquele detalhe sobre a data do meu aniversário, era porque estava planejando alguma coisa.

Teimei antes de levantar a folha e ir para março. Não tinha nada no dia vinte. Também usei o lápis para marcar aquela data, só para não esquecer de levar flores ao túmulo *dela*. Em seguida fui para Abril. Dia Treze. Precisava fazer bolinhas coloridas também se não quisesse ter minhas "bolinhas" arrancadas. Por pura curiosidade, fui até julho só para ver corações marcando o dia quinze.

Tem homem que precisa de muita coisa para ter o próprio ego inflado. O meu estava batendo continência para Deus depois daquele pequeno detalhe.

Estava um dia especialmente frio. Coloquei dois pares das meias dela na secadora para que esquentassem, preparei chocolate quente, uma bolsa térmica, alguns brioques deixados na porta de casa pela padaria mais próxima, um remédio para cólica e todas as outras pequenas coisas que poderiam melhorar o fato de ter um monstro mordendo o útero dela de dentro para fora.

Quando entrei no quarto novamente, deixei a bandeja ao seu lado no colchão, enquanto caçava seus pés debaixo do edredom e os calçava com as meias aquecidas. Coloquei a bolsa térmica em sua barriga enquanto ela se sentava.

— É uma dor leve, mas obrigada... — Bea pegou a xícara de chocolate quente e aspirou o vapor até seu nariz ficar avermelhado. Me sentei ao seu lado. Ofereci o comprimido e o copo de água que ela logo aceitou depois de abandonar o chocolate no criado-mudo.

Aos poucos, tombou para o meu lado e encostou a cabeça em meu ombro.

— Como é que você fazia para lidar com a cólica e trabalhar ao mesmo tempo? — Bea esfregou o nariz em minha camisa. Descobri que esse era um dos jeitos dela de fazer manha.

— Eu não sentia cólica. As pílulas ajudavam a reduzir a dor, era só um incômodo. — suspirou — Já vai passar.

— Vou ligar para Carmen e cancelar nossas obrigações para hoje.

— Nós não temos obrigações para hoje. Tirei o dia de folga e suas reuniões foram adiadas para amanhã. — Ergui as sobrancelhas. Aí estava uma grande novidade: uma Beatrice que adiava trabalho e cuidava de si além de se deixar ser cuidada.

— E o que você está planejando?

Bea sorriu enquanto abria a gaveta do criado-mudo e puxava um iPad. Assim que desbloqueou, virou o aparelho para mim me mostrando algumas imagens.

— Nosso casamento. Quero ouvir suas opiniões.

Beatrice começou a tagarelar sobre decoração, flores e Capri. Parecia que se planejava para participar das festas carnavalescas dali alguns dias. Eu via quando seu rosto mudava do êxtase para dor e voltava a ter toda animação possível. Mas o principal, eu via empolgação e felicidade genuína na hora de planejar um casamento comigo.

— Eu ia chamar você para escolher o vestido de casamento, mas como sei que você é tradicionalista, recrutei *nonna*, minha *mamma*, Carmen e Mia para isso. — Sorriu. — Você precisa ver o que o designer está fazendo na suíte! Ah, o quadro também ficou lindo. Vito, todos os preparativos estão incríveis. Você precisa participar junto comigo, escolher cores e tudo mais.

Aquele "precisa participar" só intensificava o que eu estava falando sobre o fato dela passar a dividir as coisas e contar com minha presença em tudo.

— Acho que precisa ter azul. — comentei.

— Azul... Pode ser turquesa? Assim combina com o mar e conseguimos criar algo interessante. — Ela começou a digitar no tablet e me mostrou o resultado das pesquisas, eu ali nem me importava com o que era turquesa, só queria ficar admirando um pouco mais daquela felicidade. — Não fica bonito?

— Sim. — Bea escorregou até sentar entre minhas pernas e se encostar em meu peito. — Gosto disso. — murmurei sentindo o perfume do seu cabelo e beijando o topo da sua cabeça.

— Do degradê? — Ela se referia à imagem.

— Não. De você perto de mim. — Abaixei a cabeça e respirei o cheiro

do pescoço dela. — Se pudesse, eu ficava sempre assim com você. Trabalhava contigo no meu colo, almoçava, participava de reuniões...

— É quase obsessivo. — retrucou risonha.

— É outra coisa. — Bea ficou em silêncio.

Não mexia no iPad, não fazia gestos, inclusive respirava mais devagar, até que resolveu responder.

— É sim. É outra coisa.





30. Vende-se um Mês

***Motivo Trinta para não
casar:
não sou boa com
explicações.***

Eu não sou a pessoa mais indicada para explicar com clareza o que aconteceu nos dias depois da consulta, mas vou tentar. Começando, é claro, pelo o que houve depois de Vito ter dito que estaria ali para mim.

Eu não só o abracei. Fica aberto aqui o que aconteceu depois. A única dica é que foi a partir daí que a escrivaninha passou a servir para algo além de segurar um computador.

E também foi a partir daí que eu passei a corar levemente toda vez que tinha que falar com Vito sozinha. Isso graças ao fato de Carmen me olhar como se já tivesse entendido tudo o que ia acontecer dentro da sala dele.

O que nos fazia ter esse tipo de diálogo:

— Eu sei o que vocês estavam fazendo.

— O problema é todo seu.

Pette agora era oficialmente membro da nossa família. Com registro e tudo mais. Até tinha um chip na coleira por precaução.

E sobre precaução, eu não voltei a tomar nenhuma. Decidi que deixaria a gravidez acontecer quando ela quisesse e não interferiria mais. Aconteceu tudo como o esperado, desde a borra de café até os sintomas muito parecidos com o início de uma gestação. Meu corpo estava se preparando e, no momento que ele achasse ideal, um bebê seria formado.

O importante de tudo é que depois de várias consultas, massagens e todas as infinidades de tratamentos que eu pude fazer em um mês, eu me sentia cada vez mais acostumada a ter Vito do meu lado. Tão acostumada que automaticamente me aninhava ao seu corpo de noite, dividia um café da manhã e almoçava junto dele. Além de toda semana passar a tirar um dia de folga que a gente gastava passeando ou fazendo algum evento de casal.

De manhã, uma padaria próxima deixava uma variedade de opções para o café. Essa era a prova viva que a gente estava criando uma rotina juntos. Foi nessa de deixar Vito participar que ele descobriu minha paixão por *delivery* e *Fast Food*.

— Sabe o que Nonna diria sobre isso? — perguntou enquanto eu desembrulhava um hambúrguer — Diria que você é uma vergonha para a Itália.

— Nonna ainda não experimentou esse bacon crocante e ela é da turma dos distribuidores de macarrão na frente do primeiro *McDonald's* italiano. Nonna é antiquada. — Vito apontou o dedo para mim enquanto erguia as sobrancelhas perplexo.

— Chamou minha avó de velha!

— Você a chama de coisa pior. E eu não falei "velha", falei "antiquada" que é mais elegante.

Quanto as discussões por coisa pouca, continuavam as mesmas. Ainda mais depois que a gente descobriu formas interessantes de reconciliação.

Isso também acontecia no meio de assuntos importantes. Foi o que provamos um ao outro quando por três vezes seguidas acabamos resolvendo as pendências na cama depois de ter discordado sobre a casa que seria nossa depois do casamento.

Quanto a vida sexual, eu gostaria de terminar o parágrafo com um "vai bem, obrigada", mas tenho que contar alguns detalhes. Começando com a liberdade atingida nesse espaço da minha vida. Vito e eu simplesmente passamos a explorar os limites um do outro. Isso variava desde fantasias até outras posições, o que era incrível. Libertador, seria a palavra certa. A intimidade alcançada em outras áreas com a ajuda desse entrosamento era uma maravilha.

— Eu não quero um casamento muito ostentoso, mas também não quero algo muito simples.

— Pode ficar tranquila. Não tem como nada ficar muito simples em Capri. — O olhei inclinando a cabeça para trás já que estava sentada entre suas pernas.

Acordei passando por uma crise de cólica. Vito, como sempre, me encheu de cuidados até amenizar a dor. Eu ainda não me abria completamente, mas a Beatrice de antes já não tinha tantas coisas em comum com a de agora.

Claro, coisas surgiriam com o tempo. Como o amor. A "outra coisa" que meu noivo falava.

As pessoas definem tal sentimento como "não conseguir pensar em uma vida sem essa pessoa" e eu conseguia pensar em uma vida sem Vito. O único problema é que a cama espaçosa agora seria vazia, as refeições em horários indefinidos seriam sem gosto, as novelas com sorvete pareciam sem graça e o dia-a-dia sem ele já não era tão atrativo como era antigamente.

Amar tinha a ver com isso: saber viver sem a pessoa, mas preferir dividir a vida com ela.

E dividir com Vito era mais do que bom, era ótimo.

— Mas não ser muito simples também pode significar ser o contrário. Lembra de ter que ser o perfeito meio-termo?

— Você é perfeita e eu sou o meio-termo. Temos um casamento.

— Não, Vito. Tem que ser feita uma cerimônia.

— Já falamos sobre a cobertura naquele hotel que você comentou. O mar de cenário, a brisa do verão e tudo mais. O que você está com medo de acontecer?

Eu não estava com medo, na verdade, estava até bem segura sobre a cerimônia. O único probleminha lá no fundo era o fato de eu nunca ter parado para planejar um casamento e não saber exatamente como fazer aquilo.

— Eu não sei fazer um casamento. Nunca fiz um. — murmurei.

— Bom, isso significa que você não tem experiências ruins de planejamento. — Seu rosto se encaixou ao lado do meu enquanto ele deslizava o dedo pelo meu iPad fazendo suas próprias pesquisas. — Podemos achar alguém que saiba planejar.

— Você diz... Contratar um cerimonialista?

— Sim. Você será chefe da sua própria empresa em breve, Bea. Terá que delegar funções. Acredite em mim, depois que você e Carmen assumiram algumas responsabilidades, eu tive tempo de pensar em outras coisas e a Vision sobressaiu ainda mais no mercado financeiro. Lembra quando você chegou com as soluções sobre o atendimento? Eu não teria tempo para pensar sobre aquilo e contratei alguém que poderia pensar para mim. — Vito continuou pesquisando — O que precisa é achar alguém competente e confiável o suficiente. Um exemplo é Francesca. Netta ainda é um risco, mas vou deixar que você julgue se é certo ou não mantê-la como funcionária.

— Obrigada. — Chamei Pette com a mão e logo fui atendida assim que

seu corpinho quente se aninhou ao meu colo. Acariciei sua cabeça apreciando o fato de estar todos os membros da casa unidos e interagindo.

— Enfim... Aqui tem algumas indicações de cerimonialistas renomados. Dinheiro não é problema. Eu quero que as coisas saiam bem e quero que você se sinta relaxada com esse evento. Certo?

— Certo.

— Escolha e eu mesmo faço a ligação para marcar sua reunião. Hoje serei seu assistente. — Sorri para ele enquanto me encostava ainda mais em seu corpo. — Já está escravizando?

Vito mostrou ser bem competente naquela missão e marcou com muita eficiência minha reunião com um cerimonialista conceituado entre o meio social dos mais ricos. Gostei do portfólio dele e quase dei pulinhos de alegria ao perceber que metade das minhas preocupações sairiam das minhas costas.

Claro que minha alegria não ia durar para sempre, o trabalho sempre arruma uma forma de bater à nossa porta.

Literalmente.

Vito iria atender, mas assumi a função enquanto me levantava e ia até a porta do hall onde a campainha tocava. Achei estranho o porteiro não ter interfonado, mas provavelmente era alguém conhecido.

Pelo olho mágico, aparecia a cabeleira loira inconfundível de Netta. Era só falar no Diabo que ele achava que estava convidado para fazer uma visita.

Girei a maçaneta.

— Netta?

— Beatrice! Tudo bem? — Ela parecia bem amigável para o meu gosto.

— Tudo. E com você?

— Estou bem. Ahn... — Netta parou e ficou pensativa antes de começar a falar. — Lembra do Raoul? — Ah sim.

— Lembro.

— Então, sei que não sou a pessoa mais confiável para te avisar de qualquer coisa, mas se eu não fizer, ninguém vai fazer. — Vito apareceu do meu lado. — É bom que você ouça também. Há alguns dias ele está rondando a Vision. Hoje conseguiu meu número de telefone, ainda não sei como. — Ela pegou o próprio celular e desbloqueou. "Quer me ajudar em um serviço?" era a

pergunta antes da sinalização de bloqueio por parte de Netta. — E depois disso ele ligou para a empresa e marcou uma reunião para amanhã. Infelizmente, Francesca quem recebeu a ligação, não consegui interceptar, mas é melhor avisar de uma vez para vocês que ele parece querer algo mais do que um encontro de negócios.

Respirei fundo ao perceber sinais de histeria da parte da loira. Vito parecia ainda mais preocupado do que ela e eu não entendia como um ex-namorado meu poderia significar tanto perigo.

Ok, nós não terminamos de maneira amigável, então o que significava todo aquele alarde?

Dei espaço para que Netta entrasse e a acomodei no nosso sofá enquanto me sentava na poltrona para observar melhor suas reações.

— Ouça, eu entendo a preocupação, mas Raoul é só um ex-namorado. Nada além disso. Não acredito que ele representa algo que necessite de tanto alerta quanto você pode estar pensando. Precisa se acalmar. — Os olhos dela muito azuis brilharam com entendimento depois desviaram para Vito antes que perguntasse:

— Ela não sabe o que aconteceu naquela noite, não é?





31. Vende-se uma Possibilidade

**Motivo Trinta e Um para
não casar:**

*eu não gosto de gente
tomando conta do meu
relacionamento.*

Eu ainda não entendia porque o clima da sala ficou tão pesado. Netta e Vito pareciam contracenar em uma cena onde eu era coadjuvante. Ele, ajoelhado diante de mim. Ela, de pé atrás dele. Ambos em posições cautelosas. Vito falava sobre muitas coisas e minha mente filtrava pouco.

Pouco demais para algo de tanta relevância. Senti a já conhecida tensão tomando conta das minhas costas e indo até o pescoço como um inimigo que te imobiliza e sussurra em seu ouvido "agora eu venci".

Mas vencer o que? O domínio da minha mente? Eu já não tinha tantas ideias ruins sobre perspectivas diferentes, já era crescida o suficiente para saber que não tinha necessidade de culpar Vito por algo que outro homem tentou fazer comigo. A tensão já não era mais bem-vinda e eu já sabia lidar com ela. Alonguei a coluna e respirei fundo enquanto continuava ouvindo os dois falando sobre a fatídica noite que resultou numa ressaca infernal e em um término de namoro.

Que Raoul não era a pessoa ideal para se ter por perto em uma fase de bebedeira eu sabia, mas que alguma vez ele tentou algo a mais do que alterar alguém era novidade.

Aquela noite para mim era como o resultado de uma brincadeira de mal gosto até então. Entretanto, ia além da linha de zoação de um *playboy*. Chegava em um caminho mais perigoso, fazia uma curva se alinhando à covardia. E eu não era a primeira. A estratégia era conhecida. Claro que era. Homens para se sentir a vontade de fazer algo assim é porque já tem como costume.

Ninguém faz algo como isso de uma hora para outra sem ter arquitetado. E eu, que sempre fui cuidadosa com meu copo em uma festa, não era uma vítima fácil de primeira tentativa.

Tiveram outras antes de mim. Outras que não tinham Vito para proteger ou Netta para avisar.

E Netta, por sua vez, me surpreendeu. Ela poderia ser a megera de sempre, aquela coisa sobre ser melhor um diabo conhecido do que um desconhecido, mas quando me viu bêbada correu para chamar Vito. E me salvou, mesmo sem saber. Era a redenção da cretina.

O instinto de humanidade de vez em quando falha, mas naquele momento, ouvindo o que os dois contavam, eu soube que o de Netta ainda existia.

Era triste saber que a criação dela nos colocava como rivais. Lapidada, Netta daria uma boa amiga.

Por precaução, cancelamos a reunião com Raoul para o dia seguinte, mas se ele estava atrás da gente daquele jeito, era óbvio que uma hora ou outra iria nos abordar. Vito disse algo sobre segurança e tudo o mais.

Eu não entendia qual a necessidade de Raoul se fazer presente mais uma vez. Era uma mágoa passada, havia tanto tempo. Se parar para pensar direito, nem tinha um motivo tão sério assim para ele querer fazer alguma coisa contra nós dois.

— E eu dei um soco nele. — Arregalei os olhos enquanto pela primeira vez parecia realmente ver Vito depois do que ele começou a me contar. — Mas não quebrei nada! Eu acho...

— *Dio mio!* — exclamei passando a mão no rosto — Deixa eu recapitular o que vocês estão me falando: Raoul, aquele cretino, tentou fazer alguma coisa comigo depois de me embriagar, Netta estava na festa, o que eu lembro, viu e foi contar para você. Certo. Mas... — Foquei em Netta e depois em Vito outra vez. — Querido, você desfez de uma amizade tão longa por mim?

— Claro que sim! Meu bem... — Ele olhou por sobre o ombro para uma Netta com um sorriso besta no rosto de quem diz "vivi minha vida inteira para ver isso". — Você ainda está aí?

— Só saio depois de você provar que é romântico mesmo. Pode continuar... — Meu noivo bufou e voltou a falar comigo.

— Meu bem... *Fiore...* Se eu não interceder pela pessoa mais importante da minha vida, por quem farei isso?

Netta teve uma crise de risos. Enquanto ele rolava os olhos frustrado por sua declaração ter sido desacreditada, eu alisei sua bochecha com os nós dos

dedos e me levantei indo em direção a loira que destoava do clima romântico que meu futuro marido batalhava para conquistar.

— Tudo bem, Netta. Já chega... Hora de ir! — A puxei pelo braço caminhando em direção a porta.

— É sério, você merece parabéns! Anos tentando entrar em um relacionamento com esse cara e ele nunca disse nada parecido para mim! — Aos poucos ela foi segurando a risada — Beatrice, mesmo, olha para mim porque preciso falar isso de coração — Parei em sua frente no Hall de entrada — Toma cuidado com Raoul, ele não é nada confiável. E... — Ela se aproximou para sussurrar — agarra esse cara aí dentro. Ele é como raio, não cai duas vezes no mesmo lugar. Posso ter sido uma vaca com você, posso ser sua funcionária e tudo mais. Mas se você machucá-lo, eu vou ter que me meter.

— Agora a senhora acha que é uma gangster, dona Treggi? Vamos lá, Netta. Eu sou a melhor amiga de Vito desde sempre, nunca o magoaria. Além do mais, você não fica bem interpretando meu papel de protetora. Hora de ir embora, tenho coisas a fazer. E essas coisas não são da sua conta. — Ela bateu uma continência debochada antes de entrar no elevador e sumir da minha frente.

Voltei para a sala onde Vito me esperava sentado no sofá. Me ajoelhei entre suas pernas apoiando minha mão em seus joelhos e encarando o fundo daqueles olhos azuis tão expressivos e reluzentes.

— Quando é que você vai parar de me surpreender? — perguntei enquanto as pontas de seus dedos delineavam meu rosto como uma prece muda de agradecimento. Agradecendo por mim, *burbero*? Essa criatura torta que só te dá problemas?

— E perder toda a diversão que é te tirar as palavras? Acho que nunca é a resposta menos arriscada de ser a errada. — Ele aproximou o rosto do meu, nossos narizes se tocando. — Só para deixar claro, caso a senhorita não tenha entendido, eu amo você. E isso tem tanto tempo que eu não sei quando começou, já é costume meu te carregar no peito.

— Posso contar uma coisa para você? Eu acho que te amo também. — Não esperei que Vito tomasse a iniciativa, apenas o beijei. Aquela sensação gostosa que só o sentimento dava a aquele ato se apossou do meu corpo. Senti o frio na barriga, a fraqueza dos joelhos e até a vontade de rir. Nós separamos trocando o mesmo ar e sorrindo de um jeito bonito um para o outro.

— Repete isso, *fragolina*, *prego*.

— *Ti amo*. Vito Bernadinelli, eu amo você.





32. Vende-se uma Aposta

***Motivo Trinta e Dois
para não casar:***
*as pessoas acham que
depois disso elas têm
autorização para falar da
sua vida.*

Acho que há algo de mágico quando a gente finalmente coloca para fora o que está sentindo. Como se subisse até sua cabeça aquela sensação de "agora eu disse, pronto, seja o que Deus quiser" e ficasse só a euforia para esperar o que o outro responderia ou acharia daquilo.

Parecia que as palavras mágicas tinham despertado em Vito uma autoconfiança até então desconhecida por mim. O sorriso dele não se apagou durante todo o restante do dia. Mesmo depois do almoço, café, jantar. Em todos os momentos, ele procurava algum motivo para estar terminantemente ligado à mim. Tocava, beijava, acariciava.

E aquilo de ser amada e amar também fazia carinho na alma de um jeito tão bom.

Eu dormi tão tranquila, ignorando todas as outras coisas que eu teria que fazer no dia seguinte. Raoul parecia uma vírgula insignificante no meio de um dia maravilhoso.

Ao acordar no dia seguinte, me vesti animadíssima para ir trabalhar.

— Você está linda! — Vito afundou o rosto em meu pescoço enquanto eu colocava os brincos. No espelho, parecia uma cena bonita do cotidiano que me esperava. A certeza de que ele me faria feliz e que eu conseguiria retribuir apertava meu coração quase me tirando o fôlego de expectativa.

Custa tanto tempo ter medo das coisas, faz a gente perder uns momentos tão bons. Claro que nem todos os temores tinham sumido da minha cabeça. Ainda restavam alguns fantasmas conhecidos que eram gentilmente ignorados e uma hora seriam exorcizados.

No momento certo.

— Obrigada. Você também não está nada mal.

— Almoça comigo hoje? Mesmo que a gente tenha que pedir um daqueles hambúrgueres horríveis que você acha bom.

— Vou almoçar sim. E hambúrguer é delicioso. Espero que Deus tenha reservado um lugar especial no paraíso para quem decidiu moer a carne, temperar, amassar e fritar tudo direitinho em formato de disco. Amém.

— Espero que o Diabo tenha usado seu tridente. — disse enquanto ria da minha revolta.

— Certo, certo. Agora vamos porque meu chefe é muito autoritário e insuportável. Se eu chegar muito atrasada, ele vai descontar do meu salário. — Me levantei equilibrando com facilidade nos saltos enquanto ajeitava a saia lápis.

— Conhecendo seu chefe do jeito que eu conheço, acredito que ele vai descontar em outro lugar em vez de no seu salário.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa? — Vito me prendeu pela cintura aproximando o rosto do meu.

— Depende do que você decidir. — Sorri enquanto era beijada repetidas vezes no rosto. — Agora vamos, ou seu chefe será responsável pelo seu atraso.

Como virou costume, pegamos a encomenda diária da padaria deixada na porta da cobertura e descemos até o estacionamento no subsolo onde eu fui para o banco de motorista do meu carro e Vito foi para o de carona. No caminho, comprei dois cafés para espantar o frio que estava excessivo.

— Acha que vai nevar? — perguntei enquanto esfregava as mãos.

— Tem seis anos que não neva, acho que não. — Olhei pelo para-brisa para o céu cinzento sobre nós.

— Quer apostar?

— Aposto que não neva. Se eu ganhar você terá que usar uma lingerie que eu escolher. — O encarei semicerrando os olhos enquanto parava em um sinal fechado.

— Aposto que neva. Se eu ganhar, você faz um strip-tease. — Vito riu alto. — Fechado?

— Fechado! Nunca torci tanto para ganhar alguma coisa.

— Acho que já vou montar a playlist para você dançar para mim. — Olhei para a rua, a última até chegar na porta da Vision. Depois de dobrar a esquina vi o amontoado de fotografos sendo contidos pelos seguranças.

Me senti como em uma cena de filme quando, no lugar de entregar o carro para o manobrista, fui aconselhada aos berros por um dos homens à seguir para o estacionamento. Desviei de algumas pessoas antes de conseguir passar pelo portão e ir para a nossa vaga. Suspirei assim que desliguei o motor.

— Aposto que isso tem dedo de Raoul.

— Mais uma aposta? — Olhei para Vito. O medo do que aquele infeliz podia ter feito quase me deixava tensa demais para conseguir pensar em alguma saída. Senti minha mão sendo acolhida pelas do meu noivo enquanto ele levava meu pulso aos lábios. — Eu estou aqui, tudo vai ficar bem. Independente do que tenha acontecido.

Segundos depois alguém bateu na janela do meu carro me fazendo virar assustada achando que era mais um fotógrafo.

Mas não. Era Netta, segurando uns papéis contra si e acenando com uma das mãos. Abaixei o vidro.

— Bom dia, Netta.

— Bom dia para os dois.

— Quais são as novidades? — ela rolou os olhos verdes antes de responder.

— Raoul vendeu uma história falsa sobre o relacionamento de vocês dois para os jornais. Como fofoca rende, eles estão atrás de vocês para pedir respostas e alimentar a mídia com mais informações sobre o assunto. — Ela me entregou um jornal popular por seu sensacionalismo.

""Beatrice Andreanni tentou um golpe do baú contra mim" diz Raoul Farzoni" estava no topo da página junto de uma foto antiga onde eu e Raoul aparecemos juntos. No decorrer da notícia ele manipulava o que aconteceu na noite em que Vito e Netta me salvaram dele como se eu tivesse tentado dopá-lo para engravidar e agora estivesse tentando fazer a mesma coisa com Vito. Outras fotos onde eu entrava e saía da clínica de ginecologia complementavam a história. Apertei as têmporas com a ponta dos dedos. Filho da puta!

— Deixe-me ver. — Vito pegou o jornal da minha mão e começou a ler. — Isso é ridículo! Como um jornal pode aceitar publicar algo difamatório como isso? — Ele olhou para Netta — Chame Pietro, o advogado da família. Também

convoque meu pai e minha nonna, além de minha sogra. Eu vou ensinar o que acontece quando se mexe com um Bernadinelli.





33. Vende-se uma Coletiva

***Motivo Trinta e Três
para não casar:
de vez em quando eu
esqueço meus conceitos
éticos.***

Ver Vito fora de si era quase assustador. Quase. Porque também era excitante. Parecia despertar nele aquela aura de poder e dominação que só aparecia em momentos especiais quando eu e ele estávamos juntos. Ele estava quase implacável, distribuindo ordens, dando telefonemas, acionando pessoas e, mesmo assim, sendo atencioso comigo.

Eu estava sentada em sua escrivaninha o observando gritar pelo telefone com alguém. Não, ele não estava sendo gentil. Longe disso. Mas isso se resumia à quem "merecia", não aos demais funcionários.

Pietro, o advogado, estava sentado na poltrona diante da mesa. Anotava diversas coisas inelegíveis com a ajuda de Netta que estava ainda mais prestativa. Carmen e Francesca dividiam o sofá fazendo ligações e tudo mais.

Olhei novamente para o advogado percebendo o quão à vontade Netta estava ao lado dele. Então foquei nela, apenas tirando conclusões sobre suas atitudes. Não estava envolvida, ficou óbvio depois da preocupação e das atitudes dela. Além do mais, Vito não era idiota. Enquanto eu, distraída demais, ouvia os relatos da parte dela no dia anterior, ele contratou os serviços de um investigador rápido para manter os olhos nela.

Isso só foi dito quando tivemos nosso momento a sós na hora do almoço. Nenhuma ligação, mensagem, nem nada trocado. Eu não aprovava a quebra de privacidade que o investigador promoveu, mas também não colocaria a reputação de Vito e a minha em risco porque meu senso de ética queria falar mais alto.

Pelo menos uma vez na vida, eu tinha que colocar nós dois em evidência e nos proteger.

— A gente consegue abrir um processo por difamação, mas diretamente contra o senhor Raoul. Mesmo que a matéria tenha sido tendenciosa, o jornal em momento nenhum emitiu a notícia como opinião. Eles deram voz para o relato do senhor Farzoni. — Pietro olhou de rabo de olho para uma Netta que bufou de descontentamento — M-mas... Isso não significa que não podemos pedir que o jornal se desculpe. Se formos persuasivos...

Pensei um pouco.

— Ou se tirássemos o doce deles e oferecesse à todos? Perderiam a exclusividade da informação. — Vito me encarava ouvindo o que eu falava.

— Mas qual seria a estratégia?

— Uma coletiva de imprensa onde eu e você contaríamos sobre nosso relacionamento. Desde o início, até agora. *Nonna* Gaia e seu pai poderiam falar também. Claro, sem nunca dar mais do que eles mereçam. Apenas o suficiente para que a gente garanta o desgaste da notícia. — As portas se abriram para meu padrinho e *nonna* entrarem.

— Seja o que for que Beatrice tenha sugerido, eu concordo. — *Nonna* foi a primeira a se pronunciar. Ela se aproximou de mim colocando a mão em meu braço me olhando com expectativa. — Me diz... Envolve socos, querida?

Coloquei minha mão sobre a dela.

— Infelizmente, não. Mas... Envolve uma coletiva de imprensa. Chamar a mídia, falar sobre o que se passa sem colocar informações demais nas mãos deles. O que acha? — Carlo pensou por uns instantes antes de me responder.

— É uma boa tática. Entrei em contato com o pai de Raoul. Envolvimento com drogas, bebedeira e tudo mais. Se isso conseguir justificar alguma coisa, é uma boa informação. — Vito se aproximou de mim pousando a mão em minha coxa de um jeito totalmente instintivo.

— Eu sei que seria quase covardia, mas falar sobre os vícios de Raoul diminuiria o peso das palavras dele. — Era como se meu noivo esperasse minha autorização para agir. De certa forma, aquilo era mais sobre mim do que sobre nós. Raoul era meu ex-namorado.

O cara que se aproximou sem que eu esperasse, que me fez embarcar em um relacionamento onde ele era o centro de tudo e eu só o seguia. Agora, era ele quem tentava acabar com minha felicidade por não ter conseguido fazer isso antes.

Novamente a divisão entre a ética e a proteção aparecia. Parecia a

dicotomia constante daquele dia. Expor o lado sujo do meu ex ou procurar um meio menos eficiente de nos defender?

— Pietro, isso abre margem para algum processo? — questionei.

— Provavelmente. Mas se tiverem provas de que ele está realmente sob esses efeitos... — Olhei para o padrinho mais uma vez. O lobo da supremacia econômica estava do meu lado, quem melhor na arte de negociar?

— O senhor vai precisar convencer Sandro Farzoni de falar publicamente sobre os problemas do filho. Isso ajudará. — Ele concordou e pegou o próprio celular indo para um canto. Era rápido na hora de improvisar.

— Pietro — dessa vez, Vito começou a falar — trabalhe procurando uma forma de enfraquecer as tentativas de defesa do jornal, encontre uma falha, use isso ao seu favor. Processarei os dois. Tanto Raoul quando esse jornaleco de meia-tigela. Carmen — a loira levantou a cabeça deixando o notebook de lado — entre em contato com todos os principais veículos de imprensa que possam se interessar pelo assunto e marque uma coletiva para amanhã. Netta, entre em contato com todas aquelas pessoas fofoqueiras que você conhece, preciso da influência delas e estou disposto a pagar por isso.

— Ei, elas não são fof... Tudo bem. — O olhar de chefe bravo era tão intimidante que ela se calou. — Falarei com todos eles.

— O que falaremos amanhã precisa ser divulgado como verdade absoluta. Eu não aceito que a imagem da minha noiva fique manchada por incompetência. — O “minha noiva” tocou no ego de alguém, com grandes chances de ser o meu. — Francesca, organize uma sala para a coletiva e faça de forma que os jornalistas não tenham reclamações sobre a estrutura e o tratamento da Vision. *Nonna*, dê algumas palavras com quem vier perguntar sobre meu relacionamento com Beatrice, você tem seu jeito próprio de elogiá-la.

Agora que todos eles tinham uma função, cada um sumiu para seu lado restando apenas eu e Vito na sala, que estava com as portas fechadas e trancadas. Minha cabeça latejava de preocupação. Senti as mãos dele subirem pelo meu pescoço e aninharem meu rosto.

— Vai ficar tudo bem. — sussurrou aproximando o rosto e depositando um beijo rápido em meus lábios. Passei os braços por sua cintura por dentro do paletó e me escondi em seu peito enquanto respirava fundo repetidas vezes.

A vontade de resolver o problema com Raoul à base da violência era grande, mas a de consertar as coisas definitivamente e evitar aumentar aquilo, era ainda maior. Mas era bom que ele nunca mais cruzasse meu caminho, ou ia

ganhar uma vasectomia feita na unha. Ah, se ia!

— Eu tinha outras coisas planejadas para hoje. Ia roubar você no horário do almoço, te levar para ver um lugar, fazer amor com você nesse mesmo lugar...

— Pode me roubar agora se quiser. — Ele riu.

— Não, assim não. Vou remarcar essa visita. — Vito suspirou pesaroso — Parece que toda vez que eu e você avançamos nesse relacionamento, alguém tenta puxar a gente para trás. — Levantei a cabeça o encarando.

— Então vamos desatar as cordas, Vito. Vamos deixar de dar dimensão para problemas assim. Acho que a gente chegou nesse noivado com tanta insegurança que ficamos procurando todas as chances possíveis para deixar de evoluir. Vamos parar com isso. — O beijei. — Se eu amo você e você me ama, isso é suficiente. Tudo o que vier, a partir de hoje, é detalhe. E nós dois seremos sempre mais importantes do que qualquer outra coisa. Eu e você, certo?

— Certo. — Vito me puxou ainda mais para perto e mergulhou em um daqueles beijos que me tirava o fôlego. Usava as mãos, a língua, tudo o que pudesse. — Eu e você. Só nós dois.





34. Vende-se um Interrogatório

***Motivo Trinta e Quatro
para não casar:
detesto ter que falar
abertamente sobre meus
relacionamentos.***

No dia seguinte, tudo ocorreu como uma preparação para uma guerra. Começando pela manhã, quando separei as roupas ideais tanto para mim quanto para Vito. As armaduras, como ele chamou.

Especialmente naquele dia, eu me sentei ainda mais cedo diante da penteadeira e me maquiei com cuidado, atenta aos detalhes. Eu sempre fui muito básica com essa parte da minha rotina, mas hoje até passei um delineador.

Coloquei a blusa de cetim e a saia branca, preendi os cabelos em um coque e calcei meu par de Louboutin da sorte. Se tudo ocorresse como eu tinha planejado, a mídia comeria em nossas mãos, Vito e eu teríamos mais publicidade (dessa vez positiva) e poderíamos nos concentrar em coisas realmente importantes.

Como comprar nossa casa, procurar um cerimonialista e terminar de maratonar Black Mirror. Prioridades.

— Você já passou o batom... — Vito murmurou com frustração enquanto saía do closet ajeitando as abotoaduras douradas que eu separei.

— Sim. Por quê? — Ele se aproximou e passou os dedos pelo meu queixo.

— Queria beijar você. — Eu ri enquanto emoldurava seu rosto com as mãos e o beijava gentilmente.

— Pronto. Agora é só retocar. — Voltei para a frente da penteadeira procurando o batom.

— Como você está? — perguntou e eu suspirei enquanto finalmente encontrava o que procurava.

— Determinada. Sandro se pronunciou ontem de noite, só nos resta contar a história da maneira certa e garantir que os jornalistas fiquem tão satisfeitos quanto a gente. — O olhei pelo espelho — Estou confiante também. Sei que vai dar tudo certo e mesmo que, por alguma ocasião estranha do destino, dê tudo errado, você estará lá. — Ele se aproximou e colocou as mãos em meus ombros possessivamente.

— Certo. Está nervosa? — Franzi o nariz.

— Por incrível que pareça, nenhum pouco. Já lidei com Netta de TPM, *Nonna* Gaia querendo me casar e Luca Andreanni tentando me usar de chave de baú de tesouro. Tenho certeza que consigo lidar com alguns repórteres sedentos por fofoca.

Durante todas as vezes que eu olhei para o lado, naquele mesmo dia, Vito estava ali. Era só esticar a mão e estaria tudo bem, eu teria apoio. Nada diferente do esperado, não é mesmo? Meu *burbero* foi maravilhoso todos os dias anteriores, nesse ele não deixaria a desejar. E não deixou.

A sala separada para a conferência contou com um serviço de buffet, seguranças e uma estrutura onde todos os jornalistas estavam sentados e os fotógrafos tinham vista privilegiada de todos os entrevistados.

Nonna Gaia e padrinho não iriam se pronunciar já que fizeram sua parte anteriormente. Pietro, por sua vez, entrou em contato com o jornal pedindo uma retratação pública cordialmente. Como o jornal não fez sua parte, seus funcionários foram convidados gentilmente a se retirar do grupo de licenciados para a entrevista. A perda da exclusividade das notícias seria um castigo suficiente por enquanto, na opinião de Vito.

De onde eu estava, conseguia ver com clareza o rosto dos jornalistas.

— Buongiorno! — cumprimentei enquanto ajeitava o microfone colocado a minha frente.

Fui respondida em coro.

— Espero que estejam bem acomodados... — olhei de rabo de olho para Vito que se ajeitava ao meu lado arrumando o próprio microfone. — Vamos tentar fazer a entrevista ocorrer de modo rápido e dinâmico. Quem faz a primeira pergunta?

Todos levantaram as mãos e eu apontei aleatoriamente para um rapaz de óculos.

— Bom dia, senhorita. Sou Rico do *Mattino*, gostaria de saber em quais

circunstâncias o seu relacionamento com o senhor Raoul terminou.

Respirei fundo antes de conseguir responder.

— Eu e Raoul nos relacionamos quando eu ainda tinha dezenove anos e ele vinte e dois. Nosso relacionamento terminou depois dele, por imaturidade, ter me dopado em uma festa. — O homem correu para anotar aquilo enquanto o restante dos jornalistas explodiram em perguntas mais uma vez. Apontei para uma moça de cabelos cacheados.

— Sou Lisa do *Roma News*, o pai do Senhor Raoul, hoje em uma entrevista, anunciou que o filho necessita de tratamento para os próprios vícios que envolvem álcool e drogas. Na época do relacionamento entre a senhorita e ele, o senhor Farzoni apresentava algum desses vícios?

— Pelo álcool, mas eu não sabia do envolvimento dele com drogas. — Apontei para um homem de jaqueta.

— O seu pai, Luca Andreanni, afirmou para um jornal em Nápoles no mês passado, que seu relacionamento com o senhor Vito aconteceu de modo abrupto e que, provavelmente, porque você estava grávida. Essas declarações são reais? — ele estava blefando.

— Eu não sabia que Luca tinha concedido alguma entrevista, mas meu relacionamento com meu noivo aconteceu no tempo em que nós dois achamos necessário. Sobre estar grávida, não. Não aceitei um pedido de casamento porque estou esperando um bebê, eu não estou grávida e estamos em 2018, um ano em que mulheres e homens já não se casam por acontecimentos desse tipo. Vito e eu nos casaremos por outros motivos. — Encarei meu noivo que também me observava.— O principal deles é o amor. Quanto ao meu pai, nós dois não temos um relacionamento próximo o suficiente para que ele tenha acesso à esse tipo de informação. — Demorei para apontar para o novo entrevistador.

— Baptista do *Giornale*, suas visitas à clínica médica da doutora Adele tem algo a ver com alguma possível gravidez depois de seu noivado?

— Acho que um laudo sobre minha saúde não é do interesse da Itália. Minha consulta com a doutora Adele foi para exames de rotina e, sim, por uma suspeita de gravidez que resultou em apenas um engano da minha parte. — Apontei para outro homem.

— Fredo do *Oggi*...

As perguntas seguiram um padrão onde abordavam hora meu relacionamento com Vito, hora meu ex-relacionamento com Raoul. Tudo

ocorreu com muita naturalidade e sem estresse. Até mesmo quando um jornalista perguntou sobre a contratação de Netta e o fato dela agora trabalhar comigo, eu respondi com humor e leveza.

Senti pela primeira vez que estava completamente satisfeita por estar me casando com Vito. Logo eu, a que fugia de vestido de noiva e buquê como o diabo foge da cruz.

Tudo parecia ocorrer muito bem e com tranquilidade. A entrevista terminou, todos estavam satisfeitos e eu e Vito poderíamos voltar para nossa rotina esperando o resultado do que estávamos planejando.

A hora do almoço mostrou que algumas coisas iriam nos surpreender.

Nós dois, sentados um de frente para o outro em um restaurante, não observamos a aproximação de Raoul. Dois seguranças e alguns garçons corriam atrás dele tentando o conter, mas ele vinha decidido a nos confrontar.

— O que vocês dois querem fazer comigo?!





35.1. Protetor Vendido

Motivo número Sete para amar Beatrice:
ela se preocupa comigo.

É importante saber como uma mente perturbada funciona. Importantíssimo porque, olhando para Raoul, em sua pose ameaçadora, diante de mim, eu só conseguia pensar no quão desequilibrado aquele cara estava.

Se não fosse por todas as características físicas, pela roupa amarrotada ou pelos cabelos desgrehados, com certeza dava para saber pela sua expressão facial. Os olhos arregalados sob olheiras profundamente escuras. Era a sombra de um homem.

— Raoul, eu sugiro que você se afaste... — Beatrice começou a falar enquanto se levantava.

— Além de ser uma vagabunda também quer me dar ordens?

Okay, ninguém fala com minha mulher desse jeito. Me levantei rapidamente caminhando em direção ao homem que um dia eu chamei de amigo e o preendi pelo colarinho aproximando o rosto para que ele ouvisse bem o que eu iria dizer.

— Vou ser bem específico, você vai se retirar desse restaurante sem fazer mais nenhum alarde, vai respeitar a minha noiva e apenas uma vez na vida vai se comportar como um homem e não como um verme.

O lancei contra os seguranças que o escoltaram pelo caminho da saída. Me virei para Beatrice a observando olhar congelada a cena em sua frente. Toda minha preocupação voltada para ela.

— *Principessa*, você está bem? — Ajeitei seus cabelos atrás da orelha com carinho.

— Eu est... Vito, atrás de você! — Só tive tempo de virar enquanto um Raoul descontrolado vinha em minha direção com uma faca em punho. Os seguranças o imobilizaram assim que eu acertei o primeiro soco desviando de uma facada. Uma senhora se levantou chamando a polícia do próprio celular enquanto ele se debatia ainda querendo vir em minha direção.

— Você vai se arrepender de se casar com essa frígida! Eu só queria te ajudar, mesmo depois de você ter me impedido de me divertir quando eu ainda namorava com ela! — Um dos seguranças torceu o braço dele enquanto ele gritava de dor — Vocês vão me pagar, filhos da puta! Vão me pagar!

Demorou alguns segundos para que eu percebesse os braços de Beatrice firmemente apertados em volta de mim, como se me protegesse. Seu rosto estava escondido em minhas costas e eu ouvia seus soluços. Ela passou quase toda a cena abraçada comigo sem eu perceber. Algumas pessoas começaram a se aproximar preocupadas, enquanto eu me virava para ela pronto para acalmá-la.

— *Fiore...* — Ergui seu rosto borrado pelas lágrimas — Está tudo bem! Eu estou bem. Sinta aqui... — Apoiei sua mão em meu coração — Estou vivo.

Ela me abraçou novamente, dessa vez afundando o rosto contra minha camisa por dentro do paletó. Mania que eu percebi que ela tinha desenvolvido nos últimos dias e fazia sempre que se sentia acuada.

— Eu achei que ele iria te machucar! Tremi da cabeça aos pés só de pensar naquela faca atravessando você. — Passou as mãos pelo meu rosto enquanto me olhava no fundo dos olhos. — Meu Deus, que dor horrível eu senti só de imaginar...

Não esperei que ela concluísse, apenas a beijei.

Nos últimos dias, Bea havia me surpreendido. Desde a declaração de amor até a mudança de atitude sobre nosso relacionamento. Pensei se fosse eu em seu lugar, com alguém apontando uma faca para ela.

Senti vontade de sair do restaurante para quebrar a cara de Raoul no punho só por ter feito minha garota se sentir daquele jeito. Ninguém tinha o direito de fazê-la se sentir mal.

— Vamos para casa, Bea. Eu cuido de você lá...

Nós assinamos alguns papéis com a polícia, antes de eu entrar pelo banco do motorista no carro dela e nos conduzir ao nosso apartamento. Raoul estava dentro de uma viatura quando passei com ela debaixo de um braço protetoramente.

Já no elevador, a puxei para dentro do meu abraço só para sentir que estava protegida. Suas mãos esparramavam no meu peito como se procurasse ter certeza de que realmente estava tudo bem, que respirava e que meu coração batia.

Eu sabia que a gente teria pouco tempo antes das pessoas mais próximas

saberem da tentativa daquele infeliz e tentassem entrar em contato, então cada minuto era precioso para que eu a consolasse e acalmasse da maneira certa.

Abri a porta da cobertura sem nenhuma dificuldade e a ergui em meu colo.

— Eu sou pesada...

— Você é perfeita. — A levei até nosso quarto e a coloquei deitada na cama com cuidado. Tirei o paletó o jogando para o lado, espalmei minhas mãos em sua barriga e ela as puxou para cima na direção dos próprios seios.

Os acariciei como minha noiva estava me convidando a fazer e abaixei a cabeça até chegar na altura de seu pescoço e poder beijar, morder e cheirar. Como pode uma mulher ser inteiramente gostosa desse jeito?

Senti quando ela se arqueou em minha direção e abandonei um dos mamilos para dar atenção ao seu clitóris. Minha mão desceu acariciando todo seu ventre até o meio de suas pernas. Separei suas dobras com cuidado olhando em seus olhos já vultos de prazer.

Bea era tão expressiva, era tão bom vê-la entregue daquela forma que eu sentia que se morresse naquele momento, morreria feliz.

Ou não. Eu ainda tinha muitas coisas a fazer. Como um filho, um casamento, comprar uma casa e tirar uma semana para viajar com ela em um barco e promover uma fodelância em alto-mar.

Só de pensar em Beatrice entregue para mim na cabine do iate que seria dela, meu pau já dava sinal de vida.

Suguei seu lábio inferior e mordi antes de colocar um dedo para dentro dela e começar a me movimentar.

— Está sentindo, amor? O tesão substituindo a preocupação? — grudei minha boca em sua orelha. — Eu estou aqui, Bea. Pronto para você. Pode usar e abusar.

— Vito... — Ela pressionava as mãos contra os lençóis, se mexia contra mim como uma gata manhosa — Mete bem fundo, *amore mio*. Bem. Fundo.

Deus me dê controle... Ver aquela boca bonita falando sacanagem já era demais para mim. Abandonei o serviço com as mãos e me livre das minhas calças, abaixei a cueca e deixei meu pau livre pronto para participar do jogo. Segurei Beatrice pelas coxas, abri as pernas dela e meti até o final.

Bea jogou a cabeça para trás gritando de prazer enquanto rebojava como

conseguia.

— Mais! — Comecei a fazer movimentos de vai e vem num ritmo bom para nós dois. A respiração dela era inconstante, ofegante, quase como se estivesse chegando lá.

— Vem comigo, gostosa. Juntos, tá bom? Eu e você! — Continuei me movimentando, ajeitando seus cabelos para trás para poder ver com clareza sua expressão quando tivesse um orgasmo.

Meu objetivo de vida era fazer essa mulher gozar toda vez que transasse comigo.

— Vito, eu vou... Ah, *cazzo*! — Ri com sua boca suja. Saber que estava proporcionando prazer para ela me deixava no ápice do orgulho próprio. — É agora! Agora!

E foi. Ela e eu com diferença de segundos. Os dois suados, ainda com muitas roupas e completamente satisfeitos.

Demorou para passar aquele momento pós orgasmo em que a gente não consegue pensar em muita coisa além do fato de que gostaria de repetir aquela atividade.

Mas quando passou, eu senti Bea se aconchegar em meu peito enquanto eu pensava que ela estava três dias atrasada. Não na hora de gozar, isso ela fazia cotidianamente. Atrasada na menstruação, porque eu estava contando e a cólica não tinha dado em nada.

Três dias que poderiam significar só um casamento, uma casa e uma semana no barco lá naquela lista de coisas a fazer.

Mais uma vez um bebê poderia estar no forno.

Só me restava pensar em alguma maneira de descobrir se sim ou não sem que ela passasse pela mesma frustração do mês anterior. Mas como?





35. Vende-se uma Família

Motivo Trinta e Cinco
para não casar:
*ainda não sei lidar com
uma família que não seja
a minha.*

Família é aquela extensão da gente que cabe dentro do peito e ocupa uma sala inteira quando vem visitar. Olhando em volta, depois dos acontecimentos do dia, eu tive certeza que estava em segurança e sendo protegida.

No restaurante, Raoul parecia um barril cheio de pólvora e eu e Vito éramos o fogo. Não foi surpresa ele explodir, surpresa foi ele pegar uma faca para golpear meu noivo. Senti meu coração falhar uma batida só pela perspectiva de Vito ser ferido.

E assim que ele foi para cima do meu ex-namorado e retrocedeu alguns passos depois de acertar um soco no nariz do outro, eu só consegui abraça-lo para ter certeza de que ficaria bem e salvo perto de mim.

Vito estava obviamente mais do que bem. Depois de me conduzir até em casa e me "consolar", parecia que tinha despertado nele alguma curiosidade ainda maior sobre como eu estava me sentindo, se estava bem, se precisava de alguma coisa...

A campainha só tocou, graças a Deus, depois de nós dois termos tomado banho. Padrinho mal esperou a porta ser aberta para entrar e segurar meu rosto entre as mãos.

— Você está bem?

— Estou sim, padrinho.

Vito que caminhava logo atrás de mim também foi cercado pelo pai, dessa vez em um abraço camarada com direito a tapas nas costas, suspiro profundo e agradecimentos à Deus. Coisa comum para um italiano dramático que vocês conhecem bem

Aproveitando a porta destrancada, minutos depois ouvimos o barulho do elevador, e Nonna junto com mamãe entraram sem pedir licença.

— *Mamma!* — Como uma garotinha, me aninhei dentro do seu abraço preocupado.

— Meu benzinho... — Senti seu suspiro contra meu pescoço — Que susto vocês me deram! — Ela estendeu a mão para Vito, o puxando para o abraço também — *Burbero*, você está bem! Meus amores!

Mamãe aspirava nosso cheiro e custou até nos soltar.

Nonna, como sempre, se encolheu entre nosso abraço duplo meio chorosa sem conseguir falar. Mas quando se recuperou, como sempre, soltou o verbo no melhor estilo *Nonna* Gaia.

— Se eu estivesse lá, curaria os vícios daquele homem com a sola do meu tamanco! — Eu ri sendo acompanhada por Vito.

— Ele terá o que merece atrás das grades, *Nonna*. Provou ser um desequilibrado diante das câmeras de vários fotógrafos, um monte de clientes e até os garçons. Não vai ficar livre por muito tempo, foi detido em flagrante.

— Sandro Farzoni lavou as mãos, o filho está falido. — Padrinho declarou meio sentido.

Era a imagem da empatia de um pai para com outro pai. Ele havia criado o filho com tanta dedicação, acho que isso o afetava mais do que eu podia imaginar. Afinal de contas, só um homem que exerce a paternidade sabe o que é se decepcionar com um herdeiro. Graças a Deus, meu padrinho não sofria com aquele desgosto.

Andei até Vito me encaixando debaixo de seu braço para encarar nossa família melhor.

A porta foi aberta novamente deixando Carmen, Marcelo e Mia passarem.

— *Zia* Bea! Vi você na TV! — A loirinha correu para meu colo totalmente desligada do clima que a cercava. Era bom ser criança nessas ocasiões. — Vi o *zio* Vito também, mas... — ela se aproximou de meu ouvido sussurrando como se contasse um segredo — você estava mais bonita.

— Ah, eu ouvi isso! — Ele a puxou do meu colo a atacando com cócegas enquanto ela gritava de tanto rir. Carmen se aproximou e me abraçou enquanto Marcelo beijou minhas bochechas.

— Pedi que a equipe de segurança verificasse as câmeras da entrada da Vision, ele estava seguindo vocês. Entrou em um carro logo que vocês saíram do estacionamento. Consegui pedir que prédios vizinhos fizessem a mesma verificação, o resultado era o mesmo. Os seguiu até a porta do restaurante. — Ela suspirou — Ele é um desequilibrado. A única coisa boa nisso tudo é que agora a mídia tem a prova de que ele não é confiável e nem tem estabilidade psicológica para ser mantido em liberdade.

Peguei Mia que se jogou para meu colo mais uma vez.

— Raoul é um bundão! — gritou enquanto batia na mão do pai estendida para ela.

— Sabe como é? Ensine o caminho certo para as crianças e elas permanecerão nele até depois de crescerem. — Marcelo falou em tom envergonhado depois de todo mundo rir.

— Pelo menos vocês estão bem e isso é o que mais importa. — *Nonna* decretou por fim.

Passamos o restante da noite juntos. Pedi um jantar em um restaurante próximo que entregou em tempo recorde. Mia se afeioou à *nonna* Gaia com tanta facilidade que ficamos surpreendidos com a interação das duas.

— Eu até te chamaria para brincar com minhas bonecas, mas você já é uma mocinha crescida! — ela falou para a nova amiga depois de beliscar um pouco da lasanha do prato dela.

— Ah, mas até as mocinhas crescidas brincam de boneca de vez em quando... — *Nonna* se aproximou de mim que estava sentada do seu lado oposto e sussurrou — Quero uma dessas o mais depressa possível!

— Mas só existe uma de mim! — Mia respondeu ultrajada.

— Então pode ser uma bem parecida. Certo? — barganhei.

— Certo — ela respirou aliviada voltando a roubar mais lasanha da *nonna*.

Olhei para mamãe sentada em minha frente com o rosto apoiado em uma das mãos, me observando. Sorri para ela e estendi a mão sobre a mesa.

— Você também já é uma menina crescida. — Ela falou para mim. — Porém, meninas crescidas continuam sendo bebês para suas mães. Assim como você é o meu.

— E eu sou grata por isso. — senhor Carlo admirava nossa interação e

sorriu quando eu olhei para ele que estava sentado no lado da mesa onde os homens se reuniam. Voltei a olhar para aquelas mulheres que cuidavam de mim. — Vocês estão ansiosas para a escolha do meu vestido? — perguntei.

— Você está? — Mamãe respondeu com outra pergunta e eu pensei alguns instantes antes de responder.

— Sim, estou. Podemos marcar para a semana que vem, o que acham?

Vito se aproximou apoiando as mãos no encosto da minha cadeira e se inclinando para frente deixando o rosto próximo ao meu.

— Não sendo no meu aniversário, vocês podem marcar para quando quiserem. — Ergui as sobrancelhas.

— Seu aniversário? Me esqueci completamente... — brinquei.

— Não é isso o que as bolinhas coloridas no seu calendário me disseram. — Ele riu antes de beijar minha bochecha.

— Não pode esquecer o aniversário do tio Vito, *zia*. — Mia falou indignada — Ele é seu amor amorzinho, e quando a gente ama muito, a gente lembra tudo daquela pessoa. Tipo eu que lembro tudo da mamãe antes dela chegar em casa. — Para confirmar o que dizia, ela abraçou Carmen ao seu lado.

— Obrigado pela ajuda, Mia. — Vito alimentou.

— De nada, de nadaaaa... — ela cantarolou sua musiquinha favorita de Moana antes de voltar a atenção para o copo de refrigerante diante de si.

Olhei mais uma vez para todos os rostos queridos em volta da mesa e apreciei a sensação de ser amada e cuidada. As mãos de Vito se apoiaram em meus ombros enquanto ele falava sobre algo cotidiano com minha mãe.

Era mais do que eu podia pedir.





36. Vende-se um Aniversário

**Motivo Trinta e Seis para
não casar:**
*não tenho muita
criatividade na hora de
surpreender alguém.*

Eu sempre adorei a data de aniversário do Vito. Sempre. Parecia um natal em fevereiro. A gente decorava a casa, fazia todas as receitas cuidadosamente anotadas por gerações, tinha bolo e tudo mais!

Mas hoje não. Tudo o que eu planejei seria seguido à risca para que o dia fosse perfeito.

Ao acordar primeiro que Vito, peguei Pette em sua caminha, coloquei um chapeuzinho de aniversário próprio para gatos, que eu tinha escondido no criado-mudo, e o deixei deitadinho no meu lado da cama enquanto corria para pegar a encomenda que a padaria tinha deixado especialmente para aquele dia.

Voltei correndo para onde meus meninos dormiam, peguei a roupa que tinha separado e fui para o banheiro do quarto de hóspedes que eu tinha deixado preparado com tudo o que era necessário para um banho digno.

Sequei o cabelo em tempo recorde e deixei os saltos na sala de estar enquanto voltava para a cozinha.

Era difícil fazer tudo aquilo sem criar muito barulho só para que Vito tivesse uma surpresa.

Abri a caixa de encomenda com trinta e três cupcakes de glacê azul e comecei a espalhá-los. O primeiro em cima do meu travesseiro, o segundo na beirada da cama, o terceiro no caminho para a porta e assim sucessivamente até chegar ao escritório. Ideal para o que eu tinha planejado. Orei baixinho para Deus não deixar que o gatinho comesse tudo.

*Busquei meus saltos para calçá-los, ajeitei a roupa, abrindo os primeiros botões da camisa social que eu usava e coloquei o último cupcake em cima da escrivaninha. Aproveitei e encaixei meu *pen-drive* no *home theater* deixando*

preparada a música que eu escolhi. Peguei o controle e fui para a minha posição ideal: com a cadeira executiva virada em direção a parede, de costas para a porta. Coloquei os óculos que tinha comprado para essa ocasião e aguardei.

Precisava ficar em silêncio absoluto para conseguir ouvir a porta se abrindo e virar na hora perfeita.

Meu Deus, olhando para baixo e observando o sutiã rendado pelo decote da blusa, eu nunca tinha me sentido tão sexy na vida. Até batom vermelho eu passei!

Ainda não conseguia acreditar no quanto eu estava sendo ousada nessa surpresa. Parecia que a Beatrice segura de seus sentimentos não tinha alterado em nada a minha auto-confiança, só aprimorado.

Eu poderia lidar com uma multidão de diretores de Marketing sem perder a pose. Se Vito realmente causava isso em mim, então ele tinha carta branca para fazer todo o resto que eu tinha planejado para hoje.

Ouvi a madeira da porta ser arrastada para o lado.

— Bea? — sua voz me procurava enquanto eu estendia a mão munida do controle e soltava *Love on the Brain* da *Rihanna* num tom ideal para deixar tudo mais romântico.

Devagar, girei a cadeira, apoiei os braços cruzados na escrivaninha e uma das mãos usei para segurar meu rosto. O óculos deslizou um pouquinho para baixo me deixando olhá-lo sobre as lentes antes que eu falasse:

— Fiquei sabendo que hoje é o seu aniversário, Senhor Bernadinelli.

Vito se encostou na parede fechando os olhos com força e rindo de pura alegria.

— Ah se é meu aniversário! Com toda certeza *é o meu* aniversário! — grunhiu enquanto se aproximava.

Me levantei lentamente, apoiando as mãos no tampo da mesa para que meu decote ficasse ainda mais aparente.

— Infelizmente, algumas reuniões não puderam ser canceladas. — sussurrei próximo ao seu rosto já que ele estava pertinho de mim.

— Não?

— Não. Sua noiva e sua assistente requerem sua atenção em um assunto muito íntimo. — Circulei a mesa podendo colar meu corpo no dele.

— Que assunto íntimo, senhorita Beatrice? Eu vou me casar em breve, caso não se lembre... E minha noiva é muito ciumenta. — Passei a mão por debaixo do moletom que ele usava.

— Transação entre chefe e empregada. Um tipo de transação tão inadequada de ser feita dentro de um escritório. — Me sentei sobre a escrivaninha e o puxei pelo colarinho do casaco enquanto ele dava um dos seus sorrisos safados. — Mas elas foram taxativas, disseram que preferem assim.

Vito passou uma das mãos por minhas costas me puxando para mais perto.

— E nós não vamos decepcioná-las, certo? — Acenei positivamente com a cabeça. Sua outra mão segurando meu rosto enquanto ele roçava o nariz no meu em um carinho tão leve, mas tão cheio de promessas. — Acho que vou ser obrigado a borrar o seu batom.

O toque da língua de Vito foi quase invasivo se não tivesse sido tão bom. Ele se encaixou entre minhas coxas, desabotoou o restante da minha camisa e enfiou as mãos por dentro do meu sutiã puxando meus seios para fora enquanto acariciava meus mamilos.

Abandonando minha boca, salpicou beijos quentes por toda a extensão do meu pescoço, se abaixando aos poucos para aproveitar o que ele mesmo descobriu. Senti sua língua contra um dos mamilos e arfei de prazer com aquela sensação que parecia ter atingido algo tão sensível. Uma descarga elétrica parecia ter se soltado contra todo o meu corpo só com aquele pequeno toque.

Vito não deixaria o outro lado com inveja e caminhou para lá também.

— Quanta sensibilidade... — sussurrou antes de me incentivar a deitar sobre a mesa.

Suas mãos se enfiaram por debaixo da minha saia procurando uma calcinha que não existia. Ri enquanto observava sua cara de surpresa para logo depois ele retribuir com um sorriso tão satisfeito quanto o meu. Empurrou a saia para enrolá-la em minha cintura, segurou minhas pernas separadas e sugou.

Gemi de pura satisfação sentindo sua língua se acomodar em cada cantinho prazeroso que eu tinha entre as pernas. Meu quadril parecia ter vida própria procurando Vito, se movimentando em sua direção.

Parecia errado que ele estivesse fazendo aquilo no dia do próprio aniversário, mas foi Vito quem me confessou que adorava dar aquele tipo de prazer para mim. Desejo concedido, querido, fique entre minhas pernas para

sempre.

Quando seu rosto voltou a ficar paralelo com o meu, eu sabia que o melhor estava por vir.

A cabeça do pênis encaixada na entrada e a força que ele usou para colocar tudo de uma só vez para dentro roubou o meu fôlego. Seus movimentos naquele ritmo tão perfeito que ele sabia manter, eu cruzei os pés atrás de sua cintura enquanto fui levantada e meu noivo se sentou numa poltrona comigo montada em cima de si. Segurei seus cabelos entre os dedos enquanto subia e descia rebolando no encalço daquela dança tão erótica e tão prazerosa.

Ele suspirava enquanto eu gemia tão alto, desconhecendo aquela mulher que parecia familiarizada com o êxtase.

Eu subi e desci pela última vez enquanto explodia em um orgasmo magnífico demais para ser descrito. Demorei para ter noção novamente de quem eu era, do que fazia e onde eu estava.

A única coisa que surgia em minha cabeça era: procure um homem que tire sua consciência de tanto tesão e não sua paciência de tanto te atentar.

O olhei mais uma vez, totalmente satisfeito, sorrindo para mim.

— *Tanti auguri, amore mio.*





37. Vende-se uma Casa

***Motivo Trinta e Sete
para não casar:
eu gosto de escolher tudo
sozinha.***

Todos os dias. Essas três palavrinhas circularam minha mente enquanto eu limpava o rosto de Vito com lenço demaquilante tirando qualquer resquício do meu batom vermelho que também tinha se espalhado pelo seu rosto. Todos os dias eu dividiria um cotidiano regado à intimidade e confiança. E, se isso não era bom o suficiente, todos os dias eu teria a chance de me apaixonar um pouquinho mais por um cara que fazia tudo por mim há tanto tempo que nem dava para definir um "desde".

Ele estava ali. Impreterivelmente.

— Se todo aniversário meu você planejar um presente desses, não será surpresa eu infartar com trinta e cinco anos. — Eu ri enquanto limpava seu queixo.

— Bom, suponho que, quando a ambulância chegar, terei dificuldade de explicar aos paramédicos porque eu estou com uma fantasia sexy e você tem batom na virilha. — Ele explodiu em uma gargalhada me fazendo segurar seu rosto para conseguir continuar a limpeza.

— Enfim. Vou visitar um cardiologista para ter certeza de que sou saudável o suficiente para lidar com mais doses como essa. E também, para ninguém precisar ver minha mulher fantasiada de nada sexy o suficiente para me fazer infartar. — Vito segurou minha mão sinalizando que já era o suficiente. — Também tenho uma surpresa para você. Mesmo sendo meu aniversário. Acredito que é um presente para nós dois...

— Certo. Onde está?

— Em *Medaglie d'Oro*.

— Não entendi... Temos que buscar alguma coisa no bairro vizinho?

— Não, fragolina. Deixa eu explicar. — Ele se levantou da cama, onde

viemos parar depois do escritório, e foi atrás do próprio *notebook* para abri-lo diante de mim, entrar no próprio e-mail e me mostrar fotos de uma casa. — Você falou: nada que parecesse um mausoléu, mas também não tão moderno, uma área verde, uma cozinha bonita e espaçosa, mais de dois quartos, uma banheira, um closet espaçoso e todos aqueles outros detalhes que você imaginou enquanto eu disse que bastava você morar comigo.

— Você não fez isso! — exclamei

— Não completamente porque sei que discordar de mim e discutir comigo são seus hobbies favoritos. Dei apenas um sinal para segurar enquanto você decidia.

Era exatamente o que eu tinha imaginado. Um espaço bom o suficiente para ser um lar, com as mordomias que nós dois estávamos acostumados, ideal para se criar uma criança e com algumas faltas que poderiam ser supridas pelas outras propriedades da família. Pelas fotos, a cozinha tinha lindos armários escuros e de tampo liso, eu conseguia ver nós dois de manhã tomando café. Um dos quartos poderia ser transformado em escritório com facilidade, a área aberta era linda e a sala de estar ganhou meu coração.

— Vito... É perfeita!

Ele sorriu satisfeito enquanto estendia uma chave para mim. Pequena e dourada, ideal para a porta principal de uma casa.

— A verdade é que eu já comprei mesmo, só estava esperando sua reação. Se você não tivesse gostado, eu teria um problemão desfazendo o negócio. Mas, como eu sempre digo, minha noiva nunca me decepciona.

— Eu mal posso esperar para decorar tudo isso do nosso jeito! — Meus olhos brilhavam enquanto eu encarava a tela do *notebook* com a chave apertada contra o peito. — Vito, vai ficar tudo tão lindo! Olha só esses quartos como são iluminados. Imagine um berço nesse aqui com todas aquelas coisinhas de bebê em volta? E a sala de estar com nossos amigos a vontade em um sábado à noite... — Me virei para ele segurando seu rosto. — Você é o homem mais perfeito do mundo. Eu não sei nem como definir o quão sortuda eu sou por ter te conseguido, mesmo contra a minha vontade.

— Eu já era seu há muito mais tempo do que esse noivado. Inclusive, me devolve isso aqui... — Tomou a chave da minha mão, desceu da cama e se ajoelhou bem na minha frente. — Agora, sem anel, mas com toda a certeza do que sente por mim, Beatrice Andreanni, sua mulher doida que vive para me tirar do sério e me deixar inseguro sobre quais atitudes tomar, aceita, pelo resto da

nossa vida, e com resto eu quero dizer que vou fazer questão de que nós viveremos até os cem anos, me emprestar essa boca suja, esse corpo, esse rosto, seus genes, sua personalidade e tudo isso que me faz amar você? Aceita se casar comigo?

A chavezinha brilhava estendida para mim e eu a peguei de novo com muito mais cuidado do que da primeira vez.

— Eu, Beatrice Andreanni, aceito por livre e espontânea vontade, coisa que foi muito trabalhada no último mês, me casar com você, dividindo tudo o que sou, tudo o que fui e tudo o que um dia serei, prometendo nunca deixá-lo de fora de nenhum detalhe da minha vida, amá-lo com todas as forças que eu não sabia que meu coração tinha, cuidar de ti mesmo quando tiver com muito ódio, xingá-lo um pouco menos, mas ainda o necessário para que a gente consiga se divertir e nunca deixá-lo totalmente em paz pelo resto de nossas vidas que serão tão longas que você vai se arrepender de ter me perguntado isso.

Vito riu enquanto se deitava sobre mim depois de me empurrar gentilmente na cama.

— Você sabe que eu nunca vou me arrepender de ter perguntado uma coisa dessas. — Um beijinho foi deixado na ponta do meu nariz. — Eu vou te fazer ter certeza disso todos os dias da nossa vida.

A campainha tocou fazendo Pette levantar a cabeça ao mesmo momento em que Vito levantava também.

Resolvemos ir atender juntos depois de conferir se estávamos no mínimo apresentáveis. Eu não estava, então corri para colocar um vestido que eu tinha deixado separado e fiquei descalça mesmo, como uma pessoa que se sente muito à vontade em sua própria casa.

Apareci no corredor quando a campainha soou novamente e observei Vito recolher o máximo de cupcakes que conseguia para esconder em qualquer lugar, incluindo dentro dos vasos decorativos. A faxineira iria nos matar depois, eu já estava vendo a manchete:

"Funcionária mata casal Bernadinelli ao descobrir bolinhos escondidos dentro dos vasos que davam tanto trabalho para limpar"

Tentei esconder mais alguns cupcakes, depois corri junto com ele para atender a porta. A família, incluindo os tios e as tias, os primos, o padrinho, minha *mamma* e *nonna*, estavam amontoados no hall segurando um bolo confeitado enquanto gritavam "surpreeeesa" a plenos pulmões.

Aquele momentinho pequeno, comigo ao lado dele, incluída como sua companheira e não como apenas amiga, fez um carinho no meu ego que eu nunca tinha ganhado antes. Claro que eu sempre participei desse tipo de ocasião, mas agora era como se meu novo papel servisse perfeitamente em mim. Eu estava realmente à vontade.

Melhor que isso. Eu estava adorando.





38. Vende-se uma Ex-Rival

***Motivo Trinta e Oito
para não casar:
não sei lidar com mágoa
passada.***

Sabe os dias que se seguem depois daquela festa que entra pela madrugada, sai pela manhã, ultrapassa um pouquinho a tarde e quase invade a noite de novo? Então. Esses eram os dias. Se Deus quisesse, a festa de carnaval não seria afetada pela minha preguiça constante.

Era tanto sono sendo sentido que se eu encostasse na escrivaninha de Vito, ele teria que me perdoar, porque dessa vez eu dormiria.

Já haviam se passado duas semanas desde o dia do aniversário do Vito. Duas semanas em que eu mais procrastinei do que fiz qualquer coisa. Começando pela escolha do vestido e terminando pela entrevista com o organizador de casamentos.

A procura por um vestido parecia infundável e frustrante. Achava que não tinha nada que me servisse em cada loja visitada por mim e minha comissão de votação que incluía Carmen, *mamma*, Mia, *nonna* Gaia e até Francesca e Netta em algumas ocasiões. Eu não me sentia bem com nada disso.

Suspirei deprimida enquanto enviava mais um e-mail respondendo as perguntas cada vez mais inconvenientes do cerimonialista. Parecia que as dúvidas dele sempre aumentavam no decorrer dos dias.

Eu queria me casar com Vito, dividir uma vida, salvar a herança dele e tudo mais. Mas planejar um casamento ainda não era minha atividade favorita e nunca seria porque eu não era fã desse tipo de cerimônia.

— Bea... — Netta me chamou. Ela e Francesca estavam sentadas diante da minha mesa com olhares preocupados. Eu estava tão submersa nas minhas frustrações pessoais que nem as vi se aproximar.

— Está tudo bem? — Essa era Francesca.

— Eu não sei... Parece que me sinto mais cansada que o normal. E toda

essa coisa de casamento, vestido e blá blá blá ajuda a minar ainda mais minha motivação.

— Por que você não deixa a gente ajudar? — Francesa sugeriu estendendo a mão sobre a mesa para segurar a minha. — É nossa função ser útil sempre que possível. Nós somos tanto suas assistentes quanto do senhor Vito.

— Sim! E, se você desabafar um pouco, podemos ajudar a solucionar algumas coisas. Por exemplo, o seu vestido de noiva. Você pode descrever mais ou menos o que espera dele e nós procuramos estilistas que sigam o que imagina.

— Isso mesmo. Além do mais, você sempre pode procurar um designer ou alguém que crie algo para você. É muito mais chique. — Pensei um pouco na sugestão de Francesca e um alívio tomou posse de mim. É claro! A designer que criou o macacão que eu usei na entrevista. Como eu não tinha pensado nisso antes?

Então lembrei do que Vito tinha falado sobre delegar funções. Olhando melhor para aquela perspectiva, ele estava totalmente certo.

— Acho que entendo o que vocês estão me falando. Também tive uma ideia. — Finalmente, parecia que alguma empolgação tinha tomado conta do meu corpo e eu estava disposta novamente. Agora só precisava falar com a designer.

— Viu? — Netta estava exultante por ter conseguido ajudar em alguma coisa. — Fale mais um pouco, a gente consegue arrumar mais soluções! Aposto que sim!

Carmen chegou com canecas cheias de café fumegante para tentar nos esquentar no meio daquele dia cheio de neve. Olhei pelas janelas lembrando de uma aposta feita dias atrás. Uma aposta onde eu ganharia um show de strip-tease se nevasse depois de seis anos sem um floquinho sequer cair sobre Roma.

Parecia que até essa sorte finalmente tinha aparecido.

— Vamos, continue a desabafar com a gente... — Francesca incentivou.

— Bem, o cerimonialista não para de me fazer perguntas. Mas acho que isso também é culpa minha por ter dito que queria ter uma participação ativa nos preparativos. Participação ativa deve significar isso, né? Saber de cada detalhe. Infelizmente, acho que fiz a escolha errada e só percebi isso agora. Ele fala e pergunta sobre tantas coisas que me sinto confusa. Não é como se eu tivesse todo o tempo livre para focar nisso, foi por isso que eu o contratei. — Apoiei a cabeça

entre as mãos e os cotovelos na mesa.

— Mande ele se foder. — minha assistente mais antiga sugeriu.

— Nossa, parece meu ex. — a minha assistente mais quieta declarou.

— Como assim? — Carmen perguntou e eu sabia que aquilo terminaria com um bate-papo de menininhas.

— Ele também me perguntava de tudo. Tipo, cada detalhe. Ele queria saber meticulosamente como fazer cada coisa e eu me sentia mais mãe dele do que namorada. — Ela me encarou — Você não pode terminar com seu cerimonialista, como eu fiz, mas pode pedir uma trégua. Mande um e-mail explicando que mudou de ideia e que prefere ser consultada só sobre detalhes que necessitem urgentemente de sua atenção. — Concordei com a cabeça aprovando a ideia. — Você vai conseguir resolver tudo isso!

— Espero mesmo que sim. — Me levantei da minha cadeira enquanto elas discutiam outras soluções possíveis para coisas que Carmen dizia que eu estava passando e levei minha xícara junto comigo para dentro da sala de Vito. Ele estava sentado lendo alguns papéis e logo levantou a cabeça para me ver chegar. — Usarei seu banheiro por alguns minutos. Carmen fez café para mim, mas não estou com muita vontade de comer ou beber nada, acho que estou com azia. Então, tchauzinho e até.

Deixei a xícara diante dele e praticamente corri para o banheiro sem esperar sua reação. Me encarei no espelho acima da pia compenetrada o suficiente para pensar nos últimos acontecimentos e em como eu estava gastando meus dias variando entre problemas pequenos e um cansaço excessivo. Ainda bem que estava tomando o ácido fólico como a doutora Adele tinha sugerido, ou com certeza estaria muito pior, mas ainda achava importante começar a ingerir mais algumas vitaminas.

Usei a privada e me irritei levemente ao perceber que a descarga estava quebrada.

Voltei para a sala onde Vito me esperava como se não tivesse voltado a fazer nada enquanto eu estava usando o lavabo. Nem mesmo no café ele tocou. Quase parecia suspeito, mas o observando bem eu percebia que estava só se segurando para não fazer alguma coisa.

Depois era eu que o assediava.

Percebendo um certo desconforto no ar, ele começou a falar.

— Acho que vou liberar os funcionários mais cedo devido o tempo. A

neve dificultou o trânsito e é melhor preservar a segurança deles. — Me aproximei sentando na poltrona de frente para sua mesa.

— Tem razão. — Olhei para a porta do banheiro e para ele outra vez. — A sua descarga está quebrada.

— Ah, deve ser a válvula de novo. — Não me lembrava de qualquer problema a ver com aquilo, já tinha dado esse problema antes? Será que era hora de reformar o andar do CEO? — Pode deixar que eu mexo ali antes de a gente sair. Avise que daqui duas horas encerramos o expediente. — Assenti saindo da sala.

Mandei Francesca avisar os setores inferiores e Carmen fez telefonemas para avisar as filiais externas enquanto eu organizava a sala guardando cada documento ou coisa importante que estava fora do lugar.

— Bea... Eu preciso falar com você. — Levantei a cabeça encarando Netta que dava um sorriso sem graça parecendo até tímida. Meu Deus, eu nunca tinha visto Netta desconfortável com qualquer coisa. Aquilo devia ser um sinal.

— Aconteceu alguma coisa? Foi Vito? Raoul? Algum funcionário? — Ela riu.

— Não, não. Nada disso. É que preciso conversar com você sobre... — Netta olhou para o chão e depois para mim. — Sobre minha demissão. — Franzi o cenho.

— Mas eu não vou pedir sua demissão, Netta. Eu sei que você é competente no que faz e tem me ajudado muito a manter as coisas nos eixos. Se é pelo seu passado com Vito...

— Não é sobre isso, Bea. Juro que não é. — Ela suspirou — Eu sei que é difícil acreditar numa mudança tão brusca quanto a minha. Hoje eu entendo que o bullying que eu fazia com você e o uso do meu nome arrogantemente são coisas que devo me arrepender para sempre e nunca repetir, ou aceitar que reproduzam. Entenda, é difícil enxergar os privilégios quando você é quem retém todos eles. Fui criada em uma família assim, cheia de padrões e preconceitos de forma que eu também tinha que ser padronizada para não ser rejeitada por eles. Não quero mais ser assim, Beatrice. Nunca mais.

Netta parecia angustiada enquanto se sentava mais uma vez na cadeira de frente para mim.

— Quando depois do ano novo, no meu apartamento, eu vi que você e Vito apareciam tão felizes nos jornais, eu entendi que eu nunca o amei. Nunca

mesmo. Era só mais uma obsessão para ter algo perfeito para mostrar para minha família perfeccionista. E você sabe que, no meio da média masculina, Vito é uma raridade. Ele é respeitador, é bonito, é rico e é tudo aquilo que um homem deveria ser. Mas não era o que eu queria. Nós dois nunca tivemos química de verdade. Ele nunca me fazia rir como eu queria, ou me tratava com todo o romantismo que ele te trata. A necessidade de ter a aprovação dos meus pais me fez confundir a admiração por Vito com um sentimento romântico.

“Eu posso ter sido uma vaca por muito tempo, Bea, mas também queria conhecer isso de amor. E eu acho que agora estou conhecendo. — Netta limpou algumas lágrimas que caíam de seus olhos — Estou saindo com Pietro. Sabe o advogado que ajudou vocês? Então... Ele não é bem o padrão de beleza que os homens deveriam seguir seguindo o que dizem, mas me trata tão bem e me sinto tão feliz e exultante quando estou perto dele que acho que devo investir nisso.”

“Estou indo trabalhar com ele no seu escritório como responsável pelas relações com o público. Você assina a minha carta de demissão? Eu coloquei junto com os papéis que você vai levar para casa.”

Ela me encarava com expectativa. O rosto branco com bochechas coradas e um sorriso tão verdadeiro que eu também nunca tinha visto Netta dá. Acenei positivamente enquanto dava uma volta na mesa e parava diante dela. Demorei alguns segundos antes de reunir coragem e abraçá-la.

— Eu desejo de coração que você seja muito, mas muito feliz. — Me afastei enquanto também limpava algumas lágrimas que insistiam em cair. — E não é só porque gente feliz não enche o saco. — Nós duas rimos. — Você é uma boa garota, Netta. Não vai precisar da aprovação da sua família depois de se sentir bem com o ser humano que se tornou. Vai perceber que essa é a melhor escolha que você pode ter feito.

Procurei sua folha de demissão entre os papéis, peguei e dei uma lida rápida para logo assinar.

— Prontinho. Agora vai lá e agarra esse homem.





39. Vende-se um Berço

*Motivo Quarenta para
não casar:
não me imagino aturando
uma gravidez.*

Depois do fim do expediente já reduzido, eu vi as três assistentes se afastarem e seguirem seus respectivos caminhos enquanto eu e Vito ficamos parados na calçada com neve amontoada. O carro que nos trouxeram não era o meu, que eu havia dirigido com todo cuidado naquela manhã graças aos pneus não apropriados para o estado das estradas.

Agora, eu e ele nos sentamos em nossos respectivos bancos e seguimos o caminho para nossa nova casa. A gente nunca tinha dormido lá, mas antes de vir embora, Vito sugeriu que inaugurássemos nosso quarto já semi-decorado. Aprovei a ideia e era hora de ir.

No caminho, passamos em um mercado para comprar algumas amenidades e ficar com comida o suficiente para o jantar e o café no dia seguinte. Pette estava acostumado com sua vasilha que liberava ração de pouquinho em pouquinho sempre que tivesse necessidade, além do aquecedor ligado e tudo o que ele precisava disponível.

Podíamos dormir fora com tranquilidade.

— Então você vai fazer o jantar para mim? — perguntei enquanto colocava mais um pacote de biscoitos dentro da cestinha.

— Sim. E, se for boazinha, vou fazer de cueca para você poder admirar bastante. — Uma senhorinha passou por nós rindo do comentário dele. Eu senti minhas bochechas esquentarem.

— O-okay, é melhor levar produtos de higiene também. — Vito riu enquanto apoiava as mãos nos meus ombros e beijava meu pescoço.

Aquela cumplicidade dividida por nós dois parecia ainda mais aflorada hoje. Depois que eu saí do escritório do Vito e tive minha conversa com Netta, era como se algo tivesse despertado entre nós dois e aquela virgulazinha de dúvida ou discórdia tivesse desaparecido. E realmente desapareceu porque nós

dois não entramos em acordo sobre a admissão da sua ex-namorada, e agora ela estava fora de jogo. Bom, enfim a gente tinha concordado com a demissão. E, assim como eu, Vito também estava feliz com a mudança de Netta e o fato dela estar se apaixonando por Pietro.

Quem imaginaria aquela loira esnobe caidinha por um advogado tímido e gordinho?! Olhei para Vito enquanto ele pegava alguns temperos. Quem imaginaria que eu estivesse apaixonada por ele também?

— Ei... — chamei e ele levantou a cabeça para me encarar — Estou sendo uma boa garota?

Sem me responder, apenas riu e voltou para ao que estava fazendo.

Não demorou muito para a gente voltar para dentro do carro e seguir o restante do caminho até a casa nova. Um portão gradeado no meio de uma cerca viva da nossa altura abria caminho para um jardim do tamanho ideal e bem cuidado. Canteiros ficavam abaixo de janelas enormes enquanto uma pequena escada levava até a porta principal feita de madeira escura. Vito não demorou a girar a chave.

O carro havia ficado em uma das vagas da rua por emergência já que não dava para saber se a neve voltaria ou não.

O hall de entrada estava meio gelado, mas meu noivo ajustou a temperatura do aquecedor assim que entramos fazendo com que o ambiente ficasse confortável para nós dois. Ele tirou meu casaco e o pendurou em um dos cabides para logo depois fazer a mesma coisa com o próprio casaco.

A sala de estar dividia espaço com a escada enquanto a cozinha era do outro lado da casa. De todos os cômodos dava para ver a área externa e eu estava encantada, mesmo que tudo ainda tivesse uma pequena camada de neve. Parecia um lar e eu tinha a mesma sensação que tive quando Luca foi embora e só restou eu e mamãe: alívio de saber que eu pertencia e era plenamente amada em uma casa. Nós ainda seríamos muito felizes ali.

— Tenho uma coisa para você. — Vito murmurou atrás de mim enquanto eu me debruçava contra uma das janelas perto do sofá.

— Vai me deixar mal acostumada se continuar me dando presentes a todo momento. — Ele sorria. Não o sorriso sexy de quem queria seduzir ou o sorriso sacana de quem estava se divertindo com alguma coisa. Meu futuro marido sorria como se estivesse satisfeito. Com os olhos brilhando, felicidade transbordando em cada poro.

Senti meu coração apertando dentro do peito em expectativa. O que ele

tinha feito?

— Não é bem um presente. É algo que também teve sua participação. — Ele pigarreou e olhou para a escada. — É melhor você subir comigo.

— Meu Deus... — Comecei a segui-lo escada acima. — A gente mal chegou em casa e você já está falando de subir. Prometeu cozinhar de cueca, Vito Bernadinelli! Não vou abrir mão disso, eu fui uma boa menina!

Ele se virou para mim e me beijou rapidamente antes de se afastar e continuar andando. Parou de frente para um dos quartos de hóspedes mexendo no bolso.

— O nosso quarto é ali, *burbero*... — Apontei para uma porta no fim do corredor enquanto o observava colocar uma chave pequena na fechadura do quarto errado.

— Se algo que eu fiz hoje desse negativo, esse cômodo ia ficar trancado até eu mandar desmontar tudo. Mas não deu negativo, Bea. — ele me lançou um olhar significativo de que estava feliz pelo o que quer que tivesse feito tivesse dado positivo. Ok.

Mas espera aí.

Olhei para a porta mais uma vez raciocinando claramente pela primeira vez naquele dia. Aquele era o quarto que eu tinha dito que seria maravilhoso para o nosso futuro filho. Positivo ou negativo poderia significar um teste de gravidez. Só que quem engravidava era eu. Certo? Então...

Arregalei os olhos.

A descarga quebrada, meu xixi de possível grávida perto demais de um Vito que já devia estar planejando isso há um tempo. E eu... Eu estava atrasada! Por semanas!

Senti suas mãos em minhas bochechas e o encarei ainda desacreditada. Todas as peças de encaixavam, uma nuvem se dissipou em minha cabeça e eu podia conseguir sentir o resultado daquilo tudo.

— Espero que entenda que eu não queria que você passasse pelo o que passou em janeiro, ficando chateada e frustrada por não ter conseguido. Eu também deixei que desconfiasse sozinha, mas você estava tão concentrada em outras coisas que resolvi fazer eu mesmo e inverter um pouco os papéis. Promete que não vai ficar brava? — Segurei o rosto dele entre minhas mãos e tomei a iniciativa de beijá-lo já entendendo o que estava falando.

A porta foi aberta e eu consegui ver um quatinho de bebê todo branco e cinza sem detalhe de cor para manter a neutralidade. Ursinhos de pelúcia, que eu

reconheci do quarto de criança de Vito, estavam em uma prateleira acima do berço organizados lado a lado. Eu passei a mão pelo colchãozinho onde nosso filho ou filha dormiria quando nascesse.

Eu mal conseguia acreditar que tinha alguém crescendo dentro de mim. Um neném que se desenvolvia mais e mais a cada dia, que dependia de mim para crescer e que, sem perceber, eu já estava amando de uma forma super protetora.

Era como se toda aquela coisa de ser mãe me assustasse e ao mesmo tempo me fizesse muito feliz. Surgiam tantas incertezas, tantas perguntas e eu estava tendo até dificuldade de respirar só de pensar que agora tinha mais alguém ali em quem eu deveria pensar.

Eu seria mãe!

Eu estava grávida!

Grávida de Vito!

Olhei para ele ainda parado no umbral da porta. Ainda aguardando minhas reações, quase temeroso com o que eu podia estar pensando e planejando, com os olhos úmidos e um teste de gravidez estendido para mim onde dava para ver a cruz vermelha que dizia que sim, eu estava grávida com toda certeza. Caminhei até ele o abraçando com tanta força que parecia estar agarrada a tábua da salvação.

O choro que eu estava segurando apareceu mais forte do que eu imaginava. A mão de Vito sobre minha cabeça enquanto eu repetia diversas vezes que o amava. Porque tudo o que eu fugia até meses atrás ele colocou de uma hora para outra diante de mim.

E eu adorei.





40.1. Pai Vendido

Motivo número Oito para amar Beatrice:
ela começou uma família comigo.

Beatrice nem podia imaginar que aquela revelação tinha sido tão impactante para mim quando estava sendo para ela.

Inicialmente, quando eu consegui soltar a válvula da descarga, eu só conseguia pensar que era agora ou nunca. Eu já tinha mandado um decorador organizar o quarto de hóspedes com tudo que era necessário para um bebê, então só faltava saber aquilo para revelar para Bea que a gente estava esperando nosso primeiro filho.

Eu admiro bastante os homens que tentam resumir coragem como ato de bravura ou suas reações em situações perigosas. Coragem nesse sentido era algo simples. Mas quando se tinha uma noiva como a minha, totalmente explosiva e inconstante, capaz de te deixar surpreso com a mais simples das atitudes, era necessário entender que coragem também podia significar tentar surpreendê-la.

Sentado com um teste de gravidez diante de mim, eu pinguei o xixi onde era indicado e esperei. Esperei com toda a expectativa de alguém que dependia daquilo para seguir com os planos que tinha se desdobrado para montar. O que me surpreendia era Bea ainda não ter desconfiado de nada. Mas observando ela correr de um compromisso para o outro enquanto trabalhava e seguia sua rotina com mais deveres do que o comum, eu conseguia entender que ela estava deixando alguns detalhes de lado para conseguir prestar a devida atenção no que considerava urgente.

O teste começou a sair do lugar, a linha vermelha vertical surgindo sobre a linha vermelha fixa na horizontal formando um nítido sinal positivo. Ela estava realmente grávida.

Eu estava sentado no chão do banheiro, perplexo com aquilo que eu já esperava que estivesse acontecendo. Uma mão diante da boca e a outra segurando o teste diante de mim. Senti meus olhos arderem e tive plena noção de que estava chorando. E quem não choraria numa ocasião como essa?

Bea era a mulher que eu esperei para ter durante toda a minha vida,

minha mulher ideal, tudo o que eu sempre quis e que não esperava ter. Eu a via rodear meus dias por tanto tempo, crescendo, estudando, evoluindo e se infiltrando cada vez mais em meus sentimentos me fazendo sempre estar esperando por qualquer migalha que significasse reciprocidade.

Ela havia dito que me amava, me deixou fazer parte de sua vida, estendeu sua rotina para me encaixar cada vez mais no seu cotidiano. Toda manhã, ao acordar, estava ali pronta para me abençoar um pouco com aquele sorriso bonito, com uma conversa mole, com um carinho.

E agora estava grávida de mim. Conseguem imaginar a felicidade que aquilo significava? Tinha uma criança crescendo no útero dela e carregando uma parte minha. Uma criança gerada de tudo o que há de melhor dentro de nós.

Eu pensei em tantas pessoas ao ter certeza daquilo. Pensei em minha família, nas brigas familiares entre meu pai e os irmãos, na minha *nonna* ainda trabalhando duro como mãe, mesmo com mais de oitenta anos, e em minha mamma que durante toda a minha vida, até dois anos atrás, havia sido a mão protetora sobre minha cabeça e a tenda de repouso para quando precisasse me desconectar de tudo lá fora. E eu havia a perdido com tanta facilidade...

Ainda sentia a mão dela na minha durante a noite, como se a despedida no hospital, enquanto ela morria ali comigo, não tivesse sido o suficiente para quebrar o nosso laço. Dona Fiorella, a mãe que eu tanto amei, que me ensinou tanta coisa, que aguentou todos os meus atos de rebeldia e parabenizou os de bondade. Aquela que havia sido meu primeiro exemplo de mulher antes de eu conhecer Beatrice ou até mesmo *nonna*. Uma mãe, propriamente dita.

A importância da maternidade na vida de uma criança era verdadeiramente assustadora. Mas ao perceber o papel do meu pai em cada um daqueles detalhes, eu entendi que também tinha minha carga de responsabilidade. Uma carga bem pesada, diga-se de passagem.

Porque se eu não tivesse tido um pai como o meu, me faltaria exemplos dignos de masculinidade e eu acharia que papel de homem se resumiria ao quão macho eu era diante dos outros, não me importando com quem desrespeitar, o que machucar ou destruir. E ele me ensinou que não era assim.

Parabéns ao senhor Carlo Bernadinelli e depois parabéns a mim, que estava prestes a desempenhar o mesmo papel que ele. Afinal, filho meu não teria a necessidade de provar a própria masculinidade e filha minha não seria refém de macho-alfa desrespeitador.

Nada disso. Eu criaria bem as minhas crianças.

— Nevou. — murmurei olhando pela janela do quarto, ainda de roupas,

enquanto Beatrice procurava na internet toda a variável de sintomas que o início de gravidez significava. Já tinha baixado três aplicativos, marcado consulta e até tentou ver um vídeo de parto.

Aquilo não era uma mulher, era um anjo.

— É, eu vi. — respondeu com desinteresse ainda mexendo no próprio celular.

Olhei para as minhas roupas e fui para o banheiro. O quarto tinha um sistema de som que conectava com o celular, acionei imediatamente pelo meu e escolhi *Cake By The Ocean* como trilha sonora.

Tirei a gravata e o blazer, ficando só de sapatos, calças com suspensórios e a blusa social. Apareci onde minha noiva encarava o teto, estranhando a música, no exato momento em que Joe Jonas dizia “*Oh, no!*”.

Descalcei os sapatos de qualquer jeito, joguei a gravata para ela e fiz minha melhor performance na hora de tirar a camisa.

De costas para Bea, eu desabotoava cada botão com tranquilidade enquanto dançava no ritmo da música. Joguei a peça em sua direção enquanto ela gritava e ria como uma adolescente diante do seu maior ídolo.

Segurei as alças do suspensório e as abaixei lentamente. Devagar, abri o botão e o zíper da calça. Apenas minha cueca e as meias restavam.

— Olha o tamanho desse pacote! — minha futura esposa, muito recatada, exclamou.

Deixei meus pés livres e segurei a borda da cueca.

— Pronta? — perguntei a admirando deitada entre os travesseiros, com o rosto apoiado em uma das mãos, me olhando como se eu fosse o último capítulo da sua novela favorita.

— Prontíssima! — Em dois instantes, o Vito Júnior, como ela gostava de chamar, estava livre para apreciação pública.

Beatrice entrou em êxtase, gritando palavras de incentivo, ajoelhada na cama.

Parte das preliminares estavam concluídas, era hora de agradecer ainda mais a mãe do meu filho.



— Coma os legumes — murmurei para Beatrice enquanto observava ela separar o macarrão cuidadosamente largando pedaços de tomate, cenoura e tudo de mais saudável para trás.

— Eu sabia que você se tornaria super-protetor quando eu engravidasse. Na verdade, eu tenho mais certeza disso do que qualquer outra coisa na minha vida. — Ela revirou os olhos pegando uma fatia de cenoura e colocando na boca.

— Não é super-proteção. Eu não cozinhei de cueca para você abandonar metade do meu prato de chefe para trás. Respeita meu esforço, mulher.

Bea riu.

— Sabe... Eu não fiquei chateada por você ter roubado meu xixi. — A encarei. — Sério. Eu não saberia exatamente como te contar e, com certeza, seria algo muito sem graça. Obrigada por tomar a iniciativa. Faça isso das próximas vezes.

— Você quer ter mais filhos? — Eu não queria deixar a alegria daquela perspectiva crescer, por isso controlei o tom de voz.

— Não sei... Até agora a gravidez tem sido bem bacana comigo, não acha? Não enjoei, não vomitei, não desmaiei...

— Bea. Seus seios estavam mais sensíveis, você sentiu muito sono e estava com azia hoje. Você que é doida e não percebeu os sintomas.

Ela colocou a mão sobre a barriga e ficou olhando para baixo antes de me encarar e sorrir para mim. Eu quase caí para trás percebendo o que aquilo significava ali nos olhos dela.

Bea estava tão feliz que irradiava. Parecia que aquele negócio sobre brilho da maternidade não tinha nada a ver com beleza e tudo mais, e sim com a satisfação.

A pura e simples satisfação de estar esperando um bebê com toda a alegria do mundo.

— Eu não me importo. — sussurrou voltando a comer.

— Tudo bem. Vamos curtir esse bebê e depois a gente pensa em fazer outro. Agora, vire-se para mim. — Desci da minha cadeira e ajoelhei diante da dela ficando da altura da sua barriga.

A abracei pela cintura encostando a bochecha no ventre e tentando sentir qualquer coisa que indicasse que tinha uma criança ali dentro. Eu sabia que não seria possível, mas não custava tentar. Pelas minhas contas, Bea podia estar com quase dois meses e bebês não se mexem nessa idade. Não perceptivelmente.

— Olá novo integrante da família — Bea riu enlaçando as mãos no meu pescoço. — Aqui é o seu pai quem está falando. Eu sei que você ainda é muito pequeno, mas saiba que eu e sua mãe já estamos esperando por você ansiosamente. Isso não significa que você tem que apressar as coisas, se

desenvolva direitinho que nós dois seguramos um pouco o sentimento e te esperamos pacientemente. Obrigado por ter aparecido, eu e sua mãe já o amamos.

Quando olhei para cima, ainda dentro do abraço da Bea, seus olhos castanhos estavam marejados e ela sorria.

Meu Deus, como eu amo essa mulher.





40. Vende-se uma Gravidez

**Motivo Quarenta para
não casar:**
*não gosto de fazer
reuniões de família.*

Parece que depois de descobrir uma gravidez, surge aquela lista mental de coisas a fazer e coisas a não fazer. Primeira coisa a fazer: marcar uma consulta com a doutora Adele. Primeira coisa a não fazer: beber uma taça de vinho para comemorar.

Ok.

Não era difícil seguir essa linha de raciocínio, percebi isso quando deixei de fazer a sétima coisa com tanta facilidade. Eu estava tão feliz por estar grávida, mesmo ainda não sentindo o bebê, mesmo não tendo aquela noção completa de que tinha alguém ali dentro da minha barriga.

É até difícil de explicar porque é estar mergulhada na felicidade por algo que você não consegue tocar, pegar, sentir... Enfim. Estar feliz. Só o estado. Sem preposições, respostas ou porquês. Apenas aquele sentimento de satisfação que abraça a gente do nada, dá um beijinho na bochecha e aquece o coração.

Vito parecia disposto a me transformar em um bibelô cercado por cuidados. Depois do jantar que ele fez usando só uma cueca boxer, me colocou para dormir ajustando a temperatura do aquecedor e me cobrindo com dois cobertores. Era exatamente o que eu esperava dele. Se meu noivo me mimava quando eu estava com cólica, obviamente que isso seria multiplicado para quando eu estivesse grávida.

Ainda era tão estranho perceber que era isso mesmo que eu estava.

Atipicamente, no dia seguinte nós estávamos sentados lado a lado na sala de espera do consultório mais do que exclusivo da doutora Adele. Todas as outras mulheres olhavam aquilo com estranheza, afinal, era comum a gente desconfiar da gravidez e ir procurar sozinhas as respostas. Mal sabiam elas que quem tinha feito o teste era esse cara do meu lado sendo admirado demais para o meu gosto.

Encostei a cabeça em seu ombro quase possessivamente. Eu sabia que ele não me trairia, as outras mulheres deveriam saber disso também.

— Está cansada? — perguntou levando uma das mãos ao meu cabelo e acariciando me fazendo sorrir satisfeita não só com a sensação, mas também com a demonstração de afeto em público. Nada melhor do que saber que um homem desses é totalmente meu.

— Não. Estou ansiosa.

Não demorou muito até que chegasse a minha vez de ser atendida. Vito e eu entramos juntos na sala onde Adele me esperava com seu típico sorriso cortês no rosto. Percebi que seus olhos se arregalaram levemente ao perceber que eu estava acompanhada. Hora da surpresa.

Durante as duas horas seguinte, eu fiz um exame de sangue e esperei o resultado só para confirmar a gravidez mais uma vez e ver se havia alguma necessidade de vitamina especial. Nesse eu passei. Tudo certo para a alegria da nação.

Agora era a hora da ultrassom e eu não podia me segurar de tanta ansiedade. Vito ria igual um bobo.

Já deitada na maca, eu olhava para o monitor tentando ver qualquer coisa entre os risquinhos.

Foi confirmada uma idade gestacional de quase oito semanas para minha surpresa e surpresa de Adele.

— Isso significa que você engravidou fora do seu período fértil e dias depois da sua última menstruação. O que é um pouco raro, mas não impossível. — Ela passou mais uma vez o aparelho pela minha barriga — A gente consegue ver que o feto está vivo dentro do saco gestacional e que há batimentos cardíacos mesmo que você ainda não consiga ouvir, isso é comum, tem gente que consegue ouvir na sexta e gente que só ouve depois da décima. Não significa que seu bebê está mal, pelo contrário, está muito bem! Depois da décima semana os batimentos serão audíveis com toda certeza.

Adele não falava de nenhuma possibilidade negativa. Era toda positividade e notícias boas.

Na tela aparecia apenas um tracinho branco que mal dava para identificar, mas que era um bebê saudável para seu tamanho. Vito segurava minha mão tão encantado quanto eu com aquele risquinho já mudando tantas coisas na nossa vida.

Depois de todas as recomendações da doutora e o encaminhamento para

um outro obstetra com mais especializações e exclusividade que ela, eu e ele seguimos para fora do consultório em direção ao nosso carro. De tão envolvidos um com o outro e nossa nova condição, nem percebemos que a gente não tinha contado para ninguém a grande novidade.

— Precisamos ligar para *Nonna*. — Vito declarou.

— Não. Precisamos ligar para meu padrinho e pedir que ele avise a *nonna*. Depois ligamos para minha mãe.

— Por que não avisar minha *nonna*?

— Porque ela vai perceber assim que atender o telefone. Esqueceu que ela tem sexto sentido para essas coisas? — Ele riu enquanto pegava o celular. Demorou só alguns segundos até Carlo atender.

— *Babbo*? Olá. Eu e Bea queremos chamar você para um jantar na casa nova. — Meu padrinho respondeu qualquer coisa que eu não consegui entender mesmo estando com o ouvido colado ao de Vito. — Sim. Se possível, leve a *zia Bianca* também. É algo especial.

Revirei os olhos. Só com aquela frase, ele teria entregado tudo para minha mãe. Depois de finalizar a ligação, Vito entrou no carro junto comigo. Dessa vez nós dois fizemos compras dignas no mercado e na hora de cozinhar, fizemos isso juntos. Sem direito a usar só roupas íntimas, infelizmente.

Pette andava de um lado para o outro, conhecendo a nova casa. O buscamos pela manhã, antes da consulta. Parecia saber que tinha um novo integrante para chegar na família, já que passava a cabeça em minha barriga sempre que conseguia alcançar.

Voltei a arrumar os talheres assim que ele desistiu de continuar se esfregando nas minhas pernas.

Separei as imagens da ultrassom em que só aparecia o nosso pequeno risquinho. Tirei cópias antes de colocar dentro dos pratos espalhados pela mesa da sala de jantar. Procuramos as louças novas de ocasiões especiais para usar. Vito e eu decidimos fazer um jantar completo com direito a risoto e salada e tudo aquilo que os restaurantes serviam.

Claro que entre a preparação, nós implicamos um com o outro atrasando ainda mais o serviço.

— O que acha da gente esconder um celular em algum lugar ideal para gravar tudo? — Vito sugeriu e passou a procurar no aparador algum canto para ter um bom ângulo. Faltavam alguns minutos para eles chegarem. Eu já estava pronta, usando um vestido florido e rodado de mangas compridas. Era só esperar

a família, mas meu futuro marido sempre queria aprontar alguma coisa.

Decidimos deixar o celular entre dois vasos decorativos com a câmera já ativada. A gente já estava nos degraus da escada, sentados e aguardando quem seria a primeira pessoa a chamar no portão.

Os três chegaram juntos. *Nonna* usando um casaco de lã típico de vó e focava em mim com aqueles olhos castanhos espertos como se conseguisse ver minha alma. Padrinho, como o bom homem que era, parecia aéreo com o que acontecia a sua volta achando que era só um jantar para inaugurar a casa. E *mamma* me sorria, aquele sorriso de lado de quem sabia que a cria aprontava alguma coisa.

Não demoramos muito enrolando eles, mas ainda assim fizemos questão de mostrar a sala de estar e a área externa pelas janelas.

— Bom, vamos jantar antes que a comida esfrie! — declarei caminhando para a sala de jantar.

Aguardei a reação de cada um enquanto me sentava no meu lugar fixo. A imagem da ultrassonografia dentro dos pratos e o jantar servido no meio da mesa. Nunca pensei exatamente em como contaria uma gravidez para minha família porque nunca tive total esperança de engravidar. Mas olhando para suas faces perplexas e para um Vito que ria descontroladamente do pai que não entendia exatamente o que estava acontecendo, eu percebi que aquele seria o meu jeito favorito mesmo em qualquer circunstância.

— Espera aí... — Carlo murmurou — Isso é... isso é meu neto?

— Sim, sim! Nosso neto! Eu não posso acreditar, minha querida, um *bambino*! — Minha mãe me abraçou calorosamente para depois acariciar minha barriga.

— Finalmente um bisneto! Pensei que eu morreria antes de segurar um deles! — *Nonna* também me abraçou.

Então chegou a vez do meu padrinho demonstrar o que estava sentindo. Seus olhos marejados como os do Vito quando tinha me contado sobre a gravidez. Primeiro ele segurou meu rosto entre as mãos, depois beijou minhas duas bochechas e me abraçou.

— Você vai continuar minha família, fragolina. Está gerando o próximo do meu nome! — Enquanto segurava minha cabeça contra o peito, ele continuava a falar. — Minha *Fiorella* ficaria tão feliz vendo vocês dois finalmente reconhecendo o que sentem um pelo outro e dando um passo tão importante como esse. — Senti que Vito também entrava naquele abraço

paternal. — Ela está muito feliz, olhando todos nós dessa forma.





41. Vende-se um Vestido de Noiva

***Motivo Quarenta e Um
para não casar:
não consigo me imaginar
em um vestido de noiva.***

Eu finalmente tinha entendido aquela magia que as noivas falavam sobre os vestidos de casamento. Da última vez que entrei naquele ateliê, foi algo tão rápido, no horário do almoço, só para escolher uma roupa para uma ocasião sem a importância de agora.

Olhei para a variedade de tecidos expostos e a decoração vintage. Um vestido vermelho estava em um manequim em posição de destaque com uma luz acesa bem acima dele. A seda reluzia, como uma linda obra de arte.

— *Ciao!* — Pietra Alessio saiu de sua sala e veio me cumprimentar. Suas assistentes, que flutuavam pelo ateliê, ficaram para trás enquanto ela me conduzia para dentro da sua sala.

Seguindo o que Netta e Francesca indicaram, eu fui atrás dela para criar um vestido totalmente novo e que fizesse o meu gosto. Pietra marcou um horário para mim quase que imediatamente. Já haviam se passado três dias desde o jantar de revelação. Agora Carmen e Francesca já sabiam do bebê, assim como alguns colegas de Vito.

Daqui três semanas e meia eu teria uma nova consulta para fazer um novo ultrassom e dessa vez a gente conseguiria ouvir os batimentos cardíacos! Estava ansiosa para esse momento, mas precisava me concentrar em Pietra. Um ataque cardíaco por vez.

— Quando disse no telefone que queria que eu desenhasse o seu vestido, fiquei muito feliz. Eu não costumo me dedicar muito ao ramo de noivas, mas as minhas vendas subiram bastante desde que você apareceu usando meu macacão. Tem sido mais do que positiva para o meu negócio, Bea, nada melhor do que eu retribuir com esforço.

Ela abriu uma gaveta da sua escrivaninha violeta berrante. Observando a decoração, que ainda seguia a linha vintage, eu percebi que o escritório dela

tinha muito da sua personalidade. Assim como eu, Pietra era gordinha e se dedicava a fazer roupas para mulheres do nosso tamanho. Ao comprar o macacão com ela, eu me senti completamente bem fazendo compras pela primeira vez na minha vida.

— Tenho alguns desenhos aqui — ela tirou uma pasta da gaveta e começou a espalhar algumas folhas diante de mim. — Mas preciso saber qual será seu tipo de casamento para conseguir selecionar melhor as opções.

— Em Capri, num hotel com vista para a praia.

— Mais alguma coisa?

— Sim. Eu estou grávida. Então imagine algo maior por aqui — Fiz referência a uma barriga de grávida diante do meu corpo. Pietra riu.

— Certo. Com quantos meses vocês estará? — Calculei de cabeça antes de responder. Depois de tantos aplicativos e vídeos assistidos, eu era quase uma profissional sobre idade gestacional.

— Por volta dos seis meses. — Ela segurou o queixo em uma mão parecendo pensativa por alguns instantes.

— Acho que consigo criar algo totalmente novo para você. Pode ficar de pé um instantinho? — A segui para frente do espelho. — Tire seu casaco. — A entreguei meu sobretudo vermelho e aguardei. — Pensei em algo como Jackie Kennedy na parte de cima do vestido. Com um tecido mais fosco, mas as mesmas mangas caídas e busto desenhado. Aqui — ela assinalou minha cintura — podemos colocar algo semelhante a um cinto com apliques que imitam conchas ou bolhas para dar mais evidência ao cenário do seu casamento. Seguiria com um tecido leve até os seus pés em um corte aberto fazendo sobreposição de duas cores com um branco e um azul bem claro para quando você se movimentar, parecer que temos algumas ondas sob seus pés. O que acha?

— Fantástico. — Eu podia me visualizar com algo como aquilo.

— Vou desenhar e te enviar. Aí você vê se aprova e nós começamos a criação.

Saí do ateliê com alguns esboços dentro da bolsa e toda aquela fagulha de satisfação brilhando sobre o meu corpo. Finalmente eu estava conseguindo resolver um dos problemas.

Parei diante de uma confeitaria quase louca com os doces da vitrine. Já era desejo de gravidez?

Decidi entrar para comprar uma caixa e olhei para os clientes sentados

em suas mesinhas. Logo reconheci uma cabeleira loira e um terninho cor-de-rosa.

Darla acenou para mim discretamente. Diante de si tinha um homem que eu reconheci como da parte de Marketing da Vision. Quase me senti ofendida ao perceber que minha antiga assistente tinha um gosto tão ruim.

Como eu era bem educada, acenei de volta e me aproximei.

— Darla, como vai? — Beijei suas bochechas antes de me virar para seu acompanhante. — *Ciao!* Tudo bem?

— Sim... — Ele respondeu um pouco sem graça. Na minha opinião, apesar do homem ser justo da escória da empresa, os dois faziam um casal muito bonito. E a loira tinha aquele brilho nos olhos de quem estava muito satisfeita com a própria companhia. — E você?

— Estou bem também.

— Deixa eu te apresentar o Felipe, ele trabalha na área de Marketing da empresa. — Ah, sim, eu sabia disso.— E está patrocinando meu desenvolvimento profissional na mesma área. Já participei de seis palestras e dois workshops. Em breve vou dar início a faculdade à distância! — Ela parecia ter tanto orgulho me contando aquelas coisas que uma parte de mim estava muito satisfeita por não ter a demitido prontamente.

Quanto a Felipe, parecia que nem todos os diretores de marketing eram tão ruins assim. Eu me sentia feliz por saber que Darla, mesmo continuando uma desmioladinha a procura de romance, tinha encontrado alguém que a suprisse em duas áreas importantes como a vida amorosa e a profissional. Assim como Vito fazia comigo...

— Fico muito feliz por você! É muito importante que se desenvolva e que a Vision ganhe mais um profissional desse ramo. Parabéns pelas conquistas. — A abracei. — Foi um prazer conhecê-lo, Felipe. Espero esbarrar mais vezes com os dois pela empresa.

Nos despedimos enquanto uma garçonete trazia minha caixa de doces.

Ao entrar no carro, fiquei parada por alguns instantes refletindo tudo o que tinha acontecido nos últimos dias. Desde meu noivado ao meu sentimento por Vito, então minha gravidez, a visita do meu pai, as conversas com *nonna*, os conselhos da minha mãe... Era como se eu tivesse percorrido um caminho que levaria anos em pouquíssimo tempo. E não estava cansada da maratona! Se for para desenvolvimento próprio, aceito mais três caminhos desse sem reclamar!

Ouvi o toque do meu celular e olhei para a tela antes de atender. Meu

padrinho estava me ligando. O que era quase comum depois da revelação da minha gravidez já que me ligava todos os dias perguntando como eu estava e passando todas as receitas e dicas que acumulou com minha madrinha durante a gravidez de Vito.

Atendi pelo carro para continuar dirigindo com segurança.

— Olá!

— *Bambina*, como está?

— Estou bem. E o senhor?

— Estou ótimo. Preciso almoçar com você e algumas pessoas importantes, amanhã. Pode guardar esse horário para mim?

— A prioridade da minha vida é agradar meu padrinho, não é mesmo? Pode deixar que amanhã almoçamos juntos. Onde prefere que seja? — Ele me passou o endereço. — Ótimo. Estarei lá.

— Se cuide, *fragolina*. E cuide do meu filho e do meu neto também.

— Pode deixar comigo. Até mais, padrinho. Amo você!

— Eu também amo você, filha.





42. Vende-se um Serviço Sujo

Motivo Quarenta e Dois
para não casar:
todo mundo sabe que
sogros são parentes
problemáticos.

Acho engraçado quando paro para analisar algumas relações entre os genros ou noras e seus respectivos sogros. Eu, se for para pensar direito no assunto, convivi desde sempre com os meus. Isso só podia significar sorte, afinal de contas, seguindo os estereótipos, minha relação com Carlo estava longe de ser uma inimizade. Então, acho que nós dois éramos exceção à maldita regra que alimentava relações tóxicas.

E isso era ótimo.

Cheguei ao restaurante depois de deixar Vito na Vision. Nós dois dividimos uma noite incrível depois que eu recebi o croqui de Pietra. Eu estava quase flutuando de tão satisfeita com todo o decorrer da minha vida.

Observei o interior do estabelecimento pelas janelas da fachada. Identifiquei meu padrinho sentado sozinho em uma mesa para quatro pessoas. Andei até o maitre baixinho de cabelos grisalhos e, assim que dei o sobrenome Bernadinelli, fui conduzida com um sorriso no rosto para onde era esperada.

Carlo usava um dos seus típicos ternos risca de giz. Eu ainda conseguia lembrar de quando era bem pequena e ele pedia para eu e Vito escolhermos uma gravata na sexta-feira. Bom, ele não usava mais as gravatas coloridas e de estampas divertidas, mas ainda era o mesmo padrinho participativo e gentil. O pai que eu achava que nunca teria.

— Boa tarde, meu bem. — Ele se levantou para beijar minhas bochechas e me abraçar. — Como está?

— Bem. E o senhor?

— Estou ótimo. Acredita que essa semana inteira, sua avó insistiu em pedir para minha empregada preparar refeições rigorosamente saudáveis seguindo o que ela definiu? Por isso fugi para cá, ou mais legumes e verduras

estariam me esperando quando chegasse em casa. — Eu ri.

— Típico. Ela já me ligou para passar todas as receitas e vitaminas que considera saudável para grávidas.

— Falando em gravidez: como anda meu neto e você nessa fase? — O garçom chegou com um suco para mim.

— Estamos bem. Eu não sinto enjoo, mas perdi a vontade de comer algumas coisas. Também parei de sentir tanto sono como antes. Se continuar tudo assim, não vou ver diferença entre estar ou não com um bebê na barriga. — Ele sorriu satisfeito.

— Pois bem. Qualquer emergência em que Vito não possa atender, me ligue imediatamente. Minha família é minha prioridade.

— A única reclamação é não poder beber nada alcoólico. Eu acho que vinho faria bem para o coração do bebê. — Olhei para o corredor entre as mesas observando o maitre acompanhar mais duas pessoas. Um homem e uma mulher extremamente bem vestidos que acenaram para Carlo tão logo o viram. — Quem são?

Olhei para meu padrinho que sorria por pura educação. Eu conhecia bem quando alguém o desagradava e aquelas pessoas haviam conquistado esse sentimento.

— Aqueles? Agnes DeRosa e Ferdinand Gatti. São responsáveis pelas criações da Eleganza.

— O senhor quer dizer: responsáveis pela mesmice da Eleganza que transformou a marca em algo semelhante a lingerie de lojas de departamentos? — Ele se surpreendeu.

— Bom, a partir de agora, quem julga a competência dos dois é você. — Eles se aproximaram enquanto eu já preparava o discurso de demissão.

Eu lembrava de quando a Eleganza era uma marca de renome pelas mãos da minha madrinha. Depois que ela adoeceu e se afastou três anos antes de falecer, eu e Vito observamos a empresa chegar a um padrão mediano devido aos administradores. Bem, agora ela seria minha e, como tudo o que era meu, voltaria a ser parte da nata das marcas de lingerie.

— Boa tarde. — Os dois cumprimentaram em uníssono.

Agnes parecia alguém que mirou em Miranda Presley e acertou em qualquer coisa genérica com uma vírgula da auto-confiança daquela personagem.

Já Ferdinand tinha a expressão arrogante de quem gostaria de disputar o

domínio da empresa comigo. Bom, ele não conhecia a Beatrice desafiada e, ao meu julgamento, não tinha culhões para lidar com ela.

— Meu padrinho me adiantou que os dois são os nomes por trás das peças da Eleganza nos últimos cinco anos. — O homem sorriu com prepotência antes de responder.

— Sim. E nós sabemos que a senhorita se casará com o senhor Vito, assumindo a empresa.

— Exatamente. Vocês devem ter visto minha entrevista para o *La Notte* em janeiro, então têm uma ideia da minha decisão sobre os produtos que são fabricados. Têm alguns croquis para me mostrar? — Eles se olharam entre si. Até que Agnes decidiu responder.

— Ferdinand não preparou nada novo.

— Não mesmo. E também não concordamos com sua ideia. — Senti a irritação tomar conta do meu padrinho ainda sentado ao meu lado e silenciosamente observando cada um dos argumentos.

— Eu, sinceramente, não lembro de ter debatido sobre isso com alguém. — comentei e fui interrompida por Ferdinand.

— Não debateu e por isso estamos dizendo que...

— Eu acho que não me fiz entender, Ferdinand. Eu não debati porque não preciso da opinião de terceiros.

— A senhorita precisa entender que a Eleganza possui um padrão. — Ergui as sobrancelhas desdenhosamente. Agnes não abria a boca parecendo nervosa com o rumo da conversa enquanto ele ainda tentava disputar um espaço comigo. Percebi imediatamente que ela era submissa ao ego do estilista e que esse era o jeito dele de conseguir fazer as coisas como bem entendesse.

Então ele teria uma surpresa porque de submissa eu não tinha uma só célula.

— Vejamos o padrão da Eleganza em sua era de ouro. Minha madrinha pessoalmente desenhava as peças de roupa e trazia desfiles em cada estação do ano para as novas coleções inspiradas em diversas culturas com diversas cores. Na época de minha Nonna, espartilhos e meias de variados estilos e estampas, inovando as lingeriees do século passado. Agora vamos comparar ao que o *senhor* tem proposto nos últimos anos. Lingeriees beges, brancas, pretas e ideais para serem vendidas em lojas de posto e supermercados. Nenhuma variável realmente revolucionária nos moldes e desenhos. Além de uma queda absurda de vendas e renome da empresa.

Fixei meus olhos nos seus percebendo pela primeira vez quando ele entendeu que não conseguiria me diminuir ou assustar.

— Eu estudei publicidade, Ferdinand. Sei dar ao mercado o que ele quer, sei fazer com que ache que precisa comprar o que estou vendendo e, acima de tudo, sei quando estou lidando com um incompetente.

O silêncio pairou sobre a mesa e eu observei o rosto de Carlo se iluminar enquanto me encarava.

Eu me sentia mais determinada do que nunca em recuperar a Eleganza e transformá-la na grande marca que foi um dia. E isso tinha muito a ver com o fato de que minha madrinha batalhava todos os dias para fazer aquela empresa crescer.

Eu tinha muitos exemplos de mulheres magníficas na minha vida. E ninguém sujava a memória de nenhuma delas.

— Ferdinand, é meu dever avisar que você está demitido. Agnes, você tem até quarta-feira para me entregar ao menos dez croquis com novas ideias para a próxima coleção da minha marca. — abri minha bolsa retirando um cartãozinho de lá. — Esses são meus contatos. Me envie os desenhos a qualquer hora do dia. Se você me demonstrar o empenho que eu vi escondido no fundo dos seus olhos, continuará com seu emprego. Agora, nos dê licença.

Me levantei sendo acompanhada do meu padrinho e deixei os dois estupefatos para trás.

O ar gelado na rua nos recebeu enquanto eu o olhava e ele ria orgulhoso.

Pela primeira vez em muitos anos, senti aquele gostinho de ter alguém cuidando de mim paternalmente e demonstrando sentimentos que um pai demonstraria. Ele me puxou para debaixo do seu braço enquanto me levava até outro restaurante. E durante todo o trajeto me tratou como aquilo que há muito tempo eu queria ser: uma filha.





43. Vende-se um Quadro

***Motivo Quarenta e Três
para não casar:
não preciso da aprovação
de ninguém.***

Assim que abri a porta do hall de entrada da cobertura, Pette veio correndo em minha direção para passar em meus pés. Havia caixas espalhadas por todos os lados onde a gente estava guardando o que seria levado para casa nova.

Peguei o gatinho no colo pensando no que eu poderia fazer enquanto Vito ainda não estava em casa.

Nem fui respondida, quando olhei para o corredor da cozinha, ele estava vindo me receber. Coloquei o bichano no chão e corri para abraçá-lo.

— Olá, meu amor! — Ele me girou entre seus braços. — Como foi na empresa hoje?

— Chato sem você. Mas vou ter que me acostumar, não é? Agora minha rainha terá seu próprio reino a ser comandado. — Eu sorri para em seguida beijá-lo.

— Eu já fiz meu primeiro serviço de CEO! Demiti Ferdinand, pressionei Agnes e deixei o padrinho orgulhoso. Minha marca de lingerie voltará para as passarelas muito em breve! — Vito também sorria e tirou aquele momento para salpicar beijos por todo o meu rosto.

Estava mais do que feliz ao perceber como nossa relação tinha evoluído. Eu o amava com tanta vontade que me perguntava como isso não tinha acontecido antes. Era tão fácil nutrir esse sentimento por ele. Mais do que fácil, na verdade era natural.

— É meu dever avisar que algumas coisas já estão sendo fixadas para que todos reconheçam seu lugar ao meu lado. Começando pelo quadro... — Ele me colocou no chão e eu esperei sua reação com o que tinha aprontado.

Quando soube que precisaria colocar uma foto minha ao lado das fotografias do Vito, Carlo, *nonna* e Fiorella, eu fui atrás de algo que merecesse

destaque e fosse bonito o suficiente para competir com um Vito de terno analisando documentos, uma Gaia mais jovem conversando com outras mulheres, um Carlo dando a mão a um Vito com cinco anos em uma das fábricas e dona Fiorella sorrindo para a câmera com as jóias da família e seus olhos azuis reluzindo.

Então pensei no que demonstraria minha personalidade com muita criatividade e lembrei de uma foto da Monique Chevalier degustando uma taça de vinho. Pensei comigo mesma e disse um sonoro "Por que não?" para minha insegurança inicial.

Com um coque bem penteado, uma blusa social preta com transparência, maquiagem bem feita e usando os brincos que eu tinha ganhado do padrinho há um bom tempo, um fotógrafo oficial tirou meu retrato de perfil provando um pouco de vinho em uma taça com o logotipo da Vision.

— E o que achou?

— Bom, ninguém vai entender porque corri para casa depois de ver a foto sendo pendurada no saguão principal. Mas deixa eu te adiantar... — Ele aproximou a boca do meu ouvido enquanto me puxava lentamente em direção aos quartos — A expressão que você faz quando está degustando vinho é a mesma que faz quando está degustando outra coisa.

Um arrepio correu pela minha pele enquanto eu me inclinava em sua direção inebriada com o que ele falava usando aquela voz rouca de quem ia gastar o restante do dia e parte da noite fazendo o que não era próprio para a visão de outras pessoas.

— Sério? Degustando o que? — Vito riu maliciosamente.

— Vem cá comigo que eu vou te mostrar. — A porta do quarto surgiu atrás dele quase imediatamente. Sua mão deslizou para a maçaneta me puxando para dentro não só daquele cômodo, mas de toda aquela aura que sempre conseguia invocar.

Senti o lençol nas minhas costas, enquanto os beijos molhados no meu pescoço tirava a minha consciência. Vito respirava espalhando aquela ar quente pela minha nuca enquanto se encaixava entre minhas pernas. Eu puxei seus cabelos movimentando os quadris contra ele ansiosa para o que viria a seguir.

Senti quando seu paletó sumiu e, graças a Deus, ele não usava gravata. Se não fosse a necessidade de sentir sua pele, eu teria me atrapalhado com os malditos botões.

Vito rasgou a meia-calça que eu usava, mais uma para o clube das outras

treze que tiveram o mesmo fim. Ele tinha a habilidade de apenas jogar minha calcinha pro lado e se divertir o máximo que pudesse sem que ela atrapalhasse. Seus dedos foram parar na minha vagina, separando as dobras, me abrindo o máximo para ele. Suas mãos empurraram meus joelhos me deixando exposta enquanto meu noivo deixava de beijar minha boca e descia a trilha até onde tinha acabado de descobrir.

— Que tal fotografar a cara que eu faço quando provo você e colocar no saguão da nossa empresa, huh? — Olhando para baixo, tudo o que eu conseguia ver eram os olhos azuis daquele homem fixos nos meus enquanto ele metia um dedo para dentro de mim e usava a língua em meu clitóris.

Vito não tinha nojo, provava como se tivesse degustando o mais saboroso dos vinhos. Metia a boca, a língua. Usava os dentes no momento necessário. Minhas pernas tremiam e eu trancava o maxilar para prolongar a sensação que mexia com todo o meu corpo.

Senti o lençol se soltar da cama com tanta força que eu puxei e ergui o corpo totalmente extasiada com aquela sensação.

— Sim! Sim! Ah, Vito, me fode! — Ele começou a subir novamente. Com um movimento preciso, me virou de bruços na cama deitando sobre mim enquanto beijava minhas costas. Usou dois travesseiros embaixo da minha barriga para me deixar mais empinada.

Ouvi quando suas calças foram jogadas para o lado. Vito tirou minha calcinha do seu caminho mais uma vez, mas não antes de colocar o pau por dentro dela e esfregar em mim contra minha bunda.

Eu ainda segurava os lençóis entre as mãos, me sentindo subir a montanha russa do prazer outra vez.

Ele desistiu de só brincar na entrada do parque e meteu de uma só vez enquanto brincava com meu clitóris.

— Uh, isso é tão bom! — Rebolei contra ele adorando a sensação de ser completamente preenchida — Deixa eu montar em você, amor. Por favor...

— Espera. — Continuava metendo em movimento de vai e vem que quase me fizeram desistir do que eu estava com vontade de fazer. Até que senti seu joelho contra o meu me ajudando a mudar de posição na cama. Ele se deitou com a barriga para cima me deixando ajoelhada por cima dele. — Pronto.

Sentia as mãos dele nas minhas costas enquanto eu subia e descia. Tirei minha própria blusa sentindo seus lábios contra a minha pele enquanto eu continuava me movimentando. Vito cheirava, mordida, lambia.

As mãos invadindo meu sutiã e acariciando meus mamilos enquanto eu contraía meus músculos internos o sentindo cada vez mais justo contra mim.

A cada momento o prazer tomava conta do meu corpo, distribuindo espasmos e arrepios por toda a minha pele.

— Vito...

— Fala, *amore mio*. — Sua voz soprou contra meu ouvido me fazendo deitar a cabeça em sua direção.

— Eu vou gozar. — Senti seus dedos segurarem meus cabelos e jogar para o lado. A boca no meu pescoço enquanto ele dobrava as pernas me oferecendo seus joelhos para eu me apoiar. Coloquei as mãos nos dois como uma ajuda para continuar com os movimentos.

— Então goza comigo, *fiore*. Vem. — Eu não precisava ser convidada duas vezes. A explosão foi tão grande que eu demorei bons segundos antes de voltar a si.

E quando voltei, estava deitada sob um Vito que acariciava meu queixo usando a ponta dos dedos e me encarava com os olhos enegrecidos de prazer.

Ele afastou uns fios da minha bochecha antes de me beijar. Menos selvagem do que no corredor, mas igualmente inebriante. Quando nos afastamos, continuou beijando minha boca, bochechas e queixo.

— Você é tão bonita. Eu sou tão sortudo por te ter comigo. — Sorri para ele tocando seu rosto.

— Eu sou igualmente sortuda de ter você comigo. Eu te amo, Vito.

Sua mão desceu até me ventre enquanto ele olhava para baixo como se pudesse ver a criança que crescia ali dentro. Eu nunca me esqueceria daquela cena. De quando Vito, com toda a gentileza possível depois de a gente ter feito amor, se abaixou mais uma vez e beijou minha barriga.

— Eu amo vocês dois.





44. Vende-se uma Terapeuta

**Motivo Quarenta e
Quatro para não casar:**
*não consigo falar com
tranquilidade sobre meus
sentimentos.*

Sigmund Freud falava sobre muitas coisas. A principal delas: psicanálise. Foi ele o responsável por definir a libido como a energia motivacional dos humanos. Mas, além de tudo isso, Freud falou sobre duas coisas que eu guardei especialmente em meu coração.

Ele dizia que o nosso caráter é formado pelas pessoas que escolhemos para conviver. Além disso, também falava que devíamos olhar para dentro de nós mesmos para nos conhecer.

Era uma sexta-feira. Exatamente uma semana e meia após a descoberta da minha gravidez. Muitas coisas tinham acontecido. Entre elas estavam a minha aprovação para os croquis produzidos por Agnes, a mudança definitiva para a casa nova e minha consulta de revisão com a doutora Fiorella.

Estava entre o trânsito catastrófico de Roma, carros passando para todos os lados e eu parada no sinal. Vito estava na Vision, como tinha se tornado costume, e eu estava indo para mais um compromisso que não o incluía.

Depois de muito tempo, me sentia com total segurança dentro da vida que estava levando. Olhei para meu dedo anelar esquerdo sobre o volante vendo a turmalina reluzir contra a luz do sol. Realmente, era uma total segurança. Mesmo estando grávida, noiva, deixando aos poucos meu emprego de assistente e assumindo coisa que eu nunca esperaria assumir.

Claro, todas as últimas coisas não estavam inclusas no meu projeto de trinta anos, mas ainda assim, eram mais do que bem-vindas.

Sorri ao me lembrar de Vito colocando alguns móveis no lugar na casa nova e em como Pette já tinha se adaptado. Minha vida realmente seguiu um atalho inesperado, mas você já parou para pensar que as melhores coisas que nos acontecem, a gente não planeja?

Continuei andando com o carro pelas ruas movimentadas, observando os

pontos principais que eu mais gostava na cidade. Logo avistei o prédio antigo onde ficava o consultório da terapeuta.

Estacionei em uma das vagas para clientes que ficavam na rua, desci do carro verificando se o alarme estava acionado e andei rapidamente para dentro da recepção.

Minha calça branca esvoaçava com meus passos. Mais um dos designs de Pietra que havia me abençoado com diversas novas criações.

Eu finalmente me sentia a futura senhora Bernadinelli. E nem era só porque estava amando Vito, mas sim porque tudo agora tinha um toque também meu. Era como se a família fizesse questão de me encaixar em cada uma das suas atividades me nomeando como um membro.

Mais uma vez, Freud estava certo. Eu estava cercada por pessoas boas e isso me fazia me sentir bem comigo mesma, com a minha personalidade.

— Bom dia, eu tenho uma consulta marcada com a doutora...

— Beatrice? — ouvi a voz de Fiorella atrás de mim. Me virei lentamente encontrando a mulher morena, baixinha e de feição simpática.

— Obrigada — sussurrei para a recepcionista e fui até a terapeuta.

— Pronta para mais uma consulta? — Balancei a cabeça positivamente e passei pelas portas duplas que levavam à sua sala.

O segundo andar era um SPA onde as terapias aconteciam depois das conversas longas.

E no terceiro, aquela que eu apelidei de "sala dos gritos". Toda isolada acusticamente, é onde os pacientes socam e chutam travesseiros e colchões além de gritar suas frustrações.

Foi para lá que eu fui no início do tratamento. Socos, chutes, gritos e choros que me fizeram liberar toda a carga emocional que segurava dentro de mim.

— Bom. Por onde você quer começar hoje? — Respirei fundo e sorri.

— Eu estou grávida.

A doutora tinha um jeito quase inexpressivo de lidar com as minhas notícias. Eu entendia que era parte do seu profissionalismo. Só que Fiorella tinha uma personalidade acolhedora. Era como se não reagisse ao que eu estava falando, mas mesmo assim tivesse interesse em continuar ouvindo.

— E como você encara essa nova fase? — Segurei os braços da cadeira.

— Bem. Eu achei que seria muito fria ao lidar com uma gravidez, achava

que não tinha essa coisa de amor materno dentro de mim. Mas eu tenho. Foi incrível ter essa percepção. E minha gravidez tem sido muito tranquila também.

— Isso é ótimo. Mas, vamos falar sobre o assunto principal também. A gravidez ligada ao casamento. Se você não estivesse grávida, como encararia o fato de que você vai se casar dentro de alguns meses?

— Eu não tenho mais medo. De todo o coração, eu confio completamente que meu casamento com Vito tem tudo para dar certo. Também tenho total certeza dos meus sentimentos por ele e sei que é recíproco. — Fiorella sorriu com minha resposta enquanto anotava no seu bloquinho.

— Agora, você consegue imaginar se casando com outra pessoa que despertasse sentimentos parecidos com os que o Vito desperta em você?

Parei para pensar. Casar com outra pessoa significaria não viver mais as coisas que eu vivia com Vito? Não ter essa segurança sobre sentimentos que ele me oferecia? Franzi o cenho olhando para as minhas mãos sobre meu colo.

Não.

Casar com outra pessoa significaria ter sentimentos semelhantes, uma vida semelhante com ocasiões semelhantes. Mas sem o Vito.

— Eu até consigo imaginar, mas prefiro essa perspectiva quando imagino com ele. — Ela anotou mais uma vez.

— Bea, é meu dever informar que a parte principal da terapia já se passou. O que você precisa é de um acompanhamento mais leve que te ajude a superar ocasiões difíceis sem que você desconte no seu corpo provocando tantas tensões. — Fiorella me estendeu um novo cronograma de exercícios de relaxamento. — Os que estão marcados em vermelho não podem ser feitos durante sua gestação. Por isso fique atenta em fazer apenas os que estão marcados em azul. Suas massagens deixam de ser semanais para serem quinzenais e em breve mensais ou trimensais.

Concordei olhando para a lista diante de mim com dicas de alimentação e tudo o que era necessário.

— Preciso informar que os seus resultados são surpreendentes para uma paciente tão recente e que fico muito feliz em poder observar de perto sua melhora. Também quero te falar que existem alguns problemas que não são possíveis de se resolver imediatamente, Beatrice, e que eles não devem interferir em nossas vidas se não for algo urgente. Então, o certo a se fazer, é colocar algumas coisas em uma gaveta e aguardar até que a solução apareça. Viva a vida com o máximo de leveza que conseguir. Te vejo daqui um mês, agora vá para

sua sessão de massagem.





45.1. Italiano Vendido

Motivo número Nove para amar Beatrice:
ela é a melhor noiva desse mundo.

Há uma tradição italiana a respeito de casamentos... Uma não, seria um eufemismo. Há várias tradições italianas sobre casamento, porque o objetivo do italiano parece que é se casar. Mas têm uma especialmente sobre o fato de que os noivos não devem se ver durante o dia anterior a cerimônia a partir de meia noite.

E, estaria tudo bem em não ver Beatrice, se eu não pudesse ouvi-la. No quarto ao lado, ela, Carmen, Francesca, Netta, dona Bianca e até *nonna* Gaia promoviam uma noite das meninas. Eu conseguia ouvir risos, conversas entrecortadas e até xingamentos de vez em quando.

Era verão, o calor estava tão insuportável que eu agradeço por ela ter decidido que nosso casamento seria em Capri. Na manhã de sexta, nós dois embarcamos para a ilha. O que foi uma péssima ideia já que ela se sentiu enjoada com o barco e curtiu muito pouco nosso passeio antes de a gente se separar pelo período tradicional.

Ela estava linda, a barriga já apontava e o bebê já mexia sempre que eu pousava a mão em seu ventre. Eu tinha a impressão que ela já sabia se era um menino ou menina. Só que guardava segredo. E guardava tão bem que nem mesmo a *nonna* conseguia descobrir.

O que já era outro fato engraçado porque ela aprontava todos os tipos de testes possíveis para tentar identificar o sexo do bebê sem a permissão da Bea. O teste do garfo e da colher, o formato da barriga e até chamar pessoas com filhos bebês para ver qual das crianças, menino ou menina, tinha mais afinidade com Beatrice. O resultado? Empate. Não adiantou de nada. A gente sabia que não eram gêmeos, então as tentativas da minha avó foram desnecessárias.

De qualquer forma, os meses haviam se passado, nosso casamento aconteceria de manhã e eu não conseguia dormir.

Meu pai fazia questão de seguir cada uma das tradições, arrumando até um carro antigo para levar Bea para a igreja. As portas do hotel que havia sido

reservado para a festa estavam enfeitadas com fitas brancas assim como as antenas de todos os veículos que seriam usados naquele dia.

Bea havia levado os sapatos que eu tinha lhe dado de presente de natal, o véu reformado da *nonna*, pegou emprestado as jóias da família e o vestido era totalmente novo. Meu pai também havia prometido o presente, o que era mais do que importante. Algo azul, algo antigo, algo emprestado e algo novo.

Enfim. Agora, o próximo passo dependia de mim. E eu estava deitado olhando para o teto.

Precisava arranjar o buquê da minha noiva. O que não sabiam é que eu já tinha feito isso anteriormente.

Bea sempre foi apaixonada por *Risotto alla Millanese*. Nós dois éramos muito pequenos quando ela definiu esse prato como seu favorito. Então, minha mãe resolveu plantar açafrão para ter sempre disponível o tempero principal daquela receita. Eu lembrava de quando a gente ajudava *zia* Bianca e *mamma* na horta e das flores de açafrão que brotavam.

Pedi que fizessem um buquê bem arrumado com elas em uma floricultura próxima e *nonna* seria a encarregada de entregar a Bea. Esse seria o papel da minha mãe, mas ela já não estava mais aqui. Ao menos não fisicamente. Porém, com *nonna* entregando, ainda ficaria o simbolismo da aprovação da família com minha noiva.

Como Bea me adiantou que planejava usar flores na cabeça, pedi que também fizessem uma grinalda com rosas brancas e as flores de açafrão.

Percebi quando o dia começou a surgir e ouvi o barulho das portas sendo abertas. Minhas tias e tios também estavam no hotel assim como meus primos e suas esposas. Vários amigos íntimos também estavam por lá, assim como os familiares da parte da minha mãe. Aquela hora do dia eles estavam preparando parte do banquete que seria servido no casamento.

Eu só conseguia pensar no tanto de massa folhada que seria gasta na torta devido o grande número de convidados. Afinal de contas, o prato principal era aquele que eu e Beatrice iríamos dividir entre todos.

Me sentei na cama olhando lá para fora. Eu mal conseguia acreditar no que estava prestes a acontecer.

Realmente iria me casar com a mulher que eu esperei por toda minha vida. E, melhor que isso, ela não ia entrar arrastada, gritando, esperneando ou forçada na igreja. Nos últimos dias, estava mais ansiosa do que qualquer um com a cerimônia.

Resolvi mudar um pouco do foco e peguei a caixa de veludo dentro do criado-mudo só para ter certeza de que as alianças estavam ali dentro. A menor tinha várias pedrinhas numa linha que passava por toda a circunferência. E a minha era mais larga com a linha na mesma direção, só que sem detalhes a mais.

Eu ainda conseguia ouvir o que ela falou no dia que entramos na joalheria para escolher os anéis.

— Se meus dedos incharem, eu passo azeite só para essa belezinha se encaixar perfeitamente. — Por sorte, ela não estava tendo tantos problemas de retenção. A gravidez corria tão tranquila que se não fosse pela barriga redonda, nós dois teríamos dúvidas se realmente tinha um bebê lá dentro do seu útero.

Nem ousei colocar a aliança no dedo ou qualquer coisa assim. Afinal, eu ainda conseguia ouvir nonna gritando no meu ouvido todos os tipos de coisas que davam azar. Depois da maré de sorte, eu não ousaria tentar brincar com meu destino.

Fui para a varanda do meu quarto sentindo a brisa do mar no rosto e ouvi o sussurro na varanda ao lado:

— Ele está aqui fora! — uma sinfonia de passos surgiu enquanto todas elas corriam para dentro. E eu sabia, sentia no fundo do coração que Beatrice fazia parte delas.

Não olhei que era para não ser culpado de qualquer coisa ruim que viesse a acontecer.

Ouvi batidas na porta do meu quarto e fui atender para tirar aquele quase encontro da mente e aliviar um pouco da ansiedade. Por que é que eu deixei na mão dessa mulher uma cerimônia de casamento?

Bea podia ser linda, elegante, o ser mais gentil e simpático que eu conheço, com aquela vírgula de independência e perfeita para mim. Mas ela nunca poderia ser considerada uma pessoa simples. Obviamente, seu casamento também não seria.

Finalmente senti o preço de uma noite não dormida pousando nas minhas costas quase me arrastando para a cama. Depois da despedida de solteiro que meus primos e amigos levaram, eu deveria capotar no leito. Claro que tudo não passou de bebedeira e ver mulheres dançando.

Quando o Júnior tem dona, só levanta quando ela manda. Então nem adiantava tentar. Custou demais conquistar Beatrice para colocar tudo a perder por um rabo de saia.

Abri a porta do quarto e encontrei meu pai com a pose que eu não

esperava: a de negociador.

— Precisamos conversar.





45. Vende-se uma Noiva

*Motivo Quarenta e Cinco
para não casar:
eu odeio passar por
momento onde sou o foco
principal.*

Se eu soubesse que Netta era um terço da pessoa exigente que estava na minha frente, eu teria a afogado na piscina na primeira oportunidade.

Mas eu não fiz isso, então agora ela estava parada com um secador e uma escova em mãos enquanto me lançava um olhar maníaco. Bem, o olhar não estava em mim, na verdade. Estava no meu cabelo.

— Se ele não ficar suficiente escorrido, as ondas do babyliiss não vão ficar perfeitas. Você entende quão sério isso é? — Não, eu não entendia. Mas, por segurança, era melhor dizer que sim.

Já estava quase totalmente de manhã, mesmo que todos tivessem acordado com o primeiro raio de sol. Eu não via Vito há um longo dia e estava nervosa com tudo. Ele estava ao quarto ao lado, mas minhas acompanhantes eram tão barulhentas que raramente eu conseguia ouvir um passo ou qualquer ruído que me dissesse que ele estava ali.

Claro que eu fiquei acordada esperando quando a porta dele seria aberta depois da despedida de solteiro. E foi até que cedo se comparar com o tempo que ele ficava em festas antes de noivar comigo.

Daí então eu pude dormir tranquila. Até ser acordada por todos os ruídos possíveis a minha volta com a multidão animada por estar, finalmente, me casando com Vito.

Consegui escapar para a varanda por alguns segundos, mas logo todas elas vieram atrás de mim. A única que não estava por ali era *nonna* Gaia que foi resolver o que pudesse para a cerimônia.

Meu sossego com o sol durou poucos segundos porque Francesca logo sussurrou que Vito estava ali do lado.

Eu fui arrastada para dentro sem conseguir ver nenhuma partezinha dele.

Não sabia se isso era totalmente sorte.

— Netta, sinceramente, acho que já está liso o suficiente. Você pode começar com os cachos. — Ela suspirou e pegou o babyliss começando pela parte de trás da minha cabeça.

— Sabe? Se a gente tivesse se entendido há muito tempo, eu já teria treinado diversos penteados no seu cabelo e hoje saberia exatamente como fazer para tudo ficar perfeito. — Eu sorri olhando minhas mãos diante da minha barriga volumosa que apontava contra meu robe de seda. Quando eu estava sentada, ela parecia maior.

— Acho que isso vai entrar para lista de coisas que perdemos a chance de fazer por ficar nos vendo como rivais no lugar de nos vermos como boas amigas. — Olhei para ela pelo espelho da penteadeira — Nós damos uma boa dupla!

— Damos sim!

Netta estava recebendo um destaque digno nos últimos meses. Depois de começar a trabalhar a imagem do escritório de advocacia do Pietro, as coisas tinham deslanchado e ela já havia concedido algumas entrevistas. Quanto a vida pessoal, ela e o advogado estavam namorando. E, vendo o número de mensagens que trocavam por dia mesmo estando no mesmo hotel, estavam muito bem!

— Aquelas garotas do colegial eram verdadeiros porres. E, se eu soubesse como você é legal, já tinha feito amizade contigo lá atrás!

— Não posso reclamar das minhas amizades do colegial porque elas se resumiam ao Vito, mas você seria uma boa terceira integrante do grupo. O terceiro mosqueteiro!

Ainda demorou alguns minutos para ela terminar meu cabelo. Carmen e Francesca apareceram para me ajudar com a maquiagem enquanto Pietra trazia o vestido. Um fotógrafo capturou todos os detalhes da minha arrumação. Até *nonna* Gaia chegar.

Ela trazia um buquê de flores de açafão e uma grinalda de rosas brancas e as mesmas flores roxas. Tudo delicadamente enviado por Vito.

— Preciso ficar sozinha com minha neta por alguns minutos. Se importam? — Todos saíram do quarto me deixando com ela. E se tivessem se importado, não afetou em nada minha *nonna*, ela não estava ligando para isso. Seus cabelos brancos estavam penteados em um coque elegante. Usava uma maquiagem apropriada para sua idade e um bonito vestido azul.

— Me ajuda a colocar o véu? — Sua cabeça balançou positivamente enquanto eu pegava o algo antigo da tradição. Demoramos um pouco para achar

a posição correta e colocando a grinalda, mas logo estava tudo no devido lugar.

— Você está linda. — Suas mãos emolduravam meu rosto gentilmente.
— A noiva mais bonita que já vi.

— Obrigada. — A peguei pela mão enquanto a levava até a cama e me sentava ao seu lado. — O que a senhora quer falar comigo?

— Quero te conceder uma opção. Seu padrinho está tendo a mesma conversa com Vito nesse exato momento. Eu não sabia do contrato, querida. Meu filho ainda faz travessuras mesmo tendo toda essa idade e não me consultou sobre isso. — Me senti envergonhada por também não ter falado nada daquilo com ela. — A culpa não é sua. Nem do seu noivo. A culpa é unicamente do meu filho. Por isso o pedi para revogar o contrato.

Prendi a respiração.

— Mas... Não. — Ela colocou uma mão em minha bochecha gentilmente.

— Não é que não aprovamos você, querida. Afinal, eu trouxe o buquê de flores que Vito mandou. Eu ficaria mais do que honrada de poder te chamar oficialmente de minha neta. Mas casada com um Bernadinelli ou não, você sempre será minha *nipote*. E, como todo neto meu, eu quero que você seja feliz e se case pelos motivos certos. Sempre que eu via os dois, você e Vito, brincando juntos na Villa, eu sentia que estavam ligados de maneira irremediável. Sabia que tinham um elo que ninguém seria capaz de quebrar. — Ela parou por um segundo para recuperar o fôlego e eu tentava não chorar para não borrar a maquiagem.

Era óbvio que eu iria me casar com Vito com contrato ou sem!

— Se você se sente pressionada por um contrato a se casar com meu neto, então está livre dele. Poderá seguir com sua vida, deixar de se casar e tudo mais. Claro, agora há o bebê para ser considerado, mas nós estamos vivendo um novo tempo, Bea, e podem criar um filho separados.

— Mas *nonna*... Eu amo o Vito! De todo o meu coração! — Nonna sorriu para mim.

— Então faça o que achar melhor. Não fique nervosa, meu bem, para não acontecer nada. Eu só fiz isso para deixar vocês escolherem livremente se querem casar mesmo ou não. Façam isso por amor.

A abracei. Eu, ela e minha barriga no meio.

Nonna podia não saber, mas fazendo aquilo por mim estava me deixando ainda mais disposta a entrar na igreja.

Porque se antes eu sabia que amava Vito, agora eu tinha total certeza.





46. Vende-se um Casamento

*Motivo Quarenta e Seis
para não casar:
não consigo me imaginar
atravessando o corredor
da igreja.*

De depois que *Nonna* saiu, *Pietra* entrou para terminar de ajustar meu vestido.

Minha barriga de grávida quase se perdia naquela profusão de tecidos, mas era só me movimentar que ela surgia novamente como se dissesse "estou aqui, mamãe".

Pensei na surpresa que eu tinha montado para Vito na nova Suíte d'Oro envolvendo o serzinho cheio de luz que crescia em meu útero. Se ele me esperasse no altar.

De repente fiquei angustiada ao pensar que ele poderia não aparecer. Que quem desistiria seria ele, que talvez quisesse permanecer solteiro. Mas depois de um tempinho, lembrei que estava falando sobre Vito. O cara que esperou por mim desde a nossa adolescência. Ele não faria isso comigo.

Pelo contrário! Poderia estar achando que eu faria!

Como *nonna* Gaia disse, meu padrinho e Vito conversaram sobre o mesmo assunto que nós duas.

Eu conseguia ouvir todos os ruídos se esvaindo pelo hotel, o que dizia que ele podia já ter ido.

Meu Deus, eu não poderia demorar! Nada de atraso para a noiva dessa vez!

Abri a porta do quarto deixando minhas damas de honra e madrinhas boquiabertas.

— Você está linda! — *Carmen* adiantou em dizer, mas a última coisa que eu me preocupava naquele momento era minha aparência.

— Vito já foi? — O sorriso dela sumiu assim que terminei de perguntar.

— Sim. Por quê? — Eu não respondi, apenas comecei a passar por elas no corredor indo atrás do meu padrinho.

Ele me esperava aos pés da escada que levava para o térreo do hotel. Havia decoração para todos os lados com laços brancos e flores. Mas eu só conseguia pensar em meu noivo. Em mostrar que eu não tinha desistido de nada.

De repente senti uma irritação quase profunda. Por que falarem agora com a gente sobre a possibilidade de jogar tudo pelos ares? Se tivessem falado antes, eu conseguiria tranquilizá-lo demonstrando que independente da situação, queria me casar com ele!

— Olá, querida! Já está pronta? — Carlo consultou o relógio de pulso e franziu o cenho. — Estranho.

— Não tanto. Seu filho vai usar cada minuto para pensar em uma possível desistência da minha parte e não quero que ele se torture. — Meu padrinho sorriu oferecendo o braço para mim.

Netta nos interceptou.

— Bea, você esqueceu o buquê! — Ela me entregou o ramalhete de flores de açafrão.

Eu ainda não tinha entendido completamente porque Vito havia mandado justo aquelas para mim, mas foi como invocar memórias da nossa infância. Os dois sujos de terra, na horta, cuidando dos temperos e das flores que a pequena plantação de açafrão nos fornecia. Sorri.

— Obrigada, Netta!

— Você é bem útil, na verdade. Parabéns por não ser como sua família. — Olhei para meu padrinho sabendo que aquilo era o máximo de elogio que ele faria para ela.

— Obrigada. Eu acho... — murmurou passando pela gente e se encontrando com Pietro que a aguardava na porta.

— Agora, se não se importam, convidados na frente. Mesmo que a noiva não queira se atrasar, não vou permitir que ela chegue na frente de todos vocês.

As pessoas sumiram pelas portas principais deixando o hotel vazio, só comigo, meu padrinho e toda a equipe de organizadores.

Eu ainda sentia a onda de nervosismo subindo pela minha coluna. Serzinho também sentiu, se mexeu me fazendo lembrar de sua existência e do cuidado que eu teria que ter com o papai.

Coloquei minha mão na minha barriga.

— Vai ficar tudo bem. Ficar nervosa é natural em um casamento. Ainda mais quando é o nosso casamento. — Apoiei a mão livre no sofá e usei o exercício de respiração que eu tinha aprendido nas terapias.

— Beatrice... — Olhei sobre o ombro para Carlo. — Acho que preciso conversar com você antes de te levar para a igreja.

— Ah, jura!? — Fechei os olhos respirando mais uma vez. — Muito bem. Então vamos lá.

— Eu acho que devo explicar porque fiz o que fiz, certo?

— Certíssimo. Comece. — Ele deu um sorriso pequeno enquanto se escorou contra um aparador.

— Eu sou pai, Bea. E, como você mesma me disse quando me convidou para levá-la até o altar, eu também sou o seu pai. — Sorri ao lembrar de como o desafiei na sala de recepção do escritório do meu noivo. — Passei muitos anos da minha vida negociando coisas. Desde fazendas à ações até quem daria banho no Vito quando ele nasceu. Acredite, eu negociava até com Fiorella. — Sua expressão parecia saudosa e eu resolvi melhorar meu temperamento. — Ela me fez prometer uma coisa: que eu ia me esforçar para fazer nosso filho feliz. Me esforcei. O máximo que consegui. Mas eu sempre soube que desde a adolescência ele era apaixonado por você. E de alguma forma, a felicidade dele estava ligada à esse sentimento. Meu filho sempre foi muito dedicado quando você estava em jogo. Sabe o laptop que eu e sua madrinha te demos de presente em um dos seus aniversários?

— Sei.

— Foi ideia de Vito. — Claro! Ele era o único que sabia dos meus ataques de raiva na sala do grêmio. — Sabe quando você passou na faculdade e eu comprei todos os principais livros que você iria precisar?

— Lembro disso.

— Vito fez a listagem. — Listagem essa que ele só conseguiria entrando em contato com meus professores. — E quando você terminou com Raoul pelos motivos que vocês dois sabem e eu também sabia, aí você foi morar no prédio onde Vito também morava porque eu sugeri?

— Sim.

— Foi ele quem pediu, para cuidar melhor de você e restringir a aproximação do seu ex.

Meu coração transbordava de tanto amor e gratidão. Olhei para porta querendo correr para igreja, agarrar aquele homem e beijar com ou sem a

permissão do padre!

— Eu não preciso barganhar com você para ir se casar com Vito, *fragolina*. Mas preciso explicar porque barganhei para colocar vocês dois nessa situação. Você ama o Vito e ele a ama de volta. E eu sei identificar quando um negócio é produtivo e precisa só de um empurrão. Se eu achasse só por um instante que vocês dois não seriam capazes de viver o que vivem agora, eu teria desfeito tudo há tempos, mas tudo ocorreu exatamente como eu planejava. Então continuei minha negociação. Você pode me desculpar por isso?

Sem esperar por mais um segundo, eu o abracei.

— Muito obrigada por ter feito o que fez. De um jeito torto, você deu o melhor presente que eu já ganhei. — Nós ainda permanecemos abraçados por um tempo antes da cerimônia voltar a ser minha preocupação. — Agora me leva para igreja ou eu vou retirar meus agradecimentos.

Um carro antigo nos esperava na porta do hotel. Ele me ajudou a me sentar no banco de trás antes de ir para o de motorista e começar a guiar.

As pessoas em volta acenavam enquanto Carlo buzina para animá-los. Crianças nos seguiam correndo e jogando arroz. Eu estava maravilhada demais para realmente reagir.

Entendi pela primeira vez como todas as noivas se sentiam e consegui ser justa com elas. Desde Magda até a mais reles das noivas que eu tive contato. Aquele brilho e sensação de ter alguém nos esperando para dividir uma vida inteira eram tão bons!

Na entrada da igreja, vi as flores e laços, os convidados amontoados devido a pequenês do lugar e os rostos conhecidos que me aguardavam.

Era uma capela medieval em um castelo histórico da região. Com direito a um piano de cauda, um padre para celebrar a missa de domingo e muita proximidade.

Meu padrinho saiu do carro e deu a volta para me ajudar a descer. Fui a noiva mais pontual de toda a Itália. Todas as outras podiam atrasar, mas não essa. Eu não tinha tempo a perder.

Ele me ajudou a subir as escadas principais e, pela primeira vez em toda minha gravidez, me senti realmente pesada. Deus, que a sensação fosse momentânea!

Todos assumiram os seus lugares, Mia era minha daminha assim como os filhos dos primos de Vito.

Enlacei meu braço ao de Carlo e sorri para ele.

— É agora. — murmurei.

— Sim, é.

As madrinhas já tinham entrado, os pajens seguravam meu véu e a música que Vito pediu para escolher começou a ser tocada no piano.

Imediatamente, identifiquei "Here Comes The Sun" dos Beatles e as lágrimas de desespero, alegria e alívio caíram todas juntas.

Deus abençoe o rímel à prova d'água.

Meu coração não cabia dentro do peito ao perceber o rosto do meu futuro marido me esperando do outro lado do corredor. E não era nenhuma surpresa seus olhos estarem tão mais cheios de lágrimas que os meus.

Meu amor, todo o meu amor, me esperando para viver tudo aquilo que eu achava que não precisava e que ele me mostrou que iria querer mais do que tudo.

O pai da minha bebê, o dono do meu coração. Meu Vito. Paciente, tudo sofre, tudo crê, tudo suporta. É bíblico e é meu homem descrito.

Meu padrinho colocou minha mão sobre a dele depois de me beijar a testa e, tradicionalmente, falou as palavras que os pais dizem, mas com um detalhe a mais:

— Cuide bem dela, como eu te ensinei.

Tudo ficou silencioso quando consegui encontrar o olhar dele depois de toda aquela travessia. Não importavam as flores, os outros, o tempo e muito menos o contrato.

Vito era o que me importava.

— Você está tão linda que eu nem sei o que falar.

— Diga "eu aceito" e eu vou dizer também. — O padre pigarreou chamando nossa atenção e fazendo os convidados rirem. Mia puxou meu vestido se oferecendo para pegar meu buquê e eu o entreguei.

Cada segundo era tão especial. Sentir as mãos dele sobre as minhas, estar olhando para aquele rosto tão bonito. Como eu pude ser tão burra por tanto tempo!

O padre falava sobre a construção do casamento para nós dois, citava versículos, nos inspirava e incentivava a demonstrar nosso amor durante toda a cerimônia. Cada palavra construía uma parede da morada fixa de Vito em meu coração.

Quando as perguntas cruciais chegaram, já estava mais do que óbvio nossas respostas.

— Beatrice Andreanni, agora Bernadinelli, eu gostaria de dizer que tenho toda a honra de estar te tornando minha esposa no dia de hoje. Prometo cuidar, amar e respeitar. Ser grato por tê-la comigo. Acompanhar você lado a lado em todo caminho que escolher trilhar. E fazê-la feliz nos melhores e nos piores momentos para que nunca duvide do meu amor por você. — Ele deslizou a aliança pelo meu dedo a beijando em seguida.

— Vito Bernardinelli, agora meu esposo. Quero te dizer que todos os dias são poucos para gastar o amor que sinto por você, que estarei aqui nos dias felizes e nos cinzentos. Que o amarei e compartilharei toda a minha vida contigo. Prometo sempre te deixar saber da intensidade do meu amor, nunca deixá-lo para trás ou de lado e sempre cuidar de você em qualquer situação seja, boa ou ruim. — Foi minha vez de colocar no dedo dele a aliança que o filho de um de seus amigos me estendia.

— Pelo poder concedido à mim, eu vos declaro marido e mulher. — Sorrindo para Vito, o padre terminou: — Pode beijar a noiva.

Ele não precisou falar duas vezes. Uma das suas mãos foi para as minhas costas e a outra para o meu rosto antes dele me beijar como se eu fosse a mulher mais desejável do mundo.

Ao abrir os olhos e o ver sorrindo para mim, eu percebi pela primeira vez que estava oficialmente casada.





47. Vende-se uma Festa de Casamento

***Motivo Quarenta e Sete
para não casar:
eu já sou casada.***

Você ainda vai conhecer diversos tipos de homens. Altos, baixos, gordos, magros, sarados, negros, brancos, amarelos, inteligentes, burros, chatos, simpáticos. Enfim. Existem vários deles. Vários frascos por aí que podem guardar o melhor ou o pior do ser humano.

Eu sugiro que você seja paciente. Mas paciente contigo. Afinal de contas, é você quem dividirá uma vida com ele, se quiser casar ou sua orientação sexual incluir o gênero masculino. Enfim.

Seja gentil com seu próprio eu. Não procure dividir a vida com alguém, independente do gênero, que menospreze você ou que ofereça menos do que merece.

Dentre todas as lições que eu tive antes de chegar ao meu casamento, o amor próprio foi a melhor e a mais eficiente.

Nós voltamos para o hotel com Vito guiando o carro clássico e eu ao seu lado. Assim como seu pai e todos os convidados que estavam na carreata, ele buzina animadamente.

Eu não conseguia parar de olhar para ele.

— O que foi? — perguntou quando me flagrou o observando.

— Nada. — Ele sorriu. — Fiquei com medo de você achar que eu não iria me casar. Aí apressei todo mundo. Desculpa.

— Você está pedindo desculpas por ter se preocupado comigo? — Vito me lançou uma olhadela rápida antes de voltar a focar no trânsito — Meu amor, você deveria ter relaxado mais. Nervosismo não faz bem para você e o bebê.

Minha língua coçou para dizer “a bebê”, porém eu só sorri em resposta.

— Mas obrigado também por ter tido essa consideração. Minha *nonna* conversou com você?

— Sim. E o padrinho também.

— Só meu pai conversou comigo. Mas, sendo sincero, eu sabia que você não me deixaria plantado no altar. Não é do seu feitio.

Ele parou o carro no pátio de estacionamento do hotel.

Por um mísero segundo cogitei oferecer a opção de nós dois sairmos de fininho, pegar o barco e se mandar para Villa da Signora, mas eu nem sabia que existiam coisas que precisavam acontecer.

Assim que demos as mãos depois de descermos dos carros, mais arroz choveu sobre nós. Não sei o tanto de fertilidade que aquela gente desejava vide Serzinho crescendo bem ali no meu útero.

Quer mais fertilidade que isso? Vai fazer horta na serra.

A equipe de cerimonialistas era tão boa que eu quase pensei que tinha contratado fadas madrinhas. Mas fadas não descontavam uma quantia da sua conta bancária, então eles eram competentes demais mesmo!

Uma horda de repórteres foi retida, mas a gente sabia que eles usariam os prédios vizinhos para tentar capturar qualquer detalhe possível.

Minha barriga de grávida já tinha chamado a atenção das manchetes esse mês, enquanto voltavam com o assunto sobre a prisão e a reabilitação de Raoul. Mas, como Vito me disse, a imprensa sempre seria assim: tentaria crescer nas custas de qualquer um e quanto mais atenção dada ao que ela aprontava, mais ela iria fazer.

A solução era lidar como se fosse uma criança mimada: impor limites e não alimentar as birras.

Eu definitivamente tinha que parar de ler livros sobre criação de filhos.

Subimos as escadas até o terraço. Tudo estava exatamente como eu imaginei e ainda melhor.

— Você quer se refrescar antes de a gente continuar com a festa? — sugeri me estendendo a mão assim que os convidados dispersaram um pouco.

O quarto destinado ao meu uso estava vazio. Foi nele mesmo que a gente se enfiou para ter aquele momentinho só nosso de "caramba, estamos casados!".

— Deixa eu tentar tirar esse véu. — com toda a delicadeza, ele soltou os grampos e colocou o tecido sobre a cama.— Quer trocar os sapatos?

— Quero sim. — Vito me ajudou a sentar no banco aos pés da cama, levantou a barra do meu vestido e puxou o sapato para baixo. A moedinha colocada lá dentro, grudou na minha sola e caiu no tapete.

— Mais uma das tradições da minha avó, imagino. — Sorri para ele

confirmando. — Onde estão os sapatos reservas?

— Dentro do armário, na caixa bege. — Tão rápido quanto se levantou, ele voltou para perto de mim. Os saltos mais baixos já significavam alívio. Com toda a delicadeza, Vito massageou meus pés. — Isso é tão bom que eu estou quase desistindo da festa só para ficar aqui.

— Nem pensar. Eu ainda tenho que beber prosecco de braço cruzado com você e admirar sua frustração quando perceber que na sua taça só tem cidra. — Rolei os olhos.

— Você está me motivando a voltar para festa? Realmente? — Me puxando com cuidado, ele me ajudou a ficar de pé.

— Também quero dançar agarradinho com você. O máximo que nosso filho deixar. — Sua mão grande pousou sobre minha barriga ao mesmo tempo em que ele me abraçava com o outro braço. — E quero que gravem um vídeo disso, para quando o bebê estiver crescido, eu mostrar para ele como é que foi sua participação no nosso casamento.

Eu estava mais do que ansiosa para contar o que a doutora Henriette havia descoberto na última ultrassom. Ele não pôde ir e eu fingi que não deu para ver. Pedi para médica fazer dois exames só para ter as imagens de um onde realmente não dava para ver nada. Nem sabia que eu tinha tanta eficiência na hora de planejar uma surpresa, mas eu tinha.

— Dá para acreditar nisso? — Com uma mão no meio das minhas costas, Vito me guiou até a varanda. Dei graças ao perceber o quão privativo o hotel era. — Nós estamos casados, *bambina*.

— Mais do que casados, super casados. E pelos motivos certos!

— Exatamente! — Sua mão se encaixou no meu queixo. — Eu amo tanto você que ficaria aqui para sempre, mas a gente realmente precisa subir.

De braços dados e mais descansados, nós dois voltamos para o terraço. Todos os convidados comiam e conversavam animadamente quando passamos por cada um cumprimentando.

A arrumação se resumia a uma grande mesa com lugar no centro separado para família e aberta escolha para os demais lugares.

Buquês de flores brancas, turquesas e algumas violetas enfeitavam o lugar. A torta de casamento estava sendo montada, a pista de dança era animada por uma banda maravilhosa e, assim como eu e Vito, todos pareciam extremamente felizes.

O sol brilhava quase escaldante, mas toldos e tendas nos protegiam. A

piscina combinava com o azul do céu e estava decorada com flores flutuantes. Tudo era ricamente decorado e detalhado.

O almoço foi servido com abundância, assim como os *confettis* que foram distribuídos junto com as lembrancinhas como demandava a tradição.

Mamma, assim que conseguiu falar comigo de novo, me abraçou chorosa.

— Eu sempre soube que o futuro guardava coisas brilhantes para você. Isso só me prova que cada sacrifício, cada aperto, valeu a pena. Eu tenho tanto orgulho de você. — Com as pontas dos dedos, ela ajeitou meu cabelo atrás das orelhas. — Meu docinho.

Me encolhi entre seus braços sabendo reconhecer tudo o que ela tinha feito por mim.

O dia se passou seguindo todos os costumes de casamentos italianos. Discursos, comidas, corte da torta... Enfim.

Mas em minha cabeça, eu só queria contar de uma vez para o Vito que nossa Antonella estava no forno.

No momento da valsa, ele dançou comigo mais do que devia e eu quase não consegui ter uma dança com meu padrinho.

— Marido difícil esse, hein? — Carlo brincou enquanto me deslizava de um lado pro outro. Vito dançava com minha mãe enquanto *Nonna* observava tudo muito mais do que satisfeita — Eu não podia estar mais feliz de ter você na família, *fragolina*. A mais nova Bernadinelli! Que logo não será a mais nova porque já tem mais um para chegar, não é?

— Exato. E você vai ter que me prometer uma coisa...

— Diga.

— Vai ajudar a criar sua neta exatamente como fez comigo.

— É uma menina?! — Olhei em volta certificando de que ninguém tinha ouvido.

— Sim! É uma menina. Mas não pode dizer para ninguém. Quero ir logo para Villa para poder fazer a surpresa que eu planejei para Vito. Mas a festa parece que não termina nunca! — Eu sabia que estava arrumando o melhor dos aliados.

— Fique tranquila. Vou dar alguns telefonemas e arrumar um helicóptero. Você sairá daqui o mais breve possível.

Era tudo o que eu queria ouvir.





48. Vende-se uma Lua de Mel

***Motivo Quarenta e Oito
para não casar:
eu nem sei porque
continuo escrevendo isso.***

O barulho das hélices do helicóptero demoraram uma hora para surgirem ao fundo da festa atraindo olhares. Mesmo assim, procurei meu padrinho entre os convidados e sorri agradecidamente para ele.

O heliporto mais próximo era no hotel vizinho, mesmo assim adiantaria bastante na hora de partir.

— Essa é nossa chance! — murmurei para Vito que estava sentado ao meu lado nos nossos lugares reservados à mesa.

— O que? — Ele me encarou deixando de prestar atenção nas crianças que dançavam no meio da pista.

— Os convidados estão distraídos com o pouso, nós dois descemos para os quartos, trocamos de roupa e saímos discretamente para conseguir pegar o helicóptero. Já ficamos três horas aqui, fizemos tudo o que precisava ser feito. É só correr!

— Mas e seu buquê? — Olhei para o ramalhete em minhas mãos e observei os convidados.

Encontrei Netta sentada ao lado de Pietro. O advogado tinha o braço posicionado no encosto da cadeira dela e ela estava com a mão pousada em sua coxa em sinal de intimidade. Sorri. A terceira mosqueteira, certo?

Andei até os dois e coloquei o buquê em cima da mesa de frente para eles. A loira me encarou assustada.

— Agora é sua vez. Eu acabei de me casar, você é a próxima da rodada. — Olhei para um muito corado Pietro — E você, aproveite logo a chance. Não vai conseguir achar outra dessas nem em cem anos.

Dei as costas para os dois e puxei Vito pela mão descendo até a porta do meu quarto. Quando entrei, ele me seguiu.

— Já tem bagagem lá? — se referia à Villa e eu balancei a cabeça positivamente. Com total rapidez, Vito tirou o paletó e a gravata, abriu os primeiros botões da camisa que usava e dobrou as mangas até metade dos cotovelos.

Ele parecia incrivelmente sexy. Um agente 007 fugindo do próprio casamento com a esposa grávida. E eu era a sortuda da esposa.

Hoje à noite ele não me escapava!

Seus dedos ágeis me livraram do zíper do vestido e em seguida ele pegou o vestido reserva dentro do guarda-roupa me ajudando a vestir. Não tive tempo de acompanhar sua reação à minha lingerie rendada, mas eu senti quando suas mãos pousaram no fecho do sutiã e em seguida na minha barriga.

Retirei a grinalda da cabeça com cuidado e guardei em uma das caixas que eu tinha levado para o hotel.

O vestido que usava agora era de um azul claro, justo no busto e soltinho até metade das coxas onde ele acabava. Me sentia livre dos montes e montes de tecidos que Pietra tinha organizado na hora de fazer meu vestido de noiva.

Prendi meu cabelo em um rabo de cavalo e desci as escadas acompanhada do meu marido. Tudo o que carregávamos era uma pequena bagagem de mão com nossos celulares e outras amenidades indispensáveis.

Alguns dos organizadores nos interceptaram no caminho, mas logo se organizaram para nos ajudar a sair de cena discretamente.

A horda de repórteres estava retida na esquina da rua e não conseguia ver nossa fuga. Andamos apressados até o hotel vizinho.

— Olá! Posso ajudar? — A recepcionista sorria para a gente simpática e prestativa.

— Sim. O helicóptero que acaba de pousar no heliponto...

— Ah, sim! O casal Bernadinelli! Me sigam. — Fomos escoltados até um elevador e levados até o último andar. Mais um lance de escada e chegamos ao nosso destino.

O piloto nos recebeu com uma saudação rápida. Nós dois, lado a lado, aparecemos para acenar aos convidados no outro prédio que se surpreenderam com nossa fuga.

Já dentro do helicóptero, eu pude respirar aliviada em saber que agora só faltava chegar à Villa para tudo sair como eu planejava.



Os empregados tinham sido liberados por mim, então não foi surpresa a casa estar tão silenciosa quando passamos pelas portas principais.

Me virei para o meu marido, passando os braços por seu pescoço.

— Tenho algo para você. Mas preciso que fique de olhos vendados por quinze minutos. Pode fazer isso?

— Eu sabia que você estava aprontando alguma coisa. — Eu ri enquanto jogava a cabeça para trás e o conduzia até a sala principal.

— Fique sentado aqui nesse sofá. — Tirei uma faixa de tecido preto de dentro de uma das gavetas da mesinha lateral e vendei seus olhos. — O relógio despertará assim que se passarem os quinze minutos. Daí então você poderá começar a me procurar pela casa, certo?

— Certo.

— Em cada um dos cômodos tem um recado, quando você encontrar o certo, saberá. Agora eu preciso ir. — Estalei um beijo em seus lábios e preparei o relógio do celular dele, deixando em cima da mesa.

Subi as escadas mais lentamente do que o comum e acariciei minha barriga assim que entrei no corredor que levava para a recém batizada Suíte d'Oro.

Lá dentro, balões cor-de-rosa de diversos tamanhos e formatos estavam espalhados por todo o quarto.

Encontrei a caixa da mesma cor dentro do closet e a peguei com cuidado. Uma camisola rosa bebê esperava lá dentro junto com a calcinha e a cinta liga. Entrei no banheiro para retocar a maquiagem e me refrescar rapidamente.

Quando saí, ainda tinha três minutos.

— Antonella, é agora! Seu papai vai saber que a menina que ele me pediu um tempo atrás já está sendo aprontada.

Olhei para a plaquinha que me esperava na namoradeira diante da cama com os dizeres "Antonella está aqui" que eu seguraria diante da minha barriga.

Em todos os outros cômodos tinha placas semelhantes com recados do tipo "Não está aqui", "Nem aqui" e "Muito menos aqui". Se eu tivesse calculado bem, ele ainda demoraria alguns minutinhos antes de lembrar da suíte que tradicionalmente nós dois teríamos que dividir na nossa noite de núpcias.

Agora sim seria o senhor presente de casamento.

Eu estava extremamente nervosa, cada barulho era uma expectativa e eu logo consegui ouvir seus passos do lado de fora.

Preparada em minha posição e com a plaquinha em mãos, aguardei enquanto a porta era aberta.

— Ah! — Foi a única coisa que ele disse antes de sorrir de orelha a orelha e entrar no quarto de uma vez.

Quase imediatamente fui cercada por seus braços tão seguros e deitei a cabeça em seu ombro enquanto ele me erguia e me deitava na cama.

— Então é uma menina! Nossa menina! — Seu lábios ávidos foram para meu pescoço e seios, descendo gradativamente até chegar à minha barriga onde ele beijou com cuidado e acariciou com total delicadeza como se pudesse machucar Serzinho com qualquer movimento brusco. — Olá, minha princesa! — Seu riso de pura felicidade também me fez rir e logo nós dois éramos uma mistura de desespero e alegria e lençóis e tudo o que os casais felizes são.

Muito mais terno do que todas as outras vezes, como se agora todo nosso amor precisasse ser demonstrado, ele segurou minhas pernas em volta do próprio quadril usando os dedos dentro da minha calcinha enquanto me beijava amorosamente.

— Eu amo tanto você. — sussurrou contra minha boca antes de se enfiar em mim me fazendo sentir com intensidade o seu interesse. Cada centímetro, textura. Tudo dentro de mim. Ele se mexia devagar em um ritmo maravilhoso de se manter que nos levava a outro nível lentamente.

Comigo deitada, suas mãos vagavam por meu corpo acariciando e apertando. Seu lábio se fechou contra um mamilo meu. A umidade da sua língua provocando todo e qualquer êxtase que eu conseguia identificar.

Passei meus dedos pelo seu peitoral e o toquei entre nós dois para que seu prazer fosse tão prolongado quanto o meu estava sendo.

— Eu amo você, Vito. Com tudo o que eu sou.

O ápice chegou para nós dois que rimos satisfeitos um para o outro.

Não era só um casamento, uma filha ou um relacionamento. Já tinha deixado de ser há tempos.

Era finalmente um encontro e aceitação de almas.





49. Vende-se uma Declaração

*Motivo Quarenta e Nove
para não casar:
não existe.*

Da Villa da Signora haviam lugares estratégicos para se ver o nascer do Sol. Eu escapuli da cama deixando Vito completamente adormecido para trás. Peguei o penhoar e vesti antes de caminhar até a varanda da Suite d'Oro.

No horizonte, ainda tímidos no meio de uma vasta escuridão, alguns raios começavam a sair para brincar.

Antonella se mexeu virando de um lado para o outro. Era incrível como aquilo incomodava e eu não me importava. Pousei uma mão sobre a barriga sentindo seus movimentos.

Eu seria mãe. Eu era esposa e empresária. Quantos papéis novos por aqui!

Pensei em tudo o que eu sempre disse a respeito de casamentos sem nem identificar que a melhor das opções estava ao meu lado. E depois da conversa com meu padrinho, descobri ainda mais facetas sobre o cuidado dele comigo.

Uma brisa fresca jogou meus cabelos para trás. Percebi que eles ainda estavam úmidos de banho e sorri.

Depois da notícia do sexo da bebê, Vito e eu tivemos trabalho em colocar todos aqueles balões em outro quarto. Mas isso logo foi recompensado por um longo banho na banheira luxuosa da nossa recém reformada suíte.

Com espumas para todos os lados e dificuldade devido minha condição, nós dois fizemos amor longa e intensamente.

Pensei em Pette no hotel para gatos, pensei na nossa casa nova totalmente decorada e o meu escritório na sede da Eleganza. Tudo estava caminhando perfeitamente bem.

Ouvi passos leves atrás de mim, mas nem me virei porque já sabia do que se tratava.

Mãos encontraram o parapeito nas laterais do meu corpo. Senti a

respiração de Vito em minha nuca e já fechei os olhos em expectativa.

— O que faz acordada agora, *sposa*? — Sorri com a nova forma de cumprimento enquanto ele beijava meu pescoço. Esse era meu novo título, afinal de contas. E esse homem tinha todo o direito de me chamar assim.

— Sua *principessa* não para de mexer. — Sua mão passou por minha cintura e parou bem onde Antonella continuava mexendo, agora mais animada ao receber atenção.

— Ela é forte, *regina*. Vai ser determinada e mandona como você. — Estreitei os olhos e voltei a encarar minha barriga que ele acariciava.

— Eu nunca pensei em gostar tanto de uma situação como essa. Nós dois casados, eu grávida e em lua de mel. Se no início de dezembro alguém me dissesse que algo parecido com isso poderia acontecer, eu teria rido desdenhosamente. — Suspirei. — É a primeira e única vez que você me verá falando isso, Vito. Eu estava errada.

— Não. — Me virei dentro dos braços dele.

— Como assim não?

— Mesmo que seja muito prazeroso ouvir você falando que estava errada, não estava totalmente. Não seguindo os exemplos que tinha de mais próximo. Até eu, no seu lugar, teria medo e aversão de casamento. Faz parte.

— O que importa é o agora!

— Exatamente. E agora...

— E agora eu amo você e nossa filha de tal forma que só de imaginar uma vida sem os dois me dói. — Seus lábios encontraram minha têmpora.

— Fico honrado em ouvir isso. Eu nunca falei exatamente isso para você, Beatrice, mas eu te amei por muito tempo. Por tanto tempo que nem sei direito como falar para você porque me acostumei a amá-la em segredo, guardando para mim. É até quase irreal que você esteja aqui, casada comigo e grávida de mim. Parece aquelas miragens de quem invoca os próprios sonhos. — Vito sorriu — Quando te vi entrando na igreja, naquele vestido de noiva, com véu e grinalda e sua barriguinha, era como se a realização de um sonho antigo finalmente acontecesse. Só consegui chorar.

Passei os dedos pelo seu rosto. Ele era tão bonito que chegava a doer.

— Posso confessar uma coisinha? — murmurei ainda acariciando suas bochechas — De vez em quando, bem raramente, quando ninguém podia suspeitar, eu levantava a hipótese de como seria ser uma das suas namoradas. — Vito sorriu e deu um beijo na palma da minha mão.

— Você nunca seria uma das minhas namoradas. Seu lugar na minha vida sempre teve uma exclusividade que mulher nenhuma consegue preencher. Quando minha mãe faleceu, eu perdi um pouco da esperança nas coisas. Achei que não valia mais a pena me esforçar por algo que parecia não ter resultado. Fiz isso com qualquer objetivo e inclusive com você. Até que a chance apareceu e eu aproveitei porque sabia que mais valia a derrota do que uma vida inteira sem ter tentado lutar pelo seu amor.

Seus suspiro pontuou o exato momento antes de me beijar. Nos separamos sorrindo um para o outro de pura satisfação.

Antonella mexeu mais uma vez. Ele se abaixou diante de mim olhando minha barriga pontuda.

— Nós teremos trabalho com ela. — Seus dedos tocaram onde a filha pressionava — Deixe a mamãe descansar um pouco, *fragolina*. O *babbo* também quer se divertir amanhã e não vai conseguir se a *mamma* não tiver descansada.

Eu ri percebendo que ela continuava a se mexer.

— Temos um problema muito sério de desobediência por aqui. Só pode ter herdado seus genes. — Ele falou para mim enquanto eu abria a boca para retrucar. — Aham, não há o que retrucar. Agora, venha. Eu vou mimar minhas mulheres. — Vito passou um braço por debaixo do meu joelho e me ergueu do chão me levando de volta para cama.

Todos os travesseiros da cama foram colocados em volta de mim para que minha barriga ficasse posicionada para cima.

Sabia que, até acordar, eu seria tratada como algo quebrável, frágil e que podia se partir a qualquer momento.

Vito deitou bem do meu lado, com a cabeça encostada entre meus seios e a mão acariciando minha barriga onde Antonella tinha aliviado os movimentos.

— Eu não sou desobediente. — sussurrei para ter a última palavra.

— É sim. — Fui respondida.

Resolvi não retrucar pela primeira vez depois de muitos e muitos anos.

— Agora durma, esposa. — Passei as pontas dos dedos por entre seus cabelos em uma carícia constante. Pronta para fazê-lo dormir também.

Serzinho parou de mexer gradativamente e eu fechei os olhos aos pouquinhos me entregando ao sono.

Os raios de sol custaram a invadir o quarto. Mas quando entraram, me

acordando junto com Vito, eu consegui ver milhões de partículas de luz por todas as paredes.

A luz solar refletia nos cristais da minha aliança criando reflexos. Ergui a mão pela primeira vez admirando minha nova joia. Então Vito colocou a sua ao lado da minha e levantou a cabeça para observar também.

Quando ele me olhou, seu rosto amassado de sono exibia um sorriso lindo. Os cabelos estavam bagunçados, mas ainda era o homem que carregava meu coração entre as mãos.

Se fosse qualquer outro cara, eu não me casaria. Eu sabia exatamente disso. Casamento continuava sendo algo dispensável para mim. Mas com ele, tudo já pronto, os papéis assinados e as alianças no dedo pareciam ser insuficientes.

Eu tinha um marido maravilhoso.





50. Vende-se um Marido Italiano

***Motivo Cinquenta para
não casar:
eu já tenho o melhor
marido do mundo.***

Casamento é sinônimo de duas pessoas contrárias que brigam o tempo todo pelo mesmo propósito. Pelo menos era isso que eu e Vito vivíamos fazendo.

Não foi diferente nos primeiros dias de casamento, ou nos primeiros dias trabalhando sem contato nenhum um com o outro, ou no meu parto. Então não seria justo na hora de criar nossa filha que a gente fizesse isso tranquilamente.

— Olhe só esse rostinho bonito!

Eu sabia que não era surpresa Vito ser um pai babão. Só não sabia que seria algo tão intenso a ponto dele acordar antes do horário normal, depois de uma noite mal-dormida, para ficar com Antonella no colo enquanto derramava elogios em seus ouvidinhos rosados que nada entendiam, mas que adoravam ouvir aquela voz macia.

— Vito, deixe a menina dormir! — grunhi com o rosto afundado no travesseiro sentindo Pette se aninhar ainda mais à minha cabeça já que tinha roubado metade do meu travesseiro.

— Olha só, ela está sorrindo porque você está a defendendo. Parece que alguém já entende quando passam a mão em sua cabeça, não é? — A bebê soltou burburinhos em resposta. — Que criaturinha inteligente você é!

Cerca de quatro meses depois do nosso casamento, no dia dois de outubro, sendo mais específica, Serzinho nos acordou no meio da madrugada querendo nascer. Eu joguei minha mão bem no meio do rosto do meu marido e peguei impulso para me sentar enquanto sentia por mais uma vez a pontada aguda nas costas.

— Vito!

— Estou aqui, debaixo de você! O que houve? — Devagar, afastei a mão que esmagava seu nariz e pousei na minha barriga. Estava dura, grande e esticada. Naquele momento eu era uma melancia madura.

— Contração. Cadê a chave do carro? Eu vou dirigindo! — Em dois segundos, meu todo poderoso e gostoso marido, estava vestido e de pé diante de mim.

— Que dirigindo, mulher?! Eu tenho muito amor à nossa família para você matar nós três nessa altura do campeonato. Consegue andar?

— Eu pareço conseguir andar?! — gritei nervosa com a situação.

— Porra de mulher grossa.

Claro que não era necessário pânico, afinal, a bolsa ainda não tinha estourado. Mas minhas contrações estavam mais frequentes e fortes, então era melhor prevenir do que remediar.

— Vou pegar a bolsa maternidade, toma o celular e liga para a médica.

Eu estava tendo contrações de teste durante toda a semana. E estava em Roma, porque bati o pé dizendo que cumpria qualquer outra tradição dos Bernadinelli, mas na hora de ter minha bebê, eu queria ao menos um médico, dois enfermeiros e todos os aparelhos hospitalares que poderiam me socorrer a qualquer instante.

Henriette atendeu no segundo toque e disse que já estava indo para a maternidade. De cinco em cinco minutos, a dor latejante me atormentava.

Voltando para o quarto, meu esposo me olhou dando um sorrisinho leve e se abaixou ao lado da cama para chegar o rosto bem pertinho do meu.

— Pronta para a batalha? — franzi o cenho para ele.

— Eu vou te dar um soco se não me pegar no colo e me levar para o carro.

Ainda bem que casei com um homem forte. Em minutos eu estava no carro, com as malas prontas e meu marido dirigindo o mais tranquilamente que podia para o hospital.

Descobrimos nesse mesmo dia que Antonella não curtia fazer as coisas em horário normal. Então, às seis da manhã, ela nasceu.

Escorregou para a mão da médica enquanto Vito chorava junto com ela e comigo.

Linda. Com os olhinhos azulados comuns para bebês e meu cabelo cacheado fazendo ondinhas para cima nos poucos tufos que ela trouxe na cabeça.

Tinha o pai na palma da mãozinha e, se os grunhidos denunciavam, havia herdado meu gênio mandão.

Vito era o exagero em forma de gente. Com a menina no colo, falava

sobre todos os planos que tinha feito para ela. Como agora, conversava com ela sobre como era difícil comandar uma empresa, mas que ele a ensinaria a fazer isso.

O pior, a danadinha parecia prestar atenção em cada palavra do que ele dizia. Afinal de contas, quem é que resistia ao charme do papai?

— Sabia que eu acordei, mas estava quietinha no meu berço? — Vito me contava como se fosse Antonella falando. — Meu pai acha que já sou uma moça.

Aninhada entre os braços dele enquanto eu me sentava ao lado dos dois, ela sorria reagindo a voz do meu marido.

Era quase totalmente verdade o que falavam sobre maternidade. Tirando a parte de fantasiar e romantizar muitas coisas.

Gravidez era desgastante, assim como parto era uma coisa difícil e que os primeiros dias de adaptação com um bebê novo dentro de casa não eram férias em Bora-Bora.

Mas, uma coisa que esquecem de falar nessas horas, é que quando o pai está presente, todas as coisas ficam realmente mais fáceis de serem aturadas.

Eu não tinha o que reclamar sobre o empenho de Vito como pai. O fato dele ter cumprido com tudo o que falou antes de a gente se casar já validava um certificado de "homem do ano que não fez mais que a obrigação mas por ser raro merece ser aplaudido".

Nós dois aprendemos a revezar. Um dia Antonella ia comigo para o trabalho, no outro com ele. A gente até contava com a ajuda de terceiros, mas concordamos em só contratar uma babá em situações extremas.

Com tão pouco tempo de nascida, a bebê já conhecia todo o nosso cotidiano.

Mas mesmo assim continuava acordando de madrugada.

— Será que ela tem passado mal? Por isso acorda chorando no meio da noite? — perguntei a Vito enquanto me apoiava em seu ombro para ver melhor aquele rostinho branco sorridente.

Agora com três meses, sua face já tinha traços visíveis da minha família. O que me fez pensar se ela herdaria o biotipo também.

Eu havia emagrecido um pouco devido a amamentação, mas não havia perdido todo o peso que ganhei na gravidez.

Mas o melhor disso tudo era Vito não se importar nenhum pouco com aquilo que as revistas queriam frisar como defeito em mim. Pelo contrário, um

dia desses acordei com uma foto nova minha na capa de uma revista ao lado de uma foto menor de Vito e a declaração dele em letras garrafais "Minha esposa não é só uma mãe incrível, linda, inteligente e gostosa. Ela também é autoconfiante!".

Se existia um céu para maridos que sabiam aumentar o ego da própria mulher, Vito tinha passagem VIP para lá.

— Na verdade, eu acho que ela quer atenção. Por ficar sozinha, chora para gente ir buscá-la.

— Eu já sei onde esse assunto vai chegar e ela não vai dormir aqui no quarto. Vito, ela precisa usar o bercinho dela. Vem cá, Serzinho. — A peguei com cuidado do colo do pai. — Ouve o que a mamãe vai te falar. O papai e eu precisamos de privacidade de vez em quando, por isso você tem seu quartinho amontoado com todos os exageros cor-de-rosa para bebês que seu *babbo* conseguiu encontrar. A gente também precisa dormir, assim como a senhorita dorme, certo?

— *Buh-buh*. — Olhei para aquele rostinho corado tão parecido com o meu com aqueles olhinhos fixos em mim. Me derreti toda porque a verdade é que ela também tinha meu coração na palma mãozinha.

— Tudo bem, Vito. Você não tem coração? Traz o moisés para cá. — Ele riu enquanto saía do quarto. — Mamãe retira tudo o que disse, filha. Você pode dormir onde quiser. Até na cama. — Vito voltou com o bercinho todo decorado e cheio de roupa de cama cor-de-rosa. A gente até tentou não ser o tipo de pai que impõe uma cor para a filha, mas ela ficava tão linda com aquele tom que simplesmente não resistimos. — Prontinho, meu amor. Pode deitar aqui.

Coloquei Nella deitadinha e ajeitei o cobertorzinho enquanto ela mexia os pequenos punhos no ar.

— O que você estava falando sobre ela não poder dormir no quarto mesmo?

Revirei os olhos.

— Foi da boca para fora. — Ele se aproximou. Ainda usava a calça do pijama, mas estava sem camisa. Seus dedos afundaram nos cabelos da minha nuca enquanto ele erguia meu rosto para beijar. — Com a nova moradora desse quarto, você sabe que não tem como fazer esse tipo de coisa, né?

Vito bufou e afundou a boca na minha me deitando aos poucos de volta na cama.

— Diga que está rendida... — A competição antiga agora tinha um novo

tom. Não era mais sobre domínio de um sobre o outro e sim sobre o amor que nocauteou os dois

— Nós estamos! — Ele voltou a me beijar mais uma vez, até a campainha do portão tocar. — Você chamou alguém?

— Não. Você chamou?

— Também não. — Nos levantamos indo para a janela e vendo meu sogro com três caixas de presentes empilhadas.

Claro, o pai babão aprendeu a ser assim com o outro pai babão. Antonella tinha muitos corações naquelas mãozinhas pequenas. Os principais eram dos homens Bernadinelli.

— Eu atendo ele enquanto você se troca e veste Antonella. — Vito anunciou enquanto colocava uma calça jeans abandonada em cima de uma poltrona e um suéter preto.

— Pode deixar. — Ele fechou a porta me deixando a sós com a bebê murmurante. — O que você está tentando falar com a mamãe, meu amorzinho? — Mais burburinhos da parte dela e o sorriso fácil.

Troquei de roupa rapidamente e fui com ela até seu quarto pegando um conjuntinho branco e azul. Vito já tinha dado banho nela, percebi pela bagunça que estava no banheiro, então só arrumei seu cabelo e coloquei um dos lacinhos que Mia tinha dado de presente para a bebê.

Descemos as duas até a sala onde eu conseguia ouvir a voz animada de Carlo. Foi só passar pelo umbral que a babação começou.

— *Principessa do nonno!* — Já sorrindo para o avô, Antonella foi parar entre os braços do meu padrinho recebendo beijos em sua bochecha rechonchuda.

Mais uma vez a campainha tocou e foi minha hora de ir atender. *Nonna* e *mamma* estavam esperando. Era para ser só um dia de sábado normal entre família enquanto a gente fingia que não tinha empresa para comandar, desfile para organizar, nem diversos funcionários dependendo do nosso constante sucesso.

Mas, como bons italianos que eram, cada um foi chegando aos pouquinhos. Logo a casa estava cheia dos mimadores oficiais de Antonella.

— *Pronipote* mais linda desse mundo. — Inclinação sobre a bebê que estava deitada no sofá entre ela e *mamma*, *nonna* Gaia derramava todo seu mel de avó em um Serzinho que adorava a atenção que recebia.

— Ela é muito parecida com você, Beatrice! Mas se eu conheço bem,

esses olhos puxaram o pai. — Ao meu lado, Vito parecia exultante pela filha ter alguma coisa dele.

— Deixe-me ver... — Carlo se aproximou como se fosse examinar os olhos da neta, mas todos sabiam que ele só procurava um motivo para pegar a pequena no colo. — Você terá os olhos da minha Fiorella, *bambola*!

Carregando a neném contra o peito, ele embarcou em uma conversa com voz suave sobre tudo o que a neta seria quando crescesse junto com todos os projetos que tinha para ela.

Vito passou o braço pelos meus ombros e eu deitei minha cabeça em sua direção.

Mamma sorria para tudo o que Antonella fazia, *nonna* desembrolhou mais presentes e padrinho finalmente estava sentado mesmo sem abandonar a neta no colo de ninguém.

Olhei para meu marido ao meu lado. De tudo o que veio junto com ele, a família com certeza era a melhor parte do negócio.

No fim custou bem pouco adquirir um homem desses. Já que ele me amava de volta, eu definitivamente nunca estaria no prejuízo.

Para efetuar a compra desse pacote completo, eu só tive que dar meu coração.





50.1. Amante Vendido

Motivo número Dez para amar Beatrice:
ela é a origem de toda a minha felicidade

Quem disse que o pior dia da vida de um homem é quando a filha se casa, com certeza esqueceu do dia em que a levamos para a escola pela primeira vez.

— Mas *babbo*... E se eles não gostarem de mim? — Aqueles olhinhos azuis amedrontados estavam focados em meu rosto. Seus bracinhos agarrados ao meu braço quase machucavam. Ela estava a criança mais linda do mundo com o uniforme escolar e marias chiquinhas. Mas, como toda menina normal, tinha horror à rejeição.

Eu e Bea conversamos sobre tudo o que acontecia na escola, nossas experiências e como seria legal. Mas a gente também sabia que as outras crianças podiam ser cruéis, então dobramos o diálogo para Antonella se sentir completamente à vontade de contar qualquer problema para nós dois.

— Serzinho, olha para mamãe. — Minha muito glamourosa esposa estava ao meu lado, firme no propósito de fazer nossa filha entrar, com toda coragem que tinha dentro de si, na escola. — Eu e o papai já conversamos com você sobre tudo o que acontece na sala de aula, lembra?

— Sim.

— Você não achou legal?

— Achei, mas não vou achar mais se forem maus comigo. — Ela escondeu o rosto nas minhas pernas desistindo de manter meu braço como refém.

— Se forem maus com você, é só falar com a professora, *bambina*. Deixa o *babbo* te pegar no colo? — perguntei tentando me desfazer do laço daqueles bracinhos fortes.

— Não sou mais bebê.

— Mas ainda é minha super filha, certo? — Ela deixou que eu a erguesse depois de relutar só mais um pouco. — Escute, você quer perder a chance de

arrumar mais amigos?

— Já tenho Rico. — retrucou. Esse gênio me lembra alguém. Quem será? Olhei de rabo de olho para minha esposa que dava um sorrisinho admirado com a perspicácia da criatura. Criou à sua imagem e semelhança, não é?

— Mas o Rico é mais novo que você, lembra? E a Mia muito mais velha. Então que tal arrumar mais amigos da sua idade?

— Ok.

— Só ok?

— Acho legal.

— Bom. Mas você não vai conseguir mais amigos se não entrar na escola. — Nella pensou por uns instantes enquanto olhava para as crianças que passavam apressadamente pelos portões de ferro.

— Consigo mais deles no parque.

— Mas no parque não terão crianças a essa hora, querida. Elas estarão na escola. — Bea barganhava. — E depois da escola, elas terão dever de casa para fazer e você não conseguirá ter um assunto em comum com elas. E nos finais de semana, elas irão para casa umas das outras e não terão tempo de brincar com você. Mas, se você entrar na escolinha agora mesmo, eu tenho certeza que arrumará um montão de amiguinhos. Por que não tenta?

E ela um dia teve medo de não ser boa mãe. Quem podia vencer os argumentos daquela mulher sem um pouco de esforço?

— Então eu vou lá. — Coloquei minha filha de pé no chão outra vez. Depois de dar alguns passos para dentro do portão, Antonella olhou para trás com o cenho franzido e a mesma pose mandona da mãe — E não contem para ninguém que eu estava com... estava com... — Olhando em volta, percebeu que algumas crianças a observavam. — Vocês sabem! — Se virou mais uma vez correndo para subir as escadas e encontrar a professora que a aguardava na porta.

Ao meu lado, Beatrice riu.

— O que?

— Meu primeiro dia de aula. Eu fui atrás de você, lembra? — Sorri vendo minha esposa do tamanho de Antonella segurando a florzinha que eu tinha roubado do canteiro. — Talvez ela encontre um Vito a quem recorrer aí dentro.

A facada no coração não demorou a chegar. Agora quem não queria que ela fosse para a escola era eu. Meu bebê de seis anos encontrando um pivete que se apaixonaria por ela aos dezessete?! Nem pensar. Hora de levar minha criança

embora. Ensino domiciliar era uma boa coisa a ser cogitada.

— Por que está pálido? — Bea tinha a habilidade de parecer inocentemente provocadora.

— Depois do que você falou, não parece uma boa ideia deixar Nella sozinha lá dentro. — Ela desdenhou de mim rolando os olhos

Bea se destacava das mães ao redor com aquele vestido rosa claro, os óculos escuros no topo da cabeça, o casaco branco comprido e esvoaçante e as sandálias de salto. Pronta para um dia de trabalho no comando da empresa de lingerie mais relevante de toda a Itália.

Como eu bem sabia, Antonella tinha dito para ela que aquilo não era roupa de mãe. Prontamente, ela sorriu para nossa menina depois de aplicar batom, olhou nos olhinhos da filhotinha e disse:

— Se eu sou sua mãe e estou vestindo, é roupa de mãe. — Antonella não conseguiu retrucar e concordou perguntando para a mãe se podia passar um pouco de batom nela também.

Minhas garotas tinham um jeito todo especial de interagir. Talvez pela mais nova agir como uma garota mais velha, isso sem forçar uma maturidade inexistente, e a mãe que adorava mostrar todo o tipo de coisa que mulheres podiam fazer.

Eu bem sabia que o herói de Antonella usava saia e dormia ao meu lado.

— Acha que vai dar tudo certo? — perguntei temeroso com o que as outras crianças poderiam fazer com minha princesa.

— *Burbero*, se eu e você fizemos algo certo, esse algo foi criar essa menina. Ela puxa conversa com qualquer um e até já foi responsável por fechar aquele contrato difícil entre a Vision e os alemães, lembra?

Minha boneca invadiu a sala de reuniões pela porta da cozinha no meu andar da empresa com folhas de ofício e uma caixa de giz de cera em mãos. Sorrindo para os empresários, ela perguntou:

— Então são vocês que vieram rabiscar papéis hoje? — O resultado foi rabiscos de assinatura no final de um contrato multimilionário enquanto ela se sentava entre eles para colorir seus desenhos e conversar sobre tudo o que podia. Mais de seis homens brutamontes derretidos pelo charme da minha *princesa*.

Sorte que eles falavam italiano.

— Você tem razão. Aposto que ela vai voltar adorando todos os alunos e promovendo a primeira festa de muitas outras. — Entramos no carro seguindo os outros pais que já tinham convencido suas crianças a entrar para assistir a aula.

— Se for assim, eu compro as coisas e você cozinha.

Depois de sete anos de casados, eu e Beatrice aprendemos a fazer muitas coisas juntos.

Entre elas, suprir as necessidades da nossa filha em tempo recorde.

Era interessante perceber como nossa relação se desenvolvia com o tempo. A gente conseguia planejar tudo o que ia fazer, conseguia entrar em acordo depois de muita discussão e ainda tinha tempo de trocar uns beijos e transar gostoso.

Se isso não era um casamento bom, eu não saberia dizer o que era.

— Acha que devemos ligar para Netta e pedir que ela leve Rico lá para casa no sábado? Pra amenizar um pouco a pressão escolar que ela vai sentir? — Rico era o filho mais velho de Netta que já tinha três crianças para chamar de suas. Ela e Pietro pareciam empolgados com a perspectiva de aumentar a família.

— Vito, deixe Antonella voltar da escola primeiro. Ela vai fazer amizades. Lembra das férias na Grécia? A amizade com as filhas do chefe? — Minha filha construiu uma amizade com as garotinhas nos primeiros minutos delas juntas. No final era uma correria por todo o restaurante envolvendo todas as crianças que estavam lá dentro. É disso que se tratava ter uma cria carismática.

— Nem Mia?

— Mia já é uma moça, Vito, tem as próprias coisas para se preocupar. É por isso que um cabelo branco apareceu em você, se estressando com algo simples como esse.

— Não tente criticar porque você ficou toda eufórica com a perspectiva de um marido grisalho. Eu ainda tenho marcas nas costas do quão maravilhoso você achou isso.

Não era nenhuma vergonha eu estar com quarenta anos. Eu ainda me sentia jovem. E eu sabia que Bea só estava falando aquilo para implicar.

— Joga nossa intimidade na minha cara. Meus parabéns. A próxima marca das suas costas pode não ser de unha. — Eu ri com a ameaça dela.

Era bom saber que algumas coisas não iriam mudar. Como minha amizade com ela que por baixo daquelas camadas de amor, paixão e desejo ainda se mantinha firme e forte.

Certas coisas eram para sempre. Não era o caso de outras. Lembrando da minha idade que chegava aos poucos, pensei em minha *nonna* que já estava

enfraquecendo devido ao tempo dela aqui na terra. Eu e Beatrice sabíamos que uma hora chegaria o momento dela descansar. Por isso, sempre que possível, Antonella estava lá na casa dela junto com a gente visitando a *bisnonna*.

O importante era que ela ainda estava com a gente e que sua presença ainda seria aproveitada.

Meu pai, por sua vez, só faltava levar a neta para morar com ele de tanto que fazia parte da vida dela. Eu e Beatrice não conseguíamos contar uma semana entre as visitas dele e os presentes que trazia. Já *zia* Bianca mimava a pequena de forma diferente: com todas as guloseimas que conseguia fazer.

A gente não tinha dúvida de ter uma filha muito amada por todos os seus familiares.

Carmen agora era minha assistente oficial e tinha mais quatro para ajudá-la a fazer o serviço. Francesca trabalhava com Beatrice porque, além de linda, gostosa, mãe da minha filha e esposa dedicada, ela era uma empresária muito requisitada.

Darla havia assumido um cargo dentro da área de marketing da Vision e se desculpou formalmente comigo com uma carta pelo seu comportamento quando ainda era minha assistente.

Luca nunca mais nos perturbou, nem nunca conheceu a neta. A verdade é que a gente não tinha notícias dele há muito tempo.

A mesma coisa aconteceu com Raoul. Depois da reabilitação, ele sumiu do mapa. Mas por via das dúvidas tinha a entrada proibida em qualquer estabelecimento da nossa empresa e uma medida restritiva.

Era melhor prevenir.

Falando em prevenir...

— Qual foi o resultado do teste dessa vez? — Beatrice perguntou.

— Eu ainda não fiz.

— Qual é? — Ela me olhou rapidamente para não deixar de prestar atenção no trânsito.

— Não consegui roubar seu xixi. Vou fazer o que? — Rindo melodiosamente, ela ligou o som e batidas de coração tomaram conta dos nossos ouvidos. — O que é isso?

— O coração do seu novo filho, papai. — Bea parou no acostamento e desligou o motor do carro.

— Espera. Você fez o teste?

— Mais que isso. Fiz a ultrassonografia e um exame de sexagem fetal. Já ouviu falar? Estou com doze semanas e já sei se é menino ou menina. — Eu ainda estava meio aéreo com a notícia e não consegui responder. — Por que você não abre o porta luvas para descobrir?

Puxando a alavanca da portinha a minha frente, dei de cara com uma plaquinha semelhante às da nossa lua-de-mel.

Vários ursos de pelúcia em volta com a cor denunciante. Os dizeres de aviso eu já desconfiava do que se tratava.

"Vincenzo não está aqui."

— Você está grávida! É um menino! — A abracei com cuidado.

— Sim, um menino que cresce rápido e saudável — Ela me beijou repetidas vezes. — Mal posso acreditar que vamos fazer isso de novo. Um bebê, Vito. Mais um!

Depois de Antonella, Beatrice voltou a tomar anticoncepcional. Eu e ela concordamos em esperar alguns anos para encomendar um novo filho. Afinal de contas, a gente trabalhava tanto que mal sobrava tempo para dar total atenção para nossa menina.

Agora que Nella estava na escola e que as empresas já não precisavam desesperadamente de nossa atenção, eu e ela decidimos tentar mais um.

Direto para o gol. Sugerimos dois nomes, um para menino e outro para menina. Vincenzo e Fiorella. Era vez da gente aprender como criar um garoto simpático. Amado tanto quanto a irmã mais velha era.

Pensei na segunda proposta de nome, não que isso fosse triste, só que não era dessa vez que a garotinha com o nome da minha mãe viria, mas olhando para minha esposa radiante tagarelando sobre todas as coisas a respeito da atual gravidez, eu sabia que a gente tentaria de novo.

E, assim como tudo nesse casamento, a gente ia acertar.





Epílogo - Padrinho Italiano Vende

***Principal motivo para amar minha família:
ela é a síntese de tudo o que eu sempre quis.***

Filhos são as maiores bênçãos de um homem. Os netos são as penitências. Vendo as duas crianças arteiras que estavam perto de mim, eu sentia saudades do menino quieto que me filho, Vito, foi.

— É verdade que ela jogou um balde de água no senhor? — O formato dos olhos podiam ser iguais os da mãe, mas minha neta mais velha tinha a cor da minha falecida esposa. Até os cabelos que clarearam com o tempo. Agora, aos nove anos, Antonella era perspicácia e inteligência descritas em uma criança.

Diante do túmulo de Fiorella, eu resolvi trazer Vincenzo e ela para fazerem uma homenagem à antiga dona do nome antes de conhecer a nova. Beatrice havia cedido dizendo que, para fechar com chave de ouro, a última bebê, dela e de Vito, nasceria em Nápoles, na Suíte d'Oro. Antiga Suíte Rosada, onde eu segurei a mão da minha mulher enquanto ela dava a luz ao nosso único filho.

Fiorella Andreanni Bernadinelli estava chegando. Com muito alarde. Das três vezes que minha nota esteve grávida, essa com certeza foi a que mais exigiu de seu corpo. Repensei se seguir a tradição era realmente uma coisa boa.

Enquanto eu estava distraído com o que acontecia dentro da mansão, Vincenzo pegou mais um punhado de terra e jogou na irmã me fazendo fechar os olhos enquanto ouvia o grito de revolta da mais velha:

— É DISSO QUE EU ESTOU FALANDO! EU VOU AFOGAR ESSE MENINO! — Eu falei que ela tem nove anos, certo? E mesmo nunca tendo convivido com a avó, é uma mistura perfeita do temperamento dela e da própria mãe.

— Não pode fazer isso, bambina, ele é seu irmão. — O pequeno ria ao me ver segurando a irmã pelo braço impedindo que fosse até ele. — Eu sei que dá vontade, mas não é certo!

Hoje é dia vinte de março, exatamente onze anos atrás nós nos

despedimos da minha amada Fiorella, olhei para sua lápide mais uma vez arrastando Antonella pelos ombros enquanto Vincenzo nos seguia provocando a menina.

— Você tinha que estar aqui para me ajudar! — Consegui colocar os dois no carro depois de muita luta.

Do retrovisor, sentado no banco do motorista, eu via o olhar contrariado que minha neta mais velha jogava para o irmão que cantarolava tranquilamente.

— É por isso que não quero casar. Meninos são bobos. — Arregalei os olhos percebendo a semelhança com um discurso feito por outra pessoa há anos.

Pigarreei pensando no que fazer. Com ela eu não tinha como forçar um casamento. Minha companheira de planos como esses já não estava aqui.

— Mas nem todo menino...

— *Dispice, Anella.* — Vincenzo murmurou todo atrapalhado com as palavras virando o rostinho e sorrindo para irmã. Imediatamente, ela sorriu também.

— Tudo bem, bolinho, eu estou brincando. — Respirei aliviado. — Mas ainda assim, não quero casar. — Parece que um avô nunca tem descanso.

— Ouça, *fragolina*, dê um desconto para os garotos da sua idade. Quando crescerem vão melhorar.

— Injusto. Eu já sou boa. Quando eles melhorarem, eu serei muito melhor. — Sorri.

— Meu bem, meninas são seres evoluídos. Mas, se por algum acaso, achar um menos burrinho...

— Espera eu crescer e decidir o que quero, tá bom? Eu ainda sou criança. — Antonella tinha um jeito especial de deixar a gente sem palavras. Voltou a olhar para o irmão e brincar com ele.

Vito tinha falado sobre aquilo comigo. E agora eu penso que tudo bem minha neta não querer se casar. A mãe dela tinha aquele tipo de mentalidade por ter presenciado coisas terríveis. Quanto a nossa pequena, ela tinha um lar maravilhoso e uma família que a apoiaria em qualquer decisão.

— Certo, pequena. Vamos esperar você crescer.

A *Villa da Signora* surgiu depois de algumas ruas. O carro da médica estava estacionado ao lado do carro do meu filho deixado ali em caso de emergência. Desci andando até a porta dos bancos traseiros para desatar meu neto da cadeirinha e demonstrar pelo menos um pouco do meu cavalheirismo para minha neta.

Totalmente ignorado, ela partiu correndo para dentro de casa enquanto Vincenzo reclamava comigo sobre minha lentidão para soltá-lo.

Olhei mais uma vez para a mansão antes de entrar. Teria Beatrice escolhido errado na hora de seguir aquela tradição? Afinal de contas, no próximo mês era seu aniversário de quarenta anos. As mulheres já não tem mais filhos nessa idade, certo?

Bem, ainda tem trinta e nove. E eu já estou cansado de tentar entender essa minha nora. Que Deus nos proteja e...

Assim que coloquei o pé para dentro de casa, pude ouvir o chorinho estridente vindo do andar de cima.

Antonella estava parada diante da escada, olhando para o topo, com os olhinhos cheios de lágrimas. Eu, nonno babão, comecei a chorar também e, no meu colo, o garotinho que não gosta de deixar ninguém sozinho, também chorou.

Em dois instantes minha neta estava subindo os degraus tão rápido quanto podia. Segui atrás, mais devagar, ouvindo o anúncio de chegada da nova Fiorella se silenciando aos poucos. Exatamente onze anos depois da antiga Fiorella ter se despedido.

Na porta da suíte, minha mãe estava sentada risonha. Já velhinha demais para aprontar muita coisa, mas ainda assim feliz e dedicada à própria família.

Deixei Vincenzo no chão assim que Vito apareceu.

— Nasceu! — Ele me abraçou. E quando filho homem abraça assim seu pai é porque a felicidade é demais para ser sentida sozinha. Se inclinou para beijar a avó, pegou o filho que o olhava ainda sem entender, com o rosto vermelho e manchado pelas lágrimas recentes. — *Bambino*, sua *sorella* nasceu!

Ele colocou a mãozinha na boca e tentou espiar dentro do quarto. Quando não entendia o que estava sentindo, Vincenzo ficava quieto e observador.

Meu filho e meu neto caminharam juntos até minha nora deitada na cama e segurando um embrulhinho enquanto as mulheres que auxiliaram no parto limpavam tudo.

— Parece que agora a Fiorella que nós conhecemos já pode descansar sossegada. — minha mãe declarou.

Na cama, Antonella, que já tinha se enfiado para dentro do quarto sem ninguém perceber, se sentou ao lado da mãe olhando para a irmãzinha. Vincenzo foi colocado no outro lado de Bea e Vito aproveitou um pequeno espaço na beirada para admirar a nova integrante da sua família.

Fechei a porta deixando eles a sós. Olhei para minha mãe e sorri ao lembrar do que tinha feito aquela imagem marcante da família do meu filho se tornar algo possível.

Muitos anos atrás, quando Beatrice tinha vinte e dois anos, eu cheguei em casa e encontrei minha esposa digitando freneticamente em seu computador. Fiorella nunca ignorava quando eu chegava, exceto se tivesse algo muito mais importante para fazer.

— Querida?

— Quietos. Estou preparando meu testamento. — Foi a primeira vez que ponderei se minha mulher era realmente capaz de levar até o fim as ameaças de morte que de vez em quando jogava para mim. Mas não, não era disso que se tratava. E se você é bom de observações, conseguirá perceber.

— Acho que isso fica sobre minha responsabilidade, não? — Seus olhos azuis me fitaram com raiva enquanto ela me estendia alguns papéis. — O que é isso?

— Sua afilhada listou para mim cinquenta motivos para não se casar. — Me sentei na cama lendo cada um dos argumentos.

— E o que você está fazendo?

— Estou criando um plano, Carlo. Um belíssimo plano. Leia com atenção, nosso Vito é capaz de passar por cima de cada um dos empecilhos que ela está criando. — Provado. Ele é.

— Precisa de ajuda?

— Sim. Procure os furos que esse testamento pode ter e, caso até os trinta anos dela, nada de diferente acontecer, use esse documento ao nosso favor e faça com que aceite o casamento. — Me inclinei ao seu lado lendo as cláusulas que ela redigia com cuidado, já havia percebido algumas alterações que poderiam ser feitas por mim.

— O que você disse a ela, meu bem? — Fiorella apontou para a lista de Bea e sorriu sardônica.

— *Que não é exatamente assim que um casamento funciona.*

Fine!

Entre em contato comigo!

Instagram: *@clyra.alves*

Twitter: *@YasClyra*

Facebook: *Clyra Alves*

Wattpad: *@IClyra*

Table of Contents

Prólogo

- 1 . Vende - se uma Cobertura
- 2 . Vende - se um Serviço Sujo
- 3 . Vende - se um Dia
- 4 . Vende - se uma Mamma
- 5.1 . CEO vendido
- 5 . Vende - se uma Assistente
- 6 . Vende - se uma Novela
- 7 . Vende - se um Padrinho
- 8 . Vende - se um Quarto
- 9 . Vende - se uma Decisão
- 10.1 . Noivo Vendido
- 10 . Vende - se um Buquê de Rosas
- 11 . Vende - se um Anúncio
- 12 . Vende - se um Evento
- 13 . Vende - se um Ano Novo
- 14 . Vende - se uma Noite
- 15.1 . Amante Vendido
- 15 . Vende - se um Pappa
- 16 . Vende - se uma Visita
- 17 . Vende - se uma Noite de Bebedeira
- 18 . Vende - se um Conselho de Mãe
- 19 . Vende - se um Aconchego
- 20.1 . Amigo Vendido
- 20 . Vende - se um Companheiro de Guerra
- 21 . Vende - se uma Funcionária
- 22 . Vende - se uma Chave
- 23 . Vende - se uma Camisola
- 24 . Vende - se uma Consulta
- 25.1 . Futuro Pai Vendido
- 25 . Vende - se uma Entrevista
- 26 . Vende - se um Véu
- 27 . Vende - se um Gato
- 28 . Vende - se uma Suspeita
- 29 . Vende - se um Auxílio

30.1 . Romântico Vendido
30 . Vende - se um Mês
31 . Vende - se uma Possibilidade
32 . Vende - se uma Aposta
33 . Vende - se uma Coletiva
34 . Vende - se um Interrogatório
35.1 . Protetor Vendido
35 . Vende - se uma Família
36 . Vende - se um Aniversário
37 . Vende - se uma Casa
38 . Vende - se uma Ex - Rival
39 . Vende - se um Berço
40.1 . Pai Vendido
40 . Vende - se uma Gravidez
41 . Vende - se um Vestido de Noiva
42 . Vende - se um Serviço Sujo
43 . Vende - se um Quadro
44 . Vende - se uma Terapeuta
45.1 . Italiano Vendido
45 . Vende - se uma Noiva
46 . Vende - se um Casamento
47 . Vende - se uma Festa de Casamento
48 . Vende - se uma Lua de Mel
49 . Vende - se uma Declaração
50 . Vende - se um Marido Italiano
50.1 . Amante Vendido
Epílogo - Padrinho Italiano Vende